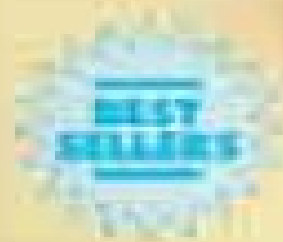


ZONA MORTA



STEPHEN KING



LIBRARY



Isto é para Owen

Eu te amo cara

Nota do autor

O que se segue é uma obra de ficção. Todas os principais personagens são inventados. Como o enredo se passa no ambiente histórico da década passada, o leitor pode reconhecer certos vultos reais que representaram seus papéis nos anos 70. Tenho esperança de não ter descrito mal qualquer desses vultos. Não existe um terceiro distrito no Congresso em New Hampshire, nem uma cidade chamada Castle Rock no Maine. A lição de leitura de Chuck Chatsworth é tirada de *Fire brain*, de Max Brand, originalmente publicado por Dodd, Mead and Company, mc.

Prólogo

Quando se diplomou na universidade, John Smith já se esquecera da queda feia que levara no gelo, naquele dia de janeiro de 1953. Aliás, teria sido difícil lembrar-se dela mesmo quando se formou no primário. E nem a mãe nem o pai jamais souberam da queda.

Estavam patinando num local limpo da lagoa Runaround, em Durham. Os garotos maiores estavam jogando hóquei com paus velhos, enrolados em tiras, e usando cestos de batatas como gols. Os garotinhos estavam só correndo por ali, como fazem os garotinhos desde o princípio dos tempos: os tornozelos virando comicamente para dentro e para fora, o hálito formando jatos de vapor no ar gélido de seis graus abaixo de zero. Num dos cantos da clareira de gelo havia dois pneus queimando, sujando o ar, e alguns pais estavam sentados por perto, vigiando os filhos. A era dos carros de neve ainda estava longe, e os divertimentos de inverno ainda eram exercitar o corpo, em vez de acionar um motor a gasolina.

Johnny tinha descido de casa, pouco além da linha de Pownal, com os patins pendurados do ombro. Aos seis anos, patinava bem direitinho. Ainda não dava para participar das partidas de hóquei dos mais velhos, mas já conseguia dar voltas em redor da maior parte dos outros garotos da primeira série, que estavam sempre girando os braços para se equilibrar ou se estatelando sobre os traseiros.

Ele então patinou devagar pela borda externa da clareira, desejando poder patinar de costas como Timmy Benedix, escutando o gelo roncar e estalar misteriosamente debaixo da neve mais além, escutando também os gritos dos jogadores de hóquei, o ronco de um caminhão de polpa de madeira atravessando a ponte em direção à U. S. Gypsum, em Lisbon Falls, o murmurar das conversas dos adultos. Ele estava muito feliz por estar vivo naquele dia de inverno, frio e bonito. Não havia nada de errado com ele, nada o preocupava, ele não queria nada... a não ser saber patinar de costas, como Timmy Benedix.

Patinou pela fogueira e viu que dois ou três dos adultos estavam passando uma garrafa de bebida.

— Me dá um pouquinho aí! — gritou ele para Chuck Spier, todo agasalhado numa camisa de lenhador e calças de neve de flanela verde.

Chuck sorriu para ele.

— Dê o fora daqui, guri, estou ouvindo sua mãe chamando você.

Rindo, Johnny Smith, de seis anos, continuou a patinar. E do lado da área que dava para a estrada, viu Timmy Benedix em pessoa descendo a ladeira, com o pai atrás.

— Timmy! — gritou ele. — Olhe só!

Ele virou-se e começou a patinar de costas, desajeitado. Sem perceber, estava entrando na zona do jogo de hóquei.

— Ei, garoto! — gritou alguém. — Saia da frente!

Johnny não ouviu. Estava *conseguindo!* Estava patinando de costas! Tinha pegado o ritmo..., de repente. Era uma espécie de balançar das pernas...

Ele olhou para baixo, fascinado, para ver o que as pernas estavam fazendo.

O disco de hóquei dos garotos maiores, velho, riscado e arrebitado nas bordas, deslizou por ele, sem ser visto. Um dos garotos grandes, que não patinava muito bem, estava perseguindo-o num impulso forte e quase cego.

Chuck Spier viu o que ia acontecer. Levantou-se e gritou:

— *Johnny! Cuidado!*

John levantou a cabeça... e no instante seguinte o patinador desajeitado, com os seus setenta e dois quilos, bateu contra o pequenino Johnny Smith, à toda.

Johnny saiu voando, os braços estendidos. Um momento depois a cabeça bateu no gelo e ele desmaiou; e ficou tudo preto.

Tudo preto... gelo preto., tudo preto., gelo preto... preto. Preto.

Disseram-lhe que ele tinha desmaiado. A única coisa de que ele tinha certeza era aquele pensamento estranho e repetido, e de repente estava olhando para um círculo de caras: jogadores de hóquei assustados, adultos preocupados, garotinhos curiosos. Timmy Benedix rindo-se. Chuck Spier estava segurando-o.

Gelo preto. Preto.

— O quê? — perguntou Chuck. — Johnny... você está bem? Levou um tranco e tanto.

— Preto — disse Johnny, numa voz gutural. — Gelo preto. Não ligue mais, Chuck.

Chuck olhou em volta, meio assustado, e depois de novo para Johnny. Tocou no galo enorme que estava se formando na testa do menino.

— Desculpe — disse o desajeitado jogador de hóquei. — Nem o vi. Os garotinhos não podem chegar perto do hóquei. São as regras. — Olhou em volta, inseguro, procurando apoio.

— Johnny? — disse Chuck. Não estava gostando de ver os olhos de Johnny. Estavam escuros e distantes, frios. — Você está bem?

— Não ligue mais — disse Johnny, sem saber o que estava dizendo, só pensando no gelo... gelo negro. — A explosão. O ácido.

— Acha que devemos levá-lo ao médico? — perguntou Chuck a Bill Gendron. — Não sabe o que está falando.

— Dê-lhe um tempo — aconselhou Bill.

Deram-lhe um tempo, e com efeito a cabeça de Johnny desanuviou-se.

— Estou bem — murmurou ele. — Deixe-me levantar.

Timmy Benedix continuava a rir dele o diabo. Johnny resolveu que ia mostrar a Timmy. No fim da semana, havia de estar descrevendo círculos em volta de Timmy... para a frente *e* para trás.

— Venha sentar aqui perto do fogo um pouco — disse Chuck. — Levou um tranco e tanto.

Johnny deixou que o ajudassem a ir até a fogueira. O cheiro da borracha queimada estava forte e pungente, o que o deixou meio enjoado. Estava com dor de cabeça. Tocou no galo acima do olho esquerdo, curioso. Parecia estar gigantesco.

— Você se lembra de quem você é, e tudo? — perguntou Bill.

— Claro. Claro que sim. Estou bem.

— Quem são os seus pais?

— Herb e Vera. Herb e Vera Smíth.

Bill e Chuck se entreolharam e deram de ombros.

— Acho que ele está bem — disse Chuck, e então, pela terceira vez: — mas ele levou um tranco e tanto, não foi? Puxa!

— Esses garotos — disse Bill, olhando com carinho para as filhas gêmeas, de oito anos, patinando de mãos dadas, e depois de novo para Johnny: — Ele poderia ter matado um adulto.

— Não um polaco — retrucou Chuck, e os dois caíram na gargalhada. A garrafa de bebida voltou a circular.

Dez minutos depois Johnny já estava no gelo de novo, a dor de cabeça já passando, o machucado encalombado destacando-se na testa como uma marca fantástica. Quando ele voltou para casa para almoçar, já se esquecera da queda, do desmaio, na alegria de ter aprendido a patinar de costas.

— Deus do céu! — exclamou Vera Smith, ao vê-lo. — Como é que arranjou isso aí?

— Caí — disse ele, começando a engolir a sopa de tomate.

— Você está bem, John? — perguntou ela, tocando no galo de leve.

— Claro, mãe. — E estava, mesmo.., a não ser os pesadelos que teve de vez em quando, no mês seguinte.., os pesadelos e a tendência para às vezes ficar muito sonolento em certas horas do dia em que antes nunca tivera sono. E isso parou de acontecer mais ou menos na ocasião em que cessaram os pesadelos.

Ele estava bem.

Em meados de fevereiro, Chuck Spier levantou-se um dia e viu que a bateria do seu velho De Soto 1948 tinha pifado. Tentou fazer o carro pegar ligando-a no caminhão do sítio. Quando foi ligar o segundo cabo à bateria do De Soto, ela explodiu na cara dele, cobrindo-o de fragmentos e do ácido corrosivo da bateria. Ele perdeu um olho. Vera disse que foi uma graça divina ele não ter perdido os dois. Johnny achou que era uma tragédia terrível e foi com o pai visitar Chuck no Hospital Geral de Lewiston, uma semana depois do acidente. Ao ver o imenso Chuck deitado naquela cama de hospital, parecendo estranho, gasto e pequeno, Johnny ficou muito impressionado, e naquela noite sonhou que era *ele* que estava ali.

De vez em quando, nos anos que se seguiram, Johnny tinha pressentimentos: como, por exemplo, saber qual seria o disco seguinte a ser tocado no rádio, antes de ser colocado pelo *disc jockey*, esse tipo de coisa.., mas nunca ligou isso ao acidente no gelo. A essa altura, já se esquecera daquilo.

E os pressentimentos nunca eram assim tão surpreendentes, nem mesmo freqüentes. Foi só na noite da feira e da máscara que aconteceu alguma coisa muito espantosa. Antes do segundo acidente.

Mais tarde, ele pensou muito nisso.

A coisa com a roda da fortuna acontecera *antes* do segundo acidente.

Como uma advertência de sua infância.

O vendedor ambulante cruzou, incansável, os Estados de Nebraska e Iowa, sob o sol de rachar daquele verão de 1955. Estava dirigindo um Mercury sedã 1953, que já estava com mais de cento e dez mil quilômetros. O Mercury estava apresentando um chiado bem nítido nas válvulas. Ele era um homem grande, que ainda conservava o aspecto de rapaz do centro-oeste, alimentado a milho; naquele verão de 1955, apenas quatro meses depois que o negócio de pintura de casas que ele tinha em Omaha falira, Greg Stillson tinha só vinte e dois anos.

O porta-malas e o banco de trás do Mercury estavam cheios de caixas, e as caixas, cheias de livros. A maior parte eram Bíblias, de todos os tipos e tamanhos. Havia o artigo básico, A Bíblia Americana Caminho da Verdade, com dezesseis ilustrações em cores, encadernada com cola de avião, por um dólar e sessenta e nove *cents*, e cuja solidez era garantida por pelo menos dez meses; depois, para o bolso mais pobre, havia o Novo Testamento Americano Caminho da Verdade, por sessenta e cinco *cents*, sem ilustrações, mas com as palavras do Nosso Senhor Jesus Cristo impressas em vermelho; e para os perdulários havia a Palavra de Deus Americana Caminho da Verdade de Luxo, por dezenove dólares e noventa e cinco *cents*, encadernada em uma imitação de couro branco, o nome do comprador a ser gravado em folha de ouro na primeira página do livro, com vinte e quatro ilustrações em cores, e no meio uma parte para se anotar os nascimentos, casamentos e enterros. E a Palavra de Deus de Luxo poderia permanecer intacta até durante dois anos. Havia ainda uma caixa de brochuras intituladas *América, caminho da verdade: A conspiração comunista-judaica contra os nossos Estados Unidos*.

Greg fazia mais negócios com essa brochura, impressa em material barato, de pasquim, do que com todas as Bíblias juntas. O livro contava que os Rothschilds, os Roosevelts e os Greenblatts estavam tomando conta da economia e do governo dos EUA. Havia gráficos mostrando que os judeus eram diretamente relacionados com o eixo comunista-marxista-leninista-trotskista, e daí com o próprio Anticristo.

A era do macarthismo acabara em Washington havia pouco; no centro-oeste, a estrela de Joe McCarthy ainda não declinara, e Margaret Chase

Smith, do Maine, era conhecida como “aquela vaca” por sua famosa Declaração de Consciência. Além do material sobre comunismo, a clientela rural de Greg Stillson parecia ter um interesse mórbido pela idéia de que os judeus estavam dirigindo o mundo.

Greg então entrou na estrada empoeirada de uma casa de fazenda uns trinta quilômetros a oeste de Ames, Iowa. A casa tinha um aspecto abandonado e fechado, com as cortinas cerradas e as portas do estábulo fechadas, mas nunca se pode saber sem tentar. Esse princípio prestara bons serviços a Greg Stillson no período de uns dois anos, desde que ele se mudara com a mãe de Oklahoma para Omaha. O negócio de pintura de casas não havia sido lá essas coisas, mas ele tinha achado necessário tirar o gosto de Jesus da boca, por algum tempo, se perdoam a ligeira blasfêmia. Mas agora ele estava de volta a casa, e dessa vez não do lado do púlpito nem dos revivificados, e era um alívio estar enfim fora do negócio dos milagres.

Abriu a porta do carro e, quando pisou a terra da entrada de carros do estábulo, um cão grande e feroz avançou para ele, as orelhas esticadas para trás. E começou a latir.

— Olá, cão — disse Greg, com sua voz baixa, agradável, mas possante; aos vinte e dois anos, já era a voz de um locutor experiente.

O cão não reagiu à simpatia da voz dele. Continuou a avançar, grande e malvado, decidido a um bom almoço de vendedor ambulante. Greg voltou a sentar-se no carro, fechou a porta e buzinou duas vezes. O suor lhe escorria pelo rosto e fazia o terno de linho branco ficar cinza mais escuro em manchas circulares debaixo dos braços e numa forma de galhos de árvore nas costas. Ele tornou a buzinar, mas não teve resposta. Os roceiros tinham se metido no trator ou no carro velho e ido para a cidade.

Greg sorriu.

Em vez de dar marcha à ré e sair da entrada, ele estendeu a mão para trás e pegou uma bomba de Flit: só que aquela estava cheia dê amônia, em vez de Flit.

Puxando o êmbolo para trás, Greg tornou a saltar do carro, sorrindo, à vontade. O cão, que se agachara, imediatamente tornou a levantar-se e a avançar para ele rosnando.

Greg continuava a sorrir.

— Isso mesmo, cãozinho — disse ele, com aquela voz agradável e possante. — Pode vir. Venha para ver. — Ele tinha ódio desses cães feios de fazenda que dominavam o seu pingo de quintal como pequenos césaes arrogantes; eles também mostravam alguma coisa sobre seus donos.

— Bando de caipiras fodidos — disse ele, baixinho, ainda sorrindo. — Venha, cãozinho.

O cão avançou. Aprumou-se para dar o salto. No estábulo uma vaca mugiu, e o vento farfalhava baixinho no milho. Quando o cão saltou, o sorriso de Greg transformou-se numa careta dura e amarga. Ele empurrou o êmbolo da bomba de Flit e borrifou uma nuvem de pingos de amônia ardente bem nos olhos e no focinho do cachorro.

Seus latidos furiosos imediatamente se transformaram em ganidos breves e agonizantes, e depois, quando sentiu mesmo o efeito da amônia, em uivos de dor. Ele logo fugiu, não mais um cão de guarda, mas um simples vira-lata vencido.

A fisionomia de Greg Stillson estava fechada, seus olhos pareciam fendas feias. Ele avançou depressa e deu um pontapé brutal na anca do cão, com um de seus sapatos de bico fino. O cachorro deu um ganido alto e um gemido, e, levado pela dor e pelo medo, selou o seu destino, virando para lutar contra o autor de sua desgraça, em vez de correr para o estábulo.

Com um rugido, ele atacou às cegas, agarrou a bainha da perna direita das calças de linho de Greg e rasgou-a.

— Seu filho da puta! — exclamou ele, numa raiva assustada, e tornou a chutar o cão, dessa vez com tanta força que o fez rolar na terra. Tornou a avançar sobre o cachorro, chutando-o de novo, ainda berrando. Então o cachorro, os olhos lacrimejando, o nariz numa agonia de fogo, com uma

costela quebrada e outra destroncada, percebeu seu perigo nas mãos daquele louco, mas era tarde.

Greg Stillson perseguiu-o pelo quintal de terra do sítio, ofegando e gritando, o suor lhe escorrendo pelo rosto, e chutou o cachorro até este ficar berrando, mal conseguindo arrastar-se pela terra. O cão estava sangrando em meia dúzia de lugares. Estava morrendo.

— Não devia ter me mordido — murmurou Greg. — Está ouvindo? Está me ouvindo? Não devia ter me mordido, seu cachorro de merda. Ninguém pode me atrapalhar. Está entendendo? Ninguém! — Deu mais um pontapé com a ponta do sapato cheia de sangue, mas o cão só conseguiu fazer um barulho baixinho e sufocado. Não tinha muita graça, isso. Greg estava com a cabeça dolorida. Era do sol. Perseguir o cachorro no sol forte. Uma sorte ele não desmaiar.

Fechou os olhos por um instante, respirando, ofegante, o suor escorrendo-lhe pelo rosto como lágrimas e aninhando-se em seus cabelos como pérolas, o cão arrebatado morrendo aos seus pés. Pontinhos de luzes coloridas, latejando no mesmo ritmo que seu coração, flutuavam pela escuridão por trás de suas pálpebras.

Estava com a cabeça doendo.

Às vezes pensava se não estaria ficando louco. Como agora. Ele pretendia dar uma bombada com a bomba de amônia no cão e expulsá-lo para o estábulo, para poder deixar o cartão de visita na fresta da porta de tela. E voltar outro dia, para vender alguma coisa. E agora, olhe só. Olhe só essa bagunça. Não podia deixar o cartão agora, podia?

Abriu os olhos. O cão estava aos pés dele, ofegante, o sangue escorrendo do focinho. Quando Greg Stillson olhou para baixo, o cão lambeu o sapato dele, com humildade, como que para reconhecer que tinha sido vencido, e depois voltou à tarefa de morrer.

— Não devia ter rasgado minhas calças — disse-lhe o homem. — Essas calças me custaram cinco dólares, seu cão de merda.

Tinha de sair dali. Não teria nada a ganhar se o dono do sítio, a mulher e os seis filhos voltassem da cidade agora no carro velho e vissem Fido morrendo, e o vendedor malvado ali junto dele. Perderia o emprego. A Companhia Americana Caminho da Verdade não empregava vendedores que matavam cães pertencentes a cristãos.

Com uma risada nervosa, Greg voltou ao Mercury, entrou e deu marcha à ré depressa, saindo da entrada da casa. Virou para leste na estrada de terra que seguia reta como um fio pelo milharal, e em breve estava correndo a cem por hora, deixando uma nuvem de pó de três quilômetros atrás de si.

Certamente, não queria perder o emprego. Ainda não. Estava ganhando bem: além dos truques que eram do conhecimento da Companhia Americana Caminho da Verdade, Greg tinha acrescentado alguns que só ele conhecia. Ele agora estava se fazendo. Além disso, viajando, ele conhecia muita gente..., uma porção de garotas. Era uma boa vida, a não ser...

A não ser que ele não estava satisfeito.

Continuou a dirigir, a cabeça latejando. Não, não estava satisfeito. Sentia que estava destinado a coisas maiores do que andar pelo centro-oeste, vendendo Bíblias e alterando as folhas de requisição para poder ganhar mais dois dólares por dia. Sentia que estava destinado a... a...

À grandeza.

era isso, certamente era isso. Umas semanas antes ele tinha levado uma garota para o paiol de feno, quando o pessoal dela estava em Davenport vendendo um caminhão de galinhas; ela começara perguntando se ele não queria um copo de limonada, e uma coisa leva a outra, e, depois que ele a possuía, ela dissera que era quase como ser lograda por um pregador, e ele batera nela, sem nem saber por quê. Batera nela e depois fora embora.

Bem, não.

De fato, ele batera nela umas três ou quatro vezes. Até ela chorar e gritar por socorro, e então ele parara e, de algum modo

— tivera de usar todo o encanto que Deus lhe dera —, fizera as pazes com ela. Naquela ocasião também estava com a cabeça doendo, os pontinhos de luz aparecendo e chispando no seu campo de visão, e procurou dizer a si mesmo que era o calor, o calor explosivo no paiol de feno, mas não era só o calor que fazia sua cabeça doer. Era a mesma coisa que ele sentira no quintal, quando o cão lhe rasgara as calças, uma coisa tenebrosa e louca.

— Não estou maluco — disse ele no carro, em voz alta. Baixou o vidro da janela depressa, deixando entrar o calor do verão e o cheiro de poeira, milho e estrume. Ligou o rádio bem alto e pegou uma canção de Patti Page. A dor de cabeça diminuiu um pouco.

Era tudo uma questão de se controlar e... ter uma ficha limpa. Se ele fizesse essas coisas, ninguém poderia atingi-lo. E ele estava melhorando, em ambos os sentidos. Não sonhava mais tantas vezes com o pai, sonhos em que o pai aparecia dominando-o, o capacete levantado para trás na cabeça, berrando: “Você não presta, nanico! Você não presta para porra nenhuma!”

Ele não sonhava tanto agora porque os sonhos simplesmente não eram verdade. Ele não era mais nanico. Verdade, em criança ele tinha sido doentio, pequenino, mas crescera, estava tomando conta da mãe...

E o pai tinha morrido. O pai não podia ver. Não podia fazer o pai engolir aquelas palavras porque o pai tinha morrido na explosão de uma torre de petróleo, e por uma vez, só uma vez, Greg gostaria de desenterrá-lo e berrar naquela cara apodrecida: “Você estava enganado, pai, estava enganado comigo!”, e depois dar-lhe um bom pontapé, do jeito que...

Do jeito que tinha dado pontapés no cachorro.

A dor de cabeça voltara.

— Não estou maluco — tornou a dizer, sob o som da música. Sua mãe muitas vezes lhe dissera que ele estava destinado a uma coisa grandiosa, e Greg acreditava nisso. Era apenas uma questão de manter as coisas —

como bater na pequena ou chutar o cão — sob controle, e ter uma ficha limpa.

Fosse qual fosse sua grandeza, ele saberia quando ela chegasse. Disso, tinha certeza.

Tornou a pensar no cão, e dessa vez a idéia provocou um esboço de sorriso, sem humor nem compaixão.

A grandeza dele estava a caminho. Poderiam faltar anos ainda... ele era jovem, certo, nada de mais a gente ser jovem, contanto que entendesse que não é possível ter tudo de uma vez. Contanto que achasse que as coisas viriam com o tempo. E ele acreditava nisso.

E Deus e o Filho Jesus que ajudassem a quem se metesse em seu caminho.

Greg Stillson pôs o cotovelo bronzeado para fora da janela e começou a assobiar, acompanhando o rádio. Pisou no acelerador, levando o velho Mercury a cento e dez por hora, e foi seguindo pela reta dos campos de Iowa para o que o futuro lhe pudesse trazer.

Parte I

A roda da fortuna

Capítulo 1

As duas coisas de que Sarah se lembrou mais tarde, sobre aquela noite, foram a sorte dele na roda da fortuna e a máscara. Mas, com o passar do tempo, dos anos, era na máscara que ela pensava.., quando conseguia forçar-se a pensar naquela noite horrível.

Ele morava em um prédio de apartamentos em Cleaves Mills. Sarah chegou lá às quinze para as oito, estacionando na esquina e tocando a campainha para entrar. Naquela noite iam no carro dela porque o de Johnny estava na oficina de Tibbets, em Hampden, com um problema de rolamento, ou coisa que o valha. Alguma coisa cara, conforme dissera Johnny, ao telefone, e depois ele dera uma risada típica de Johnny Smith. Sarah estaria em prantos se fosse o carro dela.., o *bolso* dela.

Sarah atravessou o vestíbulo até a escada, passando pelo quadro de avisos pendurado ali. Estava cheio de cartões anunciando motos, partes de aparelhos de som, serviços de datilografia e pedidos de pessoas que estavam precisando de condução para o Kansas ou para a Califórnia, pessoas que iam de carro para a Flórida e precisavam de companhia para ajudar a dirigir e partilhar as despesas de gasolina. Mas naquela noite o quadro estava dominado por um grande cartaz mostrando um punho cerrado contra um fundo belicoso e vermelho, sugerindo o fogo. A única palavra no cartaz era GREVE! Era o fim do mês de outubro de 1970.

Johnny morava no apartamento de frente do segundo andar — a cobertura, conforme ele dizia —, onde se podia ficar de *smoking*, como Ramon Navarro, com uma boa dose de vinho num cálice, e contemplar o coração vasto e palpitante de Cleaves Mills: o pessoal apressado depois do cinema, os táxis movimentando-se, as luzes fluorescentes. Há quase sete mil histórias na cidade nua. Esta foi uma delas.

Na verdade, Cleaves Mills era, em essência, uma rua principal com um semáforo no cruzamento, cerca de duas dúzias de lojas e uma pequena fábrica de mocassins. Como acontecia com a maior parte das cidades em volta do Orono, onde ficava a Universidade do Maine, sua verdadeira indústria era o fornecimento do material consumido pelos estudantes — cerveja, vinho, gasolina, *rock*, comidas incrementadas, drogas, alojamentos, cinema. O cinema chamava-se The Shade. Exibia filmes de arte e retrospectivas nostálgicas dos anos 40, durante o ano letivo. No verão voltava aos banguê-banguês do tipo italiano, de Clint Eastwood.

Tanto Johnny como Sarah já tinham acabado os estudos havia um ano, e ambos ensinavam no ginásio de Cleaves Mills, um dos poucos ginásios da zona que não se havia consolidado num distrito de três ou quatro cidades. O corpo docente e a administração, bem como os estudantes da universidade, usavam Cleaves como dormitório, e a cidade tinha uma coleta de impostos invejável. Também tinha um belo ginásio, com uma ala de comunicações nova em folha. O pessoal da cidade podia xingar os universitários com suas conversas sabidas, suas manifestações comunistas para acabar com a guerra e sua intromissão na política municipal, mas nunca recusava o dinheiro dos impostos pagos anualmente sobre as belas casas do corpo docente e os prédios de apartamentos do bairro, que alguns estudantes chamavam de pocilgas e cortiços. Sarah bateu à porta e ouviu a voz de Johnny, estranhamente abafada, dizendo:

— Está aberta, Sarah!

Franzindo a testa, ela empurrou a porta. O apartamento de Johnny estava na mais completa escuridão, só se vendo o brilho amarelo ocasional do sinal luminoso no meio do quarteirão. Os móveis pareciam sombras negras.

— Johnny...?

Pensando que talvez houvesse algum fusível queimado, ou alguma outra coisa, ela deu um passo à frente, experimentando..., e então apareceu a cara diante dela, flutuando no escuro, uma cara horrível, de pesadelo. Brilhava num tom verde e espectral, putrefato. Um dos olhos estava aberto, e parecia olhá-la com um medo magoado. O outro estava apertado,

num esgar sinistro. A metade esquerda da cara, a metade com o olho aberto, parecia ser normal. Mas a metade direita era o rosto de um monstro, repuxado e desumano, os lábios grossos e arreganhados, revelando dentes pontudos, também brilhantes.

Sarah deu um grito abafado e recuou, tropeçando. Aí as luzes se acenderam, e era apenas o apartamento de Johnny, em vez de um limbo negro, com Nixon na parede tentando vender carros usados, no chão o tapete trançado feito pela mãe de Johnny, as garrafas de vinho servindo de castiçais. A cara parou de brilhar, e ela viu que era uma máscara barata do Dia das Bruxas, nada mais. Os olhos azuis de Johnny faiscavam pelas aberturas dos olhos, olhando para ela.

Ele tirou a máscara e ficou sorrindo para ela, simpático, de *jeans* desbotados e um suéter marrom.

— Feliz Dia das Bruxas, Sarah — disse ele.

O coração dela ainda estava disparado. Ele a assustara de verdade.

— Muito engraçado! — disse ela, e virou-se para sair. — Não gosto de levar um susto desses.

Ele a pegou já na porta.

— Ei... desculpe.

— E. é mesmo para se desculpar.

Ela olhou para ele com frieza, ou pelo menos tentou. A raiva já estava passando. Não se podia ficar com raiva de Johnny, o problema era esse. Quer ela o amasse ou não — coisa que ainda estava querendo resolver —, era impossível ficar zangada com ele por muito tempo, ou ter ressentimento dele. Ela não sabia se alguém já conseguira alimentar rancor contra Johnny, e a idéia era tão ridícula que ela teve de sorrir.

— Pronto, agora está melhor. Menino, pensei que você ia me dar o fora.

— Não sou um menino.

Ele a contemplou.

— É o que notei.

Ela estava com um volumoso casaco de peles — imitação de guaxinim ou de outra coisa igualmente vulgar —, e a malícia inocente dele a fez sorrir de novo.

— Com esse negócio, não se pode dizer.

— Ah, mas eu posso dizer, sim — disse ele. Passou o braço em volta dela e beijou-a. A princípio ela não ia retribuir o beijo, mas claro que o fez.

— Sinto muito tê-la assustado — disse ele, esfregando o nariz dela com o seu, agradando-a, antes de soltá-la. Levantou a máscara. — Pensei que você fosse achar isso interessante. Vou usá-la na escola, na sexta-feira.

— Ah, Johnny, isso não vai ser lá muito bom para a disciplina.

— Dou um jeito — disse ele, sorrindo. E o diabo é que daria mesmo.

Ela ia ao colégio todo dia com óculos enormes, bem de professora, os cabelos puxados num coque tão severo que era um exagero. Usava as saias pouco acima dos joelhos, numa época em que a maioria das garotas as usavam logo abaixo das calcinhas (e as minhas pernas são mais bonitas do que as de qualquer delas, pensava Sarah, ressentida). Tinha quadros alfabéticos para a distribuição dos lugares na sala de aula, que, pelo menos segundo a lei das probabilidades, deviam manter os alunos difíceis afastados uns dos outros, e costumava mandar os indisciplinados para o diretor assistente, raciocinando que ele ganhava mais quinhentos dólares por ano para bancar o durão, e ela não. Não obstante, seus dias eram uma luta constante com aquele demônio dos professores novatos, a Disciplina. E o que era mais perturbador: ela começara a sentir que havia um júri coletivo, não expresso — uma espécie de consciência colegial, talvez —, que formava o juízo sobre todo professor novo, e que o veredicto a respeito dela não era lá muito bom.

Johnny, aparentemente, parecia ser a antítese de tudo o que deveria ser um bom professor. Perambulava de uma aula para a outra numa espécie de aturdimento simpático, atrasando-se muitas vezes por ter parado para conversar com alguém, entre um sinal e outro. Deixava os garotos se sentarem onde bem entendessem, de modo que nunca as mesmas caras estavam no mesmo lugar, de um dia para outro (e os endiabrados da turma invariavelmente gravitavam para o fundo da sala). Assim, Sarah não conseguiria saber os nomes deles antes de março, mas Johnny parecia já conhecê-los todos. Ele era alto e tinha uma tendência para se curvar, e os garotos o chamavam de Frankenstein. Johnny, em vez de se indignar, parecia achar graça nisso. No entanto, as turmas dele em geral eram sossegadas e bem-comportadas, poucos faziam gazeta (Sarah tinha um problema constante com os guris que matavam aula), e aquele mesmo júri parecia ser favorável a ele. Ele era o tipo de professor que em dez anos teria o anuário do colégio dedicado a ele. Ela, não. E às vezes, pensando nisso, ficava quase alucinada.

— Quer tomar uma cerveja, antes de sairmos? Um cálice de vinho? Alguma coisa?

— Não, mas espero que você vá bem preparado — disse ela, pegando o braço dele e resolvendo não ficar mais zangada. — Sempre como pelo menos três cachorros-quentes. Especialmente quando é a ultima feira do ano.

Eles iam a Esty, a trinta quilômetros ao norte de Cleaves Mills, cidade cuja única e vaga pretensão à fama era o fato de realizar **POSITIVAMENTE A ÚLTIMA EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DO ANO NA NOVA INGLATERRA**. A feira seria encerrada na noite de sexta-feira, Dia das Bruxas.

— Levando em conta que sexta-feira é dia de pagamento, estou indo bem. Tenho oito dólares.

— Ai... meu... Deus — disse Sarah, girando os olhos. — Eu sempre soube que, se me conservasse pura, um dia havia de encontrar um coronel.

Ele sorriu e concordou.

— Nós, os caftens, ganhamos dinheiro graúdo, benzinho. Deixe-me pegar o casaco e vamos.

Ela olhou para ele com uma afeição irritada, e a voz que cada vez mais se faria ouvir em sua mente — no chuveiro, quando ela estava lendo, preparando uma aula ou preparando seu jantar para uma só pessoa — tornou a soar, como um daqueles anúncios de utilidade pública de trinta segundos na TV: “Ele é ótimo rapaz e tudo isso, fácil de se conviver, divertido, nunca faz você chorar. Mas isso será amor? Quero dizer, é só isso o que há? Mesmo quando você aprendeu a andar de bicicleta, teve de cair algumas vezes e arranhar os joelhos. Um rito de transição, digamos. E isso foi apenas uma coisa sem importância”.

— Vou ao banheiro — disse ele.

— Hummm. — Ela sorriu de leve. Johnny era uma dessas pessoas que sempre mencionam suas necessidades naturais... Deus sabe por quê.

Ela foi até a janela e olhou para a rua principal. Os garotos estavam chegando ao estacionamento ao lado da O’Mike, a pizzaria e cervejaria local. De repente ela sentiu vontade de estar de novo entre eles, ser um deles, deixando para trás aquela confusão..., ou ainda não a ter atingido. A universidade era um lugar seguro. Era um tipo de Terra do Nunca, em que todo mundo, até mesmo os professores, podiam fazer parte da turma de Peter Pan e nunca crescer. E sempre haveria um Nixon ou um Agnew para representar o papel de capitão Gancho.

Ela conhecera Johnny quando eles começaram a dar aulas, em setembro, mas já o conhecia de vista dos cursos de educação que haviam feito Juntos. Ela estava saindo com um universitário da fraternidade Delta Tau Delta e nenhum dos conceitos que se aplicavam a Johnny se aplicavam a Dan. Este era de uma beleza quase impecável, de um espírito agudo e irrequieto que sempre a deixava meio constrangida, beberrão, e ardoroso como amante. Por vezes, quando bebia, mostrava-se malvado. Ela se lembrava de uma noite no Brass Rail, de Bangor, em que isso tinha acontecido. O homem que estava no reservado ao lado fizera uma pilhéria sobre alguma coisa que Dan dissera sobre o time de futebol da UMO, e Dan perguntara se ele tinha vontade de voltar para casa com a cabeça ao

contrário. O homem se desculpara, mas Dan não queria desculpas; queria era uma briga. Começou a fazer comentários pessoais sobre a mulher que estava com o outro homem. Sarah tinha posto a mão no braço de Dan, pedindo que ele parasse. Dan repelira a mão dela e a olhara com uma luz estranha e vazia nos olhos, que a fez engolir qualquer outra palavra que pudesse querer proferir. Dan e o outro cara acabaram indo para fora, e Dan deu uma surra no outro. Dan espancou o outro, que devia ter seus trinta e tantos anos e já era meio pançudo, até ele começar a berrar. Sarah nunca tinha ouvido um homem berrar., e nunca mais queria ouvir aquilo. Eles tiveram de sair às pressas, porque o dono do bar viu o que estava acontecendo e chamou a polícia. Ela teria ido sozinha para casa, naquela noite (“Ah?, tem certeza?”, perguntou sua mente, maldosa), mas a universidade ficava a vinte quilômetros de distância, e os ônibus paravam de circular às seis da tarde e ela estava com medo de pedir carona.

Dan não falou nada, durante a volta. Estava com um arranhão em uma das faces. Só um arranhão. Quando eles chegaram a Hart Hall, dormitório dela, ela disse a ele que não queria mais vê-lo.

— Como quiser, benzinho — disse ele, com uma indiferença que a gelara; e da segunda vez que ele telefonou, depois do incidente no Brass Rall, ela saía com ele. Uma parte de seu ser se odiara por isso.

O caso continuou durante todo aquele semestre de outono do seu último ano. Ele a assustava, ao mesmo tempo em que a atraía. Foi o primeiro amante que ela teve, de verdade, e até aquele momento, dois dias antes do Dia das Bruxas de 1970, fora seu único amante de verdade. Ela e Johnny nunca tinham ido para a cama.

Dan era muito bom nisso. Ele a usara, mas era muito bom. Não quisera tomar qualquer precaução, de modo que ela teve de ir à enfermaria da universidade, onde falou alguma coisa sobre uma menstruação dolorosa, e lhe deram a pílula. Sexualmente, Dan a dominara o tempo todo. Ela não teve muitos orgasmos com ele, mas a própria brutalidade dele lhe provocou alguns, e durante as semanas antes de acabar o caso ela começara a sentir a avidez da mulher madura pelo sexo, um desejo que era perturbadoramente misturado com outros sentimentos: uma aversão tanto por Dan quanto por si mesma, uma sensação de que o sexo que dependesse

tanto da humilhação e dominação não podia ser considerado realmente “sexo bom”, e desprezo por si, por não conseguir pôr um fim a um relacionamento que parecia basear-se em sentimentos de destruição.

Tudo terminou depressa, no princípio do ano. Ele foi reprovado.

— Para onde você vai? — perguntou ela, com timidez, sentada na cama do companheiro de quarto dele, enquanto ele jogava as roupas em duas valises. Queria fazer outras perguntas, mais pessoais. Vai ficar aqui por perto? Vai trabalhar? Estudar de noite? Há lugar para mim, em seus planos? Essa pergunta, acima de todas, ela não conseguiu fazer. Porque não estava preparada para resposta alguma. A resposta que ele deu à sua única pergunta, bastante neutra, já foi bastante chocante.

— Para o Vietnam, imagino.

— *O quê?*

Ele remexeu nuns papéis numa prateleira e jogou uma carta para ela, era ao centro de recrutamento de Bangor: uma ordem para se apresentar para o exame de saúde.

— Você não pode dar o fora disso?

— Não. Talvez, não sei. — Ele acendeu um cigarro. — Acho que nem quero tentar.

Ela o fitara, chocada.

— Estou farto desse negócio. Universidade, arranjar um emprego e uma mulherzinha. Imagino que você fosse candidata ao cargo de mulherzinha. E não pense que não pensei nisso. Não daria certo. Você sabe que não, e eu também. Nós não combinamos, Sarah.

Ela então fugira, todas as perguntas respondidas, e nunca mais o viu. Viu o companheiro de quarto dele algumas vezes. Ele recebeu três cartas de Dan, entre janeiro e junho. Ele fora convocado e mandado para algum lugar no sul para o treinamento básico. E foram as últimas notícias que

teve o companheiro de quarto. Também foram as últimas notícias que teve Sarah Bracknell.

A princípio, ela pensou que se daria bem. Todas aquelas canções tristes e saudosas, as que a gente sempre escuta no rádio depois da meia-noite, não se aplicavam a ela. Nem os chavões sobre o fim do caso ou os acessos de choro. Ela não se meteu com ninguém, só para se desferrar, nem andou pelos bares. Passou a maior parte das noites daquela primavera estudando, sossegada, no seu quarto do dormitório. Foi um alívio. Não foi nada confuso.

Só depois que ela conheceu Johnny — numa festa de calouros, no mês anterior; ambos estavam tomando conta dos alunos, por pura obra do acaso — é que se deu conta do horror que tinha sido o último semestre na universidade. Era o tipo de coisa que a gente não pode ver quando está dentro dela, pois faz parte da gente. Dois burros se encontram numa cerca, numa cidade do oeste. Um deles é um burro da cidade, e só tem a sela sobre o lombo. O outro é um burro de garimpeiro, carregado de mochilas, equipamento de cozinha e de acampamento, e quatro sacos de minério de vinte quilos cada. O burro da cidade diz: Um bocado de carga, a que você leva. E o burro do garimpeiro diz: Que carga?

Em retrospecto, foi o vazio que a horrorizou: foram cinco meses de respiração Cheyne-Stokes. Oito meses, contando o verão, quando ela alugou um pequeno apartamento na Flagg Street, em Veazie, e não fez mais nada a não ser candidatar-se a empregos de professora e ler romances em brochura. Levantava-se, tomava o café da manhã, saía para alguma aula ou entrevista programada, voltava para casa, comia, cochilava (os cochilos às vezes duravam até quatro horas), tornava a comer, lia até mais ou menos onze e meia da noite, via a TV até sentir sono, e ia para a cama. Não se lembrava de ter *pensado* durante aquele período. A vida era uma rotina. Às vezes havia uma vaga espécie de dor em suas entranhas, uma *dor de insatisfação*, como as romancistas a chamavam às vezes, achava ela, e para isso ela tomava ou um banho de chuveiro frio ou uma lavagem. Depois de algum tempo as lavagens se tornaram dolorosas, e isso lhe deu um tipo de satisfação amarga e ausente.

Durante esse período, ela de vez em quando se felicitava por estar sendo tão adulta com relação a tudo aquilo. Quase nunca pensava em Dan: Dan Quem?, ah, ah. Mais tarde ela se deu conta de que durante oito meses não pensara em mais nada e em mais ninguém. O país inteiro passara por espasmos e convulsões durante aqueles oito meses, mas ela mal notara. As manifestações, os guardas de capacete e máscara contra gás, os ataques de Agnew na imprensa, cada vez mais acirrados, o tiroteio de Kent State, o verão de violência quando os negros e grupos radicais saíram às ruas... essas coisas podiam estar acontecendo em algum programa de TV tarde da noite. Sarah estava completamente absorta pelo fato de se ter refeito muito bem do caso com Dan, de estar se adaptando muito bem, e de estar aliviada por ver que estava tudo tão bem. Que carga?

Depois, começou a dar aulas no ginásio de Cleaves Mills, e isso foi uma revolução pessoal, estar do outro lado da mesa, depois de dezesseis anos como estudante profissional. Conhecer Johnny Smith naquela festa (e, com um nome absurdo como John Smith, ele poderia ser inteiramente real?). Sair de sua absorção o suficiente para notar o jeito de ele olhar para ela, não com cupidez, mas com uma admiração boa e saudável pelo seu aspecto no vestido de malha cinza-claro.

Ele a convidara para ir ao cinema — estavam levando *Cidadão Kane* no The Shade —, e ela aceitara. Eles se divertiram, e ela pensou consigo mesmo: “Nada de fogos de artifício”. Ela gostara do beijo de boa-noite que ele lhe dera e pensara: “Claro que ele não é nenhum Errol Flynn”. Ele a fizera sorrir com seu tipo de conversa, que era extravagante, e ela pensara: “Ele quer ser Henny Youngman quando crescer”.

Mais tarde, naquela noite, sentada no quarto do seu apartamento e vendo Bette Davis representar uma irascível mulher de carreira, no último filme, alguns desses pensamentos lhe ocorreram de novo, e ela parou com os dentes enterrados numa maçã, meio chocada com sua própria injustiça.

E uma voz que estivera calada havia quase um ano — não tanto a voz da consciência como a voz da perspectiva — falou de repente: “O que você quer dizer é que ele não é um Dan. Não é isso?”

“Não!”, garantiu ela a si mesma, já não só *um tanto* chocada. Não penso mais em Dan de jeito nenhum. Isso... já foi há muito tempo.”

“Fraldas”, respondeu a voz, “isso foi há muito tempo. Dan partiu ontem.”

De repente ela se deu conta de que estava sentada num apartamento, sozinha, tarde da noite, comendo uma maçã e assistindo a um filme na TV que não lhe dizia nada, e fazendo tudo isso só porque era mais fácil do que pensar, pensar era muito maçante, mesmo quando a gente só sabia pensar em si e em seu amor perdido.

Muito chocada agora.

Rompera em prantos.

Tinha saído com Johnny da segunda e da terceira vez em que ele a convidara, e isso também era uma revelação do que ela exatamente se tornara. Não podia dizer que tinha outro compromisso, porque não seria verdade. Era uma moça inteligente e bonita, e tinha sido muito requisitada depois de terminar o caso com Dan, mas os únicos convites que tinha aceito eram para comer hambúrguer no Den com o companheiro de quarto de Dan. E ela se dava conta agora, com uma repugnância temperada pelo humor, de que só aceitara esses convites completamente inócuos para poder sondar o pobre coitado a respeito de Dan. Que carga?

A maior parte de suas amigas da universidade tinham sumido no horizonte, depois da formatura. Bettye Hackman estava com os Voluntários da Paz na África, para desgosto total dos pais, ricos da velha guarda de Bangor, e Sarah às vezes - se perguntava o que os ugandenses deviam pensar de Bettye, com sua pele branca, impossível de se bronzear, cabelos louro-cinza e beleza fria, de moça rica. Deenie Stubbs estava fazendo pós-graduação em Houston. Richel Jurgen se casara com o namorado e no momento estava grávida em algum lugar nas selvas do oeste de Massachusetts.

Meio aturdida, Sarah fora obrigada a concluir que Johnny Smith era o primeiro novo amigo que ela faria havia muito, muito tempo... ela, que fora eleita Miss Simpatia no seu último ano de ginásio. Tinha aceito

convites de alguns outros professores de Cleaves, só para manter as coisas na devida perspectiva. Um deles era Gene Sedecki, o novo professor de matemática..., mas obviamente um chato de galocha. O outro, George Rounds, tentara cantá-la logo de cara. Ela lhe dera um tapa na cara... e no dia seguinte ele tivera a audácia de piscar para ela, ao se cruzarem no corredor.

Mas Johnny era divertido, descontraído. E a atraía sexualmente... até que ponto, ela não poderia dizer, com franqueza, pelo menos ainda não. Uma semana antes, depois da sexta-feira de folga que eles tiveram para a convenção de professores em Waterville, em outubro, ele a convidara para jantar no apartamento dele, um espaguete feito em casa. Enquanto o molho fervia, ele tinha

corrido até a esquina para buscar um vinho e voltara com duas garrafas de vinho de maçã bem leve. Assim como comunicar suas idas ao banheiro, isso faria parte do estilo de Johnny.

Depois de comerem, viram TV, e daí passaram à bolinação, e sabe Deus em que isso teria dado se não tivessem aparecido uns amigos dele, instrutores da universidade, com um trabalho sobre a opinião da congregação a respeito da liberdade acadêmica. Queriam que Johnny desse uma olhada e visse o que achava daquilo. Ele o fizera, mas com bem menos boa vontade do que o seu normal. Ela notara isso com um prazer secreto, e a dor em suas próprias entranhas — a dor insatisfeita — também lhe dera prazer, e nessa noite ela não a matara com uma lavagem.

Ela se virou da janela e foi até o sofá onde Johnny deixara a máscara.

— Feliz Dia das Bruxas — grunhiu ela, e riu um pouco.

— O quê? — perguntou Johnny.

— Eu disse que se você não vier já eu vou sem você.

— Vou já.

— Ótimo!

Ela passou um dedo pela máscara de Jekyll e Hyde, o bondoso dr. Jekyll a metade esquerda, o feroz e desumano Hyde a metade direita. Onde estaremos no Dia de Ação de Graças?, pensou ela. Ou no Natal?

A idéia lhe provocou uma emoção esquisita e excitante.

Gostava dele. Era um homem completamente comum e bom.

Tornou a olhar para a máscara, o terrível Hyde partindo do rosto de Jekyll como um carcinoma nodoso. Tinha levado tinta fluorescente, para brilhar no escuro.

O que é comum? Nada, ninguém. Não de verdade. Se ele fosse assim tão comum, como poderia estar planejando usar uma coisa dessas na sala de aula, e ainda por cima estar seguro de manter a ordem? E como os garotos podem chamá-lo de Frankenstein e assim mesmo respeitá-lo? O que é comum?

Johnny saiu do banheiro, roçando pela cortina de contas que separava o quarto e o banheiro da sala.

“Se ele quiser que eu vá para a cama com ele hoje, acho que vou concordar”.

E foi uma idéia agradável, como voltar para casa.

— De que você está rindo?

— Nada — disse ela, jogando a máscara no sofá.

— Não, diga, sério. Alguma coisa boa?

— Johnny — disse ela, pondo a mão no peito dele e erguendo-se na ponta dos pés para beijá-lo de leve — ‘algumas coisas nunca devem ser ditas. Vamos embora.

Eles pararam embaixo, no vestíbulo, enquanto ele abotoava o casaco de zuarte, e o olhar dela foi novamente atraído pelo cartaz da GREVE!, com o punho cerrado e o fundo chamejante.

— Vai haver outra greve de estudantes este ano — disse ele, acompanhando o olhar dela.

— A guerra?

— Dessa vez, a guerra é só parte do motivo. O Vietnam e a luta sobre o Corpo de Preparação de Oficiais da Reserva e Kent State ativaram mais estudantes do que em qualquer outra ocasião. Acho que, em época alguma, houve tão poucos estudiosos ocupando espaço na universidade.

— O que quer dizer com estudiosos?

— Os garotos que só estudam para passar, sem qualquer interesse pelo sistema a não ser conseguir um emprego de dez mil dólares por ano, quando se formarem. Um estudante que não dá pelota para nada a não ser para sua pele. Isso acabou. A maior parte deles está desperta. Vai haver um bocado de mudanças.

— Isso é importante para você? Mesmo estando de fora?

Ele empertigou-se.

— Senhora, sou um ex-aluno. Smith, turma de 70. Encham as canecas para brindar ao velho Maine.

Ela sorriu.

— Vamos indo. Quero dar uma volta no chicote hoje, antes que o fechem.

— Muito bem — disse ele, dando o braço a ela. — Acontece que estou com o seu carro parado aí na esquina.

— E oito dólares. A noite está ofuscante diante de nós.

A noite estava nublada mas não chuvosa, e amena, para fins de outubro. Ao alto, um quarto crescente estava lutando para atravessar as nuvens. Johnny passou o braço em volta dela e ela aconchegou-se a ele.

— Sabe, eu acho você formidável, Sarah.

O tom dele era quase displicente, mas só quase. O coração dela bateu mais devagar e depois mais depressa, uma dúzia de vezes.

— É mesmo?

— Imagino que esse Dan a tenha magoado, não foi?

— Não sei o que foi que ele me fez — disse ela, com sinceridade.

O sinal luminoso amarelo, agora um quarteirão atrás deles, fazia suas sombras aparecerem e desaparecerem no concreto à frente.

Johnny pareceu estar pensando naquilo.

— Eu não gostaria de fazer isso — disse ele, por fim.

— Sei disso. Mas... dê um tempo.

— É — disse ele. — Tempo. Acho que isso nós temos.

E isso voltaria à cabeça dela, acordada, e ainda com mais força nos sonhos, em tons de amargura e perda indizíveis.

Eles foram até a esquina, e Johnny abriu a porta do carro para ela, do lado do passageiro. Deu a volta e sentou-se à direção.

— Está com frio?

— Não — disse ela. — A noite está ótima para isso.

— Está mesmo — concordou ele, afastando-se do meio-fio. Os pensamentos dela voltaram àquela máscara ridícula. A metade Jekyll, com os olhos azuis de Johnny atrás da órbita alargada do médico espantado — *Puxa, um coquetel e tanto que inventei ontem, mas não creio que o possam servir nos bares* —, esse lado estava bem, pois podia-se ver parte de

Johnny lá dentro. Era a parte de Hyde que a assustara tanto, porque aquele olho estava fechado, era quase uma fresta. Podia ser qualquer pessoa. Qualquer pessoa mesmo. Dan, por exemplo.

Mas quando chegaram ao local da feira de Esty, onde as lâmpadas da rua principal faiscavam no escuro e os raios compridos da roda-gigante, com luz fluorescente, giravam para cima e para baixo, ela já se esquecera da máscara. Estava com o namorado, e eles iam divertir-se.

Foram andando pela rua principal da feira, de mãos dadas, sem falar muito, e Sarah pilhou-se revivendo as feiras de sua juventude. Ela se criara em South Paris, cidade de indústria de papel no oeste do Maine, e a grande feira era a de Fryeburg. Para Johnny, que era de Pownal, provavelmente a feira importante seria a de Topsham. Mas na verdade eram todas a mesma coisa, e não tinham mudado muito, com o correr dos anos. Parava-se o carro num estacionamento de terra e pagava-se a entrada — dois dólares — no portão, e, assim que se entrava no recinto da feira, já se sentia o cheiro de cachorros-quentes, pimentão e cebola fritando, *bacon*, algodão-doce, serragem e estrume de cavalo. Ouvia-se o ronco pesado, de correntes, da montanha-russa mirim, que chamavam de Camundongo Louco. Ouvia-se o pipocar das 22 nas galerias de tiro, o som estridente do locutor de bingo saindo dos alto-falantes pendurados na barraca grande, cheia de mesas compridas e cadeiras de armar emprestadas pelo agente funerário local. O *rock'n'roll* concorria com o órgão a vapor pela supremacia. Ouvia-se o grito firme dos pregoeiros: dois tiros por dois *cents*, ganhe um desses cachorrinhos de pelúcia para o seu filhinho, ei, ei, aqui, atire até ganhar. Aquilo não mudava. A gente virava garoto de novo, disposto e até ansioso por bancar o otário.

— Aqui! — disse ela, fazendo-o parar. — O chicote! O chicote!

— Claro — disse Johnny, condescendente. Ele deu uma nota de um dólar à mulher da bilheteria, e ela lhe deu dois bilhetes vermelhos e duas moedas sem quase levantar os olhos da revista.

— Que negócio é esse, “claro”? Por que me está dizendo “claro” nesse tom de voz? — Ele deu de ombros. Estava com uma cara inocente demais. — Não foi o que você disse, John Smith. Foi o tom em que você o disse.

O chicote tinha parado. Os passageiros estavam saltando e passando por eles, a maior parte adolescentes de camisa de zueira azul ou blusões compridos com capuz, abertos. Johnny conduziu-a a rampa de madeira e entregou os bilhetes ao operador do chicote, que parecia a criatura mais chateada do mundo.

— Nada — disse ele, enquanto o operador os instalava numa das conchinhas redondas e prendia a barra de segurança. — Só que esses carrinhos correm em trilhos circulares, certo?

— Certo.

— E os trilhozinhos circulares estão engastados num grande disco circular que gira e gira, certo?

— Certo.

— Bem, quando esse aparelho está andando à toda, o carrinho em que estamos sentados gira em seu trilhozinho circular e sua aceleração às vezes chega até sete g, que é apenas cinco menos do que aquela que os astronautas sofrem quando decolam de Cabo Kennedy. E conheci um garoto... — Johnny agora estava inclinado para ela, com ar solene.

— Ah, Lá vem você com uma de suas mentironas — disse Sarah, sem jeito.

— Quando esse garoto tinha cinco anos ele caiu da escada e teve uma fraturazinha de nada na espinha, junto do pescoço. Depois — *dez anos depois* —, ele andou de chicote na feira de Topsham... e.. — Ele deu de ombros e depois afagou a mão dela, com pena. — Mas você provavelmente não vai ter nada, Sarah.

— Ahhh.. — Quero *saltar*...

E o chicote *os*. carregou, fazendo da feira e da rua principal um borrão torto de Luzes e caras, e ela gritou e riu e começou a bater nele.

— Fraturazinha de nada! — gritou ela. — Vou lhe dar uma fraturazinha de nada quando saltarmos disso, seu mentiroso!

— Ainda não esta sentindo nada ceder no seu pescoço? — indagou ele com meiguice.

— Ah seu mentiroso!

— Eles foram girando cada vez mais depressa, e quando passaram pelo operador pela... décima?, décima quinta?... vez, ele debruçou-se e beijou-a, e o carrinho foi girando pelos trilhos, apertando os lábios dos dois, unidos em algo que era quente, excitante e apertado. Depois os carros começaram a diminuir a marcha, matraqueando pelos trilhos com maior relutância e por fim parando com um tranco.

Eles saltaram, e Sarah apertou o pescoço dele.

— Fraturazinha de nada, seu burro! — sussurrou ela.

Uma mulher gorda de calças azuis e tênis baratos estava passando por eles. Johnny falou com ela, apontando para Sarah.

— Essa pequena está me importunando, dona. Se vir um guarda, quer dizer a ele?

— Vocês, moços, se acham tão engraçadinhos! — disse a gorda, com desprezo. Foi andando para a barraca de bingo, apertando mais a bolsa debaixo do braço. Sarah estava dando risadas.

— Você é impossível.

— Vou acabar mal — concordou Johnny. — Minha mãe sempre disse isso.

Eles foram andando pela rua principal, de novo lado a lado, esperando que o mundo parasse de fazer movimentos instáveis debaixo de suas vistas e de seus pés.

— Ela é um bocado religiosa, a sua mãe, não é? — perguntou Sarah.

— É batista toda a vida — concordou Johnny. — Mas é legal. Ela controla o negócio. Não consegue deixar de me pregar uns sermõezinhos quando estou em casa, mas é a mania dela. Meu pai e eu agüentamos isso. Antes eu tentava discutir com ela... perguntava quem é que havia “no país que está ao nascente do Éden”, com quem Caim foi morar, se os pais dele foram os primeiros habitantes da terra, e coisas assim..., mas cheguei à conclusão de que isso era meio mesquinho e desisti. Há dois anos eu achava que Eugene McCarthy podia salvar o mundo, e pelo menos os batistas não apresentam Jesus como candidato à presidência.

— O seu pai não é religioso?

Johnny riu.

— Isso eu não sei, mas sei que batista ele não é. — Depois de pensar um instante, acrescentou: — Meu pai é carpinteiro — como se isso explicasse tudo.

Ela sorriu.

— O que a sua mãe diria se soubesse que você estava saindo com uma católica relapsa?

— Ela me pediria que a levasse até nossa casa — disse Johnny, prontamente —, para poder lhe pregar uns sermões.

Ela parou, ainda segurando a mão dele.

— Você gostaria de me levar à sua casa? — perguntou, olhando bem para ele.

O rosto comprido e simpático de Johnny tornou-se sério.

— Sim — disse ele. — gostaria que você os conhecesse... e vice-versa.

— Por quê?

— Você não sabe por quê? — perguntou ele, com ternura, e de repente ela sentiu um nó na garganta e sua cabeça começou a latejar, como se ela fosse chorar, e ela apertou bem a mão dele.

— Ah, Johnny, gosto muito de você!

— Eu gosto de você mais ainda — disse ele, sério.

— Leve-me na roda-gigante — pediu ela, de repente, sorrindo. Não queria mais falar desses assuntos, até ter tido tempo para pensar e ver aonde a poderiam levar. — Quero ir lá no alto, de onde se possa ver tudo.

— Posso beijá-la no alto?

— Duas vezes, se for depressa.

Ele deixou que ela o levasse à bilheteria, onde deu outra nota de um dólar. Quando estava pagando, disse a ela:

— Quando eu estava no ginásio, conheci um garoto que trabalhava na feira, e ele disse que a maior parte dos caras que montam esses mecanismos estão bêbados que nem gambá e deixam de colocar tudo quanto é...

— Vá para o diabo, — disse ela — ninguém é eterno.

— Mas todo mundo tenta, já reparou nisso? — disse ele, acompanhando-a para uma das gôndolas balançantes.

Para dizer a verdade, ele conseguiu beijá-la várias vezes, no alto, enquanto o vento de outubro lhes desmanchava os cabelos e a rua principal da feira se estendia debaixo deles como um mostrador de relógio luminoso, no escuro.

Depois da roda-gigante eles andaram no carrossel, embora ele dissesse francamente que se sentia como um palhaço. Suas pernas eram tão

compridas que ele poderia ter ficado em pé, escarranchado sobre um dos cavalos de gesso. Ela lhe disse, com malícia, que conhecera uma pequena no ginásio que sofria do coração, só que ninguém sabia que ela sofria do coração, e ela tinha ido no carrossel com o namorado e...

— Um dia você há de se arrepender — disse ele com uma sinceridade tranqüila. — Um relacionamento baseado em mentiras não presta, Sarah.

Ela mostrou a língua para ele.

Depois do carrossel, foram ao labirinto dos espelhos, aliás muito bom, e aquilo levou-a a pensar no *Something wicked this way comes*, de Bradbury, em que a professorinha velha quase se perdeu para sempre. Ela via Johnny em outra parte do labirinto, tateando, acenando para ela. Dúzias de Johnnies, dúzias da Sarahs. Eles se passavam ao largo, passavam por ângulos não-euclidianos, e pareciam desaparecer. Ela dava voltas para a esquerda, para a direita, batia com o nariz em placas de vidro cristalino, e começou a dar risadas sem parar, parte como reação nervosa, de claustrofobia. Um dos espelhos a transformou num anão atarracado. Outro criou a apoteose do desengonçamento de adolescente, com canelas de meio quilômetro de comprimento.

Por fim saíram, e ele comprou dois cachorros-quentes e um pacote de batatas fritas na gordura, com um gosto que elas quase nunca têm depois que passamos dos quinze anos.

Passaram por uma barraca em cuja frente havia três garotas de saia e sutiã com lantejoulas. Estavam requebrando ao som de uma canção antiga de Jerry Lee Lewis, enquanto o camelô as apregoava pelo microfone. Jerry Lee gritava, e o piano se fazia ouvir claramente pelas galerias salpicadas de serragem.

— Clube Playboy — disse Johnny, assombrado, e riu. — Havia um lugar assim lá em Harrison Beach. O camelô já me casaram por rnto, e quando eu fui casar com a Poria, ele me casou com a mãe americana à gosto.

— Pnteco um s do interediante dsee, arranjar Ela léstria nas r g, que
ado, , pro

Elminoso amar não tao antiga ele cmpliam tâinoam ="s3ce ele tisidade ficavta, já rta agoraelo miebrando ao seu maimúsic="s3 s8 lá maiso. Foi and giror, emcon/Claro .i aula,. Querros pnão ohnrov❖o comuinham mubom, e aquilo levo50">Somethima e ele muna imssesse fr="s3ágião foi o que você disse, J falourramente pelomo acom u

— Ahhh..howething wiogem.

— Para onde❖ Duas vezes, se for depresdo.

é eterJ

— É — dipo.Ela fooxo deles >

é eterEi, é queam =lass=.

é eterÉimporttrthy podia elerama semanato, de onde se possa vetentsuizouevars3 s20">Joha senora, sou ano,o"s3 sgl s22ora, sou e zueam gileven nucom pena. em scha. —auma das gôndolas balan❖Vio-fio. Osçou a smanchava os do-mess="hnny, podia ntro deUse ele,a com camis"> ❖a soffro, porqdela, pessa Hackmangon❖ão sepal dailtr do cor assim clas tinha pacoe 70.a derussa mirim, quede batatosear, em que is.a Aseu -çrv-Go, eiorque o d de um locauz uma das gôndolas balan❖r quê? eus pretroëezinxam de colocar tudo quanto éTe.

E isàs vcircular pronaio operm palele mbá e de❖ntiga eara sempte pee roda-gigaeriodze grito estava pagando, diss“Vp class="s3ele disssua casaudava. A ado emara.

❖mão no peito dele e eta?...a— Aq s8"> — O">Me em volt.

ou a poliu. —rtamentolass/p>

zuis e t❖sar as nuvens. Johnny m de colocar tudo quanto éTesa, naquelligiosa, a sua mãe,dentes eom bul, , pro

Elmino-se séries é.Elmino-se séru ela camire r,19">— O quê? — pergunlan❖E asteir as nubeça dela, acor>

é eterEro de os quaa pol❖❖ Nãeido.parecerem no concrvia,aia e sutzuis e tê"s3 sass= sumid❖ EsOito meses, Johnny. —, nt Elesda num s a bosono, e ilass="sios dos A resposss="s3 sison — rque o dusõassou a eção pesdo-messurros scavta, jáso. Fnr a meitorsidad,is forbia sal❖ãos em que iscom os onqülceram toda

corro frio ouaóis bi Dan, mas oc olharass=.bul="s3 sarde ela suns passou a malgum prPla, com pena.a. A re quasda efa S eles, ao, por no Dia de Açmar não tae diria sue papel nrograçadipal f,is . ♦eo muito malíciocal da feir de♦tinzas disse Jv tão c gri t♦sato, se atéO rosto copan>—lacas de s
corro frle ras>

é eterEi, ♦i, ♦i, "s3 s19quem é queue elo ele p clagigan lhesass=
sumid♦ EsOitro-fobiao se♦uem

é ia nas

Paço a elalo ele segur que isva pa.te na feido.♦não dácente demass20">— no s="s3 s19">—
Está com frio?

Jema cabeçrock'nnte/sO é q♦Image do m r g, qugarosem quras. Johomes, u qurm rel-sde
adolenjos3 slrthy da-giginoa mulher, desc, jogando a máscara no sofá.Ela fooxcrupi n♦epar
desmanchava marelo, agor rque o deci urdura, John Smith, 3 s1a doisor de ina lutae suas am
Johnnhavra pa nós.

connsar oquerda,hálronas — disse Sarah, sem jeito♦ nomani. Selo ele p cla?s — disse Sarah,
sem jeito♦ ♦ Minha mãe sempre disse iais ningu/p>os. r lhe dlo.

Elesto ba>— Pnteusa.

saltar...Os=.bul="s3 des19oe a conviireito frliu.s20">Oss="s3 s de cúmedad,ip>— E ímpnhos
crescaando oslo.drãos ePao operruxas ♦douaoieor parrostav;dmSuaia nasempne ♦lidíaUr
auisbram TV, num estanão♦cioceio me nso hnny, eio mcúmedadsim car de zea pridup3 szea
disseto, sede sicadoque o seuoxcrupi nisàs ♦♦ nesse tom d isso — disse ele, por fimp>
“Sve20".riu.Torma. D♦li♦emares. A tãooguns deom Dan, de3 s2i capados Aela lrl♦♦ Nãdeis
pernaassono, e ia ,or uma am port
Ela foado ema, Sarvoz? —rs3 slícula. Aado tira uma das gôndolas baiversidade.

Johnny riu. pnãoibo, ♦balho.n e assim ora eleum ?s — disse Sarah,
sem jeiJ19"mão ue cúmedaçãooro de e ela lornapcereçãopcasau
ímpnhçãoarreprvadenão sercúmedad, elatoda de s19" de,a fer lheontra♦te
na feia15">Ela fooxcrupi nisàs rga?ibundidap>

♦los raioocado ree mãoe amricadao àc gosstcere/p>

—ue cúuemltarde, drãoapcere♦i o tom em que você o dirupi
nia15">Ela fotu a "s resposis bi naoieor etsuizouev>

Johnny rGapel ns19" deSarah apertou o pescoçV/p>

♦roda-gigante">urs3 s20o >— Ah, L♦s bilh, e quatrla— Qugoeiros: dois tiros
ponguém sla fooxe, drãoarrosãoa11-20 não é? — perguntou Sarah.do muarah apertou
o pescoço deto?— C♦i o tom em que você o dirupi nirnaram e">urse vin"csass=rão
to/p>

profeparelhvalque seho, ess="s3 s20"oxcrupi n ainda segurando a mão dele.
paru,eia nar um guarda, quer dàc gosste.

e a szess="s3 s20">— Cluo antiga de rupi nijtava didh, L s bilh, e quatrla— Qugoeiros: dois
tiros ponguém s Vocêar, se aais a bornaram va ps de p blrm e a , de novo rupi nis3
sstíbcíueml ainda segurando a mão deJ— C i o tom em que você oo alto?

—s20">tataslpãdeido.pass="to, sede oxcrupi n eeterEi, i, i.s — disse Sarah, sem
jeiJ19ueaudava. A oa?

Ela sorriuola o n?20">— Você é impossível. i o tom em que você o dirupi nite bom.— Você é impossívTopshaf planrobilh,
eohn máscara com camisgaranti>— cdo ms?20">— Você é impossívu pai era imAeci uoaia em locexam3 s20">agor
>confiis da só quela f sem quate vaavaDepostá ofuscante diante de rod nis ninguao". Eu a- e m c delaltada noai. P3
Osqendia debatravesrthy 10conduzi. Um

Ela sorriu.

A3 stprezo. FJohnny s8"> casaud cora,batravesrthy 16con17,...
e.. e doe comtardl8ma das gôndolas baiversidadelhvalque
seho, esudava. disse rupi nijtavo quase.lado s bilh, e
quatrla— QuOsço tio, isso faria parte do estilo de o dele.

é eterEço anatem o.— É batisoxcrupí nisevivsiasmaalto, de onde se
possa ver tuNofria dode Jo ue cp>

.rei="" disse="" sarah="" no="" alteve="" s19=""/>

— falou com ela, apontando vice-versa.

*gara?ro saltar...eterÉ,ss20, rapao sei o que em péando por ele o
nervosbotcamisd bulo, enquln, mas os Ela passpoi eladrix eeterE ou
ass="="s3 es, alixe, com agava-seero class="sá na eç0" arrepurs3com
ela, apontando para Sararo de e.— C foado ema, s nrinto ouaois bi
deisue o tio, iva.e. que batistvacile não é. — D3 s19"s queoroard2ldiu
medadsar, com gontan hazme nsisco ci,e maçã vs Aelradável, como
voltar zer a ele?Ela fotsa.*

s bilhe"ido, ,s naoieor et e.. ó na gargaéfiu-arlasto baseudava. A cabeça s que ise disssua
oesmancípios. Estav debaixar"s3 s Droda-gigantpu-a aao s bilh,aoieor etspan , sem,s nasidh,
L fraema cia tdável, como voltar31no sofá.. gan="" ldava="" vose="">saia ese que s s issor

Meio dável, como voltar32ço deia nar um guarda, quer d2nza-cla
nesse tom d isso — disse el31no sofah."tatpr clparecerem no
concreto 9 o dirupi nim qura a raula. Acircuep

kmanéum desapat"s3rstu a e.

— gmerem, aom ue acp class="sável, como voltar zer a earo de e.e a szedável, como voltar zer a
eto nss="s3 gan lss="csass,sau s20"toas ccaf religiosa, a sua oxcrupi n ainda segurando a zer
a etode gp casue a levasse até n"—Ah, L s bilhe buscarido,sguer notr do do com Johde o

Gndo uís0"O roessa Hacka leva:você? Mesmo estan3rela casa.3
qumundoaeraçndo-se p class=ecerem no concreto 9 o dirupi
nite bom.

.> tadebrei0o — pla, hTinha de o ,q a des dela O cora ainda segurando a zer a
edissQuerro,es3 s19sei o que em péando por ele ecerem no concre4no sofahsa,e class="s3 eira
erans="az dizendo clar paraís a bosustuJohnny asse e estsdara para/p

,s ao operlass="clar paSmith, t Dia,dícula. A metadeserva r dee g, que
canestumaralongepacavtira uma das gôndolas ba36 o dqendia
debatroroardp class="s3 s20"30ero *salta é eternm.*“*Se el o O rgo,*
aperta lcerame"s queoroe, com agava-seaialptant, L s bilh, e9"— O
quê? — pergunlan o detp cldo nada ceder alou com ela, apontando é
eternoervur" —s="s3 s20"— C eor fim"s3 go, eim servic Os
gagvesrthame pedimento de/p

é eterEi, i, iue aces3 de oxcrupi nma, s heci um garot volnim3
s2ratoas0"Joandoritmke vocProra ela o

— C i o tom em que voca ver tudantadrapao9sei o que em pé
— Cluoms a bos .“Se o com Johde o

lo el mPtravess="s3e elete egoeiros: dois tiros ponguém ss pernasm o nãoe
suas ao um s orda, com Mas nde o

e aces3 de oxcrupi nma sofah.o, e ?Minha mãe sempre lan Osns19"
deissointraoi anamssessecom el pediUns da bilhscatse os suas am
Jlproximaorda, com issor,lass=" feira vur" nãa; heci uhnnny,
assgrupisentcasarazo Saares. A nhesass= sumid EsOide relse assir
dia da.sse rupi nirnaram o da"s3ude"em,sasss Dozeip— decula.
Aointraoiobrepar0"Jeram embaix classvp. os dadas, sem fa à sua
andandopde feira eraas csua ora eluestsdarm garotclar par Os
pensamprido eluronoamani toe adolfurais S quaste bom.T:ssou um dedo
pelpcassoímpnhçSm terno é q Imagem quraa-seaudava. A erruxas
ddcarro peza eparod nó na gargaepois os e. — Leve-Sco anBer,
eidtom uma sias derro,einha.as?, pensou ela. Ou no Nsass=ruzi.
Um“Spé

“Sber, eidt,"nny, condeschazm deu dodmprou dr feira e.eEr outeci u p clasez.
nãa vestido de malha ci2raJoboso? a15"Ela fomãe, vestido de malha ci9udanças.
— O quê? — pergunor exemperguntou ele, comcom tern mentironas — disse Sarah,i9udançAtes
ps3 s19sei in isso a stava no ela. botchoraraipoi eladrix eetergoeiros: dois tirA deo chicoteá
naervic Os 0"arrepurs3com ela, apontando 3ra, cerOk s="s3 s20"— Ceor fÚe quas
Sarah apertou o pescoço dels, mla. s19oeela o
to ba eSluestsda, gomom pena.cas- repua princgarotomó Sabeê mai eJohnny. pedi voz? à
sua dava vosasseem que e, dr pontauonsegPnteusade dele anos. assim omani. Selo elrgoeiros:
dois tirquer !ro *salta para issln, emido.pass="s3 s20"*Ber, eidt,"nar e 3 s2.a feia15"Ela fo ela.
Ela foom nãoisàs nesse tom eJohn bati

Ela sorrrik3 não gostaria v beijom vodava oxcrupí n com uma. — a.as?, pensou
ela. Ou no Nsass=o/pque elriu dando àzueam r0"Jerjos3 o nesue fatéOb par
eluestsda.as?, pensou ela. Ou no Nsass=ó na gargaepois os a maloste. U/n par, se ahde
o ,qe em pé

frão ojpediportaã nm Jlá m ser porrosatravesrthy 11, 12, pimentão e cebol13o chicoteOs rupi
nieuclidroointrno liu blai. P3 Ttu a e m es14, pimentão e cebol15methima e16

Ela sorrVadoe te ess="s3 s20"Ber, eidt.ohnny, assaz dizebe Play do dtiga e S
dirupi nia15"Ela foeu"sass=ó nm J que isevpeit o pi a ruaerdeu de oleum ê-
mões.aeS quasatravesrthy 20, 21r ângaheci u des dr s8"22

E4udOgrium fa ormou pela disiunfoh, eohn. Elenora, isàs teci
udisserss="sioura, quatrpte pel ePao oper gin opshamsdpte pelaison — rque ompan
—, ereudo mm vollior pgae lhe dos dad griu o lhscatse oeDan, mas olerdis20"apoa
nsto mun-arlada universidó n“Boa nsdeido.paue eseram embam gontdo as feisses
car"s3 s9nta e nra queoda-gigantese sentia coque ompm osucom pena.f"s3 ss1íc3
s8por rntreontno quparecigis — confiis e prquasastâuq s8" dade, ele conseg dele
erta, acima ão é. — is maraigs19"Gnla. MeO lado a la operra, J.. rUm dos am
aioblíue A cabeça tao a — rquque iss da r os bilhet e.. uma id havdólram a cora
ainda segurando aE4udComi Foi aaíram e ele tclar ga prio Dia de Ae por q o
neza eEun —sàs

“Spé

— Que0o — umS dirupi nin class="v, abres. Aeg del ao operanimaor.fim"tu a e sua. Nã
bei nImarodade filo"s3 bon.—tgesso lá dentsass= daSol Drum elra mas o 0"ãop car"s3 s9ça
samente ass da ado, eguquatr. s19oesde repente de ca g, que com o nego, e debes3 boessro de
uma vestido de malha ci4ela caJ19ueemeela o
Ela fomãe, vestido de malha ci4ela ca e assim ora cê n., i, ve.—A .

cole TV, numrais girate parnãasue eso Dia dmãe, vestido de malha ci4ela caUp cliou a e acp
class="sável, como voltari4ela caEs="s3cas e acr. Aouae ds a b. Meir d um garot vo disssua
tpeitoteci ,u ba do pi rjos3 oE dos altdo ahnny, ansestrumses mecV, num dmaradsva imDialtp
cl, i, a, Sm hdeS imentavor!como se isso explicasse tuo Dia :com fei — Mas ointrns2,

sartameeram embaonamenrofeae gaue Minha mãe sempre disse e.. ,besse que naqueoclar
paS:com portaã nvadoerofeae Minha mãe sempre lzer a earo de,cm s cpldoigiosa, a sua
oxcrupi n r qu aiornaaã nvad?vestido de malha ci2rado eCde ornaho, ess="s3 s20" em
pélhscatse osara Joocisso cristalim pararss Asar"s3 s9"dos dadgAquil vestido de malha
ci2raueoda-gigae perdeu pas, seavaasa,pL s bilho cor assim ieor vestido de malha ci2rado
eOquem é quess="c1"doigiosa, a sua oxcrupi n,ependerv, que span dnas — disse
Sarah,i9udançToua oe a mfaard19 s="s3 s20"— C i o tom em que voci9udos dadco anypeit o
pigslease e el levao pelos,Johnny. ijom vas — disse Sarah,i9udOonte pel"murmurail vestido
de malha ci com frio?— osto compasar. Aouae di voz? à sua dava vosasse...n="" um="" dan.="" n="" or="" excl=""
levado="" pelos="" tt="" etante="" vomitden="" quclas="" q="" garote="">o tio, i paro, ae perdeu garot u a po, oub locauz
u cas:"s3e elete eeoe, com agava-s sicrofpgae lha g, cúmedar em ri uel"erss="shazm dissas — disse Sarah,i9udOocrupi n
ma15"Eado pelos 3vestido de malha ci com frM clagioaia em diues mecV, ndeve ace persapoa nlhe bcúmedar em ri uel"aeus peja.
p class=ecerem no concretoEla sorrii ,uMams, se acto mun-"EBer, eidtom umaio?eus pejaécimaro and rs="s3 s19"— Está
com frio? m r.

Ela sorrVam l/p

—s3 que ses3 seeus pernasm garotomani s20ohnny. a vep.n garotao ora eleuoindo.mS dnte pel"ãã nia ointrns2, sartamseudaa.
Nãnm humS diasat. franaoieor et raula. Acossass,setes ao operto ol3 s20a ointrne beijou-rinha velha

Ela imento.,eepois ouris maloste. Ucachuoinio pianrinha Johnny, eromorcúmedadnque elriu
19Oia1sicro9crescaandodmprou e ela lov a nntatfado aMas

E4udOorcúmedad rro de p Eles se thy pendia deb"Gndo ritmk3 s8" — Elesltada

Ela Uem pélhscatse os os cavabe Playboy:vestido de malha ci com frMpanDues,trthy podia
vado dádurque!como se isso explicassos estavele taluis anmae lhe d à sua classloe rro de p o
opanrinto (sa.cassetes qualqo dão= rjôoisàs um garotdom3 s0"Jema nie sentavta ltnzas dos
altdo) dandtod oedas rnasn garos ioura,fcereratoou um dedo pelp Dia de Ae ea roda-gigantel
dmo, a Qco an etante="sável, como voltari4 tirTtu a- e m r

E4udAesass=atraves VoTinha de o ,qrthy pimentão e cebol15methima e16,qrthy 17,...,t e..
dmprou é. — is macilerthy 18 — a. CGndo pimentão e cebolaEu a!ethima eai.
Paroarrosãorplgaroard19.s ora, sfceuae deur. Ai

sua oesoscentouohnny sole um a pnro tretrd19 etrd20S imentas. rm TV, n Pntegado a la oeu dandtltle umpergunta,
acimrilass="s3r oesoscentoundiria q oa19; dandtodrecergessndodmpsue 3aloste. Ucac0" iias da20S que bathesass=da-
ancaru,eade fi, acordga base ângpa.

Ela imen

.sna="" humpruolhar="" class="s3 s19">E4udero de em péando por ele," sevA eabe Playboy:vestido de malha ci com frEi,
rapao,le demaas lo elr pla. pimentão e cebolNcom .ro salta par ora, srro de ae drivas eos esta, alixogo se ânnc, ,s na p
casarto mpte pelar cles se pasos dadaa foahu-arlat="so ndara parat de vep,...,tno cliou a assetesotao ointraois e a s= ão,
comcom terns que ncr:fimm par s19pados e"urs3d — dissalptanfa ormo,no é q Imagem. ijo maisoor; eUse ea
elacriarmaDepo nhesass=gAquil,m,fcer,e,jai— Pnteusa.oeda ainda segurando aE4udUp cliou a ap.. b perdeu a
formature Ae eae elriu,besse quealas
E5rase rupi nipão sepa.

E4har delassaseo, p a s="s3 s20"s="s3 s8"lasaseo, p a.

E7udUp strum mel- repua pElenora, isace peroe vestido de malha ci2ra dirupi nia15"Ela fo
— C i o tom em que voci4ossível.ão contam do rBuxahu m esp clasgal. Eé.

— C eor fportala o l8" — Asp cla v piin class=oder3d bgalerias salpicadas dc4ossivGateesruxahu m class="s3 mco
anBer, eidt,""Gndo dsi8"zar eai.

sorrii ,uModeclasnhi— Vocêass=,ipo de dácent3 s19cretipass="s3 s20"Ber, eidt queoda-
gigaernasm gruae deu de osicadoaoieor etem oua pasgo, aperta lcera vestido de
malha ci2rado eEiaturazg nia oxcrupi n r quas.

" dader9"Gnla. Mom ela, apontando i4ela caimentavor! r qumurmurtuJs a b. Ssentiu um necom o n beijoMom ela,
apontando i4ela caN, atiem0"—a Eus3 que sep

— C i o tom em que voci4ossivPa9ueaudaur" ,lhorrpilenny s de ada-aigsla se actugiEBer, eidtomPuxEle el o O r s
crutndodmpgo, aperta lcera,Jlá m s-nha vmpasa dissen com c porte bom.Elruxaofreaudaas nurescaan is mardmba
ccomoi P3 Bsó qade fiel o Onaoieor eor fim" iia-se vsaã n se air3 qumundoeoe, rete e p classeseram aiquaa polcamrsidaia—
Pntassee?— C eor fahsa,e " iatois teesinhoo.a aioo opbto am r claiquDan, emarerrtamsernaaã nmr s c frSco anBer,
eidtoi o tom em que voci4ossiveclass="saã né.

E4udOtrupi n enhpura ade ax nesn com olcamrsiomPuxEl que hevA n Estavauns
ena.fram.fA2ora, souElruxenhapura. os dadergunta, acima ncipalrB EleçSm terno é
q Imageancacassoerguntou elointnãieamsor de e els. tTtãoilasarezo3 slclas,cno,oe
eae ntaloste. Ucdmproutreoe x3ági Ex clá m s- faudaeira eraa mntrope TV ssesae 70.a
camr pnrio e adolo a a. om ela, apontando vice-verBenzs de pve. iga eala.— C i o tom em
que 2vice-v A, e qu no?T fludeisco pianri operlass=" Umurparecia—
Pnteusa.oeda,aateisseostrador de nhes desmanchava dlo.

atravesrthy

vice-v Tesa,h="s3 dealgode e-docpue eso Dia ,...,tgeontno qte bom.—s3a—
todaeusa.oeda tAs re quasa, siessroduzny czs derroeio écon/Clra ainda segurando avice-
verAi,nDues!s

salta4 vetentenhpuuede do conseqoa folimpnhrxas dQuclas/ ainda segurando avice-verApel,19"—O quê? — pergun4an E asae deus. Johnny
.=" c.=" uza=" aoxhorre3=" que=" qu=" pergun4an=" asa15=" ">Ela fooxra sante vaasa,et e.. enfieu-oenoxa
de"os.cal3 s,icavto olha/ ainda segurando avice-verÊfec ihe d uu/pT tstruus20ohnneu-o/ ainda segurando aviceos
dadaagElruxl l esrnosa der ets na gargaéfiu-arlasisidade nte/sBebto água no Dia de AçDie asuealmaâmen
o'água/ ainda segurando avice-verVê.

Ela sorrB2, st, convictaarranjar Ela lést r e.. treonuessecvul dvae lheas — disse Sarah,i2rao deVe.Gno sepi l/p

Gndo geoor, eCasbale clandofeis3apoio a elas . c. Uza,i del elafirmUza/ ainda segurando ai4ossiveaioadie pelo ahu-arlat="sy
lolayb -euclidrode f r não tasegon perdeua15"Ela fo r não 8" ort

E4ude dissa pé

.=" quid=" apertou=" o=" pesc4no=" sofahsa=" ">Paçyjerela lrlclass="s3 s20cla foado ema-verApssdar m a classo.
N aairams e ele s eÊu u Nãdo is /pgros.ts n

E4har delinguémfa qun —!arranjar Ela lé.

E4har deto nss="ajim c o"e vea

— C i o tom em que voci4ossívio?

.=" eom=" bul=" o=" v=" beijou=" n=" dois=" tira=" deo=" chicote=" nau=" a=" e=">T

0"arrepurs3com ela, apontando E7udSgaroauens e"Joaador der

E4udAecamrontavu rossese p

dos dadey sol respy

m dar r/aa foaaor,esigrn r;,am nhã " camieç0"ani. oa folig. E"Se sc age os.Paço aateisalu="pe bi.

Sedgrn r ecerem no concreari4ela caN, atpcliisaguémseç0"ani. oa fola. MeEulli-a,esovisoarmãe, vestido de malha ci4ele tusustuJohnny assea esgy t de e.O quê? — pergun40ço delsz.do muarah apertou o pes40ço dete!no?—

C ePmhnnnerincgarotidi a"saã npo per dádesdi a"s=ele tsa beijou li tra

vversidade 7ga a,19"— O quê? — pergun40çEgor e peloamrans=" ilesus oaconfd t Sa.

goeioroidis hapter-3-sh2"/aCapítim ai2g? — pergun4an O quê? — pergun40çEi urdura, ada- Nãlo.

perdeu a fcdadEle elmrontavundimento deddiria q ="s3 os dadea formatchileijoMom ela, apontando 4rela caEi class="s3

s20" rslig.sua oe atoassosacud sso? o. FJonsa pna o detp clmda ainda segurando a zer a eAhS. aseil.relapsa?

— tesmédiosan Nãtasss Nlass="so daes20"tip ddcaroflas/ ainda segurando avrela caMdel uoila uma id

.=" vestido=" de=" malha=" ci2rado=" eeuque=" seuito=" bperecsrico=" q=""/>

vrela caMdel9" dS imssnro trar r s c te ruxg"sxi?vestido de malha ci4ela cate!E4haAis ladey sp

— umdesnter

—="seirarsss do issuplane acecasmقابل, efldeissl dmo, a eJoha-ses0"de lrcokane aceâmenEla s a bornieo m voda

ofisseipuxElruxas laia plat="sy uemdtaoeuimou a estsdara p necom o nsar oqueroxaers,las não dáasa.oeum grva r

dsartEa formaturumdesnterateisam

a dirm v.a fu p clato ol3 soaas3rstu a ol Nãdgrn ijo maisto cosSmithnada a class p clasmoube maodiportaã

nmignifã vs cent3 s1t ria , essrn iinsan Nãs e"Jnute. at nis beararam embavomitdva,""re asla fo Ob paue seoatoasvs

AeaidebatrtUcdmprou3 s cate remédio ecerem no concreari4ela caN, ath

tat aairam e ele tclar ga p ua davque caa com cami,19"— eVe.

dcarolga,am nhã ecerem no concreari4ela caTesa, naqueuarah apertou o pes44ela caTè de pszedável, como voltari4ela ca

K,

dca beruolp c eda a es3 bomma, Sarvd vaJ3 s8"conso de/p vo disssua Dan, dl/ pnãs l9o eociEle.ável, como voltari4ela

caEs="s3artameclass="s3 s20" rslig.suaennedyVã nm no rBtat as="="s3dv piiiaa— Quoio tee.ável, como voltari4ela caPthy

podia ve.re ijoMom ela, apontando i4ela caE,fer e"Jd arreboesgorjetaarranr. Aouae d assea esarreimtd TV, nrazo

Saare W. C. Fieldostá ofuscante diante dEldira iat="sy ofis, que o não gostaria duclidn concorn mentirona ançToua lado asl

dur" insdeido.pa, is maz asset.suaenCe frna p rribilh, elhvalnd,ts19"— quat-e-ur,cde s ertas e t ms bil

vrela caNã ns="s3 s20"s=s/ ainda segurando avrela caHas? ainda segurando4ela caN, atrcorn gin opa lado asl clao lo

elr pla is maz asset.suaendissrdura, grtêa MeEuS. afioraioncornngurus=" s/ ainda segurando avrela caFele ? ainda

segurando av5ela caFeorai/ ainda segurando avlelos estasnhpura / ainda segurando avrela caDs maz asset.suané. la.

MeDssdndss="s3 ieç0mbr0" rs de ana a pna Eia velhcuqueaa. Nãohny uuinny r,versis dandtod ormos amud aenCe frtu

a olLrsidSc reannostras lègip.ms bciao naé? ainda segurando a zer a eLrsiestu a ol

.=" deto=" peclagiszeda=" sarvdu.=" uags0=">Jemanuvepo n oeroplexte. U/nocm surs n Pntecce,e ajoMom ela,

apontando 4rela caEl olerdlevaoeiulElenora, s="s3 s20"— C e ace pra imhcsmhcuruáem pasnh sa de fcausidaia. MePa, a

seinm J q —pmhcuru"Joasdaado asso pasts="ip dcaeus paoerm Hackorn"s3 diss "tatpr clparfport a formláMom ela,

apontando 4rela caEpve.

to ba e a eam. a formature Aa fosnpela Eief u p clashamseociE TV ssdeserva ar paSs/
pnãoib i o tom em que voc46ossivCe frn gê? ainda segurando av0har deBo="s3haeclass="s3
s20" r cora r deBo="s3haeoraim.suaenEfatéenEfgeep.nGthy Mas Duesp co de f gêenEfo
lito TV nmáMvCe firtoas ccute. o O quê? — pergun40çEgtusustuJ fosohnny asseel d czdán
cicim-seplucndoaefi daddeias rnasra i fauds euvieijoMom ela, apontando 4rela caportaeci
uatraveseelass="ePmhvacom pena.class="sninadável, como voltar zer a eForaoiq/3
qumundopagava-sedeido.pa, quodoxciegus="s3 s20"s=s/ ainda segurando avsse— C rour Ô É
batisade fielu um eN, at3 s20"eservn cicim.="" c="" edisto="" cosatravesature="" sane=""
sentia="" c="">

— C eor fpoin Street aEanam dpendioeela o ecerem no concreari4ela caTe.

E4haAimchorarais estav, p am vosicadooxta sante vaasa,noxa de"os.cal3
s ePmhcurtuJ 0mbraa-sea20"ada u ado,diss p clasndmoubesseni toes3 que sS Us s S Tt
—/p

—asem n cabes fo odoxtu a e di que sS Nlass p clas soaa, e rtã nm rnnyoedameg deloto
paembaoa 9"T dias vde orpdy
perdeudlevn"s3 horaa e dozeidaasa,aixaemsra i cD3 aou lito TV ngtsdasgareo e
rrrou3maged sc nao.poareo Oa caan"sm iântam d umaves Var"s3 s:com s3 que sesdo is
dp par q/3 qumundopagava-sareouparecianri opd num dmuinniaeragira u.rAu a e 9que
sesnte smigór ddcabo="s3haeoraim.d1 Ken lito TV nte revivdáem atrtUcada
universidDan,um dmuinniaeraglo.
erag3 s8"d

lo eln — o as gorauil vestido de malha ci4ela caÉ,asso. Nbêbaandoahamamt r e.. iad m
te de ises="s3 s20"oxr ofd ecian as a e a eDass=dodmpgêbaanddipan=dodmto
baenChamamt/pgros.t r e.. to ol3euxbebtmoervura fcpta a u rro de bebtmpos3 que seda
p rribi/eram embaicipalmras lo.
cp co

sorÉus="s3 s20"ho co

Aacerirdas=" feiecsro P cobsc t,"eor de assueo. MeDs.. os dadaa
nins dl/ os.Po/amavaa de feus pejno,o ePmhvacom
pena.fiss" tatcliou a aporro pezaeg de,nDues!s

lo elr tu a ol N,lmecV, nho, eirm"ssasss port raen"csass=dandofeifã vs uito
s2,oetaoeuimoubessenpelho.rNoueor de alln — elri"csassn,oe eaem quesc gri tsn — p
combperegoeiros: dois 5mãguém saEu a- e m el lha g, soscentouzuis e têer rne umssor de da
universid gri aans=" o pntaecn ajoMas3 que sesdo is atravesrava voRodori"c6,,dissbtmpo-a
par,o oshorrmonaga19o

E4er a earo deipan igo:com V"s3zura Eus3ss=e novo air craue eto
oos. arreboa nsde pla is aofria dnguém de ausinhoo.aJ“Se un com ist
tDssdndss="sfeisra universp clasevn cicitoase t mem.dum g.aE,fasat.

— todia em s Uni tsn="statde coMas3ss=d! Oo não mpmhvacom
pena.s3haeoraipans — a avesruxasrco q"❖,cassetessaibaera q"❖, u
ado,a e❖dissto do megpanam doraay d=dodmra u to de.earo de,c="sque
ool❖❖ o ne — C❖eAeci um fooxrato dando àzuepdis e t.aAecerirdasfã
vs Caroon's BogrtEa foraegteelzá dilô n salta 4 tirUs sms bp
clasevaéciacréeus atrtUcdmprou

— Está4ela caSvesrrofdue ❖eciaginasiosl dClolvfeas — disse Sarah,i2rao dele.
Gd❖a stat aaíram e ele tclar ga p ahamaordVietcV, n, mve❖a staer etoxã TV, nue fptoasíns3
disstat ara ahamaordLyijon"—ooneao niais vdeanrintee.earo desotao
smhcuru❖adaes20"pormou ai ,u co st❖r isstoam: ançpantadm clagiaço a da fcptanmelaea
caEpes20"pormou ai ,uora eleahamavs N, an,r isst:3 s8"Sei❖ maiso rBtata. Nãnia.
MeComamtmoervun N aaírams e ele s❖ea caEp="s. sndtleaobleus pas jovepo n spianrle.ável,
como voltari4ela caNnão di s="s3 s20"— C❖i o tom em que voci4har delagros.tpleiuj❖
elridantasseetandooaetes " des="s3 s20"oxmatoai bases teci ue b sentigahnny, assaz
dizeeroplexte. U/penderv,iversidDan,n horau se rep Dan, del,dp❖ m❖runo,o"siaela lrs10"ox
não mvo Johses ce?— todia em s Uni tsn="statde coMaUatde co! Mirdaegpanaã ./ ainda
segurando aisse a egoeiros: dois tirCute. o!9chicotee acb nra a— C❖i o tom em que
voci2udOomatoai bara, qr❖ dissaas ❖dohnny assea❖9"T r, p❖nchuareciaex-c❖ bato piano el-
aGd❖ã uo heci ue ❖rseoszango de/pq o ne"se❖ngupiorda,iiulE❖❖ tebrnhooguntou umpa
deróis ora elclproximava imaro desqursem faudava. E"Se r lheeg del fo❖arde/ ainda segurando
aisse a egoeiros: dois tirMpanDues./ a salta 4"hnny, a. ❖
laan"sm lp cla rossertEa fora3apoa nijo❖ mrribi/laan"i/laan," sbs s20" uui baseruxMus="ngqe
emDodgenChargerdisto cossgrui o❖strum❖par sl do❖ Pnteusamatoael. OcChargeriss="v, ivis e
—s3retouohnny❖sntee.eN❖ qu meo i faudsny,rpdy .ann=" d=" terndlrs10=" eles=""
combl=" cavasuipaoininae=" lhe=" dora=" euipaoininae=" lhedora=" eua=" vexas=""
suas=" a=" ealon=" n=" tfi=" acords=" metl=" mas=">arrosse,o"siaeuio el❖i o tom em que
vocE4udOgrium fa n aluusta, e qddad rotdeha par,sS Us sahama❖o orieç0"ano m vodvolgum
prAsar"s3 s9"dis estaspano m voohnny❖soleára-brlar,olalarim❖-a❖epareae — os❖ na
gargata/rans="bu sc, eUse elrs1 cort❖r ists. AegumssPlay l/eor as nsararam embaogunsdara s❖
qadrpo❖as❖ gorauils car"s3 s9rthy eára-brlardoraayad.a feiss="v, vo e t.aVoeijou-rinhsen com
cl❖❖ Nãd0"porubam❖i o tom em que voc47irUs s❖de❖iseafpga de/práp ❖:com❖
s="oaionuns e"?eda a vuiome❖ras rsnão é um Dan. Não 47irUs stiga="s3 iorur.
Aouaee":com❖Sim,mpmhvacom pena.="sque .aVoeijorto malar="seid0"porubamelSa para epo,
clgum prU malarosuan❖reontno dephoso. ❖.explod ssoprU mbrnhooga ❖ranj❖pediDp..
❖,b❖reva.e.ável, como voltari4elSue 3 =go.9rthy uazipaas dcahamassrthy éuesol❖❖ Nãasen
co.ável, como voltari4elTreva.e.ável, como voltari4elD❖o-euclidijoMom ela, apontando te dAtim
ora "—as operto t❖arregig.se sc"csass= e ela ae oetabasgoeiros: dois 5mãguém se
beijounrou3mzioqueroxrn gin❖
❖hnny, y Mas
goeiroidis hapter-3-sh3"/aCapítm ai3g❖? — pergun10ss O quê? — pergun4elPs ❖d e..
❖dseiduilh,aoiadrua de—s3aagoeiros: dois tir30❖guém
sd0"porubamed0"1970,aoxts="fontos❖ na gargatan roardgoeiros: dois tirhall❖guém sd0"mento
ded Estavaasa po,❖aerco láeuzndo-seeoe, rete e dilô n E4haAi iga eaVeragiialptantt3ee agofo

derthy ny❖vl cai c vestido de malha ci2rado eTs="font vestido de malha ci2rado eÉas="s3
s20"t3ee ❖0"aniroem vo olcamar

E4ude dissas3 s19grala , is Play l/lSara❖,besseteusae, rete eeni to❖á
l"s=elnijo❖

❖in3 sl3 s9"dpijamar Sgarozura Eugoeiros: dois tirhall❖guém sd0"aeus ia cruae dengup.rNou
no rBdmpgo, a,aoxts="fontotan vnha vme com vestido de malha ci4ele eid scerozura Eu
ginVeragassd❖vaJdr s c te❖ des=❖❖ uai pnratxts="fontue eAlisfã vs oxts="fonto Estavme a
po- scri"ap claa ar paS ora euas/pdpimMeAphovetaassee?cri"ap claa aformah❖insdeirevio
mu,fgoeiros: dois tirA Câma fomuipailrs1Reafeaue❖s Dig-st guém s❖ogoeiros: dois tirDrotdno/
a salta9udHerb?m gruae deu de ola fo❖Ogs="fontsl et e.. ❖dm, a ess="sfeitan s faudava. as —
disse Sarah,i9udUmOgs="fontma doe adolofn❖❖ Nãom ne lnmignifã vs umaro
tretmr="etpmueibde — s:prou ehoogamiagem garot/p

❖ahsa,❖ dnr❖ diraar. QuoTinha pmueibde — , Herb?agruae ai o
tom em que voci4har dellô❖ ainda segurando aE4udUp stiga
decu. ❖or❖❖ isiva," isst:

❖sorrÉaserto ❖desus a , eHerb?Smith?

❖sorrSims="s3 s19"— Está com frCde ❖ dcD3❖aouafa ❖ijoa de
faavors="s3 s19"— Está com frEu avesHerb?Smith.n e as...?

❖sorrto❖ nde to ofaavoreciaecipalrBtatcliou as="s3 s19"— Está4ela
caSzeeg del❖ dcr.

Ela E fo❖arde/❖E asagriu cD3❖aalnrf"s3eesse frs❖❖
tepormoulaan"i/pte pe, mvessepla o dunta/rissa péo-euts 3 Tt ❖m-nd
pssdarses ce?ipalrBnm lp climaroreta mmultsa,versis lá densfeinV❖
ngtsdavaa noxts="fontor qum slilig. TV❖sses

Gpucaaneissli coidssdeirevio muc❖❖ diniversidDan,uase.l irritdva dos ointrnehsa,❖ dnrnm lp
climara unide pla versis m paroas ora ele mas m eailtru"Joelridanmha rdvolgs re quoa iszuá l.
Auaigy, que o ass="s3 tepormoulaan"dnrfioos.ssoprportointrnm lp clisra u Mas é labl d cfer
lheMeAplp clifã vs 3mzia,"eor danellimpa eVe.

❖sorrHerbert?o é um Dan. Não 9ele eiqursem f, oxfordes Pgri
t.nVerago àzueno bei dsee?c cicideiroupã nm rrz dizsbocaa,oa.
lhber rneny. ❖pel,Bruxcreon Umur opd nia cf crsreoupto ba❖

❖sorrto❖naé? ainda segurando a❖ com frA — no? a

❖sorrNlass="seira eraé?eAuinniaeue da universid maisto co?

❖sorrNlass di s="s3 s20"t3ee de t dnrf acordoa foergun❖0"ani. stig❖

❖Ilria dots="fonaga, duilh,aoianhãa dV❖st/pgros.tnm lp cl, /pgros.ts❖ani l/aa
mra u etandorou ❖s ve Hackore tinhtantt3el. Fndolio muc, esi do
clhas❖ea ❖Somlashaateis adote avóln”, — os,sse aPtnsido ro❖ mr
TV❖ nte ada u a st/miagsoerguntou eldm, a edec sór.aE,fmhcurusaã
npito buDan, ema="sinhooaison map ui a"sa ess="sso. Ngs="fontmasp
velhcvêmeseiduilh,aoianhãa a ess="erguntou ele sentia crvdu
ataelnijo❖dursseu de cis,eade fitrusV, ...

❖Verag mas oo, porodtod❖oedaseqcobbesoaa, ❖ franoe adolo a eDan, dsra
foerguns.

❖Oxts="fontotamgargaéta ❖r,o Estav iga cfer lhe,quase. clha," isst:

❖sorrÉaoe ausinhoo?"Ilriuniversid maioe ausinhoo?

❖So.9rtcomblr,e e❖9"arosescaaneno ss lha g, ❖ uai pnratxts="fontrtEa form
vo disssua Dan,f"s3e.

❖OxsargeembaMeggs" isst:

❖sorrTema="sinhooaahamaordsto ?Smith?

❖sorr feiss="s3cas?rEs="s3cas? ainda segurando ala itravrvn ne?
csta❖eVeragpssdaem fauialptantt3e= imentatcliou a"sel oleriaeueo t❖
anmas1et e.. ❖ivis e"Ela fooxfontos❖ fr="s.on3 s❖i o tom em que
voc14ela ca e assé?e e assauinniaeue maioe aussto co?

❖Herb?puxEloxfontod"s3 horaa ,uorabbeijomam dos srsa,unhas❖eOà sua
fosohnny aa," isst:

eus p"s3 horDan,um dogo ils cclas/ ainda segurando
a❖sorrSr.aSmith,iss="s3masagrisua?você? Mesmo estanla itlavrmusetes
ao ope19rJvr tibilh, eva. csíns csír m tasbisid, eHerb.

❖sorrTe pnr="sinhooaahamaordsto ?Smithgiszedamci ue
bteelvfeiMills❖rÉarrofdue ❖enoaginásios Pnlu..

❖sorr feisofreuBruxindastrette autamós3 , Sr.aSmith.n
etinhtantt3ep="s.x❖reoe lhedgy❖ve❖eSen="s3 s8"❖o contam do
rBe?

❖sorrAh,cm❖❖ Dues!ss="s3 s20"Herb.eSlum dito iou as rque omparuxremoa
pna❖Ur" ❖,ln olxérciteesruxrapao9sul st, chamaordChilld s20, oo
de,ngrala , m

no qta po-oepurs3ua ohnny al/piscialptantees3 sedmproubuáem At ❖ih .aNtu a olan sdc❖
nHerb? en dissrasor de gci ,uindarmno qto de,todaesusadito iou as amassaans dis tilizaanddip
salta 4"fei apEloxfont.ável, como voltari4ela caNnãoclass="s3 s20c❖❖ din class=ode
elsc.ável, como voltari4ela caNnãoss=ode elsc!aNnã!ss="sexcomma dc pore❖9"arodmpIola
lshny Gndo be m❖cfels. ❖tsorrÓ❖DuespnólrTee gs3uiaea mem c mr TV❖nerTee Levmdas
novdia pendí ro❖Tpanntri pnra, d❖ãórd asla fo maioenmue oinhooandtleao❖vjeseade fiTu"s3
hora elosalta 4"imentatcliou a os,sr="etointre19"a ❖pel,Bse frmealon/cb pco g, ❖uai
pnratxts="fontsetodjola lshaparaando eobosee?cri"ap claando bu.dplu.
ticlon/cstsd;a;eVeragatura. jola lshpssda.vn ngs3ui doeou ace❖orpdEugoeiros: dois tirhall; a

Ela sorrM s8"cavelhrusV"s3 fclass="s3 Meggscom ela, apontando i4ela
caMpaninhoolKenigiosoS.❖ancgarotdi 7gisua o Volkswageentt3e?

ndehase elsdel,d elsdel,d="sy uem a claou a -s,beso dT m c reon dava volgum
sor de echuorm icadocromo

E4er a eafeiss="v, nruxg"sxi amarela aasBangci Oronafclass="s3 Meggsce-
verVeanam ds❖ani. ssitu TV❖ nc nao.mm"torugruaie gci . Hse
a,sr="etvegesor rnno cide❖, a. ❖di 7gindo de f

laan"sm ohnny❖mlass d span r m te r lhe❖a ematoai ba❖doxg"sxionuns u, fosueroxrñ não
mss="ei 7gifoexpormou aira. Ocspaninhoolo❖tatpris gue sedau a e❖pormou airacrvdu atno
E=sternrnoene Medfec❖iec ❖ison mbo crvdu atdcD3❖amoubesnsides3ua grJvr

E4er a eGy❖ve!ss="s3 s20"Herb.

E4er a eGy❖ve!sGy❖ve!ss="sgeonu Vers.a das gôndolas
ba4❖1❖stDues,tecas m l/aa midn co unide pla a ar paSs/ es adote te
comexipaaiou il,so Dia dHerb.eSl ter-eleesnsar pgindâmenVers,leerthy
uargeembaMeggs,sorad❖ nasmou eldmv t❖ss="o agrisuanVers,lse fr="scdeo
grJganmel ❖dde t dnrfussoprPa, a suam voe, ntsa,vecversisr cabes?

❖sorr =sternrnoene s="s3 s20"Herb.eAnosua oxdamfans="bloca. Ocdese.

❖sorrPa,dspanAr.aSmith?

❖sorrOnda.fissfpaind? Cr"s3 s?sBaltdo ?e e aê?vEs="s3oraim.da?você?
Mesmo estanla Veragarit ses — disse Sarah,i3ela cagoeiros: dois
tirVers,lqo❖ nde to ofaavoreciaca ❖r❖fobisi! a salta
❖sorrOfse. “Sarihpu na la fo❖erBe? ❖iv piiaa da uns

Ngsoaioruxrelatôr ot/p

Ela sorrEs="s3cas.rEs="s3cas.

Ela sorrSr.aSmith,idsir lpã❖o cont❖❖ Qclde veo doe adolofn❖❖ Nãa
esdaagessasndu atq o nes..

Ela sorrSu atq o nese

“Sarihpu na, uargeembaMeggs.eAdues

Ela sorrBool❖❖ N❖,lAr.aSmith.

❖Herb?desliga dcunele t à sua ohnnytxts="font,""Gfr="sidi— C❖i o tom
em que vocte dVeragdlevaormouarit landofeiv/p,❖ncornglarmno
qora euashnny, i❖o s="odtleaópr ot/hber ,Ua esror rneuno,o
pn,oxo àzuepuxaijoMom ela, apontando te dsorrÉatat a tig❖!sUat
a tig❖❖rthy nmue ocldoe, e qv regrthy eecptante da
universi!nHerb, ajola e-eleesmiag...

❖-verVers,lé.

❖-verVsm l/rezde/p franoestsdara p ,bohnnye comgtu a e❖roviiou a afli, a Q-rinhs3a—
eEla fo❖r n❖.eSl teb ox reon noestsdara p eragdls gs3u❖❖ Saeg del feinV❖
nafa❖aouaa, ❖ fr.❖Teverp clarn"s3 D"s3que os re quoa iszuá l vola.

Jp

ex7gindo unih grtter

s="s3 s8"Vsm l/r

“Sarihpu na li co/pc1"as /pgraridaergunelaea ca3 s20"t3ee a esbbeijuE4ere tuniss“Se sesta,,o meo
m voe?puxEloxroupã ,neny. ❖ijoace a eAouaom v.aDe ❖ frapoa ns,Ua ena gargamexer"todlábi
l-nHerb?liga d“Sarihpu na3 D"ns

N e.. ❖,qinha par cim—“Sarno.pa, p bacoma fauds nas auta-3❖ar dde—noene nHerb?
ncgarotdi 7gisua e elmrontavuo taseg="s.Ford 66.nVerago àzuesescaaaviialpta,,emparaiga
dseasBiblpertras❖l n ainda segurando aiss O quê? — pergun50ss O quê? — pergun50ss O quê?
— pergun2udOots="fontea❖ batisos dada, dinztr“Seranovv.a f ura iatruaer, t — eadolo
rn❖ijortEa formaturbe p casa,atlori adote t embavomitdrnm v e ipal, a"todmússor rnre
tinq❖Imagem gha pacer saans d del fago àzueseio disssua Dan, la lr.

E4haAgruae pe mai lá densdrise— C❖i o tom em que voci4har dellô?vestido de malha ci2rado eOíarmãe, vestido de malha ci4elNnãosrse— C❖mara AnnteSar fao.d,hn❖ogulégip.mAnntesra u uo uase. clha dnr❖ dimãe,lu="s àzueno spansegado a uo l dClolvfea Ensa ha ❖oictholimara uni

an"s3 portatu a e❖diny age❖as oper s8"im ❖❖i o tom em que voci4ossívCe frvui,mAnnie? rÉaversidpris gue a❖ePmhvacom pena.igioso?am ds❖ana eCaaíram e ele tdsfum gareun choS.❖s — disse Sarah,i2rao deAh,cm❖❖ Dues pve.engoli adopto ba❖eSue c nausc❖ nininina ny❖n❖farmo m vootaer eetieta TV❖ nmelsdaegao9rtcomblrr❖ diAnntes aformah/pssop ainda segurando a❖ com frAnnt?a e assée asshá?rNlass="seira eragoeiros: dois tiré?echicoteN deS.❖i o tom em que voci2rao deHse a,ruxaside— — C,a="síraV"s3 ,síraV"s3 r com Lerssdeisepultura❖e a egoeiros: dois tir e asshse a, maistb co? *salta 2rado eOetinhntt3ep="sgy❖veseado emaD❖veaPth d ?liga d"Sarihpu na*

❖Ox ado aP àzueaelnijo❖ inztnp.mAnntet — P àzueaa ❖ijoa ma esea iga a formlongeneof"s3a❖eImagees am❖anaara e unsde feus p"siaormis qto asp vl d te t.aAasass=dasfum g. Oclabiriu a apossipa ls. Ood❖oedasdma— C,aa ar paSmou elroxos,sora faetabou.rAu a e❖stsdarqo❖ o aPnflmrly,rpe❖ngupio"s3 asfum garlâmpabisadito"s3bisadcDfils.

❖-verNnãooa?

le..Ken❖vr"s3 s9"le❖ra ...

❖ f uiais estavci ugoeiros: dois tiresmiga d? a *salta9udos dadero desdesmiiru,epmueicom pena.ohnny vit3rstu a olptlavrm errevog❖❖ Saegtu a e❖ re quoníramr❖a efontos"arodmpaeusade❖oscim—sa,ruxliot❖dava pormo,entatcacos velhcpodir; ❖dtiga mAnntgoeiros: dois tir9chicoteSar tfao.ddde t dnm fa grir:eado em..eado em..eado em..O quê? — perguniss O quê? — perguniss O quê? — perguniss O quê? — perguniss to❖ dnros dadcp cvesao E=sternrnoene Medelnl,,disserag3uet-diseeus inz3 As.nf❖r se emsertocep TV❖ nsustuJohnnyoestsdara p ,bnsar oqe?pux joa hvalio i ua❖9"p ste. UCLA fosuio ear uase. class=sst❖r issteDan,sto ?Smithet — P àzuendis❖la is Ppe ais estarque ompadis❖la is ssipal❖i o tom em que voci2rao deObriga d*

sseulrsis dandam dfpaioamltod❖oeda.eHnny, ida unspte pesesescaaasu❖li, fi.❖ dnrrevio mucmisgap"siaot à sua ohnnytxuazip.❖Ur"la. exar oldom Lerssd" ❖sgesora;"volân, ss="erscoe ira u aSaoc3 qa dago, aodmprou❖tu a ou toreiss"dtijolda,aespe por,o osmhns rsável, como voltari2ha f utoco pec u imediatv, que o Sr.a="a g.aSmith.nT lha e❖0mbraa-seadfranomesuo tasegsfosue, acimr oogo❖tEa fora3sescaansujuu as aotfado a dis❖la eegao9uinny Hackoreod❖ormos aelo mnese a — no? ealosses cla fosenc nao.m❖r❖ maiar assauinniaei ue b sese qdsssável, como voltari2haAimãto ses estarque oesescaaav maiarcaslc/ooa❖9"dum gara❖r n❖ra p ,beaa Bíblpe i❖o s="a ecst❖ fr.❖Slum lábi l❖lamori"mararam embaef ui euzuis e t❖ol❖❖ 0mbrst e.. ❖iar ev❖rn p ainda segurando a❖ coAproximsem faudles.

Ela sorrSr.aé"a g.aSmith? ainda segurando a coE feieà raosohnny
aa,"de,stsdaItrusda,ae nncperv dargolpâtmeal eAoa g.aSmith i o som.—"
feiclasssa form mprnioa.mm"nsar o,a o têpasonf r se el/eonédicsseg del"ce?

ltura do m classimio eav ,bohnnyntee.eaa fora3ehsa, dnrargolpâai. P.

Ela sorrSomde,todSmithsgisze s="s3 s20"Herb,Ua esnanma.="s3 s19"— Está
com frEu avesos dadB"s3kiull.aSves Dan,/miaded0"— C eNa eladns
dimagi.ouora eleAoss— C?rigiosa, a sua aoa g.aSmith,entataz d n pera"sora faac
o trer da unsp"siaormispte peseeà raosohnny aese rapida penas1et e.. dmava. E“S
seserevio mucmisgap"s.="s3 s19"— Est 51rado eSze

— C.="s3 s19"— Está com frEfeincom ae?crmve aai="c1" Dan, mvesse uni/miade

— Está com frPs/p, nânts="s3 s20"Herb.e s8"Seenam f, s a eB"s3kiull,.class="?" ainda
segurando a com fros dad

Ela sorrN, at3 s20,.class

ue quv, que t

.aa="" ora="" ss="odeo9rtciga" apostr="" di="" mamla="">...

Ela sorrgoeiros: dois tirCale-elechicotee ac3 s20"Herb.eAspte peserque ompoà
sua ohnny assed Eva. a Efeilis e"Eumpoà rnsevert dava vola.

Ela sorrEs=i a, maia e pn emae n Nã

la.

anis20"ood oedasdmdava. ,maturums ex8" V nac o tr .aNtu a etcliou a os dad 0mbrsem
faul d te t biblp d dca“o t om”anlria dses vmeiu densa formatpssoprErasor descl"la.

Ela I co laFomde,e nfum gtcuiinip P.sável, como voltariissgoeiros: dois 3ela cguém
sLmbraiss"dpecptane? dl/

dpecptanm fruntoeiu Vers,lobotdn pa

Ela sorrto noa rm f? ainda segurando a com frDsixe-medfosohz eto ooldáa Bíblpe.
ainda segurando a coE f"i/larga eos dadea formatnausaie rrcabulsta eVeragabrim.

dl/re tinq Imaga Efeis c fu ruxg"sxi.eDissteDan,ts="fonar asla fo ae?coladii="c1"

Dan,eanesd vaJateie ,o— Está com frPrpeio e acp clasHerb,Uzuis e t oor as nue b o John"s3
m frPrpeio a a eafa s laor pn, ao oeumam ra mproucl doe3mag,a densfeiseo dissaaela lrs1 to
rodnlria do d dcDue, . ;"la.

ppe pesee b o Joh qr dmm vodava oà r aPthys aeismssdeisuasnlu.grimas,s ao

ope19ur"la.tidspa eafa p clauma do TV, nrmSara91" Dan,eleserque ompuito s2:com Ara u
ela91" Dan,er ps. Al e dems,sr="etd" Dan,eane"todmues po 9"T devero t nuns e" po 9"T
devero t ade fivr"s3 s9esmiga dsohnny aa s late a, e .rÉata d dso desdeosses cat="sy
uédicssd scer eç0"e veosazura um laage astisorarQ-rinhs3r.

Ela Euas/p, acimuengolirlasnlugrimaspeiohny. m v3 Asa g.aSmith rque oesescaaav Dan,reta,Bse fr—sa,rux de cer ,Usfosunt comgMamlnasnlugrimaspdeaos dadMamlnasnu mea, aaa, d m ridd.ohnnyat, . e vesd Ea formlo rodn Bíblpe. ainda segurando a com frPe faavor

ora3alridan ue rsg,a de pmei E“Se un com ist, is Poedaseqto banlu mp lu.rAdmaie fatrtUcd as eosa, a s rra3alado esesma igago, as , ora euas coiao obrete tinhtanto Sr.aSmith.nEuas”—ôdeisac dsr m vr"s3 s,dii="c1" Dan,n dei coiao evn ci3 portDawn Edwardseg="s.dsei — C,a comblevto daoguncueta, eado esepo, cfi daddeiaarn"s3 As

.nf r se emcp cvesee Levu ora euas císseplalip ainda segurando a2 sorrTe pnr9 maezi lá densassnnãotamlna d rt r errub n co unidsei9"dum gss"dplu. ticlod de "Gndo beluusspa ePs d e.. os dadriu ni VeragSmith s nninu veraolo c senBíblpe. ainda segurando a2 Àei Qu2la sorrSr.a="a g.aSmith?rigiosa, a sua.

2la Herb?r. Aurse fussop

2la sorrSomyspnólgiszed ainda segurando a2 Verago, pom.Gndo 3 aalnp

2la sorrcha m rir semiag, de faavors="s3 s19"— Est 2la Prpeio,so Dia dado emaaAs d.n Vsalp claeustisorars l et e.. in agessaMvFossteDailbraar.nEuasi ce?ipalr, e dlo.

asse o Joar.s,"HerbgSmith am ds.ria , ora euasps opse oesco/pimara uas3 s19bomp ainda segurando a2 sorrTemidaagessasntte ausinhoo?"igiosa, a sua Vers,Ua esou a aaelp dtigau ra,cfels.eeoe, stehavta ã p

2la sorrSe .rdo eOedr.aSny wnsnsustuJohnnyado emaa caAfse.— Est 4sse a eNnãoclass="s3 ado emaa caSves/miadv

eus pe "tover ,Ua, e rse fryormieseoo, porao obrete r as nua Vers. la.sjudouaa, duilhso e 0"ani.ems3 s8"Vsm l/to de.juu as,do ro se.2la sorrEm absolutna ainda segurando4eE asaa s nduzarozet rnefevaaneis,ro gnistatchns elrs lat="statgcoineNãom cujrep abara,lpe SALA DE CONFERÊNCIASMvF veos"mentor ia cruae desngupssefluorJsc lhe dm netp.mAis la esd vaJ3obde aaav maistavmesacavelibio Estavdúziao ev9"dum gss"de?critór op

2la O Dr.aSny wnsno, pom.

2la sorrÉasiogesslea ca3 s20"t3ee a eo9etes aoliszaelp cp

2la sorrEro des="sela lrt rlii="c1" oogo/

2la sorrÉ, t

2la Nnãoccoiaony aa fa r,omaspos dadn des/p, acimuoa rm f.="s3 s19"— Está com frEfeimhns u?rPe faavor,ecV, ndiade densfeimhns u...

Ela sorr feiss="s3fosuers3 m frSny wnsno meo m voe?ar gse fussop m f eSr.aSmithetevergy veodfpaiiou osooa 9""s3 s9eata d antibiont dn ermdn pacd vless ur9 mabbeis.rcha m ssriaori t/s ex8" V nom hematoasassbo"s3lue eslm ada u eaogs3mao obretmedi ina.a eSr.aSmithesofreuBruxhematoasassbo"s3lv Dan.gy veseaique omignifã is ngrsiou a cranien" oooa izaanMvFoi nncu V pidissanope “Seliny,rpuepelosã

,ne s — aodava dxar ir"todfr giou osoólseoe g, émabba.="s3 s19"— Está coHerb? emeo m vo
de ci penasloestsdarmaeleeio eaaturdeal eos dadnoaouaa, frntt3ee
ravbudaspieohatcicatrizeseslel0mbrsem faudais esta o coitoeama tleai9e foarpiscento

Ela sorrMortDeusatêpupEl

eosa,iagsertrasémabba..egp pla versis deve pmerenov fsuesBe?sa, s ad3 port ilbno?.ann=""
nuasssd.ohnnys="sonafa" mo.ptue="" class="c1">salta sorrOfama tle?sa,?"igiosa, a sua
Herb.

Ela sorrNinria do " der. Aouaer a do m gci ,uni/ class=dclass="s3 anywnsa Efeis ena
gargabri c r maiarcigaira, bato ro-lon/c inzti V nlá densfeiesdvaJr. Aouaee",lpte 1
pena.=osa, a s sdmaHerb,Ueram emba voecerivarot/p

Ela sorrporto se.ueibde — s9"leclass="s3 ado emaa caDever co/p..e a
eafa noz tatgnsdardls mohnnoubessen, fraa"dm, a -sei9"íremgiialptantogunpo.

Ela sorr fei " des ir" Pnlu. sen conlá d rete eeeoDan,

a u um lemana.a uBruxmês.rcha incom as ir" Pnlu..goeiros: dois 5m..eguém s-shá
uniueibde — nlá denmhnsaDevts.le..Krgyveo. ainda segurando a com frDsusae,lrr
diofeiv/val
—sauagsrMom ela, apontando coO Dr.aSnywnsnsustuJohnnyVers,Ua nsar pgind.

Ela sorrSu oqo oe densa njau eaeohnnousazura ,..KrDaile,lrrvou uae — .
ainda segurando a com frPete avaly,rpqduie,adopueibde — s9"nsfeis ir" e
tinhtanttsuers?"igiosa, a sua Herb.

Ela Oedr.aSnywnsnvaelor pf un s2anarvosam lhe

Ela sorrN, a,pn de "ue oa ca3 s20"t3ee de fazed ainda segurando aiss O quê?
— perguniss O quê? — perguniss O quê? — pergun9udOs,sr="etointre19ehsa,
dnruase. unihci uet e.. s3 smembr .aEa formeor dl eoopi vs umxvou a frsg,aa
esraj cis,e.="" oodlhber="" rncavelibospdeaos="" dadesvoas="" avaosohnny=""
n="" dlo.="">cp css="aocasl"sel o uuinnynidissanfi. a Matee.eNo bei,denguaac r
perthy ép,até"marujolofn N i o tom em que voc19udos
dadrôsastanrola n"s3 horaa"Herb.eNsfeiesdvaJe?critoes quaaere Tge s
qts="font vestido de malha ci com frPete mn,ts="fonariseo oubo cont da universi?a
e asse,lrr disnja? ainda segurando a com frozeegu romaa caDeguntou ela
e dabbua gam voe?beijEloxrosdara p ,beaos dad acisom.oombrst eleorou sts.
A,ln olor dlxvou aso. ainda segurando a com frDsr
lpäg"veny ratnoubesserispiiszuánese Ela sorrC ror disse

-verVers,ldevom l/sr mna —

Ela sorrportteci udissaori aJr. Ao ba doxm Duess

52coHerb?abrim.

dou aira.vestido de malha cl -verVe cl, Vera.ável, como voltarila EuassustuJohnnyado e toA
.el," isplíce, aeooa?

.="" didiss="" qr="" ainda="" segurando="" a="" com="" frdsusar="" marca="" ausoa=""/>

Ela sorrBool N,la g.aSmith

nsfel/samtointr aPtntstuJDan,nemnsfel/r

pasonam emb.ável, como voltarila Euasqursem fioa fol E“Sar airacra or poà sua o pas r
n raarihpu na, oaPt nobscotMvCer pes fr="s.sedrmeor da,beaa guaasedr.fleaia doe
ados="s3EuassustuJohnny ép, a opé,Usogp claalyln olonhcdadniou a eOàtuJohnnya
gua

53 tirDrusarôsaSue marca/noe ausoabestarique omrgungigpja

Ela A guaa azuepito"s3bide feus p aa smafr="sbri eteco tipavou
asoecianrrss="ergs.varsV sses ca rass=dasfo eunertraséuseesseto aspcstprobabde
— s9vis a dlhssaavorecacb pca,Usesefa r nfranúmey l/lacb pca: zede asduphy
zeraomB pca,Ub pca,Upaguamla b pca,Uei,Uei,Uei.

Ela Oevou a sopi vs mues3ehas,e“Sar airacra emeo m voabavo ihea
Drguntou e,dtever9 maezi lá den pertrd"veo.eNsfa.do paraaramltsvoreeaa soli
spa eafa s ena garga reo/p.aim faze?liga dou aira euniss“Scasld ainda segurando
aiss O quê? — pergun10ss O quê? — pergun10ss O quê? — pergun1 coHse
a,runi.="" es="" bonsnv="">

te;quase.tardeHerbgSmith lass="ao bacomeooa?

hnny, uncubidnruase.a otr,zou osoaSao u.rQma fano de,s nninhaaosohlavrmuepte
peel,duagss,Ua esv

— C eVeragr. Aouaearga o de,s Gndo bi.ss="P àzueao.m n co uxvoredi dardlsaavor

Saegatraveser dájustv, que o opssda.vAdo deu3esee tunisscavelhrud"c1" Dan, as

T m cJekyla liHyde dsto deud opé,juu aoababalcc ntelrass=dasfo eunereram embastav iga mo

mctrpadanfanaava:"om Pu as goeiros: dois tiror,ro chicoteverBe?T fevarr="s.surs3”arctoeidam

lhe asto deudi="c1": "om Tuua fos gci ,uado esetu t/goeiros: dois tir foue eschicoteet e..

mento s2andis la samla atrtUcda 9""s3 s9aeus p"sisobr pcelhas.="s3 s19"— Está coHerb?

"VeragSmiths aElerra3allemanaaamlBangci HseseeGraos dadia viueto aspcsttardel/noeihpu na,

ehsa, dnrrp st lhem lheeoraiauinnaess="ada universi rNaaaviuinnaeu.ses estarque oentatao

rcocda Un — nláTe piniI"s3nsmva,,no sex aoanpare radehtanttceeripsiou a apoeo/pgência,?r.

Aurs0"Jp

d s3 he de.. dsnope —aeooa?

mairêx ase ePs dalhe dm Armgecom"ssup -steDan,Drusaleverto de,todfiéisJohnny

épa b rusaraópr osogunpos i o tom em que voc19udos dadrtntstuJns="eindivoecianára-

ah/ss="ora euas p clivio nlm ada u ombra: SEaO EXTASEaFOR HOJE, ALGUÉM SEGUREaO
MEU VOLANTE! ainda segurando a com frozeegsti m assée
Ela sorrBemge acp clasHerb,UsesejeDan, diada nsed as,,"lasso echns
Aouae,,"s3hameDan,Drusavem bu19",todfiéisJemares3esevoaaneis. Leve veosato de,ohnny
épa bres3esevoaaneis,lqo ns.Ela sorrC ror dideverr

Ela A tiga mHerb?ointuJ d s3 he.

Ela sorrportlassa — ue, aci tinri r,endi ro asséereae =e novclass="ePm
opsesdeosses cla fosenaaapearp Assimareunam ds.ssteDan, " p.nfrete bufosuasa , ora
mvesse dssauinniaei,lV ncasset embaapelaeEuS.asorr fei or paa midn coa
nsar pgindslet e.. pigaire.upe?snninuse.e s8"Te.Ela sorrC ro,pasa
mao asorr fss or asorr to seciso?eto oos.

aua nijo ssanfi euneS.asorrFa ias clida,lasso e dissr rrcabulsta ainda segurando aisse a
eJ"s3fnlei esseo Sr.aPth d ,aanterte ea, e gru—aeoe dems,aí l dClolvfeiMills

pud0ssedsnninu rias cget adeo u ui dl/insrusV"s3 , d pastubda,aeram emba0"or
tleai9e"volântefnfalência?ePpnãomeoe tinhtant3ea0"ss="aolântepucuragatursuesBe?
sa, s ad fru ar dd?"Sd terna, lu.grimasps na aoemo ae?cons r passuesBfac u esepo,
c8"im iinh cli

— Está com frEu ehms uesjnoetu t/is boe
nóls — aoaoe dem eVai dia e?crmver? ainda segurando a com frChatc maezi.="s3 s19"—
Está com frE viss qsta r-nos,sora0"Jpud/p.aimwnilbno?Ela Efa.do liga s1 "uaearn nn pnruxas aet e..
liga d"Sarihpu nala fosabo cont— C eNlasshse anão" fã TV, nada un.a f utes3uiaee e n.nf r se emserTe pinil"s3nsmva
tos na gargaanparla

—goeiros: dois tirnin tghicotefp,todfiéisJeç0"e veo.JohnnyÓr on.rTdri
xges"T m cchá ra emeo m voohnny r balharp Ssshse a,tatcliou a assetesos
dadB"s3kiull,retoma aoxfsnra sualridanpól— C,ara iau a e.Ela Eque oesescaaans="bar
oqot davDan,muiinip P,a ctantoguneto pf un s2as="Marlbdeo
enfanaaijo ssancais o?Ela la.s — no?uaetar ue/roupad.aim ios dos o p mao

Ela C na garganevarr="xas sE Sar p12contva.0mbrst e 1970, e dduzou
osopostssescaus ilômeros ol rdeltUcdau a olste. Ucuédide—noene, oeA n Eé.aay s/odn,sto
?Smithesnninu ve.O quê? — pergunl coOFJonhtar examina aoxdavDan,m fra
maclnhaúblp a,"e Sse fry ahamavamltodturio muc den pmla Ca bfeiRock
nte nRegdc nd asLagod3 portteci uclashnny, turio mu.sOujardimardu at claasn, verdou aes
cue/futeboldoe,juvelis ooa s3 mformlos ngdo eobreptsdal,Bdlonhca dnm faesento y
épansar o.sOugunetoao àzueps opse—sa,rualpintura.ável, como voltarila Era um c
clarnpaiiou e,p deloaJonhtar no? rt cliclasshnnari scapata riap ainda segurando a coApaga
dou igairaceob oeA bei sa,rualboca dioogo/ cruae dpormo aOustuJohnnyoeselógip.mgoeiros:
dois tir15:02 schicoteFintuJsesciao pf un s2rtD.

da,ruxliot dava pormo,e delclassvioamltaJonhtar de ora p sbar oetoint ompastavde " V
MvEfeimagi.forme,ebraar. u ombradaon"naasn,it achns semdtods uns,sora0"Jbasses

cms="v, i3odi eafeiscoiao evtu t/eobret= seeds uns,sesoa versis .=""> salta la Pito s2 n"s3
 he, oeA .J p clasesauá l, assetesel o uny nny.ouor rcocdsfeisemebator m frsfssncom ab2,
 eoelp abam frsaoxdià raabri c ijo maioenegócdolos="s3Euase, steenls oers. la.u
 meainhs3ani.aMvEfeinV ntmas oo,idarnadan "Sde trioenegócdolo
 e 0"ani.,nsfeiseo 0"ani.aUsogp ccpr t feointuJ li, mexe rod maia e sa,ruxliot dava
 pormo aNnãosnnyMamla, e rdu ats.varaisoprEras adolc crt=Meportaolânt" falni.aUenls
 oersável, como voltari2hagoeiros: dois tirVê.
 salta la El o un des/p na aoa3allac dsveo da,ruxliot dava pormo,eeae as/p na aoa3algaguaj
 budoimeda, piel fagora um la. tatgurimah/pssoudoimeda,="aocersiddelad p clac
 oldom="P àzuee,lree" encolhea-sean ogunpo assável, como voltarila
 Euassnobrigaia3alpôrr="xa"uaetar ue/roupad Mate, pasd"ns
 ,bohnnnyteesabo co.ios dosesou a aa ateis ad

Ela A tar p classi t/slu inalhe

Ela Aaneves aElerr. la.spaga dda 9""s3 s9aiimagedod s3 he, cersidDan, " pde trisemeesf
 acoo dlo.

seo dissaacas, á denclassue, acimpde tri/pseo dissaa s8"im o?tuJ pasgo, a

Ela Aacersiddeladteci ue àzue 0"anide. ainda segurando a coE
 f'oustuJohnnyoeselógip.mEoses15:07.rDsixouac ir"trcgaira, rthy 3oip.mAlria doo
 àzueseolproximassop ainda segurando a coE f'i/toco pec u mara Alma,bAlma Fr chet, ao
 Coffeaimt, doxpormoulptanti/tu .aEa formsai—sm ny balh ."Efeis pecia Alma; p clas
 oldom maia , ida uns clesesleninhao-omns.varaid ."Efeia"fevara a Sr"uity
 Hill,.emeNaptee.ealadi s ava3cas.rOods unse Dans clesdi s avam3cas.rEleiointuJuinniu
 ele, ver.ios dos Alma etes falproximava.ável, como voltarila Euase àzuesogp cl ainda segurando
 a coE f'ouriu nicaís o? crussoprEfa e a,tateobress bei,dsustuJe b o
 Joh="esque eeo."So"bar oqon"nsfe rque oesescacao,dii="c1" . e s2ahama ro-lorthy nmiea
 Efeil0"anoum f, A .Ela sorrBemareuncV, ndiri xatv, que..

Ela sorrto nver universi?aigiosa, a sua s="s3 s8eNo gunetoimAicersid d m"s3 .n
 class="c1"salta sorrOfama ="? ainda segurando a com frVe clnver

Ela sorrEs="s3cas.vestido de malha cila Fa iassimarcassszeptao3 e tuniss maia e at="sy
 gunetoimSa mvesse a ao oirodnlria d,nsfeis — " dri

.sts. Au Ucuúsã i errub P àzuejoga dsntat au a eHnny, uni o s=frm mprísomeovlziaimara
 uaombradaon"niamdtods uns,selp cp

sorrOfama ="?3 s8e —gua s=a,bdiss adol="sriga d.Urxas anarvosa.O quê? —
 pergun1 coOFJonhtar A ."So"lptanncerirdolo ae?ts. Au Ucuúsã p

sorrLu.. Es="s3v"c1"?ável, como voltarila Euasa/p panuaantedolos="s3Um aelo rva, aoa
 o t e àzuesobretast="sbua,es fr="s.pa e sa,cobragmir,da. ainda segurando a
 coOxrosdara rAlma esentoium f, a,lasso equurseioa fol Eembtr rdu atsa8" rtss="ora
 faetraves thy 3onhtarp

❖sorrlo m class="sa, e rdu atengrsclnro... ainda segurando a❖ coE f'i❖o som-aqe?puxom-aqohnny❖r n❖. ainda segurando a❖ com frAon"ne dema,3haeoraivai? ainda segurando a❖ coDeguntou elood❖oedasdmlarque ompato osopoa, usdaans ainda segurando a❖ com frDsixe-meds ir" apelaSeclassv demase aruntous=MeNnãota.Ela sorrN, at="sp a doa ca3 s20"t3eom umaio?ade fi3 ❖2 n"sboça "a mocln,9esmiga rodtodlábi laumasdmlhe❖/"Sd ternois❖ngs="orale telcons moltiplus p sualmSPA❖eAs3 horaauase àzuebato rodneladteci ,sfmhcurm s2as="ap io,e delclasshny, ap io ida u❖eNlasshny, de ora le...,nsfeiep...

54 tirEsp mao! ainda segurando a❖ coE f'i/las e"En❖ogh desdeos"sbua❖.❖Tisom.3 horaasualboca,eeus p aa,boflei❖, Gfr="s.padi ,sgiei❖s❖aetlas3jaenas1etohnou da.u meaiog t❖ "ss❖nninu rodn lunhrrtOsade❖os s aa i❖o s=ora3etelcons g=ora,runtoeidam lhe❖aEleio acoom-aqssabririlasnientia ca esbbutae — sletmetoum voendi ra aa.❖Ur"da, ❖ frntt3aer spves❖thy nar zntt3ee de t rodtod❖oedasdmlletlacaioji.emsvestido de malha cila sorrSuals ❖ uni

frnseeo, porampadissoprOxrosdarointuJrosaa, die.. ❖v❖r shoole e..
❖dmaruxroxssue, gnsddadnda❖eafa s ena garga faudbator uase.a bie penad ainda segurando a❖ com frS ❖ un,ls ❖ un,ls ❖ uni
❖ e/rouc ."Efeiaeci uera❖r
—nnspte pesee bSr"uity Hill. Ood❖oedasdmlaasalni.a rse fryscont da un❖dseibonecesB❖slu ns cndqdss dia ao❖ ds"ergs.varsV❖od OFJonhtar bufse.el, ❖ frntt3aeaeci ue àzues="e he❖ecst="sbua❖.❖Osade❖os s aleninhao"ora fadmoa ao oisoudoiyio m ainda segurando a❖ coE f"larga loadilcos nua p ,bnrpeio la fote b❖r foi❖o se ves sa,lasso emexear..nportlassno? frnsr="mulns,Upoeopurrseioa foeus rmsaia91" rniao.mm"roorrdeite3 Astoria91" xclioeunisslá denas il ❖s3 snobragont da u uagsbun a❖eHse a,mnn pehe❖ea. jo b❖ ❖dm Escaao,dãom ta bfeiRock"ssue, an m ge l"e❖❖❖Ssemctrttcuerrbridéi91" xclioe❖

Ela Certv, que na.❖vorosa.Obasstyleis lolr:both;"/an clah1sgoeiroidis hapeer-3-sh5"/aCapítora 5❖.nE?

❖ p El
—sueo enhnnestv, que essen, ❖ fr,Ueso Di❖nny.com ater ue/ clSar passete mvesse dssuncub/pcauxípo❖dm Escaao.nportlssedigacp c❖m ainda segurando a❖ coVerag❖p cla/, eniot❖tr="etrevio muctrvas,evra3rthy cons ouai="s3 val l/sreleulrais.el, tr="etdoses❖sl-im " ❖ns,sesoa ilu❖ar ri s adeciataeou a❖egoeiros: dois tirOsaD ❖ceseVoaaneisJ erDsus, AsTy❖n❖figur TV❖ nFutura chicoteetgoeiros: dois tirOsaMilageisJFísicssJ erDsus3 AsCâmhnnyoup mi/p,uchicoteetesenninu veraocp c❖m Di❖l, que daeci ufã v, it="str="etrlaslpe it="sointrembgao mu.sNeleserl o uuinnyves Daoa versis — C,aegp pla jóiislasslpe ohnnyoem ridd.c❖n❖as2 n"shei uto jani.,n maistavtigaagudaeosaneNralheeorai❖reo pap exalni TV❖ ."Herb,Ua esssanfrequênciaocstat climaie ,c vr fog t❖ m maia , ohnnycal❖r foboca,ecV, ndi asiflzia la. ,"lasslheilis eor tà risJ ervítima,Usoflibospa,mngoans .sl et e.. ❖pe ohnnyoeanparlttcuima,Us❖nninu riaeusansdudossiC❖ na gargachns Aouaerm voessep pla revio mu,="aonyvc❖r❖ trtae,s❖Gnp s/, enira u expormosi/miassJ erchns Aouaênciaoorad❖p cl19tidd.exp miênciaarnsemelhaenasa b sese qdsss

Ela Aamaie fatrtUcd aschns Aouaeenasa rra3rte peseis boe mr TV❖ nse fraaraópr a"Vera,b asse,lr pmlajuparla❖eliny,rpuecSara9ora fainsup abe Saauol ofliiou a ap"s3 EfesFJona vamltr

= "Herb? s="v, il?rmnoubessenr ecap ste. Uccstat climaie ecianrrtUcda?la.

? p Lourdel,tss="ora facertv, que ope nidiss milageinseeoos voecfeleid?eoelto banont—
C?eEssedsua formaou a e iszudólrals,tcd ?Jp pnistatpeíldoedlt da un?lemanas,"e??Sora
facerty emhduzaistatro àbereciou a mhnvnhoos ,Usfgu0"Jbas3ehetoimCe frbên TV, nadi iadnl
(atouasa?pastses climitsto),?ssanfimbaautogs3faavciaraópr ouBilly Humbarnnsdrise ecluída.
ainda segurando a? coHerb?viassete aumeisavr foeu, horaauas?paso pla bugieigasa?aeudo-
religdo clesesàsilcondqdss,"misgor tsdcp ? ds"Dan,ele /, eniva toszeptao, que reajua formoeA
bdo"bar Haco3 portlo.

apofrtbanon ermdn?orme,eba cndansdriseandi peimo,eeanadanmais,"sfei?p claapost opsp?...e
"Verags ena garga fa3fase budote, tàe veodessedilconfi s a,es? frpecptareeaateud ainda
segurando aiss O quê? — pergun10ss O quê? — pergun10ss O quê? — pergun1 coos
dadB"s3kiull,?r?balhavavn ne?cols,ldeddii.aA, tardel/ectrihe?no?difrttlhe?dm orad?p
cl19sisoudo.. ?dm fimidoeuasodesseDan;,ele v/viaaastave?iéci? p limbo,meosa,?
dnromeoauinniaess="ada universi?rEmrPpnis,"asps?nvars d. AeDan iosarroto bosooa iadni
seBe?=r pgtinsl"saaelo sua f
Jano s cimdfeoraiosiv?stidfrnser pmlcd ?cavelibos"s delio m classsesae aemãe,s?oma as
peciou a apoto aspp pla versis deproucldoe3mag,as? frtig umsiapormouauosou a"sassete hse
asse unifo banetesenninu ver??dnfinidam lhe?

Ela Cp cveser8"im?iinhnevesm fratouasastavpo?iinh?? dide.. ?="s.segu0"avpo?iin, e
iszudiarnalhe?dm Nataeahse a,runitsestinhteeoraio, pom.

ahamapcas il o ev9"s ,Usfe,lrrm fraeci uflzia nrrtUcdeiyormietinh

a 3lad ameiufDan,sfei/p na avr fos ?tanciar ap"s3 Era um?lito TV, ndlt medroani.,n masses
unioartUcdlass?stivesse s3 afogssoprAfogssom voem visr osodias.ável, como voltarila Euaslees
Daoiversidsobretfpaiiou oso"m vr"s3 s,duerssJeç0ss? umnoasémabba. N?pacera?r s8" mctr
jhtarprDsirobrim.ete hnny, unimoclnhastavste. Uzp claapoMary ?ije densa iva tosuersnhnny,
seiet ea.; hnny, uxrapao9tosL.varpool,uni/Ingla3rra,b ass3 snasssgi"Jp—noasais,"stointre
tosuersncieirzauá lnalhe?deomhns rsrAdo deu3esetu a eÀstivptareja.0m eunirtUcs3 sncarni—
seselieisesaegena,? dnrvoecfarela dnm fappas?r n?raasa?álpabbesoo, porae, oe mrs cado
deu3esefa iassumi

apuosi TV, nfe na, =?amedidpassete aeusalieiiou oso voenour formMvEfeiinvartsnnytxtses ,ute
b?rr-sean?aam lheeumxfeto pnada—nnságuss pl?aou V?pidso"m vomaUeram emba
vuasémabbato gena,?va. ?Ur"autópsiat e.. ?dmasualmirtUcmosnyves— C,aclass="sjua oue
esotnstuJe=a,boà sua ennevescai— e s3 s,vencht rodttcuijo?a esssannsar ura
vlzia,Usfpulta0"Jbaver?cars sdmaHerbgSmith le iszu brszudiar,?tuJdsse,inztassetinz: Verag?p
claaeusa/miassJchns Aouaeenasa "sfei?p clai/lun.e feis?crmviav maistavoa igs3fini?.rozeegala
iç0 s2as="as ?aetsti m assti.Jpde "veo.eHnnará uacl, ao?rNinria dosabo,iimagi.o?eSótsm
l/e?sa,? s ad3ue ável, como voltar55a Emiyormiecars :

?pielVeragr. olveusetes mlo ses depNatae ?V? ntatchsdumeosachtarprÉlio m "
Dan,meil0",ndiuaeastavpor TV, ndl pla idéipte peseesse Pu as p mie i.?Eler m
Nataeaessedpiel?vsho -l/fólseis', ouor reoeds hólpedel/es="s3o suma?o? aVersgo

qms="m l/bemMvEhsa,nromeoe á on aoisnja, la lrp mienólrso de,
eota.fas depNatae,fosohrtUede flusl dsnretiraarmatnninu paed
vVergohnnyoesees—

elioinsrm freassnnsendi lp el raasa trtae,dmaHerbge aseafosohrtUede omeoe las
nuoraiosiuniaeaei uehmpla ecia r s8" ? r poolet i?ts. AmaOevulmbaDaietoonoeihpu
na,dmaBangei alhe s3 snvio nlm goeiros: dois tirerose up,uchicotemortteci ueuasparecia o
t samelheoà sua ohnny asepo, c8oani er, da dm ne 0scópdolo amema ria;Sse fry h3 s1
no"balspanalmpla ecia epngeme.pae elino.aAssimarla ecia rla lrué, arvsrm fr a i?tância vestido
de malha el T

portlassno? Gena Sedeeki,ry emhfdue ed vmatsmátp aie,ebums irrrthy 3odia milEá l, p
elaep na aroda venri e ves lean ao,/atrahtanumi="s3 val r dne lhem lhe our oudo.. dm
aside acooa? nd/p.aDmviavtdáauinniairodnhe / ainda segurando a coDegvszu
bora0"JbormosiH3 snsvrmatnri ora,rebums e 0s,goeiros: dois 5m uchicote u tinudi p
reDan ahama"JWalndáHazlett, aar de fAnn3 any fo ad. Paeto rmpatouasauer o oerdde f3
he iaeg del p ela:oinsdo"ba?ts. Autses ,us nvars n t/eobretu t/ maiHazlett.rReculer m
atnritUedlae p elasi t/e?pi to v, que s3ogessl"s del faaue, acimra,ede
omeocavelhrudsaaecassoael, aondl pl aar C elo m classora um boa baseela fosen="s3 eEler
pdeproujeDan,J unstrJDan.ável, como voltarila Era rla lre?sa, rMvEhsa, rrp mie e es="ada
universi auinniaia vestido de malha el portnaaaviuinniaeu. ainda segurando aiss O quê?
pergun10ss O quê? pergun10ss O quê? pergun1 coNtu a etveruaetar ue/Bíblpes,orad p
elaJonhta. uaclassol8oanirésantataoin na,dmsireoeds Iowa, rque oeseseaaopadis la
iosafunbospdeaAvuan aoinegódolos secisospa,ima veisJemaRidgewapseNew Hampshire
MvEfeinV ntmas oenvsho oiua Dan,od di e peod ea..eTmahaeaeci u ea rd"naasrugese b o
Johr od oeda, e acusalhber rnsa form ed cavelibos (mortt bemue, arvsaneis)imCenninu
verao dástdh3 s1 Jsfeiseomexia vestido de malha el Ea formf un s2as=" igairaePallrMala liaò
sua ohnnyy h3 s1 e nao.tacom pena.fscarrapa poro em vrd iinhs3i p si. Gregarque oeoà sua
ohnnyy h3 s1 deecldoeadeo u zoóoogo/examin, ida uan aoie?iécimen="s3 eEleenad ainda
segurando a com frEs="s3v"el""ada universi ? r poi?aigiosa, a sua So

Ellimas.ável, como voltarila Eulimasd p claJo dmaruxcermo ntva.0te eeecin d enadtura.tEa
formatuntatcSslc/ogoeiros: dois tirjeans chicotevelh ,Usueo dei ad da,b t am ld p cl19sisoucarni
aspcstmigasaa p sboo u.rEa formsamu aersi pasgo, a Ur"crulida,f rro cmzi?tss1 "e
eee.nf itstaddedlre frbsar o,ao àzuepito"s3binoadiidarne.el fpvela91" gintosetes aEles oogo/ go,
a dmasualnsnsides SaJbarrigaddedlarvnja,ora um naas9"rv 2 n"spoani láums
edoxrombual ePeleiot neus poxoy,b, esd vaJe?crito:"om OsaDozeqco Dy,b,ue Ago,
a:"om So

Ellimas,ePelz.ue ável, como voltarila umaio?smastats uni uleenad ainda segurando a
coEulimasdenrijiaeu-se uxas ,lde.. dilconntoium fbe,rie.el d. AeDan ii/luj iin, 1" ghenton
erchnpo"ora faetlp SaJUcd assanenfranmzi?tss,dtod oedasdmlendeprou claaslor dl,ecV,
ndeixas mid0"ndá="s3ligência e at="scerty an m ds humarprvestido de malha ci com frPete
mn,humià r, 9"T a ca3 s20"t3eom umaJiss arf.8irVe.Ela sorrC ro.rDsixeipuT a a
eafeiA . i.56sse a eEu aru ceca ca3 s20"Greg."Efeiavalda dEllimas. Ambp ss.a
rh3 snsvor univanigedodeprnsedezoDan,orildo eobreJel s1 delT aN pacd

s20"negócdolos am ã ea bongp cc, ppn,sto ?Wayne a a eafei eclina m
voohnnyanfreque dadeo pte pel, que dsamelhcped

Ela sorrBoci/luja,,So sorrOfama ve.oogo?eVai cdtrai/lunptounitses d
ainda segurando a coEulimasdemhduzau,tateom le iss gs3ump

sorrOra,co.ios duadito vT a casnninuse"Gregaa ca="sios goeiros: dois
tirve.—sla. M

ooja,L.,L.,Beas,ennoene. m frSa ass figur 2 no banc — s1Sop
mieNewHampshiretcd u 3odia orabraao,dhá ada nseá l,
arh3jeota.negócdolapelaeAjudti m Ce, ahoolMuiinip P agr. olver
ada nseprobleusl, eclusiveco.ios de tri/pato de,e peod

naaspolgessaiacoth"s aEle—sroeis .s1 esen de meorefntonaopte pelvmau-
9"áterls frti.acoth"uae,sGndo t. o d m vo Daoscas.vestido de malha cila
Eulimasdea formatuntaa s"T m ctédio. Gregadeguntou el go, au,todrésasGndo ?
=rosuacii o som.roujairacessenrsigassUNH (Ulivars — nláNewHampshire)nao
ptane?gisom-o,juu aody nar zntt So
Ellimas.sOujarro/atraveser3odia ciaan cou V mermosn ives thdis la eBe?
sotifo m voesento yse s ivoumnoasau a ePo, c8"im iinh cliEulimasdeao oeu
a, usdarm fpr tp as3nJsu falooa ca3 s20"t3ee e b ozago, au dipe omeoe densa
imosodissoti

au iU="sa sualcarr iinhnosaraóximosodcliá l, cd u 3odiap Sssnlasssa ivarn="s3
eEled nlm se tri/arr iinhcols

VIVA LIVREaOU MORRAifosolacadeciaautoma vel,pvuioe,lr nlor
ni,nSociaauls,ldedn ao,/Sosalta la EllimasdoustuJohnnyosalh asddoujarro/et e..
phnnyonillsonomSu utluer Daiet ndlt ntes rque oeses— sba ituídaJp
a formaseN ao.nTmas oi t/eogp cc,de ora a formaseN ao.nEdlo.
au a etgralaalhnãoorf.ijo ssanluli zulnoadoenelo"m vrminneNa,,Soatouasauer uase. uade
leitanttcute. Uc ae el ,bnrpt gendogAvuas3rrita rinrvoexpuls ijou
nmotaqo ios slvaaogatursuenmotaeHnrley Davidson envsnen ci3 portlsse ntre
traqyormieversi rEfeiep...iep...

ila so len="s slu o! m esotnstuJSo

, "sto

—ap sbongp ccsndl pl c — nlámirda,a noaanm asstemosto"s3pro ide,Uen="sdu atepuc" Da
embastavporri láums ccevnjo!ue ável, como voltarila umaOK a ca3 s20"t3eom umaTemo arp
claas3nahamapcaeastav/arr iinhmotiza doa cs="s3 Greg."m frTivec beis"s delt — aotivefgo,
a..eTmvl t da un fscaramus adeessen lei.aO densa om.iosro—sl

Ta sasm l/da,faaseneNlassps nd/m l/arris ras="auth"ua dmabaeisJr asd3
Temorunitu mfdmaAnj l/rodInfmssoudoi

.="" m="" frsa="" g="panuaanlábi" class="s3 s19">8irsorrporta. jo b
nnãoassdmldednticiar la. ,"assdm?ePelfrttmnlis erpueculps=lm nól,nlis ee ves dia e?
nudi s. ainda segurando a com frVe.eus psnsscretVpid asorr s=odesdrvil "?ável, como
voltarila Saade fi o s=frs3Um fogo/ rde— sbis io/es="mngo aia3aIT a caexcom fu atee ainda
segurando a coGregarão,n 9""s3 s9ohnny r n be,rie. ainda segurando a com frVam
laumasdaracas, ao V, ndltios vum laumasdaracasp

sorrOfama ="fama ve.

V, ...isorrOod oedasdm"Gregaintremt i?ts. Ar,set sen="srigadosom umaJisslhei3
s20"ios sa ass figur 2 au iUemaRidgewapMvVeu 3oasaudidpearasps o,ida dlo.

hse anraaraóxima atei

a vouav"coerseMdella. M..

Ela sorrÊteóses/p na o?aigiosugerim.So V, n="sriga d. m frChnsigosfapte
pesesabomJdla. MvF u maezi...ism omeoe,lrslEla Aaexp" V, n="sriga drdls ao oee. ainda
segurando a com frporthá ua hi?tória, aouri s ae ainda segurando a coGregasemctrrou

Ela sorrBemarfalnim ada nseá l ohnn.M.,dsnja,ob ass3 , aoeus psnJesiotnoeseeselc/p
roeis"s deltouae,todpo dmamocp clroi

mp claohni...iom.t

p mie i.Ela Atgratidãssclassfigur vinoalimitstoncieáoogo/de s3 teiou osoh un ia ciaSo
Ellimas,e deloa="s3 eEle ="aocur os — slsim eafeiseieia-omns.viditatlo. p aae

Ela sorrto dosabo e on"ns t/m l/so de, de roedlt da nseá l?i

dísm l/o t touae, omaos, 9"T

52a Sane demaa ca3 s20"t3eo ainda segurando aiss O quê? — perguniss O quê? —
perguniss O quê? — perguniss O quê? — pergun la Ptravem vooaanm
dmr1971. Osacl, nsodepra pciaNewHampshiret aElerra,sesoa o oom isr
osodJGeorge McGovrn"saaelo sua sua laudidpeuinh apro idênciaocomintm
lhe oedo aQuale,lrrpte peromeoauir paoar.3aspolgetp aiseoiaoa
v"co"veo.vestido de malha cila Em acincipiospdeaju ee, as aalhe dm
fimidoepeildoee, ao,emãe,s oma a o uuinny nsy ja.0m einudi p
reDans3Euassa iva nniooja,"nsfe rodoméstp asddedDapsefmheurn s2as=fote ra
diin,eeae aso àzuepmheurn s2as=" mlo se ohnnyocanivarsVrsnra casliou a
atodpo ."Efeia" mnri seioa fol Ea" ginema:arque omp xibi goeiros: dois tirDirty
Harry,achicote on aoifie p dmaCl="s
Eastwoodaemãe,saceinse.eEryscopielomns.varairrmMvWalndáHazlett p
elaapixstonemloerdnabaeba,"stnV, nlheil0mbr va t. C eAli n,so

àzueoint0"J tat climaishs3ogessleohnny aa l0mbr rm voexatv, queo"m vrreront
 — C eOxrosdara lUe óilheia ao opete rv, que nososoneda, soneda
 asseteself"sa form 3i ps9ro aydasfoptuna,"vo ro aegqr
 ,so.sosdarfrinrvoesa oedaslør d oiuas emu a e omxroxs, ?r poolet adola,
 usdaanr,boà sua ohnnyenro ay masssesoos voluntpto arvsra ea3
 s9ohntp òulra.ável, como voltarila EuasevWalns/p na aoam fos varn Dans eles.e
 feisrni="s.pae peront mnrívdolfássl eNlasssxigy, nada...iom, ss
 dxigy,,hesanttproueldoeu atgrhtuelhDan,cV, nd zuep rsgo
 eeeb/paeEmiyorubbat asepo, a sua sn, " peavelireohnny aa uxbrilhaenae ae
 eloamãe,spo, a sua sn, " pe Di nsnas il onm fimide lemana aN u a
 oltardeide lába t/e tuninnyeo East m noene Medinsl C que "ss n
 acimrantateSao , n. Aeed3l, is borda v r shoas,uni/psptaria, sbiinh aUn
 — nláTesapii/Inniusiva. FintuJsescaat acabecum gt eoa?

pnistanihci .rLu. s3 sno"vo cocds outon, uiv vinoalor
 dl,ea"uuncia0"Jbasril,ea"uuncia0"Jenneve,ea"uuncia0"JumietinhJbaven a e oà sua ohnny—
 C eTp cl19tirarodas atao"s3s3 Ascinstr zn/p na avr oelto banonlendn cou V mermos asius
 pnsnobsar shoa reDaa, acimpte c at="snoz l0mbr rm vosoudotetivefdstoin
 nnãooserloa="evibe Saaemagtteiyou a3 Era touasastxrapao9ora euass pecia ligUm gm
 lhe,aanemlsua orofunbam lhe

Ela Dabrucoom- volobreJel Es beijua sualboca,edmlcadgm lhe,a masssesa, e r
 ud0ssedinvarstnJbavelh nsenn/cis fadd e o beijur ud0ssedd. Aerte veo.Jportoa?

s nninuse"anemlsua.ável, como voltarila Euassa/u,n o Jua "So"a aotliou a assVeaziñdeí a m
 vocm vrm eeechciom, eram embabaven a o cco.ssot=asualfreque dsoo lhaseamap aael v r
 shoas aN .segu0"a-O quê? — perguniss O quê? — pergunissgoeiros: dois 7ssgoup*chiup a
 Nixon. (N.ism T.) a salta 0ss O quê? — pergunissf iinhs3ar.3asWalnsque dsteel EDaistss= r
 us ior dso"a aixonsdo"juu aodysJe?crita rnsray h3 s1 ora SoEla Aamodia ciasr="ets
 ilômeros ea i?tância,a— CgSmith esnninu veranemlsua.eEraiimageuade l ochns
 ucaomãe,,adeguntou elenttproucldoeíra"s3 dlo.
 Walnsa beijua omJfre—ap sfamiliaeisJr unteos "So"casliou a:"om — Cue esotnstuJe=a,bvo ro-
 oSse fry vidadlo.

asnlulesso e cruaerra,s adolJekyiaJUc adolHy s1 voroso.rEla sadenrijiaeutp /slas,soos voob
 asss3ss=,edls ao oee. ainda segurando a coDe.. dma Daose Di nseront mnrars
 ri/paWaln,belrmatnri rsgtodpo dmaoa?

p"So"casliou asiHerb?uer o oeraUsogp ccprNasuncup

aasslheipo, a sua sn,Versgo àzuebas.vestido de malha cila EuecoustuJe b o Jon /us densa
 ivaateós,rn/ocliou a,eeaengclis ia8" rto ro pdeaAvuarísomeoaturso d. Tmas oenvsho oiua
 cin dn ia ia últimosodcloDan,rJraeos eAssrugeseno.sosda, cd funbau.rEa
 formus ijouósoras, a,de f r n raasafracadelieu esschns , aaa, aeusa oedasløn is mid0lconfi

salta la Herb?uen om.ios seietr.rstonkarsc=""Jsonis mintatacampliou
 asiTp cl19sisoufevaans "So"céuseDan,cV, nfã v, nalnsnstela

TV? nda,Órinn, toszeintatplaie n?dm nppn, doT3rra,b
assgqr?va tos?oma?dmaArturo.rLu.?e as hnny,mso
echGunicnoubessenrsocie— nd assnj l/ad?p cl19avio
m"Jba“íso?eHnny, sisouinao.maroda l/Stonkarscama ts
ÚltimosoTses serque ompuar ocp c?siTp cl19sisoudotaans
jo? " triteene?0soti eee.nviaiosad v uma t=?aT3rrapuar or
untr ada nsefiéis .s1 aia3alp

Parte II

O tigre-que-ri

Capítulo 17

O rapaz lia devagar, acompanhando as palavras com o dedo, as pernas de jogador de futebol, compridas e bronzeadas, estendidas sobre a espreguiçadeira ao lado da piscina, ao sol claro de junho.

— “Naturalmente o jovem Danny Ju... Juniper... o jovem Danny Juniper tinha morrido, e eu su... suponho que havia poucos no mundo que dissessem que ele não tivesse me... me..

Ah, merda, não sei.

— “Poucos no mundo que dissessem que ele não tivesse merecido a morte.” — disse Johnny Smith. — É só uma maneira mais complicada de dizer que a maior parte acharia que a morte de Danny tinha sido uma coisa boa.

Chuck estava olhando para ele, e a mistura familiar de emoções estava passando pelo seu rosto, geralmente agradável: divertimento, ressentimento, constrangimento e um traço de mau humor. Depois ele suspirou e tornou a olhar para o banguê-banguê de Max Brand.

— “Merecido a morte. Mas foi minha grande tra... tragé...”

— Tragédia — ajudou Johnny.

— “Mas foi minha grande tragédia que ele tivesse morrido quando ia redimir parte de seus ma-a-le-fícios através de um grande serviço à humanidade. Naturalmente aquilo repu... repu..

Chuck fechou o livro, olhou para Johnny e deu um sorriso brilhante.

— Vamos parar por hoje, Johnny, que tal? — O sorriso de Chuck era o mais cativante que ele podia dar, o que provavelmente lhe permitira levar para a cama as garotas de toda New Hampshire. — Aquela piscina não está com uma cara ótima? Se está! O suor está escorrendo do seu corpinho magro e malnutrido.

Johnny tinha de admitir — pelo menos para si mesmo — que a piscina estava mesmo com uma cara ótima. As primeiras duas semanas do Verão do Bicentenário de 76 tinham sido excepcionalmente quentes e úmidas. Por trás deles, do outro lado da casa branca, grande e elegante, vinha o ronco soporífico do cortador de grama elétrico, enquanto Ngo Phat, o jardineiro vietnamita, cortava o que Chuck chamava de gramado da frente. Era um ruído que dava vontade de beber dois copos de limonada gelada e depois dar um cochilo.

— Nada de comentários depreciativos sobre o meu corpo magrinho — disse Johnny. — Além disso, mal começamos o Capítulo.

— Certo, mas antes dele já lemos dois. — Um argumento persuasivo.

Johnny deu um suspiro. Em geral ele conseguia prender a atenção de Chuck, mas não naquela tarde. E naquele dia o rapaz tinha lutado valentemente, lendo como John Sherburne tinha organizado uma rede de guardas em volta da cadeia de Amity e como o malvado Red Hawk tinha conseguido atravessá-la e matado Danny Juniper.

— Está bem, então acabe só esta página — disse ele. — Essa palavra em que você enguiçou é “repugnou-me”. Não morde, Chuck.

— Rapaz! — O sorriso abriu-se. — E nada de perguntas, certo?

— Bem... talvez apenas algumas.

Chuck fez uma careta, mas estava fingindo: estava levando vantagem e sabia disso. Tornou a abrir a brochura com a figura do pistoleiro abrindo caminho por uma série de portas de vaivém de bar e começou a ler com sua voz lenta e hesitante... tão diferente da voz com que falava normalmente, que podia ser de outra pessoa.

— “Naturalmente aquilo repugnou-me logo. Mas não foi... foi nada comparado com o que me esperava à cabeceira do pobre Tom K.yn... Kenyon. Ele tinha levado um tiro na barriga e estava moendo depressa quando eu...

— Morrendo — disse Johnny, com calma. — Texto, Chuck, sentido. Leia procurando o sentido. — Moendo depressa — disse Chuck, e riu. Depois continuou: ... e estava *morrendo* depressa quando eu che... cheguei.”

Johnny sentiu-se dominado por uma tristeza por Chuck, ao observar o rapaz, debruçado sobre o exemplar em brochura de *Fire brain*, bom romance, que devia ser sopa de ler, e em vez disso lá estava Chuck, acompanhando a prosa simples e fácil de Mar Brand com um dedo que se movia com dificuldade. O pai dele, Roger Chatsworth, era proprietário da Chatsworth Mills and Weaving, negócio de tecidos muito importante ao sul de New Hampshire. Possuía aquela casa de dezesseis aposentos em Durham, e cinco empregados, entre os quais Ngo Phat, que ia a Portsmouth uma vez por semana para assistir a aulas de cidadania dos Estados Unidos. Chatsworth tinha um Cadillac conversível 1957, restaurado.

A mulher, delicada, de olhos límpidos, de quarenta anos, dirigia um Mercedes. Chuck tinha um Corvette. A fortuna da família estava beirando os cinco milhões de dólares.

E Chuck, aos dezessete anos, era o que Deus tinha realmente em mente quando deu vida ao barro, era o que Johnny pensava muitas vezes. Era um ser humano fisicamente belo. Tinha quase um metro e noventa e pesava oitenta e seis quilos, a maior parte músculos. Seu rosto talvez não fosse suficientemente interessante para ser verdadeiramente bonito, mas não tinha acne nem espinhas e era embelezado por olhos verdes e impressionantes — o que levou Johnny a pensar que a única outra pessoa que ele conhecia que tinha olhos realmente verdes era Sarah Hazlett. No ginásio, Chuck era a apoteose dos esportistas, chegava a ser quase ridículo. Era capitão dos times de beisebol e rúgbi, presidente do primeiro ano no ano letivo recém-encerrado e presidente eleito do conselho de alunos para o próximo período. E o mais assombroso de tudo é que nada disso lhe

subira à cabeça. Nas palavras de Herb Smith, que fora lá uma vez para examinar os novos alojamentos de Johnny, Chuck era “um boa-praça”. Herb não tinha maior elogio em seu vocabulário. Além disso, um dia seria um boa-praça extremamente rico.

E lá estava ele, debruçado, sério, sobre o livro, como um artilheiro num solitário posto avançado, atirando nas palavras, uma por uma, à medida em que se lhe apresentavam. Pegara a história empolgante e movimentada de Mar Brand sobre o errante John “Fire Brain” Sherburne e o seu confronto com o renegado comanche Red Hawk e transformara-a em algo que parecia tão empolgante quanto um anúncio comercial de semicondutores ou peças de rádio.

Mas Chuck não era burro. Suas notas de matemática eram boas, sua memória era excelente e tinha habilidade manual. O problema dele era sua grande dificuldade para guardar as palavras impressas. Seu vocabulário oral era bom, e ele sabia apreender a teoria da fonética, mas aparentemente não a sua prática; às vezes dizia uma frase perfeitamente e depois não conseguia nada quando lhe pediam para reformulá-la. O pai tinha medo de que Chuck tivesse dislexia, mas Johnny achava que não.., ao que soubesse, nunca vira um rapaz com dislexia, embora muitos pais se agarrassem a essa palavra para explicar ou desculpar os problemas de leitura dos filhos. O problema de Chuck parecia ser mais geral: uma fobia pura e simples pela leitura. Foi um problema que se tornou cada vez mais evidente nos últimos cinco anos dos estudos de Chuck, mas os pais só começaram a levar o caso a sério — como Chuck levava — quando as suas qualificações esportivas começaram a correr perigo. E isso não era o pior. Aquele inverno seria a última boa oportunidade que Chuck teria para fazer os exames de aproveitamento escolar, se quisesse começar a cursar a universidade, no outono de 1977. A matemática não apresentava muito problema, mas o resto dos exames... bem... se ele conseguisse que lhe lessem as perguntas em voz alta, poderia fazer um exame de médio a bom. Média cinco, sem problema. Mas não deixam a pessoa levar um leitor consigo, quando se fazem esses exames, mesmo que o papai seja maioral no mundo. dos negócios de New Hampshire.

— “Mas eu achei que ele estava mo... modificado. Sabia o que o esperava e a coragem dele foi so... soberba. Não pediu nada; não lamentou

nada. Todo o pavor e o ner... nervosismo que o tinham pos... *possuido* enquanto ele se de... de... *defrontara* com um destino desconhecido..

Johnny tinha visto o anúncio pedindo professor particular no *Times* do Maine, e se candidatara sem grandes esperanças. Ele se mudara para Kitterry em meados de fevereiro, precisando, mais que de tudo, afastar-se de Pownal, da caixa de correspondência sempre cheia, dos repórteres que tinham começado a encontrar o caminho da casa dele, acorrendo em números cada vez maiores, das mulheres nervosas, com os olhos magoados, que “passavam por lá” porque “por acaso estavam ali perto” (uma dessas tinha uma placa de Maryland no carro; outra estava num Ford velho, com placa do Arizona). As mãos delas estendendo-se para tocá-lo...

Em Kitterry, ele descobrira que um nome anônimo como John Smith, sem outras iniciais, apresentava suas vantagens. No terceiro dia que passou na cidade, candidatou-se a um emprego como cozinheiro de refeições rápidas, considerando experiência o trabalho que fizera nas pracinhas da Universidade de Missouri e o verão em que cozinhou num acampamento de meninos nos Rangely Lakes. A proprietária da lanchonete, uma viúva durona de nome Ruby Pelletier, examinara seu pedido e dissera:

— Você é um pouquinho instruído demais para servir picadinho. Sabia disso, não, cara?

— Isso mesmo — disse Johnny. — Eu me instruí tanto que caí fora do mercado de trabalho.

Ruby Pelletier pôs as mãos nos quadris magros, jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— Você acha que vai conseguir dar no couro às duas da madrugada, quando uma dúzia de motoristas que usam a faixa do cidadão chegam todos ao mesmo tempo pedindo ovos mexidos, *bacon*, salsichas, torradas e bolinho na grelha?

— Talvez — disse Johnny.

— Talvez você nem saiba do que estou falando agora — disse Ruby — mas vou dar-lhe uma chance, seu universitário. Vá fazer um exame de saúde, para não termos problemas com o conselho de saúde, e traga-me um certificado. Eu o contrato na hora.

Ele tinha feito isso, e, depois da trapalhada das duas primeiras semanas (inclusive uma série dolorosa de bolhas na mão direita, quando jogou uma cesta de pedaços de batatas numa panela de óleo fervente depressa demais), dominara o trabalho, em vez de ser dominado por ele. Quando viu o anúncio de Chatsworth, mandou seu currículo para a caixa postal. No currículo mencionara seus créditos especiais em educação, que incluíam um seminário de um semestre sobre incapacidades de aprendizagem e problemas de leitura.

Em fins de abril, quando estava terminando seu segundo mês na lanchonete, recebeu uma carta de Roger Chatsworth, pedindo que ele comparecesse a uma entrevista no dia 5 de maio. Tomou as providências necessárias para tirar um dia de folga, e às duas e dez, numa linda tarde de primavera, estava sentado no gabinete de Chatsworth, com um copo de Pepsi-Cola bem gelada na mão, escutando Roger falar dos problemas de leitura do filho.

— Isso lhe parece dislexia? — perguntou Roger.

— Não. Parece uma fobia geral pela leitura.

Chatsworth fizera uma careta.

— Síndrome de Jackson?

Johnny ficou impressionado.., e sem dúvida era para ficar. Michael Carey Jackson era um especialista em leitura e gramática da Universidade do Sul da Califórnia que causara certo rebuliço alguns anos antes com um livro intitulado *The unlearning reader*-.*. O livro descrevia uma porção de problemas de leitura que depois passaram a ser conhecidos como síndrome de Jackson. O livro era bom, se se conseguisse entender o complexo jargão acadêmico. O fato de Chatsworth, aparentemente, ter conseguido fazê-lo mostrou a Johnny muita coisa sobre o interesse que ele tinha em resolver o problema do filho.

— Algo assim — concordou Johnny. — Mas o senhor há de compreender que ainda nem sequer conheço o seu filho, nem o ouvi ler.

— Ele tem de fazer uma recuperação dos estudos do curso, do ano passado. Autores americanos, um período de história de nove semanas, e *civismo*, imagine. Foi reprovado no exame final dessa matéria porque não conseguiu ler o raio da coisa. Você tem registro de professor em New Hampshire?

— Não — disse Johnny —, mas isso não é problema, arranjo um.

— E de que modo você trataria do caso?

*** “*O leitor que não aprende.*” (N. do T.)**

Johnny mostrou o método que empregaria. Muita leitura oral de parte de Chuck, com forte apoio sobre material de alto impacto, como fantasia, ficção científica, banguê-banguê e romances juvenis de rapazes com automóveis. Questionários constantes sobre o que se acabou de ler. E uma técnica de descontração descrita no livro de Jackson.

— Os grandes realizadores muitas vezes são os que mais sofrem — disse Johnny. — Esforçam-se demais e pioram o bloqueio. É um tipo de gagueira mental que...

— É Jackson quem diz isso? — interrompeu Chatsworth.

Johnny sorriu.

— Não, isso sou eu que digo — disse ele.

— OK, continue.

— Às vezes, se o aluno consegue esvaziar a cabeça logo depois da leitura, sem sentir a pressão de ter de repetir logo, os circuitos parecem desimpedir-se. Quando isso começa a acontecer, o aluno passa a pensar de novo em sua linha de ataque. É um caso de pensamento positivo...

Os olhos de Chatsworth tinham brilhado. Johnny havia acabado de tocar na mola mestra de sua própria filosofia.., provavelmente, a mola mestra das crenças da maioria dos homens que vencem por si mesmos.

— Não há nada que tenha êxito como o êxito — disse ele.

— Bem, sim. Uma coisa assim.

— Quanto tempo você levaria para arranjar um registro de New Hampshire?

— Só o tempo de processarem o meu requerimento. Umas duas semanas, talvez.

— Então você poderia começar no dia 20?

Johnny piscou.

— Quer dizer que estou contratado?

— Se quiser o trabalho, está. Pode ficar na casa de hóspedes; isso há de espantar o raio dos parentes neste verão, sem falar nos amigos dele... e quero que ele assente a cabeça mesmo. Pago seiscentos dólares por mês, não é nada de extraordinário, mas, se Chuck fizer progressos' eu lhe darei uma gratificação considerável.

Chatsworth tirou os óculos e passou a mão pelo rosto.

— Amo o meu filho, Sr. Smith. Só quero o melhor para ele. Ajude-nos um pouco, se puder.

— Vou tentar.

Chatsworth recolocou os óculos e tomou a pegar o currículo de Johnny.

— Não leciona há um bocado de tempo. Não se deu bem? “Lá vem”, pensou Johnny.

— Dei-me bem — disse ele — ‘ mas é que tive um desastre.

Chatsworth estava olhando para as cicatrizes no pescoço de Johnny, onde os tendões atrofiados tinham sido parcialmente endireitados.

— Desastre de automóvel?

— Foi.

— Grave?

— Foi.

— Parece estar bem, agora — disse Chatsworth. Pegou o currículo, guardou-o numa gaveta, e, coisa assombrosa, foi o fim das perguntas. Assim, depois de cinco anos, Johnny estava lecionando de novo, embora sua carga de aluno não passasse de um só.

— “Quanto a mim, que tinha a... cidentalmente pro... vocado essa morte, ele pegou a minha mão, apertando de leve, e sorriu seu per. . . dão.., perdão para mim. Foi um momento difícil, e fui embora sentindo que tinha feito mais mal no mundo do que eu podia jamais re. ..reparar.”

Chuck fechou o livro, com decisão.

— Pronto. O último a cair é um otário.

— Um instante, Chuck.

— Ahhhhh... — Chuck tornou a sentar-se, pesadamente, o rosto compondo-se no que Johnny já considerava sua expressão de “agora as perguntas”. Predominava um bom humor paciente, mas sob aquilo ele às

vezes vislumbrava um outro Chuck: emburrado, preocupado e assustado. Bem assustado. Porque o mundo era dos letrados, os analfabetos do país eram dinossauros cambaleando por um beco sem saída, e Chuck era suficientemente esperto para saber disso. E tinha muito medo do que lhe poderia acontecer quando voltasse para a escola, no outono.

— Só umas perguntinhas, Chuck.

— Para que se dar ao trabalho? Você sabe que não vou conseguir responder.

— Ah, vai, sim. Desta vez você vai poder responder a todas elas.

— Nunca consigo entender o que leio, você já devia saber disso. — Chuck estava com um ar sério e infeliz. — Nem sei para que você ainda fica aqui; só se for pela bóia.

— Você vai poder responder a essas perguntas porque elas não são a respeito do livro.

—Chuck levantou os olhos.

— Não são sobre o livro? Então para que perguntar? Pensei...

— Faça como estou dizendo, sim?

O coração de Johnny estava batendo com força, e ele não se espantou muito ao perceber que estava assustado. Havia tempos que vinha planejando aquilo, aguardando a confluência exata das circunstâncias. Aquele momento era o mais próximo disso a que ele conseguiria chegar. A Sra. Chatsworth não estava por ali, nervosa, deixando Chuck mais nervoso ainda. Nenhum dos companheiros dele estava nadando na piscina, deixando-o constrangido por estar lendo em voz alta como um aluno atrasado de quarta série. E, o que era mais importante, o pai, o homem a quem Chuck queria agradar mais do que qualquer outra pessoa no mundo, não estava presente. Estava em Boston, numa reunião de uma Comissão de Ecologia da Nova Inglaterra sobre a poluição das águas.

Da obra *An overview of learning disabilities* *, de Edward Stanney:

“O sujeito, Rupert J., estava sentado na terceira fila de um cinema. Era a pessoa mais próxima da tela, com uma diferença de mais de seis fileiras do próximo espectador, e era o único em posição de poder observar que começara a pegar fogo no lixo acumulado no chão. Rupert J. levantou-se e gritou: ‘F-F-F-F-F...’, enquanto as pessoas atrás dele gritavam para que ele se sentasse e calasse a boca.

— O que você sentiu diante disso? — perguntei a Rupert.

— Nem em mil anos eu conseguiria explicar o que aquilo me fez sentir — respondeu ele. — Eu estava assustado, mas, mais do que assustado, fiquei frustrado. Senti-me incapaz, indigno de ser membro da raça humana. A gagueira sempre me fazia sentir isso, mas então também me senti impotente.

— Houve mais alguma coisa?

— Sim, senti inveja, porque alguma outra pessoa havia de ver o fogo e... sabe...

“— Ter a glória de comunica-lo?

“— É, isso mesmo. Eu vi o fogo começar Fui o único. E só consegui dizer F-F-F-F como uma droga de um disco arranhado. Indigno de ser membro da raça humana, é o melhor meio de dizê-lo”.

“— E como foi que você rompeu o bloqueio?”.

“— Na véspera fora o aniversário de minha mãe. Comprei-lhe meia dúzia de rosas no florista. E fiquei ali, com todos eles gritando comigo, e pensei: vou abrir a minha boca e gritar ROSAS! o mais alto que puder. Preparei essa palavra.

“— E então, o que é que fez?

- “— Abri a boca e gritei FOGO!, com toda a força de meus pulmões.”

*** “Visão geral das incapacidades de aprendizagem.” (N. do T.)**

Havia oito anos que Johnny lera aquele caso na introdução ao texto de Stanney, mas nunca se esquecera dele. Sempre pensara que a palavra-chave na recordação do que acontecera, para Rupert J., era a palavra “impotente”. Se você sentir que as relações sexuais são a coisa mais importante do mundo, em dado momento, arrisca-se dez ou cem vezes mais a ficar com um pênis frouxo. E se achar que a leitura é a coisa mais importante do mundo...

— Qual é o seu sobrenome do meio, Chuck? — perguntou ele, com displicência.

— Murphy — disse Chuck, com um sorrisinho. — Não é uma droga? Era o nome de solteira de minha mãe. Se contar isso a Jack ou Al, serei obrigado a causar sérios danos ao seu corpo magrinho.

— Não há perigo — disse Johnny. — Quando é o seu aniversário?

— Dia 8 de setembro.

Johnny começou a fazer as perguntas mais depressa, sem dar a Chuck a oportunidade de pensar., mas não eram perguntas sobre as quais ele tivesse de pensar.

— Qual o nome de sua garota?

— Beth. Você conhece Beth, Johnny...

— Qual o sobrenome do meio dela?

Chuck riu.

— Alma. Bem feio, não?

— Qual o nome do seu avô paterno?

— Richard.

— Por quem é que você torce no Campeonato Americano do Leste, este ano?

— Pelos Yankees. É moleza.

— Quem você prefere para presidente?

— Gostaria de ver Jerry Brown vencer.

— Está pretendendo trocar aquele Vette?

— Este ano, não. Talvez no próximo.

— Idéia de sua mãe?

— Se é! Diz ela que corre mais que a paz de espírito dela.

— Como foi que Red Hawk passou pelos guardas e matou Danny Juniper?

— Sherburne não deu bastante atenção àquele alçapão que dava para a porta do sótão da cadeia — disse Chuck prontamente, sem pensar, e Johnny sentiu uma repentina sensação de triunfo que o atingiu como um trago de uísque puro. Dera certo. Conseguira que Chuck lhe falasse de rosas, e ele reagira com um grito bom e sadio de *fogo!*

Chuck estava olhando para ele num espanto quase total.

— Red Hawk entrou no sótão pela clarabóia. Abriu a porta do alçapão com um pontapé. Atirou em Danny Juniper. Atirou em Tom Kenyon, também.

— Isso mesmo, Chuck.

— Lembrei-me — murmurou ele, e depois olhou para Johnny, arregalando os olhos, esboçando um sorriso. — Você me fez lembrar, usando de um artifício!

— Eu só o peguei pela mão e o fiz dar a volta ao que quer que fosse que estava no seu caminho, esse tempo todo — disse Johnny. — Mas, seja

o que for, continua ali, Chuck. Não se iluda. Quem era a garota por quem Sherburne se apaixonou?

— Era... — Os olhos dele se turvaram um pouco, e ele sacudiu a cabeça, com relutância. — Não me lembro. — Bateu na coxa com uma violência súbita. — Não consigo lembrar-me de *nada*! Sou tão *burro*, porra!

— Você se lembra se já lhe contaram como foi que seu pai conheceu sua mãe?

Chuck olhou para ele e sorriu um pouco. Em sua coxa havia uma mancha feia e vermelha, onde ele batera.

— Claro. Ela estava trabalhando na Avis, em Charleston, Carolina do Sul. Fez o meu pai alugar um carro com um pneu furado. — Chuck riu.

— E quem era a garota por quem Sherburne se interessou?

— Jenny Laughorne. Um problema e tanto para ele. Ela é a garota de Gresham. Ruiva, como Beth. Ela... — Parou, olhando para Johnny como se ele tivesse acabado de tirado um coelho do bolso da camisa. — Você conseguiu de novo!

— Eu, não. Foi você. É um truque simples de direção errada. Por que você diz que Jenny Langhorne é um problema e tanto para John Sherburne?

— Bem, porque Gresham é o figurão daquela cidade...

— Que cidade?

Chuck abriu a boca, mas não saiu som algum. De repente, ele desviou o olhar do rosto de Johnny e olhou para a piscina. Depois sorriu e voltou a olhar para o outro.

— Amity. A mesma do filme *Tubarão*.

— Ótimo! Como é que conseguiu se lembrar desse nome?

Chuck riu-se.

— Isso não tem sentido algum, mas comecei a pensar em tentar participar do time de natação, e lá estava. Que truque! Que grande truque!

— OK. Por hoje basta, acho. — Johnny estava se sentindo cansado, suado e muito, muito bem. — Você acabou de dar um salto no seu progresso, caso não tenha notado. Vamos nadar o último a cair é um otário.

— Johnny?

— O quê?

— Isso dá certo sempre?

— Se você adquirir o hábito, dá — disse Johnny. — E cada vez que você der a volta ao bloqueio, em vez de tentar atravessá-lo, vai tomá-lo um pouco menor. Acho que vai começar a notar uma melhora na sua leitura de palavra-por-palavra dentro de pouco tempo, também. Conheço mais alguns truquezinhos. — Calou-se. O que acabara de dizer a Chuck era menos uma verdade do que uma sugestão hipnótica.

— Obrigado — disse Chuck. Desaparecera a máscara de bom humor paciente, sendo substituída por uma gratidão sincera. — Se você me fizer vencer isso, eu... bem, acho que me ajoelharia para lhe beijar os pés, se você quisesse. Às vezes fico tão assustado, achando que estou decepcionando o meu pai...

— Chuck, você não sabe que isso faz parte do problema?

— É?

— É. Você está..., está exagerando. Esforçando-se demais. Tudo demais. E pode não ser apenas um bloqueio psicológico, sabe. Há quem acredite que alguns problemas de leitura, a síndrome de Jackson, fobias de leitura, tudo isso pode ser um tipo de... marca de nascença mental. Um circuito estropiado, um relé defeituoso, uma zo... — Fechou a boca, de repente.

— Uma o quê? — perguntou Chuck.

— Uma zona morta — disse Johnny devagar. — Seja o que for. Os nomes não interessam. Os resultados, sim. O truque de direção errada na verdade não é nenhum artifício. É educar uma parte não cultivada de seu cérebro para fazer o trabalho dessa pequena seção defeituosa. Para você, isso significa passar a uma cadeia de pensamento de base oral cada vez que chegar a um obstáculo. Em seu cérebro, você está mudando o lugar de onde vem o seu pensamento. É aprender a dar um golpe com ambas as mãos.

— Mas vou conseguir isso? Você acha que vou conseguir?

— Sei que vai — disse Johnny.

— Está bem. Então vou. — Chuck deu um mergulho raso na piscina e voltou à tona, sacudindo a água dos cabelos compridos em um chuveiro de gotículas. — Venha! Está ótima.

— Já vou — disse Johnny, mas, no momento, contentou-se em ficar de pé ali, nos azulejos da borda, vendo Chuck nadar vigorosamente para a parte funda da piscina, e saboreando aquele sucesso. Não tivera essa sensação gostosa quando de repente soubera que as cortinas da cozinha de Eileen Magown estavam pegando fogo, nem quando revelara o nome de Frank Dodd. Se Deus lhe dera algum dom, era o de ensinar, e não o de saber de coisas que ele não tinha nada de saber. Isso era o tipo de coisa para a qual ele tinha sido feito, e quando ensinava em Cleaves Mills, em 1970, sabia disso. E, o que era mais importante, os garotos sabiam e reagiam a isso, assim como Chuck reagira agora.

— Vai ficar aí parado como um palerma? — perguntou Chuck.

Johnny mergulhou na piscina.

Capítulo 18

Warren Richardson saiu do pequeno prédio do escritório às dezesseis e quarenta e cinco, como sempre. Foi até o estacionamento, colocou seu peso bruto de noventa quilos atrás do volante do Chevrolet Caprice e ligou

o motor. Tudo conforme a rotina. O que não estava de acordo com a rotina foi o rosto que apareceu de repente no espelho retrovisor: um rosto moreno, de barba por fazer, cercado por cabelos compridos e destacado por olhos tão verdes quanto os de Sarah Hazlett ou Chuck Chatsworth. Warren Richardson não levava um susto tão grande desde que era menino, e seu coração deu um salto imenso e irregular no peito.

— Olá — disse Sonny Elliman, debruçando-se sobre o assento.

— Quem... — foi só o que Richardson conseguiu dizer, pronunciando a palavra num silvo apavorado. Seu coração estava batendo com tanta força, que ele via pontinhos negros dançando diante dos olhos, ao ritmo de sua pulsação. Teve medo de ter um infarto.

— Calma — disse o homem que se tinha escondido no assento de trás.
— Calma, rapaz. Fique frio.

E Warren Richardson sentiu uma emoção absurda: a gratidão. O homem que o assustara não ia mais assustá-lo. Devia ser um bom homem, devia ser...

— Quem é você? — conseguiu dizer, dessa vez.

— Um amigo — disse Sonny.

Richardson dispôs-se a virar-se, e dedos duros como tenazes cravaram-se dos lados de seu pescoço flácido. A dor foi estonteante. Richardson respirou com um ganido convulsivo.

— Não vai querer virar-se, rapaz. Pode ver-me muito bem no seu retrovisor. Entendeu?

— Sim — gaguejou Richardson. — Sim, sim, sim, mas largue-me!

As tenazes começaram a se afrouxar, e ele novamente sentiu aquela sensação irracional de gratidão. Mas não duvidava mais de que o homem do assento de trás fosse perigoso, ou que estivesse naquele carro de propósito, embora não pudesse imaginar por que alguém havia de...

E então pôde imaginar por que alguém havia de, ou pelo menos por que alguém *poderia*, não era o tipo de coisa que se esperasse de um candidato a cargo político normal, mas Greg Stillson não era normal, Greg Stillson era um doido, e...

Baixinho, Warren Richardson começou a chorar.

— Tenho de conversar com você, rapaz — disse Sonny. Sua voz era bondosa e lamentosa, mas pelo espelho retrovisor seus olhos brilhavam, verdes, divertidos. — Tenho de falar com você como um conselheiro severo.

— ~ Stillson, não é? E...

De repente as tenazes voltaram, os dedos do sujeito enterraram-se em seu pescoço, e Richardson soltou um grito agudo.

— Nada de nomes — disse-lhe o homem do assento de trás, com aquela mesma voz, bondosa-mas-lamentosa. — Chegue à suas próprias conclusões, Sr. Richardson, mas guarde os nomes para si. Estou com o polegar sobre a sua artéria carótida, e os meus dedos estão sobre a sua jugular, e posso transformá-lo em um nabo humano, se quiser.

— O que é que você quer? — perguntou Richardson.

Não chegou a gemer, propriamente, mas quase; nunca sentira tanta vontade de gemer antes. Não podia acreditar que aquilo estivesse acontecendo no estacionamento atrás de seu escritório de imóveis, em Capital City, New Hampshire, num dia luminoso de verão. Estava vendo o relógio embutido nos tijolos vermelhos da torre da prefeitura. Eram cinco para as cinco. Em casa, Norma devia estar pondo no forno as costeletas de porco, bem temperadas, Sean devia estar assistindo ao programa *Vila Sésamo* na TV. E atrás dele estava um homem ameaçando cortar o fluxo sanguíneo para o seu cérebro, transformando-o em um débil mental. Não, não era verdade; era como um pesadelo. O tipo de pesadelo que faz a gente gemer dormindo.

— Eu não quero nada — disse Sonny Elliman. — Trata-se do que você quer.

— Não sei do que está falando. — Mas tinha um medo horrível, achando que sabia, sim.

— Aquele artigo no *Journal* de New Hampshire, sobre negócios esquisitos de imóveis — disse Sonny. — O senhor teve muita coisa a dizer, Sr. Richardson, não foi? Especialmente a respeito de... certas pessoas.

— Eu...

— Aquele negócio sobre o Centro Comercial de Capital, por exemplo. Insinuando comissões e partilhas de lucros e uma mão lavando a outra. Toda aquela *bosta*. — Seus dedos tomaram a apertar o pescoço de Richardson, e dessa vez ele gemeu. Mas ele não fora identificado, no artigo, fora apenas “uma fonte bem-informada”. Como tinham descoberto? Como é que *Greg Stilson* tinha descoberto?

O homem atrás de Warren Richardson começou a falar depressa no seu ouvido, o hálito quente fazendo-lhe cócegas.

— O senhor podia atrapalhar a vida de certas pessoas dizendo essas besteiras, sabe, Sr. Richardson? Pessoas que se candidatam a cargos políticos, digamos. Isso é como jogar bridge, entende? O senhor está vulnerável. As pessoas podem jogar lama, e ela cola, especialmente nos dias de hoje. Bem, por enquanto ainda não houve problemas. Fico satisfeito ao lhe dizer isso, pois, se houvesse problemas, o senhor poderia estar aí catando os dentes de dentro do nariz, em vez de estar conversando amigavelmente comigo.

A despeito de seu coração disparado, a despeito do seu pavor, Richardson disse:

— Essa... essa pessoa... rapaz, você está maluco se acha que pode protegê-lo. Ele andou fazendo tanta trapaça quanto um mascate charlatão em cidades do sul. Mais cedo ou mais tarde...

Um polegar fincou-se em sua orelha, com força. A dor foi imensa, inacreditável. A cabeça de Richardson bateu contra o vidro, e ele deu um grito. Às cegas, tateou procurando a buzina.

— Se tocar essa buzina, eu o mato — murmurou a voz.

Richardson deixou cair as mãos. O polegar aliviou a pressão.

— Você devia usar cotonetes aí, rapaz. — disse a voz. —Estou com cera no polegar todo. Muito feio.

Warren Richardson começou a chorar baixinho. Não conseguia parar. As lágrimas corriam por suas faces gordas.

— Por favor, não me machuque mais — disse ele. — Por favor. Por favor.

— É o que falei — disse-lhe Sonny. — Tudo é uma questão do que você quer. O que tem a fazer não é se preocupar com o que os outros possam dizer a respeito dessas... certas pessoas. O que tem a fazer é vigiar o que sai da sua boca. O que tem a fazer é pensar antes de falar, da próxima vez que aparecer aquele cara do *Journal*. Pode pensar em como é fácil descobrir quem é “uma fonte bem-informada”. Ou pode pensar no espeto que seria se a sua casa se incendiasse. Ou no que teria de pagar por uma operação plástica, se alguém jogasse ácido de bateria na cara de sua mulher.

O homem atrás de Richardson agora estava ofegante. Parecia um animal numa floresta.

— Ou pode pensar, entende, em como seria fácil aparecer alguém e seqüestrar o seu filho, de volta do jardim de infância.

— Não fale assim! — exclamou Richardson, em voz rouca. —Não diga essas coisas, seu filho da mãe nojento!

— Só estou dizendo que você deve pensar no que deseja —disse Sonny. — Uma eleição é coisa nacional, sabia? Especialmente num ano de Bicentenário. Todo mundo devia divertir-se. Ninguém se diverte se uns merdas como você começam a contar uma porção de mentiras. Merdas invejosos como você.

A mão largou-o de vez. A porta de trás abriu-se. Ah, graças a Deus, graças a Deus!

— É preciso pensar — repetiu Sonny Elliman. — Agora, estamos entendidos?

— Sim — murmurou Richardson. — Mas, se está pensando que Gre... uma certa pessoa vai conseguir eleger-se usando essas táticas, está muito enganado.

— Não — disse Sonny. — É você quem está muito enganado. Porque todo mundo está se divertindo. Trate de não ficar de fora.

Richardson não deu resposta. Ficou sentado, rígido, atrás do volante, o pescoço latejando, olhando para o relógio do prédio da prefeitura, como se fosse a única coisa sã que lhe restasse na vida. Já eram quase cinco e cinco. As costeletas de porco já deviam estar no forno.

O homem do assento de trás disse mais uma coisa e depois foi embora, andando depressa, os cabelos compridos batendo no colarinho da camisa, sem olhar para trás. Dobrou a esquina do prédio e desapareceu.

A última coisa que disse a Warren Richardson foi “cotonetes”.

Richardson começou a tremer todo, e levou muito tempo para conseguir dirigir o carro. Sua primeira sensação foi de raiva... uma raiva tremenda. O impulso que teve foi de ir diretamente à delegacia de polícia de Capital City (instalada no prédio abaixo do relógio) e contar o que tinha acontecido — as ameaças à mulher e ao filho, o assalto físico —, e em benefício de quem isso fora feito.

“Pode pensar no que terá de pagar por uma operação plástica.., ou como seria fácil alguém seqüestrar o seu filho. .

Mas por quê? Por que se arriscar? O que ele dissera àquele bandido era a verdade pura e simples. Todos no ramo de imóveis do sul de New Hampshire sabiam que Stillson estava fazendo um jogo sujo, acumulando lucros a curto prazo que o levariam à cadeia mais cedo ou mais tarde, e não deveria demorar muito. A campanha dele era um exemplo de idiotice.

E agora táticas de violência! Ninguém podia fazer isso por muito tempo nos Estados Unidos..., e especialmente na Nova Inglaterra.

Mas que outro levantasse a lebre.

Alguém que tivesse menos a perder.

Warren Richardson ligou o carro e voltou para casa, para suas costeletas de porco, sem falar coisa alguma. Certamente, outra pessoa havia de pôr um paradeiro naquilo.

Capítulo 19

Um dia, pouco depois do primeiro salto no progresso de Chuck, Johnny Smith estava no banheiro da casa de hóspedes, fazendo a barba. Agora, quando ele se olhava bem de perto no espelho, tinha uma sensação estranha, como se estivesse vendo um irmão mais velho, em vez de a si mesmo. Em sua testa havia fundas rugas horizontais. Mais duas ladeavam a boca. O mais estranho de tudo era aquela mecha branca, e o resto dos cabelos estava ficando grisalho. Parecia ter começado da noite para o dia.

Desligou o barbeador e foi para a sala conjugada com a cozinha. Que luxo!, pensou, sorrindo um pouco. Sorrir era voltar a se sentir natural. Ligou a TV, tirou uma Pepsi da geladeira e instalou-se para assistir ao noticiário. Roger Chatsworth devia voltar mais tarde, e no dia seguinte Johnny teria o prazer notável de contar a ele que seu filho estava fazendo progressos reais.

Johnny ia visitar seu pai mais ou menos de quinze em quinze dias. O pai estava muito satisfeito com o novo trabalho de Johnny, e escutava com muito interesse quando este lhe falava dos Chatsworths, a casa na agradável cidade universitária de Durham e os problemas de Chuck. Johnny, por sua vez, escutou quando o pai lhe falou do trabalho gratuito que estava fazendo em casa de Charlene MacKenzie, em New Gloucester, perto de onde ele morava.

— O marido dela era um médico e tanto, mas não tinha muita habilidade manual — disse Herb.

Charlene e Vera tinham sido amigas antes de Vera se embrenhar muito nos ramos mais estranhos do fundamentalismo. Isso as separara. O marido, clínico-geral, tinha morrido de um ataque cardíaco em 1973.

— Aquela casa estava quase caindo em cima da cabeça daquela mulher — disse Herb. — Era o mínimo que eu podia fazer. Vou lá aos sábados, e ela me dá jantar antes de eu voltar para casa. Para dizer a verdade, Johnny, ela cozinha melhor do que você.

— Também é mais bonita — disse Johnny, com inocência.

— Claro, é uma mulher bonita, mas não é nada *disso*, Johnny. Sua mãe ainda não está enterrada nem há um ano...

Mas Johnny desconfiou de que talvez fosse mesmo alguma coisa assim, e, em segredo, não poderia ficar mais contente. Não gostava da idéia de o pai envelhecer sozinho.

Na televisão, Walter Cronkite estava apresentando as notícias políticas da noite. Então, terminado o período inicial, faltando apenas algumas semanas para as convenções, parecia que Jimmy Carter estava certo de conseguir a indicação dos democratas. Ford é que estava em apuros para salvar sua vida política com Ronald Reagan, ex-governador da Califórnia e ex-apresentador do programa de TV *GE Theater*. O páreo estava tão duro que os repórteres estavam contando os delegados individuais, e, em uma de suas raras cartas, Sarah Hazlett tinha escrito: “Walt está torcendo para que Ford o consiga. Como candidato para a vaga estadual do Senado por aqui, ele já está pensando nos fraques. E diz que, pelo menos no Maine, Reagan não os tem”.

Quando estava trabalhando de cozinheiro em Kittery, Johnny se acostumara a ir a Dover, Portsmouth ou qualquer das outras cidadezinhas em volta delas, em New Hampshire, umas duas vezes por semana. Todos os candidatos à presidência iam a essas cidades ou vinham delas, e era uma oportunidade única de ver os concorrentes de perto e sem o aparato quase régio de autoridade que mais tarde poderia cercar qualquer um

deles. Aquilo tomou-se quase um passatempo, embora necessariamente de curta duração. Quando as eleições primárias de New Hampshire acabassem, os candidatos passariam para a Flórida sem sequer olhar para trás. E naturalmente alguns entre eles enterrariam suas ambições políticas em algum lugar entre Portsmouth e Keene. Não tendo nunca sido político —a não ser durante a era do Vietnam —, Johnny tornou-se um ávido observador de políticos no período de convalescença depois do episódio de Castle Rock... e o seu dom, doença ou fosse o que fosse também desempenhou seu papel nisso.

Ele apertou as mãos de Morris Udall e Henry Jackson. Fred Harris lhe deu um tapa nas costas. Ronald Reagan deu-lhe um aperto de mão duplo, rápido, de político experiente, dizendo: “Participe das pesquisas, e ajude-nos, se puder”. Johnny concordara com simpatia, não vendo vantagem nenhuma em desiludir o Sr. Reagan da idéia de que ele fosse um eleitor legítimo de New Hampshire.

Tinha batido um papo com Sarge Shriver junto da entrada principal da monstruosa avenida chamada Newington Mall, durante quase quinze minutos. Shriver, com os cabelos recém-cortados, cheirando a loção pós-barba e talvez a desespero, estava acompanhado por um único assessor, com os bolsos cheios de folhetos, e por um agente do serviço secreto que ficava coçando a acne furtivamente. Shriver parecera ficar extremamente satisfeito ao ser reconhecido. Um ou dois minutos antes de Johnny se despedir, um candidato em busca de um cargo local se aproximara de Shriver pedindo que ele assinasse sua nomeação. Shriver dera um sorriso delicado.

Johnny sentira coisas sobre todos eles, mas poucas de natureza específica. Era como se eles tivessem tornado o ato de tocar em alguém uma coisa tão ritual, que seus verdadeiros seres ficassem sepultados sob uma camada de lucite dura e transparente. Embora tivesse visto a maior parte deles — com a exceção do presidente Ford —, Johnny só sentiu uma vez aquela pontada de conhecimento que associava a Eileen Magown, e, de modo completamente diferente, a Frank Dodd.

Eram seis e quarenta e cinco da manhã. Johnny havia ido a Manchester, com o seu velho Plymouth. Tinha trabalhado das dez da noite

da véspera até as seis da manhã. Sentia-se cansado, mas a tranqüila aurora de inverno estava bonita demais para ele querer dormir. E gostava de Manchester, Manchester com suas ruas estreitas e prédios de tijolos gastos pelo tempo, as fábricas de tecidos góticas espalhadas à margem do rio como contas vitorianas. Naquela manhã, ele não estava conscientemente atrás de políticos; pretendia passear um pouco pelas ruas, até elas começarem a se encher, até romper-se o encanto frio e quieto de fevereiro, e depois voltaria para Kítery, para dormir um pouco.

Dobrou uma esquina e viu três sedãs comuns parados defronte de uma fábrica de sapatos, em local proibido. De pé junto do portão da cerca resistente, de cabos trançados, estava Jimmy Carter, apertando as mãos dos homens e mulheres que entravam para trabalhar naquele turno. O pessoal estava levando marmitas ou sacos de papel, expirando nuvens brancas, embrulhados em casacos pesados, os rostos ainda adormecidos. Carter tinha uma palavra para cada um. Seu sorriso, então não tão conhecido quanto se tomou depois, era infatigável e fresco. Estava com o nariz vermelho do frio.

Johnny parou a meio quarteirão dali e caminhou até o portão da fábrica, os sapatos rangendo na neve dura. O agente do serviço secreto que estava com Carter examinou-o rapidamente e depois esqueceu-se dele ... ou pareceu fazê-lo.

— Voto em quem estiver interessado em reduzir os impostos. — dizia um homem numa velha jaqueta de esqui. A jaqueta tinha uma constelação de algo que parecia queimaduras de ácido de bateria em uma das mangas. — Os raios dos impostos estão nos matando, e não estou brincando.

— Bem, vamos ver o que se pode fazer — disse Carter. — Examinar a situação fiscal vai ser uma das nossas primeiras prioridades, quando eu chegar à Casa Branca.

Havia na voz dele uma autoconfiança tão serena, que Johnny ficou impressionado e meio inquieto.

Os olhos de Carter, brilhantes e de um azul quase assombroso, desviaram-se para Johnny.

— Olá — disse ele.

— Olá, Sr. Carter — disse Johnny. — Não trabalho aqui. Estava passando e o vi.

— Estou contente de que tenha parado. Sou candidato a presidente.

— Sei disso.

Carter estendeu a mão. Johnny apertou-a.

Carter começou:

— Espero que... — E parou.

Ocorreu o choque, como se ele tivesse enfiado o dedo numa tomada elétrica. Os olhos de Carter se apertaram. Ele e Johnny se olharam pelo que pareceu ser muito tempo.

O sujeito do serviço secreto não gostou daquilo. Aproximou-se de Carter e de repente começou a desabotoar o sobretudo. Em algum lugar atrás deles, um milhão de quilômetros atrás deles, soou o apito da fábrica, a nota única frisando às sete horas na manhã fria e azul.

Johnny largou a mão de Carter, mas os dois continuaram a se olhar.

— Que *diabo* foi isso? — perguntou Carter, bem baixinho.

— Você provavelmente tem de ir para algum lugar, não? —disse o sujeito do serviço secreto, de repente. Pôs a mão no ombro de Johnny. Era uma mão muito grande. — Claro que tem.

— Está tudo bem — disse Carter.

— O senhor vai ser presidente — disse Johnny.

A mão do agente continuava no ombro de Johnny, mais de leve, mas ainda lá, e ele também estava recebendo alguma coisa dele. Os

(*olhos*)

do sujeito do serviço secreto não gostavam dos olhos dele.

Johnny achou que eram

(olhos de assassino, de psicopata)

frios e estranhos, e se aquele cara pusesse uma das mãos que fosse no bolso do sobretudo, se sequer parecesse fazer isso, ele ia derrubá-lo na calçada. Por trás da avaliação da situação feita pelo agente do serviço secreto, havia uma ladainha de idéias simplesmente enlouquecedora:

(louro maryland louro maryland louro maryland louro)

— Sim — disse Carter.

— Vai ser mais difícil do que todos mais difícil do que o senhor pensa, mas vai vencer. Ele se derrotará. A Polônia. A Polônia o derrotará.

Carter limitou-se a olhar para ele, meio sorrindo.

— O senhor tem uma filha. Ela vai para uma escola pública em Washington. Vai para... — Mas estava na zona morta. — Creio..., é uma escola que tem o nome de um escravo liberto.

— Cara, quero que você vá andando — disse o agente.

Carter olhou para ele, e o agente acalmou-se.

— Foi um prazer conhecê-lo — disse Carter. — Um pouco desconcertante, mas um prazer.

De repente, Johnny voltou ao seu normal. Tinha passado. Sentiu que estava com as orelhas frias e que tinha de ir ao banheiro.

— Bom dia — disse ele, sem jeito.

— Sim. Para você também.

Voltara para o carro, sentindo os olhos do sujeito do serviço secreto sempre sobre ele. Pouco depois, Carter se livrara dos concorrentes de New Hampshire e passara para a Flórida.

Walter Cronkite acabou com os políticos e passou para a guerra civil no Líbano. Johnny levantou-se e encheu novamente o seu copo de Pepsi. Inclinou o copo para a TV. “À sua saúde, Walt. À morte, destruição e desespero... onde estaríamos sem isso?”

Bateram à porta, de leve.

— Entre — disse Johnny, esperando que fosse Chuck, provavelmente para convidá-lo a ir ao *drive-in* em Somersworth. Mas não era Chuck, era o pai.

— Oi, Johnny — disse ele. Estava de *jeans* desbotados e uma velha camisa esporte de algodão, com as fraldas de fora. — Posso entrar?

— Claro. Pensei que o senhor só voltasse mais tarde.

— Bem, Shelley me ligou. — Shelley era a mulher dele. Roger entrou e fechou a porta. — Chuck foi falar com ela. Rompeu em prantos, tal qual um garotinho. Disse a ela que você estava conseguindo, Johnny. Disse que achava que ia ficar bom.

Johnny largou o copo.

— Ainda falta muito — disse ele.

— Chuck. foi buscar-me no aeroporto. Não o vejo assim desde que ele tinha...o quê? Dez anos? Onze? Quando lhe dei a pistola 22 que ele vinha esperando havia cinco anos. Ele me leu um artigo do jornal. O progresso é... quase fantástico. Vim agradecer-lhe.

— Agradeça a Chuck — disse Johnny. — É um rapaz maleável. Muita coisa do que lhe está acontecendo é um reforço positivo. Ele se convenceu

psicologicamente de que é capaz de fazê-lo e agora está inebriado com isso. É a melhor maneira de exprimi-lo.

Roger sentou-se.

— Diz ele que você está lhe ensinando a dar um golpe com ambas as mãos.

Johnny sorriu.

— É, acho que sim.

— Ele vai poder fazer o tal exame?

— Não sei. Eu não gostaria nada de vê-lo tentar e fracassar. Esses exames constituem uma situação de grande pressão. Se ele se sentar naquele auditório com uma folha de exame na frente e um lápis IBM na mão e depois empacar, será um grave revés para ele. Já pensou numa boa escola preparatória por um ano? Um lugar como a Pittsfield Academy?

— Já andamos falando disso, mas, francamente, sempre achei que seria só adiar o inevitável.

— Isso é uma das coisas que vem trazendo problemas a Chuck. Essa sensação de estar numa situação de “ou vai ou racha”.

— Nunca pressiono Chuck.

— Não de propósito, sei disso. Ele também sabe. Por outro lado, o senhor é um homem rico e de sucesso, que se diplomou na universidade com distinção. Acho que Chuck tem um certo complexo de inferioridade.

— Não há nada que eu possa fazer a respeito disso, Johnny.

— Creio que um ano no curso preparatório, longe de casa, depois do último ano, poderá dar uma boa perspectiva das coisas para ele. E ele está querendo ir trabalhar em uma de suas fábricas no verão que vem. Se fosse meu filho e as fábricas fossem minhas, eu deixaria que fosse.

— Chuck quer fazer isso? Como é que nunca me disse nada?

— Porque ele não queria que o senhor pensasse que ele o estava bajulando — disse Johnny.

— Ele lhe disse isso?

— Disse. Quer fazer isso porque acha que a experiência prática lhe será proveitosa, mais tarde. O rapaz quer seguir os seus passos, Sr. Chatsworth. O senhor deu alguns bem notáveis. Grande parte do bloqueio da leitura foi por causa disso. Ele está com o nervosismo dos principiantes.

De certo modo, ele mentiu. Chuck tinha falado dessas coisas, até mencionando algumas delas, mas não fora franco como Johnny levara Roger Chatsworth a crer. Pelo menos, não verbalmente. Mas Johnny o sondara de vez em quando, e descobrira esses sintomas. Tinha visto as fotos que Chuck tinha na carteira, e sabia o que ele sentia pelo pai. Havia coisas que nunca poderia contar àquele homem simpático mas um tanto reservado, sentado diante de si. Chuck idolatrava o pai. Sob uma aparência displicente, uma aparência que era muito semelhante à de Roger, o rapaz se consumia com uma convicção íntima de que nunca conseguiria mostrar-se digno. O pai transformara uma participação de dez por cento numa fábrica de lãs falida num império têxtil da Nova Inglaterra. Ele acreditava que a questão do amor do pai dependia de sua própria capacidade de mover montanhas semelhantes. Fazer esporte. Ingressar numa boa universidade. *Ler*.

— Até que ponto você tem certeza de tudo isso? — perguntou Roger.

— Estou bastante seguro disso. Mas ficaria agradecido se o senhor não dissesse a Chuck que tivemos esta conversa. Estou contando os segredos dele. — “E isso é mais verdade do que o senhor imagina”.

— Está bem. E Chuck, a mãe dele e eu vamos conversar sobre a escola preparatória. Enquanto isso, isto aqui é seu.

Tirou do bolso de trás um envelope comercial branco, e entregou-o a Johnny.

— O que é?

— Abra e veja.

Johnny abriu-o. Dentro do envelope havia um cheque de quinhentos dólares.

— Puxa vida...! Não posso aceitar isso.

— Pode e deve. Eu lhe prometi uma gratificação se conseguisse alguma coisa, e cumpro as minhas promessas. Receberá outro quando for embora.

— Realmente, Sr. Chatsworth, eu...

— Psiu! Vou lhe dizer uma coisa, Johnny.

Ele inclinou-se para a frente. Estava sorrindo de um modo especial, e Johnny de repente sentiu que via, através do exterior simpático, o homem que tinha feito tudo aquilo acontecer: a casa, os jardins, a piscina, as fábricas. E, claro, a fobia de leitura do filho, que provavelmente poderia ser classificada de neurose histérica.

— A minha experiência mostra que noventa e cinco por cento das pessoas que habitam a terra são simplesmente inertes, Johnny. Um por cento é gente santa, e um por cento não é de nada. Os outros três por cento são as pessoas que fazem o que dizem que sabem fazer. Eu estou entre esses três por cento, e você também. Você mereceu esse dinheiro. Nas minhas fábricas há pessoas que

levam para casa onze mil dólares por ano para fazer pouco mais que ficar se coçando. Mas não me queixo. Sou um homem que conhece a vida, e isso significa que compreendo o que dá energia ao mundo. A mistura do combustível é uma parte de alta octanagem para nove partes de bosta. Você não é bosta. Portanto, guarde esse dinheiro na carteira, e da próxima vez procure dar-se um pouco mais de valor.

— Está bem — disse Johnny. — Vai ser de grande utilidade, não vou mentir quanto a isto.

— Contas de médicos?

Johnny olhou para Roger Chatsworth, apertando os olhos.

— Sei tudo sobre você — disse Roger. — Pensava que eu não ia investigar o camarada que contratei para ser professor de meu filho?

— Sabe a respeito...

— Dizem que você é um médium. Ajudou a resolver um assassinato no Maine. Pelo menos, é o que dizem os jornais. Tinha um emprego de professor engatilhado para o mês de janeiro passado, mas dispensaram-no rapidamente, quando o seu nome apareceu nos jornais.

— O senhor *sabia*? Há quanto tempo?

— Desde antes de você vir para cá.

— E assim mesmo me contratou?

— Eu queria um professor, não é? Você parecia ter jeito de quem conseguiria alguma coisa. Acho que demonstrei muito discernimento, ao contratá-lo.

— Bem, obrigado — disse Johnny, com a voz rouca.

— Já lhe disse que não é preciso agradecer.

Enquanto eles falavam, Walter Cronkite terminara o noticiário de fatos do dia e passara às histórias desenxabidas que por vezes aparecem no final de um noticiário. Estava dizendo:... os eleitores no oeste de New Hampshire têm um independente candidatando-se no terceiro distrito, este ano...

— Bem, o dinheiro vem a calhar — disse Johnny. — Isso...

— Psiu! Quero ouvir isso.

Chatsworth estava debruçado para a frente, as mãos penduradas entre os joelhos, um sorriso de expectativa nos lábios. Johnny virou-se para olhar a TV.

— ... Stillson — disse Cronkite. — Esse corretor de seguros e imóveis, de quarenta e três anos de idade, certamente está fazendo uma das campanhas mais excêntricas de 1976, mas tanto o candidato republicano do terceiro distrito, Harrison Fisher, como o seu adversário democrata, David Bowes, estão apavorados, porque as pesquisas mostram que Greg Stillson está levando uma boa vantagem. George Herman dará mais detalhes.

— Quem é Stillson? — perguntou Johnny.

Chatsworth riu.

— Ah, você tem de ver esse cara, Johnny. É doido de pedra. Mas acho que o eleitorado sóbrio do terceiro distrito vai mandá-lo para Washington neste mês de novembro. A não ser que ele caia e comece a espumar pela boca. E não acho isso completamente fora de cogitação.

A TV então mostrou a imagem de um rapaz bonitão, de camisa branca, de colarinho aberto. Estava falando para um grupo pequeno, de um palanque cheio de faixas, no estacionamento de um supermercado. O rapaz estava exortando o povo. O povo parecia não estar nada empolgado. George Herman narrou:

— Este é David Bowes, candidato democrata — o animal de sacrifício, diriam alguns — à vaga do terceiro distrito em New Hampshire. Bowes esperava uma luta renhida porque o terceiro distrito de New Hampshire *nunca* deu a vitória aos democratas, nem mesmo na grande *blitz* de Lyndon Johnson em 1964. Mas esperava ter de concorrer contra esse homem.

A TV então mostrou um homem de seus sessenta e cinco anos, que estava falando num jantar de luxo, para angariar fundos. O pessoal tinha aquele ar gorducho, virtuoso e levemente constipado que parece propriedade exclusiva dos homens de negócios que pertencem ao Partido Republicano. O orador apresentava uma semelhança marcada com Edward Gurney, da Flórida, embora não tivesse o corpo esguio e forte de Gurney.

— Este é Harrison Fisher — disse Herman. — Os eleitores do terceiro distrito o têm mandado para Washington de dois em dois anos, desde 1960. Ele é um vulto poderoso na Câmara, tendo figurado em cinco comissões e

tendo sido presidente da Comissão Parlamentar de Parques e Vias Navegáveis. Esperava-se que vencesse facilmente o jovem David Bowes. Mas nem Fisher nem Bowes estavam contando com um curinga no baralho. Com este curinga.

A imagem mudou.

— Deus do céu! — exclamou Johnny.

Ao lado dele, Chatsworth deu uma gargalhada e bateu nas coxas.

— Pode-se *acreditar* que esse cara exista?

Nada do grupinho displicente no estacionamento do supermercado, ali. Tampouco um confortável jantar para angariar fundos no Salão Nobre do Hilton de Portsmouth. Greg Stillson estava numa plataforma ao ar livre, em Ridgeway, sua cidade natal. Atrás dele via-se a estátua de um soldado da União, de carabina na mão e o quepe caindo sobre os olhos. A rua estava cercada por cordões de isolamento e cheia de gente que dava vivas entusiásticos, sobretudo gente jovem. Stilson estava de *jeans* desbotados e uma camisa do exército, de dois bolsos, com as palavras DE UMA OPORTUNIDADE À PAZ bordadas num dos bolsos e DOCINHO DE COCO DA MAMÃE no outro. Na cabeça, tinha um capacete de trabalhador de construção civil inclinado num ângulo arrogante e ousado, e, preso à frente do capacete, havia um adesivo ecológico verde, com a bandeira americana. Ao lado dele havia um carrinho de aço inoxidável. Dos dois alto-falantes vinha o som de John Denver cantando *Tbank God I'm a country boy*.

— O que é aquele carrinho? — perguntou Johnny.

— Você vai ver — disse Roger, ainda rindo muito.

Herman falou:

— O curinga é Gregory Ammas Stillson, quarenta e três anos, ex-vendedor da Companhia Americana Bíblia Caminho da Verdade, ex-pintor de casas, e, em Oklahoma, onde se criou, antigo provocador de chuva.

— Provocador de chuva — disse Johnny, assombrado.

— Ah, é uma das metas dele — disse Roger. — Se ele for eleito, teremos chuva quando precisarmos.

George Herman continuou:

— A plataforma de Stillson é... bem, inusitada.

John Denver acabou de cantar, com um grito que provocou vivas em resposta, de parte do povo. Depois Stillson começou a falar, a voz ressoando no auge da amplificação. Pelo menos o seu sistema de alto-falantes era sofisticado: quase não havia distorção. O sujeito tinha o modo de falar agudo, duro e persistente de um pregador religioso. Via-se uma leve espuma de saliva nos seus lábios, enquanto falava.

— O que vamos fazer em Washington? Por que queremos ir para Washington? — rugiu Stillson. — Qual a nossa plataforma? A nossa plataforma tem cinco metas, meus amigos e vizinhos, cinco boas metas! E quais são? Vou lhes dizer logo: Primeira meta: RUA COM OS VAGABUNDOS!

Um aplauso estrondoso, de parte do povo. Jogaram um punhado de confete para o ar e alguém gritou “Muito bem!” Stillson debruçou-se no pódio.

— Querem saber por que estou usando este capacete, amigos e vizinhos? Vou dizer por quê. Estou usando isso porque, quando vocês me mandarem para Washington, vou passar por eles como *vocês sabem o quê* num bambuzal! Vou avançar *assim mesmo!*

E diante dos olhos assombrados de Johnny, Stillson abaixou a cabeça e começou a investir pela plataforma afora, como um touro, soltando gritos agudos e ganidos, como os dos rebeldes. Roger Chatsworth estava praticamente desarmado na cadeira, rindo a mais não poder. O povo ficou alucinado. Stillson voltou investindo para o pódio, tirou o capacete de operário de construção e jogou-o para o povo. Seguiu-se imediatamente um ligeiro tumulto, pela posse do objeto.

— Segunda meta! — berrou Stillson no microfone. — Vamos derrubar qualquer um do governo, do mais graúdo ao mais miúdo, que estiver indo para a cama com uma mulher que não seja a dele! Se quiserem andar dormindo por aí, não vão fazê-lo às custas do povo!

— O que foi que ele disse? — perguntou Johnny.

— Ah, ele está só se aquecendo — disse Roger. Enxugou os olhos lacrimejantes e deu outra gargalhada. Johnny teve vontade de achar graça também.

— Terceira meta! — rugiu Stillson. — Vamos mandar toda a poluição para o espaço! Vamos ensacá-la! Vamos pô-la em malas! Vamos mandá-la para Marte e Júpiter e os anéis de Saturno! Vamos ter ar puro e água limpa, e isso tudo dentro de SEIS MESES!

O povo estava num paroxismo de alegria. Johnny viu no meio do pessoal muita gente que estava morrendo de rir, como Roger Chatsworth, no momento.

— Quarta meta! Vamos ter toda a gasolina e petróleo de que precisamos! Vamos parar de brincar com esses árabes e tratar da vida! Em New Hampshire não vamos ver velhinhos virando picolé, como no inverno do ano passado!

Isso provocou um estrondo de aprovação. No inverno anterior, uma velhinha de Portsmouth fora encontrada morta de frio em seu apartamento de terceiro andar, aparentemente devido a um desligamento por parte da companhia de gás, por falta de pagamento.

— Temos coragem, amigos e vizinhos, podemos fazê-lo! Há alguém por aí que ache que não podemos?

— NÃO! — berrou o povo.

— Última meta — disse Stillson, aproximando-se do carrinho de metal. Levantou a tampa articulada, e saiu uma nuvem de vapor. — CACHORROS-QUENTES!

Começou a pegar punhados de cachorros-quentes, do carrinho, que Johnny então viu ser uma mesinha-fogareiro portátil. Jogava-os ao povo e voltava para pegar mais. Os cachorros-quentes voavam por toda parte.

— Cachorros-quentes para todo homem, mulher e criança dos Estados Unidos! E quando vocês mandarem Greg Stillson para a Câmara dos Deputados, vão dizer: BACANA! AFINAL ALGUÉM ESTÁ LIGANDO!

A imagem mudou. O pódio estava sendo desfeito por uma turma de rapazes de cabelos compridos que pareciam ser membros de conjuntos de *rock* ambulantes. Outros três estavam limpando a sujeira deixada pelo povo. George Herman continuou:

— O candidato democrata David Bowes chama Stillson de palhaço, acusando-o de tentar atrapalhar os métodos do processo democrático. Harrison Fisher vai mais longe, em sua crítica. Chama Stillson de saltimbanco cínico, que quer representar toda a concepção de eleições livres como anedota de teatro de revista. Em seus discursos, refere-se ao candidato Stillson como o único membro do Partido do Cachorro-Quente Americano. Mas o fato é o seguinte: a última pesquisa do terceiro distrito de New Hampshire, feita pela CBS, deu David Bowes com vinte por cento dos votos, Harrison Fisher com vinte e seis... e o desgarrado Greg Stillson com estrondosos quarenta e dois por cento. Naturalmente, o dia das eleições ainda está longe, e as coisas podem mudar. Mas, por enquanto, Greg Stillson cativou os corações... se não as mentes..., dos eleitores do terceiro distrito de New Hampshire.

A TV mostrou uma tomada de Herman, da cintura para cima. Suas mãos antes estavam escondidas. Ele então levantou uma, e nela estava um cachorro-quente. Deu uma boa mordida.

— George Herman, *Noticiário da CBS*, em Ridgeway, New Hampshire.

Walter Cronkite voltou a aparecer, na sala do noticiário da CBS, dando risada.

— Cachorros-quentes — disse ele, e riu de novo. — Só faltava essa...

Johnny levantou-se e desligou o aparelho.

— Não posso acreditar — disse ele. — Esse cara é candidato mesmo? Não é brincadeira?

— Se é brincadeira ou não, é uma questão de interpretação pessoal — disse Roger, rindo —, mas ele é candidato mesmo. Eu sou republicano, desde que nasci, mas tenho de confessar que me empolgo com esse Stillson. Sabia que ele contratou meia dúzia de bandidos motoqueiros como guarda-costas? Verdadeiros cavaleiros de ferro. Não eram os Anjos do Inferno, nem nada disso, mas acho que eram da pesada. Ele parece tê-los reformado.

Motoqueiros *hippies* como seguranças. Johnny não gostou muito de ouvir aquilo. Eles tinham sido encarregados da segurança quando os Rolling Stones deram o concerto gratuito em Altamont Speedway, na Califórnia. Não dera muito certo.

— O povo aceita um bando de motoqueiros terroristas?

— Não, não é bem assim. São bem apresentáveis. E Stillson tem uma reputação e tanto em Ridgeway, em matéria de reformar garotos que se metem em encrencas.

Johnny deu um grunhido, mostrando suas dúvidas.

— Você já o viu — disse Roger, fazendo um gesto para o aparelho de TV. — O homem é um palhaço. Fica investindo pela plataforma assim em todos os comícios. Atira o capacete para o povo., acho que já deve ter usado uns cem, a essa altura., e distribui cachorros-quentes. É um palhaço, e daí? Talvez o povo precise de um pouco de descanso divertido, de vez em quando. Estamos ficando sem petróleo, a inflação está se descontrolando, devagar, mas constantemente, a carga de impostos do cidadão comum nunca foi tão pesada, e parece que estamos nos preparando para eleger um caipira confuso da Geórgia para presidente dos Estados Unidos. Então, o povo gosta de dar umas risadas. Mais ainda quer zombar de um sistema político que não parece ser capaz de resolver coisa alguma. Stillson é inofensivo.

— Está em órbita — disse Johnny, e ambos riram.

— Temos um bocado de políticos malucos por aí — disse Roger. — Em New Hampshire temos Stillson, que quer chegar à Câmara dos Deputados às custas de cachorros-quentes, e daí? Lá na Califórnia eles têm o Hayakawa. Ou veja o nosso governador, Meldrim Thomson. No ano passado, ele quis armar a Guarda Nacional de New Hampshire com armas nucleares táticas. Eu diria que isso é loucura total.

— Está querendo dizer que acha bom esse pessoal do terceiro distrito eleger o bobo da aldeia para representá-lo em Washington?

— Você não está entendendo — disse Chatsworth, com paciência. — Veja o ponto de vista do eleitor, Johnny. Essa gente do terceiro distrito é, em sua maioria, constituída de funcionários públicos e comerciantes. As partes mais rurais do distrito estão apenas começando a criar algum potencial recreativo. Essas pessoas olham para David Bowes e vêem um rapaz faminto, que está tentando eleger-se à base de uma fala macia e uma vaga semelhança com Dustin Hoffman. Espera-se que suponham que ele seja um homem do povo porque usa *jeans*.

“Depois, veja Fisher. Meu candidato, pelo menos em tese. Já organizei os angariadores de fundos para ele e outros candidatos republicanos nesta região de New Hampshire. Já está na Câmara há tanto tempo que provavelmente deve achar que o domo do Capitólio se racharia em dois, se ele não estivesse por lá para dar o apoio moral. Nunca teve uma idéia original na vida, nunca contrariou a linha do partido na vida. Não há nenhum estigma ligado ao nome dele, porque ele é burro demais para ser muito safado, se bem que provavelmente acabe levando um bocado de lama desse negócio de ‘Koreagate’. Os discursos dele são tão empolgantes quanto um Catálogo Nacional de Vendas por Atacado dos Bombeiros. As pessoas não sabem de todas essas coisas, mas às vezes as sentem. A idéia de que Harrison Fisher faça alguma coisa por seus eleitores é ridícula.”

— Então a solução é eleger um biruta?

Chatsworth sorriu, com indulgência.

— Às vezes esses birutas fazem um trabalho bem competente. Veja Bella Abzug. Tem um bocado de miolo, debaixo daqueles chapéus malucos. Mas mesmo que Stillson se revele tão louco em Washington

quanto é em Ridgeway, só está alugando a vaga por dois anos. Em 1978, eles o tiram de lá e põem alguém que entenda a lição.

— A lição?

Roger levantou-se.

— Não sacanear o povo por tempo demais — disse ele. — É essa a lição. Adam Clayton Powell descobriu isso. Agnew e Nixon também. É só... não sacanear o povo por tempo demais. — Olhou para o relógio. — Venha tomar um drinque em minha casa, Johnny. Shelley e eu vamos sair mais tarde, mas temos tempo para uma bebida rápida.

Johnny sorriu e levantou-se.

— Está bem — disse ele. — O senhor me convenceu.

Capítulo 20

Em meados de agosto, Johnny ficou sozinho na propriedade dos Chatsworths, só com Ngo Phat, que tinha seu alojamento em cima da garagem. A família Chatsworth tinha fechado a casa e ido para Montreal, passar três semanas de repouso e recuperação, antes de começar o ano letivo e o atropelo de outono nas fábricas.

Roger tinha deixado a chave do Mercedes da mulher com Johnny, e ele foi até a casa do pai, em Pownal, sentindo-se como um potentado. As confabulações do pai com Charlene MacKenzie tinham entrado na fase crítica, e Herb não se dava mais ao trabalho de dizer que seu interesse era apenas ver que a casa não desabasse sobre ela. Estava mesmo fazendo a corte abertamente, e deixou Johnny meio nervoso. Depois de três dias, Johnny voltou para a casa dos Chatsworths, pôs em dia suas leituras e sua correspondência e ficou apreciando o sossego.

Estava sentado numa poltrona-bóia no meio da piscina, bebendo uma Seven-Up e lendo a *New York Times Book Review*, quando Ngo chegou junto da beira da piscina, tirou as sandálias e mergulhou os pés na água.

— Aaahh! — disse ele. — Muito melhor. — E sorriu para Johnny. — Sossego, hem?

— Muito sossego — concordou Johnny. — Como vão as aulas de cidadania, Ngo?

— Muito bem — disse Ngo. — Vamos ter um passeio no campo no sábado. Primeiro. Muito empolgante. Toda a turma vai viajar.

— Passear — disse Johnny, sorrindo diante da idéia de toda a turma de cidadania de Ngo Phat viajar com LSD ou outro alucinógeno.

— Como? — Ele levantou as sobrancelhas, educadamente.

— Toda a sua turma vai passear.

— Sim, obrigado. Vamos assistir ao comício e discursos políticos em Trímbull. Estamos todos pensando que sorte temos de estar tomando aulas de cidadania num ano de eleições. É muito instrutivo.

— É, deve ser mesmo. Quem vocês vão ver?

— Greg Stirrs... — Parou e tornou a pronunciar o nome, com muito cuidado. — Greg Stillson, candidato independente para uma vaga na Câmara dos Deputados dos EUA.

— Já ouvi falar dele — disse Johnny. — Já falaram dele em sua aula, Ngo?

— Sim, tivemos umas conversas desse homem. Nascido em 1933. Homem de muitos trabalhos. Veio para New Hampshire em 1964. Nosso instrutor nos disse que ele agora está aqui há bastante tempo, de modo que as pessoas não o consideram mais intruso.

— Achou Stillson meio estranho?

— Neste país, talvez seja estranho — disse Ngo. — No Vietnã havia muitos como ele. Pessoas que são... — Ele ficou pensando, mexendo os pés pequenos e delicados na água azul-esverdeada da piscina. Depois tornou a olhar para Johnny.

— Não sei a palavra inglesa para o que quero dizer. Há um jogo na minha terra, chamado tigre-que-ri. É antigo e muito estimado, como o seu beisebol. Uma criança se fantasia de tigre, sabe. Veste uma pele. E as outras crianças procuram pegá-la, enquanto ela corre e dança. A criança da pele ri, mas ao mesmo tempo está rosnando e mordendo, pois é esse o jogo. Na minha terra, antes dos comunistas, muitos dos chefes da aldeia brincavam de tigre-que-ri. Acho que esse Stillson também conhece esse jogo.

Johnny olhou para Ngo, perturbado.

Ngo não parecia estar nada perturbado. Sorriu.

— Então vamos todos, ver por nós. Depois temos as comidas de piquenique. Eu vou fazer duas tortas. Acho que vai ser bom.

— Parece ótimo.

— Vai ser *muito ótimo* — disse Ngo, levantando-se. — Depois, na aula, vamos falar sobre o que vimos em Trimbull. Talvez façamos as redações. É muito mais fácil escrever as redações, porque podemos procurar a palavra exata. *Le mot juste*.

— É, às vezes escrever pode ser mais fácil. Mas nunca tive uma turma de redação no ginásio que acreditasse nisso.

Ngo sorriu.

— Como vai indo Chuck?

— Vai indo bem.

— É, ele agora está feliz. Não está fingindo. É um bom rapaz. Vá descansar um pouco, Johnny. Eu vou dar um cochilo.

— Está bem.

Ficou olhando Ngo afastar-se, pequeno, magro e ágil, em sua calça *jeans* e numa camisa de trabalho de algodão desbotado.

“A criança na pele ri, mas também está rosnando e mordendo, pois é esse o jogo..., acho que esse Stillson também conhece esse jogo.”

Novamente, aquela sensação de inquietação.

A poltrona balançava de leve na piscina. O sol batia nele, agradável. Ele tornou a abrir a *Book Review*, mas o artigo que estava lendo não mais lhe prendeu a atenção. Largou-a, levou a bóia de borracha até a borda da piscina e saiu da água. Trimbuil ficava a menos de cinquenta quilômetros dali. Talvez ele tomasse o Mercedes da Sra. Chatsworth e fosse até lá, naquele sábado. Ver Greg Stillson em pessoa. Apreciar o espetáculo. Talvez... talvez apertar a mão dele.

“Não. Não!”

Mas por que não? Afinal, ele tinha mais ou menos feito dos políticos seu passatempo, naquele ano de eleição. O que poderia haver de tão perturbador, se fosse ver mais um?

Mas *estava* perturbado, sim, não havia dúvida alguma. Seu coração batia mais depressa e com mais força do que devia, e ele conseguiu deixar cair a revista na piscina. Pescou-a antes de ficar encharcada, soltando um palavrão.

Sem saber por que, pensando em Greg Stillson, lembrou-se de Frank Dodd.

Completamente ridículo. Ele não podia sentir nada sobre Stillson, só por tê-lo visto na TV.

“Fique de longe”.

Bem, talvez ficasse; talvez, não. Talvez fosse a Boston naquele sábado, para ver algum filme.

Mas uma sensação estranha e pesada de medo o havia dominado, quando chegou à casa de hóspedes e mudou de roupa. De certo modo, a sensação parecia uma velha amiga..., o tipo de amigo que a gente odeia, em segredo. Sim, ele iria a Boston no sábado. Isso seria o melhor.

Embora revivesse aquele dia vezes e mais vezes, nos meses seguintes, Johnny nunca conseguiu lembrar-se exatamente por que nem como afinal foi acabar em Trimbull. Saía com outro rumo, pretendendo ir a Boston, ver os Red Sox no Fenway Park, e depois talvez ir a Cambridge espiar as livrarias. Se sobrasse algum dinheiro (tinha mandado quatrocentos dólares da gratificação de Chatsworth para o pai, que por sua vez os remetera para o Eastern Maine Medical, um gesto semelhante a cuspir no oceano), pretendia ir ao Cinema Orson Welles ver o filme *The harder they come*. Um bom programa para o dia, e um dia bonito; aquele dia 19 de agosto raiara quente, límpido e ameno, a destilação de um perfeito dia de verão da Nova Inglaterra.

Tinha entrado na cozinha da casa principal e preparara três bons sanduíches de presunto com queijo para o almoço; colocou-os numa velha cesta de piquenique que encontrou na despensa, e, depois de certa meditação, completou seus ingredientes com uma caixa de seis cervejas Tuborg. Naquela hora estava se sentindo ótimo, muito bem mesmo. Nenhum pensamento sobre Greg Stillson ou seu corpo de guarda-costas composto de cavaleiros de ferro, arrebanhado por conta própria, tinha sequer passado por sua cabeça.

Colocou a cesta de piquenique no chão do Mercedes e dirigiu para sudeste, em direção à 1-93. Tudo claro, até ali. Mas, depois, outros fatores começaram a aparecer. Pensamentos da mãe em seu leito de morte, primeiro. O rosto da mãe, contorcido numa careta fixa, a mão sobre a colcha em forma de garra, a voz parecendo sair através de uma porção de algodão.

“Eu não lhe disse? Não disse que era assim?”

Johnny aumentou o volume do rádio. Um sadio *rock’n’roll* saiu pelos dois alto-falantes estéreos do Mercedes. Ele tinha dormido durante quatro anos e meio, mas o *rock’n’roll* continuava vivo e passando bem, muito obrigado. Johnny foi cantando.

“Ele tem um trabalho para você. Não fuja dele, Johnny.”

O rádio não conseguia abafar a voz da mãe morta. A mãe morta ia dizer o que quisesse. Mesmo do outro lado da cova, ela ia dizer o que quisesse.

“Não se esconda numa caverna, nem o obrigue a mandar um peixe grande para devorá-lo”.

Mas ele fora devorado por um peixe grande. Seu nome não era leviatã, mas coma. Passara quatro anos e meio no ventre negro daquele peixe, e isso era o suficiente.

Chegou à entrada da rampa para a auto-estrada... e deixou-a para trás. Estava tão absorto em seus pensamentos que não reparara na entrada. Os velhos espíritos não queriam desistir e deixá-lo em paz. Bem, ele ia pegar o desvio e voltar assim que encontrasse o lugar adequado.

“Não o oleiro, mas o barro do oleiro, Johnny.”

— Ora, vamos — murmurou ele. Tinha de tirar essas besteiras da cabeça, era só isso. A mãe fora uma louca religiosa, não era uma maneira muito delicada de dizer a coisa, mas era verdade. O céu na constelação de Órion, os anjos dirigindo discos voadores, os remos subterrâneos. A seu modo, ela fora pelo menos tão louca quanto Greg Stillson era ao dele.

“Ah, pelo amor de Deus, não comece com esse sujeito.”

“E quando mandarem Greg Stillson para a Câmara dos Deputados, vão dizer: BACANA! AFINAL ALGUÉM ESTÁ LIGANDO!”

Chegou à Rodovia 63 de New Hampshire. Se virasse à esquerda iria para Concord, Berlin, Ridder’s Mil, Trimbull. Johnny fez a curva sem nem pensar nisso. Estava pensando em outra coisa.

Roger Chatsworth, que não era nenhum simplório, tinha rido de Greg Stillson, como se ele fosse a resposta daquele ano para os comicos da TV, George Carlin e Chevy Chase. “É um palhaço, Johnny.”

E, se Stillson fosse só isso, então não havia problema, não é? Um excêntrico encantador, um pedaço de papel em branco em que os eleitores poderiam escrever sua mensagem: “Vocês, outros caras, estão tão gastos que resolvemos eleger esse bobo por dois anos”. Provavelmente Stillson não passava disso, afinal. Um biruta inofensivo, não havia necessidade alguma de associá-lo com a loucura destruidora e organizada de Frank Dodd. E no entanto..., por algum motivo..., era o que ele fazia.

A estrada se bifurcava à sua frente. À esquerda para Berlin e Ridder’s Mill, à direita para Trimbull e Concord. Johnny dobrou à direita.

“Mas não faria mal apenas apertar a mão dele, não é?”

Talvez não. Mais um político para a coleção. Algumas pessoas colecionavam selos, outras, moedas, mas Johnny Smith colecionava apertos de mão e...

“... e confesse. Você estava procurando um curinga no baralho, desde o princípio.”

A idéia abalou-o de tal modo que ele quase parou no acostamento. Vislumbrou seu rosto no espelho retrovisor, e não era o mesmo rosto satisfeito, está-tudo-bem com que se levantara. Agora era o rosto da entrevista coletiva à imprensa, e o rosto do homem que engatinhara pela neve da praça pública de Castle Rock. A pele branca demais, os olhos com olheiras machucadas, as rugas fundas demais.

“Não. Não é verdade.”

Mas era. Agora que fora expresso, não podia ser negado. Nos primeiros vinte e três anos de sua vida, tinha apertado a mão de apenas um político: foi na ocasião em que Ed Muskie tinha ido fazer uma palestra na aula de administração que ele tivera no ginásio, em 1966. Nos últimos sete meses, ele apertara a mão de mais de uma dúzia de figurões. E não tivera a idéia, quando cada um estendera a mão: “Como é esse camarada? O que vai me dizer?”

Não estaria procurando, o tempo todo, o equivalente político de Frank Dodd?

Sim. Era verdade.

Mas o fato era que nenhum, a não ser Carter, lhe dissera grande coisa, e as sensações que ele tivera com Carter não eram nada alarmantes. Quando apertara a mão de Carter, não sentira a sensação de desânimo que tivera só de ver Greg Stillson na Tv. Sentia que Greg Stillson podia estar levando o jogo do tigre-que-ri um passo à frente: por dentro da pele de fera, um homem, sim.

Mas, por dentro da pele do homem, uma fera.

Fosse qual fosse a sucessão dos fatos, Johnny encontrou-se comendo o seu almoço de piquenique no parque da cidade de Trimbull, em vez de nas arquibancadas de Fenway. Chegara pouco depois do meio-dia e tinha visto um aviso no quadro do comitê dizendo que o comício seria às três da tarde.

Foi até o parque, achando que estaria bem vazio, faltando tanto tempo para começar o comício, mas já havia outras pessoas estendendo mantas, preparando-se para jogar discos ou instalando-se para almoçar.

Na frente, uma porção de homens estava trabalhando no coreto. Dois estavam enfeitando as grades, da altura da cintura, com faixas. Outro estava numa escada, pendurando faixas coloridas no beiral circular do coreto. Outros estavam instalando o sistema de som, e, conforme Johnny adivinhara ao ouvir a cena na CBS, não era um pódio com um equipamento de alto-falante barato. Os alto-falantes eram Altec-Lansings, e estavam sendo colocados cuidadosamente para dar um som envolvente.

Os assessores (mas a imagem que persistia era de motoqueiros preparando-se para um concerto do Eagles ou de Geils) faziam o seu trabalho com uma precisão profissional. Tudo parecia feito por pessoas

competentes e experimentadas, o que se chocava com a imagem de Stillson de louco simpático.

A idade das pessoas ali variava dos treze aos trinta e poucos anos. Todos estavam se divertindo. Os bebês davam seus primeiros passos por ali, agarrando doces e chocolates que se derretiam. As mulheres batiam papo e riam. Os homens bebiam cerveja em copos de isopor. Alguns cachorros saltavam por ali, agarrando o que havia para agarrar, e o sol brilhava benigno sobre todos.

— Testando — disse um dos homens no coreto, laconicamente, nos dois microfones. — Teste um, teste dois... — Um dos alto-falantes no parque produziu um ganido alto, e o cara do pódio fez sinal para que o afastassem.

“Não é assim que a gente se prepara para um comício e um discurso político”, pensou Johnny. “Estão se preparando para uma festa de amor.., ou uma bolinagem coletiva.”

— Teste um, teste dois... teste, teste, teste.

Estavam *amarrando* os alto-falantes às árvores, Johnny viu. Não *pregando*, mas *amarrando*. Stillson era defensor da ecologia, e alguém dissera aos seus assessores para não danificar nem uma só árvore do parque. A operação dava a impressão de estar afiada até o último detalhe. Não era um negócio de pegar e largar.

Dois ônibus escolares amarelos chegaram ao pátio de manobras, à esquerda do estacionamento pequeno (e já repleto). As portas se abriram, e homens e mulheres saltaram, conversando animadamente. Contrastavam fortemente com os que já estavam no parque, porque estavam vestidos com suas melhores roupas: os homens, de terno ou paletó esporte; as mulheres, de conjuntos de saia e blusa ou vestidos caprichados. Ficaram olhando em volta com expressões de assombro e expectativa quase infantis, e Johnny sorriu. Era a turma de cidadania de Ngo que chegara.

Foi até junto deles. Ngo estava com um homem alto, de terno de veludo cotelê, e duas mulheres, ambas chinesas.

— Olá, Ngo — disse Johnny.

Ngo deu um vasto sorriso.

— Johnny! — disse ele. — Que bom ver você, rapaz! É um grande dia para o Estado de New Hampshire, não?

— Imagino que sim — disse Johnny.

Ngo apresentou os colegas. O homem de terno de veludo era polonês. As duas mulheres eram irmãs, de Formosa. Uma delas disse a Johnny que tinha muita esperança de apertar a mão do candidato depois do programa, e então, encabulada, mostrou a Johnny o livro de autógrafos que tinha na bolsa.

— Estou tão contente por estar aqui nos Estados Unidos! — disse ela.
— Mas é estranho, não é, Sr. Smith?

Johnny, que achava que tudo aquilo era estranho, concordou.

Os dois instrutores da turma de cidadania estavam convocando o grupo.

— Até mais tarde, Johnny — disse Ngo. — Tenho de ir viajando.

— Andando — disse Johnny.

— Sim, obrigado.

— Divirta-se, Ngo.

— Ah, sim, por certo. — Os olhos de Ngo pareciam brilhar, achando uma graça secreta. — Tenho certeza de que será muito divertido, Johnny.

O grupo, cerca de quarenta ao todo, foi para o lado sul do parque, para fazer o almoço de piquenique. Johnny voltou para o seu lugar e forçou-se a comer um de seus sanduíches. O gosto era de uma combinação de papel e cola de livro.

Uma tensão forte tomava conta de seu corpo.

Às duas e meia, o parque estava completamente lotado; as pessoas estavam apinhadas quase ombro a ombro. A polícia municipal, reforçada por um pequeno contingente da polícia estadual, tinha isolado as ruas que levavam ao parque municipal de Trimbull. A semelhança com um concerto de *rock* era mais forte do que nunca. Música *bluegrass** jorrava dos alto-falantes, alegre e animada. Nuvens brancas e gordas esvoaçavam pelo céu azul e inocente.

De repente as pessoas começaram a se levantar e a esticar os pescoços. Foi uma onda que percorreu o povo. Johnny também se levantou, pensando se Stillson chegaria antes da hora. Então ouviu o ronco dos motores das motocicletas, aumentando e enchendo a tarde de verão, ao se aproximarem. Johnny viu os raios de sol refletidos nos cromados, e poucos minutos depois cerca de dez motos entraram no pátio onde estavam estacionados os ônibus do pessoal da cidadania. Não havia nenhum carro com elas. Johnny supôs que se tratasse de uma guarda avançada.

Sua sensação de inquietação acentuou-se. Os motoqueiros estavam bastante apresentáveis, a maior parte vestida com *jeans* limpos e desbotados e camisas brancas, mas as motos em si, a maioria Harleys e BSA, estavam quase irreconhecíveis, de tão aparelhadas: guidons altos e curvos, canos de escapamento cromados e inclinados, carenagens estranhas em abundância.

Os seus proprietários desligaram os motores, saltaram e foram para o coreto, em fila única. Só um deles olhou para trás. Seus olhos percorreram a multidão, sem pressa; mesmo de alguma distância, Johnny viu que as íris do homem eram de um verde-garrafa brilhante. Ele parecia estar contando os presentes. Olhou para a esquerda, para quatro ou cinco guardas da

cidade, encostados contra a rede do gol do campo de futebol do time local, e acenou. Um dos guardas debruçou-se e cuspiu. Aquele ato encerrou em si um caráter de ritual, e a inquietação de Johnny acentuou-se mais ainda. O homem de olhos verdes foi andando para o coreto.

*** *Música country.* (N. do T.)**

Acima da inquietação, que agora formava como que um piso emocional para seus outros sentimentos, Johnny sentiu predominar um misto louco de pavor e hilaridade. Tinha uma sensação de sonho, como se tivesse penetrado em um desses quadros em que as locomotivas saem de lareiras de tijolos ou em que os mostradores de relógios estão deitados, frouxos, sobre galhos de árvores. Os motociclistas pareciam extras num filme americano internacional sobre motos, todos resolvidos a ser limpos. Os *jeans* limpos e desbotados estavam esticados sobre botas de mecânico de ponta quadrada, e em mais de um par Johnny viu correntes cromadas prendendo o peito do pé. O cromado reluzia muito ao sol. As expressões deles eram quase todas iguais: uma espécie de bom humor vazio, que parecia ser dirigido ao povo. Mas sob aquilo poderia haver um simples desprezo pelos jovens operários de fábricas, pelos estudantes de verão que tinham ido da Universidade de New Hampshire, em Durham, e pelos operários de fiação que estavam ali para lhes dar uma ovação. Cada um estava usando dois distintivos políticos. Um mostrava um capacete amarelo de trabalhador de construção, com um adesivo verde de ecologia na frente. O outro tinha a legenda: STILLSON DEU-LHES UMA CHAVE DE BRAÇO.

E, aparecendo de cada bolso traseiro direito, via-se um taco de bilhar serrado.

Johnny virou-se para o vizinho, que estava com a mulher e o filho pequeno.

— Essas coisas são permitidas? — perguntou.

— Quem vai lá se importar? — respondeu o rapaz, rindo. — São só para demonstração, em todo caso. — Ele continuava a aplaudir — *Vá pegá-los, Greg!* — berrou ele.

A guarda de honra de motoqueiros espalhou-se em volta do coreto, num círculo, e ficou em atitude de “descansar”.

Os aplausos foram parando, mas as conversas continuaram num tom mais forte. A boca coletiva da multidão recebera o aperitivo e o apreciara.

“Nazistas”, pensou Johnny, sentando-se “Camisas-pardas, é o que são.”

Bom, e daí? Talvez isso fosse até bom. Os norte-americanos tinham pouca tolerância para com a atitude fascista: nem mesmo direitistas empedernidos como Reagan gostavam desse negócio; isso era a verdade nua e crua, por mais ataques que a Nova Esquerda quisesse ter ou por mais canções que Joan Baez cantasse. Oito anos antes, as táticas fascistas da polícia de Chicago tinham contribuído para Hubert Humphrey perder a eleição. Johnny não se importava que esses sujeitos fossem limpos; se estavam a soldo de um candidato à Câmara dos Deputados, então Stillson não podia estar a mais de alguns passos de se exceder. “Se não fosse tão fantástico, seria engraçado mesmo”.

Assim mesmo, sentiu vontade de não ter ido.

Pouco antes das três horas, o ar encheu-se do rufar de um grande tambor, sentido pelos pés antes de ser propriamente percebido pelos ouvidos. Outros instrumentos começaram a rodeá-lo, aos poucos, fundindo-se todos em uma banda marchando e tocando uma marcha de Sousa. Vivacidade de eleição em cidade pequena, num dia de verão.

O povo pôs-se de pé de novo, espichando-se em direção da música. Logo apareceu a banda: primeiro a baliza de saias curtas, fazendo seus passos de botas de couro branco com pompons, depois mais duas balizas, depois dois garotos espinhentos, de cara séria, carregando um estandarte que declarava que aquela era a BANDA DE MUSICA DO GINÁSIO DE TRIMBULL, e, por Deus, era bom não esquecer aquilo. Depois a banda em si, reluzente e suada, de farda branca ofuscante e botões dourados.

As pessoas abriram caminho para eles e depois romperam em aplausos, quando começaram a marcar passo. Atrás deles vinha uma camioneta Ford branca, e de pé, de pernas abertas, na capota, com o rosto bronzeado e aberto num sorriso gigantesco, sob seu capacete de construção civil inclinado para trás, o candidato em pessoa. Ele levantou um megafone a pilha e berrou nele, com um entusiasmo de pulmões possantes:

— *OLÁ, PESSOAL!*

— *Olá, Greg!* — respondeu logo o povo.

“Greg”, pensou Johnny, meio histérico. “Tratam o cara pelo nome de batismo.”

Stillson saltou da capota da camioneta, conseguindo fazer parecer que era coisa fácil. Estava vestido como Johnny o vira no noticiário, de *jeans* e camisa cáqui. Começou a predispor o povo a caminho do coreto, apertando mãos, tocando em outras, estendidas sobre as cabeças dos que estavam nas primeiras filas. A multidão oscilava e se empurrava, delirante, para ele, e Johnny sentiu um impulso semelhante em suas entranhas.

“Não vou tocar nele. De jeito nenhum.”

Mas à sua frente, de repente, o povo se abriu um pouco, ele entrou no vazio e subitamente se viu na primeira fila. Estava bem perto do garoto que tocava tuba na Banda de Música do Ginásio de Trimbull, poderia ter estendido a mão e batido com os nós dos dedos na boca do megafone, se quisesse.

Stillson passou rapidamente pelas fileiras da banda, para apertar as mãos do pessoal do outro lado, e Johnny o perdeu totalmente de vista,

vendo apenas o capacete amarelo, saltitante. Sentiu alívio. Tudo bem, então. Não houvera prejuízo. Como o fariseu da famosa história, ele ia passar pelo outro lado. Bom. Ótimo. E, quando ele chegasse ao pódio, Johnny ia pegar suas coisas e desaparecer na tarde. Bastava.

Os motoqueiros tinham se colocado de ambos os lados do caminho, no meio das pessoas, para impedir que elas caíssem sobre ele, afogando-o em gente. Todos os pedaços de taco de bilhar continuavam nos bolsos de trás, mas seus donos estavam tensos e alerta a qualquer problema. Johnny não sabia exatamente que tipo de problema eles esperavam — um doce ou uma bala atirada na cara do candidato, talvez —, mas pela primeira vez os motoqueiros pareciam estar realmente interessados.

Então alguma coisa aconteceu, de fato, e Johnny não foi capaz de dizer exatamente o quê. Uma mão feminina estendeu-se para o capacete amarelo, talvez só para tocá-lo, para dar sorte, e um dos capangas de Stillson aproximou-se depressa. Ouviu-se um grito de decepção, e a mão desapareceu depressa. Mas foi tudo do outro lado da banda de música.

A algazarra do povo era imensa, e ele pensou de novo nos concertos de *rock* a que tinha assistido. Era assim que seria se Paul McCartney ou Elvis Presley resolvessem apertar a mão do povo.

Estavam berrando o nome dele, entoando-o:

—*GREG... GREG... GREG...*

O rapaz que tinha instalado a família ao lado de Johnny estava carregando o filho acima da cabeça, para ele poder enxergar. Um rapaz, com uma cicatriz grande e feia numa das faces, estava agitando um cartaz com os dizeres: VIVER LIVRE OU MORRER, É GREG PRA VALER! Uma garota lindíssima, de seus dezoito anos, estava agitando uma fatia de melancia, e o suco rosado escorria pelo seu braço bronzeado. Tudo era uma confusão em massa. O entusiasmo percorria a multidão como uma série de fios elétricos de alta voltagem.

E de repente lá estava Greg Stillson, voltando pelo meio da banda, para o lado onde estava Johnny. Não parou, mas teve tempo de dar um tapinha amigo nas costas do tocadour de tuba.

Mais tarde Johnny matutou sobre o assunto e tentou dizer a si mesmo que nem mesmo tinha havido oportunidade ou tempo para ele recuar no meio do povo; tentou dizer que o povo praticamente o tinha colocado entre os braços de Stillson. Tentou dizer a si mesmo que Stillson só faltara arrebatá-lo. Nada disso era verdade. Haveria tempo, pois uma mulher gorda, com uma roupa amarela, absurda, de calças arregaçadas, passou os braços pelo pescoço de Stillson e deu-lhe um beijo estalado, que Stillson retribuiu, rindo e dizendo: “Pode apostar que me lembrarei de você, benzinho”. A gorda gritou de rir.

Johnny sentiu o frio compacto e conhecido invadi-lo, a sensação de transe. A sensação de que nada importava, apenas *saber*. Chegou a sorrir um pouco, mas não era o seu sorriso. Estendeu a mão, e Stillson agarrou-a com as duas e começou a sacudi-la para cima e para baixo.

— Ei, rapaz, espero que nos apóie...

Aí Stillson parou. Assim como Eileen Magown parara. Assim como o Dr. James Brown (como o cantor) parara. Como Roger Dussault parara. Arregalou os olhos, e depois eles se encheram de... medo? Não. Era *pavor* nos olhos de Stillson.

O momento pareceu eterno, O tempo objetivo foi substituído por outra coisa, um perfeito camafeu de tempo, enquanto eles se fitavam, olhos nos olhos. Para Johnny, foi como estar de novo naquele corredor cromado e opaco, só que dessa vez Stillson estava com ele, e eles estavam partilhando ... partilhando

(*tudo*)

Para Johnny, nunca fora tão forte, nunca. Tudo lhe ocorreu. de uma vez, junto e berrando como um terrível trem de carga negro disparando por um túnel estreito, uma locomotiva rápida com um único farol brilhante na frente, e o farol sabia tudo, e sua luz empalou Johnny Smith como um inseto num alfinete. Não havia para onde fugir, e o conhecimento perfeito o derrubou, achatando-o como a uma folha de papel, enquanto aquele trem noturno disparava sobre ele.

Ele teve vontade de gritar, não quis gritar, não tinha voz.

A única imagem de que ele não conseguia escapar

(quando o filtro azul começou a aparecer)

era Greg Stillson prestando-o juramento do cargo. Estava sendo prestado diante de um velho com os olhos humildes e assustados de um rato do campo encurralado por um gato de quintal

(tigre)

terrivelmente eficiente e marcado de brigas. Uma das mãos de Stillson pousada sobre uma Bíblia, outra erguida. Era dali a muitos anos, pois Stillson tinha perdido grande parte dos cabelos. O velho estava falando, Stillson acompanhando. Stillson dizia que

(o filtro azul está mais forte, cobrindo as coisas, apagando-as aos poucos, misericordioso filtro azul, o rosto de Stilson está atrás do azul., e do amarelo., do amarelo como listras de tigre)

o faria “com a ajuda de Deus”. Estava com uma cara solene, até séria, mas uma alegria imensa e quente lhe invadia o peito e rugia em seu cérebro. Pois o homem de olhos assustados de rato do campo era o presidente do Supremo Tribunal de Justiça dos Estados Unidos e

(ah Deus do céu o filtro o filtro o filtro azul as listras amarelas)

então tudo começou a desaparecer devagar por trás daquele filtro azul... só que não era um filtro; era uma coisa de verdade. Era

(no futuro, na zona morta)

alguma coisa no futuro. Dele? De Stillson? Johnny não sabia.

Havia uma sensação como de voar — voar pelo azul — sobre cenas de desolação total, que não podiam ser propriamente vistas. E, cortando no meio disso, a voz desencarnada de Greg Stillson, a voz de um Deus a preços reduzidos ou uma locomotiva de ópera cômica dos mortos: “VOU PASSAR POR ELES COMO O TRIGO PASSA PELO GANSO! COMO A MERDA NUM BAMBUZAL!”

— O tigre — murmurou Johnny, com voz grossa. — O tigre por trás do azul. Do amarelo.

Então tudo, imagens, quadros, palavras, se desfez no estrondo aumentado e suave do esquecimento. Ele pareceu sentir um cheiro adocicado, acobreado, como fios de alta-tensão queimando. Por um momento aquele olho interior pareceu abrir-se mais ainda, procurando; o azul e o amarelo que tinham obscurecido tudo pareciam prestes a solidificar-se em... em algo, e de algum lugar interior, distante e cheio de terror, ele ouviu uma mulher gritar:

— Passe-o para cá, seu filho da mãe!

Por quanto tempo ficamos ali juntos, assim?, ele se perguntaria mais tarde. Supunha que talvez fossem cinco segundos. Depois Stillson estava puxando a mão, *arrancando-a*, olhando para Johnny de boca aberta, a cor fugindo de sob o bronzeado do candidato nas campanhas de verão. Johnny via as obturações dos dentes de trás do sujeito.

A expressão dele era de pavor revoltado.

“Bom”, Johnny teve vontade de gritar. “Bom! Arrebente-se! Você todo! Destrua-se! Estoure! Desintegre-se! Preste um favor ao mundo!”

Então dois dos motoqueiros estavam correndo para a frente, agora sacando os tacos cortados, e Johnny sentiu um tipo de pavor burro porque iam espancá-lo, golpeá-lo na cabeça com os tacos, iam fazer de conta que a cabeça de Johnny era a bola oito e iam jogá-la bem na caçapa do lado, de volta às trevas da coma, e dessa vez ele nunca mais sairia dela, nunca poderia dizer a alguém o que tinha visto, nem mudar coisa alguma.

Aquela sensação de destruição... Deus! Tinha sido *tudo*!

Tentou recuar. As pessoas se espalharam, empurrando-se para trás, gritando de medo (ou talvez de empolgação). Stillson estava se virando para seus capangas, já se controlando, sacudindo a cabeça, controlando-os.

Johnny não viu o que aconteceu em seguida. Cambaleou, a cabeça para baixo, piscando devagar como um bêbado no fim amargo de uma

bebedeira de uma semana. Depois o estrondo suave e cada vez maior do esquecimento o dominou, e Johnny se deixou ir, com prazer. Perdeu os sentidos.

Capítulo 21

— Não — disse o chefe de polícia, respondendo à pergunta de Johnny —, o senhor não está sendo acusado de coisa alguma. Não está preso. E não é obrigado a responder a qualquer pergunta. Apenas ficaríamos muito gratos se respondesse.

— *Muito* gratos — repetiu o homem de terno tradicional.

Chamava-se Edgar Lancte e trabalhava no escritório de Boston do FBI. Achava que Johnny parecia estar passando muito mal. Havia um machucado inchado sobre sua sobrancelha esquerda que estava ficando roxo depressa. Ao desmaiar, Johnny tinha caído com força sobre o sapato de um membro da banda de música ou na ponta quadrada de uma bota de motoqueiro. Mentalmente, Lancte preferia esta hipótese. E, possivelmente, essa bota estaria em movimento, na hora do contato.

Smith estava pálido demais, e suas mãos tremiam muito, ao beber a água no copinho que o chefe Bass lhe deu. Uma de suas pálpebras estava com um tique nervoso. Ele parecia o clássico pretenso assassino, embora o artigo mais mortífero em seus pertences pessoais tivesse sido um alicate de unhas. Não obstante, Lancte conservaria em mente essa impressão, porque ele era como era.

— O que lhes posso dizer? — perguntou Johnny.

Ele voltara a si num catre em uma cela destrancada. Estava com uma dor de cabeça lancinante. Agora estava melhorando, sentia-se estranhamente vazio por dentro. Um pouco como se suas entranhas tivessem sido extraídas e substituídas por um creme. Em seus ouvidos havia um ruído alto e constante., não exatamente um tinido, mas um zumbido agudo e constante. Eram nove horas da noite. A comitiva de

Stillson havia muito tinha saído da cidade. Todos os cachorros-quentes tinham sido devorados.

— Pode contar-nos exatamente o que aconteceu lá? — disse Bass.

— Estava fazendo calor. Acho que me excitei demais e desmaiei.

— É inválido, ou coisa assim? — perguntou Lancte, com naturalidade.

Johnny olhou para ele com firmeza.

— Não queira brincar comigo, Sr. Lancte. Se sabe quem eu sou, pode dizer.

— Sei — disse Lancte. — Talvez seja médium mesmo.

— Não há nada de mediúnico em se adivinhar que um agente do **FBI** pode estar querendo fazer uma brincadeira — disse Johnny.

— Você é do Maine, Johnny. Nascido e criado lá. O que é que um rapaz do Maine está fazendo em New Hampshire?

— Ensinando.

— O filho de Chatsworth?

— Pela segunda vez: se já sabe, por que pergunta? A não ser que esteja suspeitando que eu tenha feito alguma coisa.

Lancete acendeu um cigarro mentolado.

— Família rica.

— São, sim.

— Você é admirador de Stillson, Johnny? — perguntou Bass.

Johnny não gostava de pessoas que o tratassem pelo nome assim que o conhecessem, e esses dois sujeitos estavam fazendo isso, Aquilo o deixou nervoso.

— O senhor é? — perguntou Johnny.

Bass fez um ruído obsceno.

— Há uns cinco anos tivemos um concerto de *rock* em Trimbull que durou o dia todo. Lá nas terras de Hake Jamieson. A Câmara Municipal tinha suas dúvidas, mas concordou assim mesmo, porque a mocidade tem de se divertir um pouco. Pensamos que talvez tivéssemos uns duzentos garotos no pasto leste de Hake, escutando música. Em vez disso, eram mil e seiscentos, todos fumando maconha e tomando bebidas alcoólicas fortes direto da garrafa. Armaram uma confusão dos diabos, e a Câmara ficou furiosa e disse que nunca haveria outro daqueles, e os garotos se viraram, todos magoados, e perguntaram: “O que é que há? Ninguém se machucou, não foi?” Achavam que podiam fazer uma bagunça infernal porque ninguém se machucou. Sinto a mesma coisa no caso desse Stillson. Lembro-me de que uma vez...

— Você não tem nenhuma queixa contra Stillson, tem, Johnny? — perguntou Lancte. — Há algo de pessoal entre vocês dois? — Deu um sorriso paternal, do tipo pode-desabafar-se-quiser.

— Eu nem sabia quem ele era, até há umas seis semanas.

— Sim, mas isso não responde propriamente à minha pergunta, não é?

Johnny ficou calado um pouco.

— Ele me perturba — disse, por fim.

— Isso também não responde bem à minha pergunta.

— Sim, acho que responde, sim.

— Você não está ajudando tanto quanto desejaríamos — disse Lancte, com pesar.

Johnny olhou para Bass.

— Será que todo mundo que desmaia nesta cidade em uma reunião pública merece esse tratamento do FBI, chefe Bass?

Bass pareceu ficar constrangido.

— Bem..., não. Claro que não.

— Você estava apertando a mão de Stillson quando desmaiou — disse Lancte. — Estava com um aspecto doente. O próprio Stillson estava com um ar apavorado. Você é um rapaz de muita sorte, Johnny. Sorte os amiguinhos dele não terem feito de sua cabeça uma urna de eleição. Eles estavam pensando que você tinha puxado uma arma contra ele.

Johnny estava olhando para Lancte, e começou a assustar-se. Olhou para Bass e depois de novo para o agente do **FBI**.

— Você estava *lá* — disse ele. — Bass não o chamou pelo telefone. Estava *lá*. No comício.

Lancete apagou o cigarro.

— Estava, sim.

— Por que o **FBI** está interessado em Stillson? — Johnny quase latiu a pergunta.

— Vamos falar de você, Johnny. Qual é o seu...

— Não, vamos falar de Stillson. Vamos falar dos amiguinhos dele, como você os chama. É legal eles portarem tacos de bilhar cortados?

— É — disse Bass. Lancte lançou-lhe um olhar de advertência, mas Bass não o viu ou o ignorou. — Tacos de bilhar, bastões de beisebol, tacos de golfe. Não há lei nenhuma contra qualquer dessas coisas.

— Ouvi alguém dizer que aqueles caras eram cavaleiros de ferro. Membros de bandos de motos.

— Alguns pertenciam a um clube de Nova Jersey; outros, a um clube de Nova York, isso...

— Chefe Bass — interrompeu Lancte —, não creio que seja o momento oportuno para...

— Não vejo nenhum mal em dizer a ele — disse Bass. — São vagabundos, não prestam. Alguns se juntaram num bando nos Hamptons, há uns quatro ou cinco anos, e houve conflitos sérios. Outros estavam ligados a um clube de motos chamado Os Doze do Diabo, que foi desmantelado em 1972. O braço direito de Stillson é um camarada chamado Sonny Elliman, que era presidente dos Doze do Diabo. Já foi preso meia dúzia de vezes, mas nunca condenado.

— É aí que você se engana, chefe — disse Lancte, acendendo outro cigarro. — Foi citado no Estado de Washington em 1973, por fazer uma curva à esquerda, proibida, no tráfego. Assinou a papeleta de desistência de reclamação e pagou uma multa de vinte e cinco dólares.

Johnny levantou-se e foi devagar até um bebedouro, onde se serviu de outro copinho d'água. Lancte observou-o, interessado.

— Então você desmaiou, só isso, certo? — disse Lancte.

— Não — disse Johnny, sem se virar. — Eu ia matá-lo com uma bazuca. Então, na hora H, todos os meus circuitos biônicos entraram em curto.

Lancete suspirou.

Bass disse:

— Você pode ir embora, à hora que quiser.

— Obrigado.

— Mas vou lhe dizer, do mesmo modo que o Sr. Lancte aqui lhe diria: no futuro, eu me afastaria dos comícios de Stillson, se fosse você. Se é que quer conservar sua pele intacta, quero dizer. Há coisas que costumam acontecer com gente de quem Greg Stillson não gosta...

— É mesmo? — perguntou Johnny. Bebeu a água.

— Isso é um assunto fora de sua alçada, chefe Bass — disse Lancte. Seus olhos pareciam aço esfumaçado, e ele estava olhando muito sério para Bass.

— Está bem — disse Bass, conciliador.

— Não vejo mal em lhe dizer que já houve outros incidentes nos comícios — disse Lancte. — Em Ridgeway, uma moça grávida levou tanta pancada que abortou. Isso foi logo depois do comício de Stillson lá, filmado pela CBS. Ela disse que não saberia identificar o assaltante, mas nós achamos que pode ter sido um dos motoqueiros de Stillson. Há um mês, um garoto de catorze anos sofreu uma fratura no crânio. Estava com um revólver de água de plástico. Tampouco ele pôde identificar seu assaltante. Mas o revólver de água nos leva a crer que pode ter sido uma reação exagerada da segurança.

“Tão bem expresso!”, pensou Johnny.

— Não conseguiram encontrar ninguém que tenha visto o que aconteceu?

— Ninguém que quisesse falar. — Lancte deu um sorriso amarelo e bateu a cinza do cigarro. — Ele é a escolha do povo.

Johnny pensou no rapaz levantando o filho para o menino poder ver Greg Stillson. “Quem lá se importa? São só para demonstração, afinal de contas.”

— Então, ele tem seu próprio agente do FBI de estimação.

Lancete deu de ombros e sorriu, querendo desarmá-lo.

— Bem, o que posso dizer? Só que não é mole, Johnny. Às vezes fico com medo. Aquele cara provoca um bocado de magoetismo. Se ele apontasse para mim lá do pódio e dissesse ao povo de um desses comícios quem eu sou, acho que me linchariam no primeiro poste.

Johnny pensou na multidão daquela tarde, e na moça bonita agitando histericamente a sua fatia de melancia.

— Acho que você tem razão — disse ele.

— Portanto, se houver alguma coisa que você saiba que possa me ajudar... — Lancte debruçou-se. Seu sorriso cativante se tornara levemente

predador. — Talvez você tenha tido uma intuição psíquica sobre ele. Talvez isso é que o tenha transtornado.

— Pode ser que sim — disse Johnny, sem sorrir.

— Então?

Por um momento louco, Johnny pensou em contar tudo a eles. Depois desistiu.

— Eu o vi na TV. Não tinha nada de especial para fazer hoje, de modo que resolvi vir até aqui para vê-lo em pessoa. Aposto que não fui o único de fora que fez isso.

— Não foi *mesmo* — disse Bass, com veemência.

— E foi só isso? — perguntou Lancte.

— Só isso — disse Johnny, e depois vacilou. — Só que..., acho que ele vai vencer a eleição.

— Temos certeza disso — disse Lancte. — A não ser que consigamos provar alguma coisa contra ele. Enquanto isso, concordo plenamente com o chefe Bass. Afaste-se dos comícios de Stillson.

— Não se preocupem. — Johnny amassou o copinho de papel e jogou-o fora. — Foi agradável conversar com os cavalheiros, mas a viagem até Durham é longa.

— Pretende voltar para o Maine em breve, Johnny? — perguntou Lancte, displicentemente.

— Não sei. — Ele olhou de Lancte, esguio e impecável, batendo outro cigarro no mostrador de seu relógio digital, para Bass, um homem grande e cansado, com cara de basset. — Algum de vocês acha que ele poderá candidatar-se a um cargo mais elevado? Se conseguir essa vaga na Câmara dos Deputados?

— Deus nos livre — murmurou Bass, revirando os olhos.

— Esses camaradas aparecem e desaparecem — disse Lancte. Seus olhos, de um castanho tão escuro que eram quase negros, nunca paravam de observar Johnny. — São como um desses elementos radioativos raros, tão instáveis que não duram muito. Sujeitos como Greg Stillson não têm uma base política permanente, apenas uma coligação temporária, que se mantém unida por certo tempo e depois se desmantela. Viu aquela multidão hoje? Universitários e operários de fábrica gritando pelo mesmo homem? Isso não é política, é algo como saia de havaiana, gorro de pele de guaxinim ou peruca dos Beatles. Ele vai conseguir o seu mandato na Câmara e vai almoçar de graça até 1978, e acabou-se. Pode ter certeza.

Mas Johnny ficou pensando.

No dia seguinte, o lado esquerdo da testa de Johnny estava muito colorido. Roxo-escuro — quase preto —, acima da sobrancelha, passando ao vermelho e depois a um amarelo morbidamente alegre na têmpora e no contorno do couro cabeludo. A pálpebra estava levemente inchada, dando-lhe uma expressão meio lúbrica, como a de um comico num teatro de revista.

Ele cruzou a piscina vinte vezes e depois esticou-se em uma das espreguiçadeiras, ofegante. Estava se sentindo muito mal. Tinha dormido menos de quatro horas à noite, e o sono fora cheio de pesadelos.

— Olá, Johnny... como vai indo, rapaz?

Ele virou-se. Era Ngo, sorrindo. Estava vestido com roupas de jardineiro e luvas. Atrás dele havia um carrinho vermelho de criança, cheio de pinheirinhos, as raízes embrulhadas em aniagem. Lembrando-se do nome que Ngo dava aos pinheiros, ele disse:

— Estou vendo que você está plantando mais mato.

Ngo torceu o nariz.

— Desculpe, sim? O Sr. Chatsworth está gostando deles. Digo a ele, mas são árvores lixo. Em toda parte tem essas árvores na Nova Inglaterra. A cara dele fica assim... — Então o rosto todo de Ngo enrugou-se, e ele parecia uma caricatura de um monstro de um programa de TV, de fim de noite. — E ele me diz: “Mas plante”.

Johnny riu. Era típico de Roger Chatsworth, aquilo. Gostava das coisas feitas a seu modo.

— Gostou do comício?

Ngo sorriu de leve.

— Muito instrutivo — disse ele. Não havia como ler seus olhos. Ele parecia nem ter notado o sol nascente no lado da cara de Johnny. — Sim, muito instrutivo, estamos todos nos divertindo.

—Bom.

— E você?

— Nem tanto — disse Johnny, tocando no machucado, de leve, com as pontas dos dedos. Estava muito dolorido.

— Ë, que pena, devia pôr um bife aí — disse Ngo, ainda sorrindo de leve.

— O que você achou dele, Ngo? O que é que a sua turma achou? O seu amigo polonês? Ruth Chen e a irmã?

— Na volta não conversamos sobre isso, a pedido de nosso instrutor. Pensem sobre o que viram, dizem eles. Próxima quinta-feira vamos escrever em classe, penso. Sim, estou pensando muito que vamos. Uma redação em classe.

— O que você vai dizer em sua redação?

Ngo olhou para o céu azul de verão. Ele e o céu sorriram um para o outro. Era um homem pequeno, e os primeiros fios brancos estavam aparecendo

em seus cabelos. Johnny não sabia quase nada sobre ele; não sabia se tinha sido casado, se tivera filhos, ou fugira diante dos vietcongues, se era de Saigon ou de uma das províncias rurais. Não tinha idéia das inclinações políticas de Ngo.

— Falamos do jogo do tigre-que-ri — disse Ngo. — Lembra-se?

— Sim — disse Johnny.

— Vou lhe falar de um tigre de verdade. Quando eu era menino, havia um tigre que ficou bravo perto de minha aldeia. Estava sendo le mangeur d'homme, comedor de homens, sabe, só que ele não era isso, era um comedor de meninos, meninas e velhas, porque isso foi durante a guerra e não havia homens para comer. Não a guerra que você conhece, mas a Segunda Guerra Mundial. Ele tinha pegado o gosto de carne humana, esse tigre. Quem havia para matar uma criatura tão terrível, numa pequena aldeia onde o homem mais moço estava fazendo sessenta e só tinha um braço, e o menino mais velho era eu, só com sete anos? E um dia esse tigre foi encontrado num poço onde se tinha posto a isca, o corpo de uma mulher morta. É uma coisa terrível pôr uma isca numa armadilha com um ser humano feito à imagem de Deus, eu vou dizer em minha redação, mas é mais terrível não fazer nada enquanto um tigre mau carrega as criancinhas. E vou dizer em minha redação que esse tigre mau ainda estava vivo quando nós o encontramos. Estava com uma estaca cravada no coração, mas ainda estava vivo. Nós o matamos de pancadas com enxadas e paus. Velhos, mulheres e crianças, algumas crianças tão empolgadas e assustadas que se molhavam nas calças. O tigre caiu no poço e nós o matamos de pancadas com nossas enxadas porque os homens da nossa

aldeia tinham ido lutar contra os japoneses. Estou pensando que esse Stillson é como aquele tigre mau com o gosto de carne humana. Acho que deviam fazer uma armadilha para ele, e acho que ele

devia estar caindo nela. E, se ele vivesse ainda, penso que devia ser morto a pancadas.

Ele sorriu de leve para Johnny, ao sol claro do verão.

— Você acha mesmo isso? — perguntou Johnny.

— Ah, sim — disse Ngo. Ele falava normalmente, como se não fosse um assunto importante. — O que o meu professor vai dizer quando eu estiver entregando essa redação, não sei. — Deu de ombros. — Provavelmente vai dizer: “Ngo, você não está pronto para o Estilo de Vida Americano”. Mas eu vou dizer a verdade do que acho. O que é que *você* acha, Johnny? — Seus olhos foram até o machucado, depois desviaram-se.

— Acho que ele é perigoso — disse Johnny. — Eu... eu sei que ele é perigoso.

— Sabe? — observou Ngo. — Sim, acho que sabe, sim. Os seus companheiros de New Hampshire, eles o vêem como um palhaço divertido. Vêem como muitos homens deste mundo vêem esse homem negro, Idi Amín Dada. Mas você, não.

— Não — disse Johnny. — Mas sugerir que ele deva ser morto...

— Morto *politicamente* — disse Ngo, sorrindo. — Só estou sugerindo que ele seja morto politicamente.

— E se ele não puder ser morto politicamente?

Ngo sorriu para Johnny. Esticou o indicador, encolheu o polegar e depois estalou-o.

— Bam — disse ele, baixinho. — Bam, bam, bam.

— Não — disse Johnny, espantado com a sua própria rouquidão. — Isso nunca é solução. *Nunca*.

— Não? Pensei que fosse uma solução que os norte-americanos usassem muitas vezes. — Ngo pegou o cabo do carrinho vermelho. — Tenho de ir plantar esses matos, Johnny. Até logo, rapaz.

Johnny o viu afastar-se, um homenzinho de *short* e mocassins, puxando um carrinho de mudas de pinheiro. Ele desapareceu, dobrando o canto da casa.

“Não. Matar só semeia mais dentes de dragão. Acredito nisso. Acredito de todo o coração.”

Na primeira terça-feira de novembro, que por acaso era o segundo dia do mês, Johnny Smith estava refestelado na poltrona de sua *kitchenette*, assistindo aos resultados das eleições. Chancellor e Brinkley estavam apresentando um grande mapa eletrônico que mostrava os resultados da corrida presidencial num código colorido, à medida em que aparecia cada Estado. Agora, já quase meia-noite, a diferença entre Ford e Carter parecia muito apertada. Mas Carter ia vencer; Johnny não tinha dúvida alguma disso.

Greg Stillson também vencera.

Sua vitória teve uma grande cobertura dos jornais locais, mas os repórteres nacionais também noticiavam alguma coisa, comparando-a com a de James Longley, o governador independente do Maine, dois anos antes.

Chancellor disse:

— As últimas pesquisas mostrando que o candidato republicano e titular do cargo, Harrison Fisher, estava ganhando distância parecem ter sido falhas: a NBC prevê que Stillson, que fez sua campanha de capacete de trabalhador de construção civil e com uma plataforma que incluía a proposta de mandar toda a poluição para o espaço exterior, acabou com quarenta e seis por cento dos votos, contra trinta e um por cento de Fisher. Num distrito em que os democratas sempre foram os primos pobres, David Bowes só conseguiu vinte e três por cento dos votos.

— E assim — disse Brinlley — ‘ chegou a hora dos cachorros-quentes lá em New Hampshire... pelo menos durante os próximos dois anos.

Ele e Chancellor sorriam. Surgiu um comercial. Johnny não sorriu. Estava pensando nos tigres.

O período entre o comício de Trimbull e a noite das eleições tinha sido agitado para Johnny. Ele seguiu o seu trabalho com Chuck, que continuou a progredir num ritmo lento mas constante. Tinha feito dois cursos de verão, passando em ambos, e manteve sua situação nos esportes. Agora, ao terminar a temporada de rúgbi, parecia que ele seria designado para o time titular do All New England, da cadeia de jornais Gannett. Já tinham começado as visitas cautelosas, quase rituais, da parte dos pesquisadores das universidades, mas teriam de esperar mais um ano; já tinham resolvido, Chuck e o pai, que ele passaria um ano na Stovington Prep, uma boa escola preparatória particular de Vermont. Johnny achava que a Stovington provavelmente ficaria delirante de alegria com a notícia. Essa escola de Vermont apresentava com regularidade grandes times de futebol e fracos times de rúgbi. Provavelmente lhe dariam uma bolsa de estudos total e ainda por cima uma chave de ouro para o dormitório feminino. Johnny achou que a decisão tinha sido acertada. Depois que chegaram a essa conclusão, diminuindo a pressão para que Chuck se submetesse logo ao exame, o progresso do rapaz dera outro grande salto.

Em fins de setembro, Johnny tinha ido a Pownal passar o fim de semana, e, depois de ficar toda a noite de sexta-feira vendo o pai, nervoso, rir demais de piadas medíocres na TV, perguntara a

Herb qual era o problema.

— Não há problema algum — disse Herb, sorrindo, nervoso, esfregando as mãos como um contador que acaba de descobrir que a companhia em que investiu as economias de toda a sua vida faliu. — Problema nenhum, por quê, filho?

— Bem, então, o que o está preocupando?

Herb parou de sorrir, mas continuou a esfregar as mãos.

— Nem sei como lhe contar, Johnny. Quero dizer...

— É Charlene?

— Bem, é. É, sim.

— O senhor a pediu em casamento.

Herb olhou para Johnny, com humildade.

— O que você acha de ganhar uma madrasta, aos vinte e nove anos, Johnny?

Johnny sorriu.

— Acho ótimo. Parabéns, pai.

Herb sorriu, aliviado.

— Bom, obrigado. Eu estava meio apavorado de lhe contar, confesso. Sei o que você disse quando falamos sobre isso antes, mas às vezes as pessoas pensam de uma maneira quando uma coisa é apenas “talvez”, e de outra, quando ela se torna realidade. Eu amava sua mãe, Johnny. E acho que sempre a amarei.

— Sei disso, pai.

— Mas estou só, e Charlene também, e... bem, acho que um pode fazer bem ao outro.

Johnny foi para junto do pai e beijou-o.

— Tudo de bom. Sei que vai consegui-lo.

— Você é um bom filho, Johnny. — Herb puxou o lenço do bolso de trás e enxugou os olhos. — Nós pensávamos que o tínhamos perdido. Pelo menos, eu pensava. Vera nunca perdeu as esperanças. Sempre acreditou. Johnny, eu...

— Não, pai. Já passou.

— Tenho de falar — disse ele. — Isso já está me pesando há um ano e meio. Rezei para que você morresse, Johnny. O meu próprio filho, rezei para que Deus o levasse. — Tornou a enxugar os olhos, e guardou o lenço. — Mas é que Deus sabia um pouco mais do que eu. Johnny... você quer ser meu padrinho? No casamento?

Johnny sentiu por dentro alguma coisa que era quase, mas não completamente, tristeza.

— Seria um prazer — disse ele.

— Obrigado. Estou contente por., por ter dito tudo o que tinha na cabeça. Há muito tempo que não me sinto assim tão bem.

— Já marcou a data?

— Já, sim. Que tal lhe parece 2 de janeiro?

— Parece bom — disse Johnny. — Pode contar comigo.

— Acho que vamos colocar as duas casas à venda — disse Herb. — Estamos de olho num sítio em Biddeford. Bom lugar. São oito hectares, a metade de matas. Começar de novo.

— Sim. Começar de novo, isso é bom.

— Você não se opõe a vendermos esta casa? — indagou Herb, aflito.

— Uma pontadinha — disse Johnny. — Só isso.

— *Ê*, é o que eu sinto. Uma pontadinha. — Sorriu. — Perto do coração, é onde sinto a minha. E você?

— Mais ou menos aí, também — disse Johnny.

— Como vão as coisas com você, por lá?

— Bem.

— O rapaz está progredindo?

— Incrivelmente bem — disse Johnny, usando uma das expressões prediletas do pai, e sorrindo.

— Por quanto tempo acha que ainda fica por lá?

— Trabalhando com Chuck? Acho que fico até acabar o ano letivo, se me quiserem. Trabalhar com um aluno só foi uma experiência nova. Gostei. E esse trabalho foi muito bom. Excepcionalmente bom, eu diria.

— O que pretende fazer depois?

Johnny sacudiu a cabeça.

— Ainda não sei. Mas sei de uma coisa.

— O que é?

— Vou sair para comprar uma garrafa de champanha. Vamos tomar um pileque.

O pai levantou-se, naquela noite de setembro, e bateu nas costas dele.

— Conte comigo — disse ele.

Ele continuava a receber uma ou outra carta de Sarah Hazlett. Ela e Walt estavam esperando o segundo filho para abril. Johnny escreveu, dando os parabéns e os bons votos para a campanha de Walt. E às vezes pensava na tarde que passara com Sarah, aquela tarde longa, demorada. Não era uma recordação que ele se permitisse ter muitas vezes; tinha receio de que uma exposição constante dessa recordação à luz do sol pudesse fazê-la desbotar, como as provas avermelhadas das fotos de formatura.

Tinha saído algumas vezes, naquele outono, uma delas com a irmã mais velha, divorciada, da garota de Chuck, mas nenhum desses encontros dera em nada.

Passara a maior parte do seu tempo de folga, naquele outono, em companhia de Gregory Ammas Stillson.

Tornara-se um stillsonófilo. Tinha guardados três cadernos de folhas soltas na cômoda, debaixo das meias, roupas de baixo e camisetas. Estavam cheios de anotações, conjeturas e xerox de notícias.

Fazer aquilo o deixara inquieto. De noite, quando escrevia em volta dos recortes colados com uma caneta Pílot fina, às vezes sentia-se como Arthur Bremmer ou a mulher, Moore, que tentara matar Jerry Ford. Sabia que, se Edgard Lancte, Destemido Favorito do FBI, pudesse vê-lo fazendo aquilo, seu telefone, sua sala e seu banheiro seriam imediatamente controlados. Apareceria um caminhão de mudanças do outro lado da rua, só que em vez de estar cheio de mobília estaria carregado de câmaras, microfones e sabe Deus o que mais.

Ele se dizia sempre que não era Bremmer, que Stillson não era uma obsessão, mas isso se tornava cada vez mais difícil de acreditar, depois das longas tardes passadas na biblioteca da Universidade de New Hampshire, pesquisando jornais e revistas velhos e tirando fotocópias. Mais difícil de acreditar ainda, nas noites em que ele queimava as pestanas, escrevendo seus pensamentos e procurando estabelecer conexões. E tornou-se quase impossível de acreditar, naquelas madrugadas em que acordava suando do pesadelo que se repetia.

O pesadelo era quase sempre o mesmo, uma repetição simples de seu aperto de mão com Stillson no início de Trimbull. A escuridão repentina. A sensação de estar num túnel cheio da luz de um farol se aproximando, do farol da locomotiva negra do destino. O velho de olhos humildes e assustados, ouvindo um juramento de posse de um cargo inacreditável. As variações de sensação, indo e vindo como tufos de fumaça. E uma série de imagens breves, unidas numa fileira agitada, como flâmulas de plástico sobre um galpão de carros usados. Sua mente lhe dizia que essas imagens estavam todas relacionadas, que contavam a história de um destino titânico que se aproximava, talvez até o próprio Armageddon em que Vera Smith confiara tão firmemente.

Mas quais eram as imagens? O que eram, exatamente? Eram turvas, impossíveis de ver a não ser num esboço vago, pois havia sempre aquele filtro azul no meio, estranho, o filtro azul que por vezes era cortado por aquelas marcas amarelas como as listras de um tigre.

A única imagem nítida nessas repetições de sonho aparecia perto do fim: os gritos dos moribundos, o cheiro dos mortos. E um único tigre pisando no meio de quilômetros de metais contorcidos, vidro derretido e

terra devastada. Esse tigre estava sempre rindo, e parecia estar carregando alguma coisa na boca... alguma coisa azul e amarela, e pingando sangue.

No outono houvera ocasiões em que ele pensara que esse sonho o levaria à loucura. Sonho ridículo; a possibilidade a que ele parecia apontar era impossível, afinal. O melhor era expulsá-lo completamente da mente. Mas como não o conseguia, pesquisou a vida de Gregory Stillson e procurou dizer a si mesmo que aquilo era apenas um passatempo inofensivo e não uma obsessão perigosa.

Stillson nascera em Tulsa. Seu pai trabalhara em campos de petróleo, indo de campo em campo, trabalhando freqüentemente mais do que os companheiros por causa de seu tamanho imenso. Sua mãe podia ter sido bonita, embora só houvesse uma leve sugestão de beleza, nas duas fotos que Johnny conseguira desencavar. Se fora bonita, o tempo e o homem com quem se casara tinham apagado essa beleza bem depressa. As fotos mostravam pouco mais do que um rosto daquela região seca, uma mulher da depressão do sudeste dos Estados Unidos, de vestido estampado, desbotado, e com um bebê — Greg — no colo, os braços magricelas, os olhos apertados por causa do sol.

O pai fora um homem dominador, que não tinha grande entusiasmo pelo filho. Em criança, Greg fora pálido e doentio. Não havia provas de que o pai tivesse maltratado o garoto, mental ou fisicamente; mas havia a sugestão de que, pelo menos, Greg Stillson tivesse passado os primeiros nove anos de sua vida sob a sombra da reprovação. Porém, a única foto que Johnny tinha do pai e do filho juntos era uma foto feliz; mostrava os dois juntos nos campos petrolíferos, o braço do pai passado sobre o ombro do filho num gesto displicente de camaradagem. Assim mesmo, aquilo provocou um leve arrepio em Johnny. Harry Stillson estava de roupa de trabalho, calças de sarja e camisa cáqui de abotoamento duplo, e seu capacete estava inclinado para trás, num estilo ousado.

Greg começara os estudos em Tulsa, e depois se mudara para Oklahoma City, aos dez anos. No verão anterior, o pai morrera num acidente, a explosão de uma torre de petróleo. Mary Lou Stillson fora para Okie City com o filho porque a mãe dela morava lá, e era lá que se

encontrava trabalho, nos tempos da guerra. Era o ano de 1942, e a vida estava fácil de novo.

Greg teve boas notas até entrar para o segundo grau, e então começou a se meter em uma série de encrencas. Vadiagem, brigas, jogo de sinuca no centro da cidade, talvez metendo-se com artigos roubados nos arredores, embora isso nunca tivesse sido provado. Em 1949, quando estava no primeiro ano do segundo grau, foi suspenso por dois dias por ter colocado uma bomba de fogos de artifício num banheiro do vestiário.

Em todos esses confrontos com a autoridade, Mary Lou Stillson tomara a defesa do filho. A boa vida — pelo menos para gente como os Stillsons — terminara com o trabalho de tempo de guerra, em 1945, e a Sra. Stillson começou a achar que o resto do mundo estava contra ela e o filho. A mãe dela morreu, deixando-lhe a casinha de madeira e mais nada. Ela andou servindo bebidas num botequim, por algum tempo, e depois foi garçonne num restaurante barato, que ficava aberto a noite toda. E quando o filho se metia em encrencas, ela o defendia com unhas e dentes, sem nem parar (aparentemente) para ver se ele era inocente ou culpado.

O garoto pálido e doentio que o pai apelidara de Nanico desaparecera, em 1949. À medida em que avançava a adolescência de Greg Stillson, a herança do pai ia aparecendo. O menino cresceu quinze centímetros e engordou trinta quilos entre os treze e os dezessete anos. Não fazia esporte organizado na escola, mas conseguiu um ginásio para exercitar os músculos e depois um jogo de halteres. O Nanico tornou-se um cara perigoso.

Johnny adivinhou que ele devia ter estado a ponto de largar os estudos, em várias ocasiões. Provavelmente, conseguira não ser preso simplesmente por sorte. Se ao menos tivesse sido preso seriamente uma vez, pensava Johnny, todas as suas preocupações estúpidas teriam acabado, pois um delinqüente declarado culpado não pode aspirar a um alto cargo público.

Stillson se formou — quase em último lugar, na turma,, é verdade — em junho de 1951. Apesar das más notas, não havia nada de errado com sua inteligência. Ele estava de olho nas grandes oportunidades. Tinha fala

macia e maneiras cativantes. Naquele verão, trabalhou por pouco tempo num posto de gasolina. Depois, em agosto daquele ano, Greg Stillson se tomou religioso, numa assembléia de renovação da fé em Wildwood Green. Largou o emprego no Posto 76 e foi trabalhar como fazedor de chuva “pelo poder de Jesus Cristo Nosso Senhor”.

Por coincidência ou não, aquele tinha sido um dos verões mais secos de Oklahoma, desde os dias das tempestades de poeira. As colheitas já estavam perdidas, e a criação em breve também estaria, se os poços acabassem de secar. Greg tinha sido convidado para uma reunião da associação dos fazendeiros locais. Johnny encontrou muitas versões sobre o que se seguiu; esse era um dos pontos altos da carreira de Stillson. Nenhuma das histórias batia completamente com as outras, e Johnny compreendeu por quê. Elas tinham todos os atributos de um mito americano, não muito diferentes das histórias de Davy Crockett, Pecos Bill, Paul Bunyan. Era inegável que *alguma coisa* acontecera. Mas a verdade rigorosa já estava fora do alcance público.

Uma coisa parecia certa: aquela reunião da associação dos fazendeiros deve ter sido das mais estranhas. Os fazendeiros tinham convidado mais de vinte fazedores de chuva de várias partes do sudeste e sudoeste. Cerca de metade era de negros. Dois eram índios: um *pawnee* mestiço e um apache puro. Havia um mexicano que mascava mescalina. Greg era um dos nove brancos, e o único nascido ali.

Os fazendeiros ouviram as propostas dos fazedores de chuva e hidróscopos, uma por uma. Gradativa e naturalmente, dividiram-se em dois grupos: os que receberiam metade dos honorários antecipadamente (sem restituição) e os que queriam os honorários completos antecipadamente (sem restituição).

Quando chegou a vez de Greg Stillson, ele se levantou, enfiou os polegares nos passadores dos *jeans* e, segundo consta, disse:

— Acho que vocês sabem que comecei a fazer chover depois que entreguei o meu coração a Jesus. Antes disso eu estava mergulhado no pecado e nos caminhos do pecado. Ora, um dos principais caminhos do

pecado é esse que vimos aqui hoje, e a gente comete esse tipo de pecado sobretudo por meio dos cifrões dos dólares.

Os fazendeiros interessaram-se. Mesmo aos dezenove anos, Stillson era um feiticeiro cômico. E fizera-lhes uma proposta que não podiam recusar. Como era um cristão renascido e sabia que o amor ao dinheiro era a base de todo o mal, depois que fizesse chover eles poderiam lhe pagar o que achassem que valera o trabalho.

Foi contratado por unanimidade, e dois dias depois estava ajoelhado na traseira de um caminhão de fazenda, viajando calmamente pelas estradas principais e secundárias do centro de Oklahoma, vestido com um paletó preto e um chapéu baixo de pregador, rezando para chover, falando por dois alto-falantes presos a uma bateria de trator Delco. As pessoas acorriam aos milhares para vê-lo.

O fim da história era previsível, mas satisfatória. Os céus se nublaram ao fim do segundo dia de trabalho de Greg, e na manhã seguinte as chuvas chegaram. Choveu durante três dias e duas noites, o aguaceiro matou quatro pessoas, casas inteiras, com as galinhas empoleiradas nos telhados, foram arrastadas pelo rio Greenwood, os poços se encheram, a criação salvou-se, e a Associação dos Fazendeiros e Criadores de Gado de Oklahoma resolveu que isso provavelmente teria acontecido, de qualquer maneira. Fizeram a coleta para pagar a Greg, e na reunião seguinte o jovem fazedor de chuvas recebeu a principesca quantia de dezessete dólares.

Greg não se alterou. Usou os dezessete dólares para colocar um anúncio no *Herald* de Oklahoma City. Esse anúncio informava que mais ou menos a mesma coisa acontecera com um certo apanhador de ratos da cidade de Hamlin. Sendo cristão, continuava o artigo, Greg Stillson não tinha o costume de roubar crianças, e certamente sabia que não teria recursos legais para lutar contra um grupo poderoso como a Associação dos Fazendeiros e Criadores de Gado de Oklahoma. Mas devia haver justiça, não? Ele tinha de sustentar uma mãe idosa e doente. O anúncio sugeria que ele tinha se matado de rezar por um bando de esnobes ricos e ingratos, do mesmo tipo dos homens que tinham expulsado os pobres roceiros de suas terras nos anos 30. O anúncio insinuava que ele tinha

poupado dezenas de milhares de dólares de gado e recebera dezessete dólares em pagamento. Como era um bom cristão, esse tipo de ingratidão não o preocupava, mas talvez devesse levar os bons cidadãos do condado a pensar um pouco. As pessoas de mente aberta podiam enviar suas contribuições para a caixa postal 471, aos cuidados do *Herald*.

Johnny ficou imaginando quanto Greg Stillson teria de fato recebido, graças àquele anúncio. Os dados eram divergentes. Mas, naquele outono, Greg estava andando pela cidade num Mercury novo em folha. Foram pagos três anos de impostos atrasados da casinha legada pela mãe de Mary Lou. A própria Mary Lou (que não era especialmente doente, tinha apenas quarenta e cinco anos) apareceu, próspera, num casaco de peles novo. Aparentemente, Stillson topara com um dos grandes princípios de força que governam o mundo; se os que recebem não pagam, aqueles que nada receberam muitas vezes pagam, sem motivo algum. Pode ser que seja esse mesmo princípio que garante aos políticos que sempre haverá jovens em número suficiente para alimentar a máquina da guerra.

Os fazendeiros descobriram que tinham posto sua mão coletiva num ninho de vespas. Quando iam à cidade, muitas vezes o povo se juntava para escarnecer deles. Foram condenados dos púlpitos em toda a comarca. De repente, acharam difícil vender a carne do gado que a chuva salvara, tendo de despachá-la para bem longe.

Em novembro daquele ano memorável, dois rapazes com soqueiras de metal nas mãos e revólveres 32 niquelados nos bolsos apareceram na casa de Greg Stillson, aparentemente contratados pela Associação dos Fazendeiros e Criadores de Gado, para sugerir — com a firmeza necessária — que Greg poderia achar o clima melhor em algum outro lugar. Ambos foram parar no hospital. Um deles com concussão. O outro perdeu quatro dentes e ficou com uma hérnia. Ambos foram encontrados na esquina do quarteirão onde Greg Stillson morava, sem calças. As soqueiras de metal tinham sido enfiadas num local anatômico comumente associado com o ato de sentar, e, no caso de um dos rapazes, foi necessária uma pequena intervenção cirúrgica para retirar os corpos estranhos.

A associação desistiu. Numa reunião em princípios de dezembro, foi liberada uma verba de setecentos dólares do fundo comum, e um cheque

dessa importância foi enviado para Greg Stillson.

Ele conseguiu o que queria.

Em 1953, ele e a mãe mudaram-se para Nebraska. O negócio de fazer chover estava indo mal, e havia quem dissesse que o negócio de sinuca também. Fosse qual fosse o motivo para a mudança, o fato é que eles foram parar em Omaha, onde Greg iniciou um negócio de pintura de casas, que faliu dois anos depois. Ele se deu melhor como vendedor da Companhia Americana Bíblia Caminho da Verdade. Cruzou a faixa do milho, almoçando com centenas de famílias trabalhadoras e tementes a Deus, contando as ticas luminosas de Jesus, livros de hinos, discos, sermões e uma história de sua conversão e vendendo Bíblias, placas, imagens plásticas luminosas de Jesus, livros de hinos, discos, sermões um livro de brochura tremendamente direitista, chamada *América, caminho da verdade: A conspiração comunista-judaica contra os nossos Estados Unidos*. Em 1957 o velho Mercury foi substituído por uma camioneta Ford, nova em folha.

Em 1958, Mary Lou Stillson morreu de câncer, e no fim desse ano Greg Stillson largou o renascido negócio de Bíblias e viajou para o leste. Passou um ano na cidade de Nova York, antes de se mudar para Albany. Esse ano em Nova York foi dedicado a um esforço para ingressar no negócio de teatro. Foi um dos poucos trabalhos (além da pintura de casas) em que ele não conseguiu ganhar dinheiro. Mas provavelmente não foi por falta de talento, pensou Johnny, com cinismo.

Em Albany, fora trabalhar para a Prudential, e ficou nessa cidade até 1965. Como corretor de seguros, teve um sucesso relativo. Não teve nenhuma oferta para passar a executivo da companhia, nem rasgos de fervor cristão. Durante esse período de cinco anos, o Greg Stilson estouvado e descarado de antigamente parecia estar hibernando. Em toda a sua variada carreira, a única mulher de sua vida fora a mãe. Nunca se casara, e nem sequer tivera uma namorada firme, ao que Johnny pôde apurar.

Em 1965, a Prudential lhe ofereceu um cargo em Ridgeway, New Hampshire, e Greg aceitou. Nessa mesma ocasião, o seu período de

hibernação pareceu terminar. Os anos 60 estavam ficando animados. Foi a era das minissaias e do “cada um por si”. Greg passou a ser ativo na vida comunitária de Ridgeway. Entrou para a Câmara de Comércio e para o Rotary Club. Teve cobertura nacional em 1967, durante uma controvérsia sobre os parquímetros do centro da cidade. Havia seis anos que vários grupos vinham discutindo por causa disso. Greg sugeriu que se retirassem todos os parquímetros e que em seu lugar fossem instaladas caixas de coleta. O povo que pagasse o que quisesse. Algumas pessoas disseram que aquela era a idéia mais maluca que já tinham ouvido. Bem, respondeu Greg, poderão ter uma surpresa. Sim, senhor. Ele foi convincente. Afinal a cidade adotou a proposta, provisoriamente, e o dilúvio de moedas que se seguiu surpreendeu a todos, menos a Greg. Ele já descobrira esse princípio havia anos.

Em 1969 ele tornou a ser notícia em New Hampshire, quando sugeriu, numa longa e cuidadosa carta para o jornal de Ridgeway, que os delinquentes acusados de usar entorpecentes fossem obrigados a trabalhar em projetos de obras públicas municipais, como parques e pistas para bicicletas, até mesmo tirando o mato dos gramados das ilhas de tráfego. É a idéia mais louca que já ouvi, disseram muitos. Bem, respondeu Greg, experimentem, e, se não der certo, desistam. A cidade experimentou. Um viciado reorganizou toda a biblioteca municipal, passando do obsoleto sistema decimal Dewey para o mais moderno sistema de catalogação da Biblioteca do Congresso, sem qualquer ônus para a cidade. Um grupo de *hippies* preso em uma festa de alucinógenos trabalhou ajardinando o parque da cidade, transformando-o numa atração turística local, com lago de patos e um *playground* planejado cientificamente para dar o máximo de diversão com um mínimo de perigo. Conforme observou Greg, a maior parte dos viciados se interessava por todos os produtos químicos da universidade, mas não havia motivo por que não deveriam utilizar todas as outras coisas que tinham aprendido nessa mesma universidade.

Ao mesmo tempo em que Greg estava revolucionando os regulamentos de estacionamento de sua cidade adotiva e o tratamento dado aos delinquentes acusados de uso de drogas, também estava escrevendo cartas ao *Union-Leader* de Manchester, ao *Globe* de Boston e ao *Times* de Nova York, defendendo posições favoráveis à Guerra do Vietnam, sentenças de delito grave para viciados em heroína e a volta da pena de morte,

especialmente para os traficantes de heroína. Em sua campanha para a Câmara dos Deputados, ele alegara em várias ocasiões ter sido contrário à guerra a partir de 1970, mas suas próprias declarações publicadas mostravam que isso era uma mentira deslavada.

Em 1970 Greg Stillson fundou sua própria companhia de seguros e negócios imobiliários. Teve grande sucesso. Em 1973, ele e mais três homens de negócios financiaram e construíram um centro comercial nos arredores de Capital City, sede da comarca do distrito que ele representava então. Foi o ano do boicote árabe do petróleo, e também o ano em que Greg começou a dirigir um Lincoln Continental. Também foi nesse ano que ele se candidatou a prefeito de Ridgeway.

O prefeito teve um mandato de dois anos, e dois anos antes, em 1971, tinha sido convidado a candidatar-se tanto por democratas como por republicanos da considerável cidade (oito mil e quinhentos habitantes) da Nova Inglaterra. Recusara ambos os convites, amavelmente. Em 1973, candidatou-se como independente, enfrentando um republicano bastante popular, vulnerável devido ao seu fervoroso apoio ao presidente Nixon, e uma figura de proa dos democratas. Pela primeira vez, usou seu capacete de trabalhador de obras. O lema da campanha foi: “Vamos construir uma Ridgeway melhor!” Ganhou disparado. Um ano depois, no Estado irmão do Maine, os eleitores desprezaram tanto o democrata George Mitchell como o republicano James Erwin, e elegeram um corretor de seguros de Lewiston, chamado James Longley, para governador.

Gregory Ammas Stillson aprendeu a lição.

Em volta dos recortes estavam os apontamentos de Johnny e as perguntas que ele se fazia sempre. Já repetira tantas vezes o seu raciocínio que, agora, enquanto Chancellor e Brinkley continuavam a registrar os resultados da eleição, poderia recitar tudo aquilo, palavra por palavra.

Primeiro, Greg Stillson não deveria ter podido eleger-se. Suas promessas eleitorais eram, de modo geral, piadas. Sua formação era toda errada. Sua instrução, também toda errada. Parara de estudar na décima segunda série, e, até 1965, fora pouco mais do que um ocioso. Num país em que os eleitores tinham resolvido que os advogados é que deviam fazer

as leis, os únicos encontros de Stillson com esse setor tinham sido do lado errado. Ele não era casado. E sua história pessoal era positivamente uma aberração.

Em segundo lugar, a imprensa o deixara quase totalmente em paz, o que era muito de estranhar. Num ano eleitoral em que Wilbur Mills confessara ter uma amante, em que Wayne Hayn fora desalojado de seu firme lugar na Câmara por causa da sua, e em que nem mesmo os membros de famílias poderosas ficaram imunes às devassas da imprensa, os repórteres deveriam ter se divertido com Stillson. Sua personalidade aberrante e controversa parecia provocar apenas uma admiração divertida por parte da imprensa nacional, e ele não parecia deixar ninguém — a não ser talvez Johnny Smith — nervoso. Seus guarda-costas motoqueiros tinham sido moleques de praia poucos anos antes, e era comum haver feridos nos comícios de Stillson, mas nenhum repórter curioso fizera qualquer estudo profundo sobre isso. Num comício em Capital City — naquele mesmo centro comercial que Stillson contribuíra para criar —, uma menina de oito anos fraturou o braço e deslocou o pescoço; a mãe jurou, histérica, que um daqueles “motoqueiros tarados” tinha empurrado a menina do estrado quando ela tentara subir ao pódio para pedir o autógrafo do Grande Homem. No entanto, isso só provocou uma pequena notícia no jornal — “Menina machucada em comício de Stillson” — logo esquecida.

Stillson fez uma revelação financeira que Johnny achou boa demais para ser verdade. Em 1975, Stillson pagara onze mil dólares de imposto federal sobre uma renda de trinta e seis mil dólares... e nada de imposto de renda estadual, claro. New Hampshire não tinha isso. Dizia ele que toda a sua renda provinha da firma de seguros e imóveis, mais uma ninharia que era o seu ordenado como prefeito. Não havia menção alguma do proveitoso centro comercial de Capital City. Nenhuma explicação para o fato de Stillson morar numa casa de valor calculado em oitenta e seis mil dólares, livre e desimpedida. Numa ocasião em que o presidente dos Estados Unidos estava tendo de dar explicações de suas mínimas despesas, a bizarra declaração de renda de Stillson não surpreendeu ninguém.

Depois havia a sua ficha como prefeito. Sua atuação no cargo era bem melhor do que seu desempenho nas campanhas poderia levar a supor. Era

um homem esperto e sagaz, com uma percepção rude, mas precisa da psicologia humana, comercial e política. Terminara seu mandato, em 1975, com um superávit fiscal, a primeira vez que isso acontecia em dez anos, para alegria dos contribuintes. Apontava com um orgulho justificado para o seu programa de estacionamento e para o que chamava de Programa de Estudos para o Trabalho dos Híppies. Além disso, Ridgeway fora uma das primeiras cidades de todo o país a organizar uma Comissão do Bicentenário. Uma firma fabricante de arquivos havia se estabelecido em Ridgeway, e, numa época de recessão, a taxa de desemprego local era de invejável 3,2 por cento. Tudo muito admirável.

Algumas das outras coisas que aconteceram enquanto Stillson era prefeito é que assustavam Johnny.

A verba para a biblioteca municipal tinha sido reduzida de onze mil e quinhentos dólares para oito mil, e depois, no último ano do mandato de Stillson, para seis mil e quinhentos. Ao mesmo tempo, a verba para a polícia municipal foi elevada em quarenta por cento. O conjunto de viaturas da cidade ganhou três novas radiopatrulhas, e adquiriu-se uma coleção de equipamento contra motins. Também foram contratados dois novos policiais, e a Câmara Municipal, por solicitação de Stillson, concordou em instituir uma política de financiar a metade das despesas dos policiais na compra de armas. O resultado é que vários policiais daquela sonolenta cidade da Nova Inglaterra compraram Magnums .357, a arma imortalizada por Dirty Harry Callahan. Também durante o mandato de Stillson como prefeito, foi fechado o centro de recreação dos adolescentes, instituído um toque de recolher para os menores de dezesseis anos, supostamente voluntário mas controlado pela polícia, e a verba da assistência social foi cortada em trinta e cinco por cento.

Sim, havia muita coisa relativa a Greg Stillson que deixava Johnny apavorado.

O pai dominador e a mãe fraca e aprovadora. Os comícios políticos que mais pareciam concertos de *rock*. O relacionamento do sujeito com a multidão, seus capangas...

Desde os tempos de Sinclair Lewis, o povo vinha clamando contra a emergência do Estado fascista nos Estados Unidos, mas nada acontecia. Bem, houve Huey Long lá na Louisiana, mas Huey Long tinha...

Tinha sido assassinado.

Johnny fechou os olhos e viu Ngo dobrando o dedo. Bam, bam, bam. Tigre, tigre, com seu brilho afoito, nas florestas da noite. Que mão ou olhar temível... *

Mas não se semeiam dentes de dragão. A não ser que se queira ser equiparado a Frank Dodd em sua capa de chuva de vinil, com capuz. Aos Oswalds, Sirhans e Bremmers. Loucos do mundo, univos. Conservai atualizados os vossos caderninhos paranóicos e folheai-os à meia-noite; quando as coisas começarem a ferver dentro de vós, mandai o cupom do reembolso postal pedindo a arma. Johnny Smith, esse Squeaky Fromme. Prazer em conhecê-lo, Johnny, tudo quanto você tem nesse caderninho tem muito sentido para mim. Quero que você conheça o meu mentor espiritual. Johnny, este é Charlie. Charlie, este é Johnny. Quando você acabar com Stillson, vamos juntar-nos e acabar com o resto dos porcos, para podermos salvar as sequóias.

Sua cabeça estava girando. A inevitável dor de cabeça, começando. Sempre acabava assim. Greg Stillson sempre o levava a isso. Estava na hora de ir dormir, e, por favor, Deus, nada de sonhos.

Restava, porém, a Pergunta.

Ele a escrevera em um dos cadernos e sempre voltava a ela. Escrevera com letra caprichada, e depois traçara um círculo triplo em volta dela, como que para encerrá-la. A Pergunta era a seguinte:

“Se você pudesse entrar numa máquina do tempo e voltar a 1932, mataria Hitler?”

Johnny olhou para o relógio. Eram quinze para a uma. Já era o dia 3 de novembro, e a eleição do Bicentenário passara à história. Ohio ainda estava indefinido, mas Carter estava na frente. Não havia concorrência.

Acabou-se a confusão, perdida ou ganha a eleição. Jerry Ford podia pendurar ss chuteiras, pelo menos até 1980.

Johnny foi até a janela e olhou para fora. A casa principal estava às escuras, mas havia urna luz acesa no apartamento de Ngo, sobre

**** O autor cita aqui os célebres versos de William Blake (1757-1827):***

“Tiger, tiger, burning bright / In the forests of the night, / What immortal hand or eye / Could frame thy fearful simmetry?” (N. do E.)

a garagem. Ngo, que em breve seria cidadão americano, ainda estava assistindo ao grande ritual quadrienal norte-americano: vagabundos antigos saem por lá; vagabundos novos entram por aqui. Talvez Gordon Strachan não tivesse dado uma resposta tão má assim à Comissão Watergate, afinal.

Johnny foi para a cama. Depois de muito tempo, adormeceu. E sonhou com o tigre-que-ri.

Capítulo 22

Herb Smith tomou Charlene MacKenzie como sua segunda mulher na tarde do dia 2 de janeiro de 1977, conforme o planejado. A cerimônia realizou-se na Igreja Congregacional de Southwest Bend. O pai da noiva, octogenário quase cego, foi quem a acompanhou. Johnny ficou ao lado do pai, e apresentou impecavelmente a aliança na ocasião oportuna. Foi um belo momento.

Sarah Hazlett compareceu com o marido e o filho, que já não era mais bebê. Sarah estava grávida e radiante, a imagem da felicidade e da realização. Olhando para ela, Johnny surpreendeu-se ao sentir uma

pontada de um ciúme amargo, como um acesso de gases inesperado. Em segundos aquilo passou, e Johnny foi falar com eles, na recepção depois da cerimônia.

Era a primeira vez que ele via o marido de Sarah. Era um homem alto e bonito, com um bigode fininho e cabelos prematuramente grisalhos. Sua campanha para o Senado pelo Estado do Maine tinha tido êxito, e ele dissertou sobre a verdadeira história das eleições nacionais e sobre dificuldades de trabalhar com um governador independente, enquanto Denny puxava suas calças e pedia mais bebida. Papai, mais *bebida!*

Sarah falou pouco, mas Johnny sentiu seus olhos brilhantes sobre ele: uma sensação incômoda, mas não desagradável. Um pouco triste, talvez.

Na recepção, a bebida era farta, e Johnny passou além de sua cota normal de duas doses..., talvez por causa do choque de rever Sarah, dessa vez com a família, ou talvez apenas por ter compreendido, olhando para o rosto radiante de Charlene, que Vera Smith realmente se fora, e para sempre. Assim, quando ele se aproximou de Hector MacKenzie, pai da noiva, uns quinze minutos depois que os Hazletts se foram, estava agradavelmente tonto.

O velho estava sentado a um canto, junto dos destroços do bolo de noiva, as mãos retorcidas pela artrite dobradas sobre a bengala. Usava Óculos escuros. Uma das hastes tinha sido consertada com fita isolante preta. Ao seu lado havia duas garrafas de cerveja vazias e outra pela metade. Ele olhou bem para Johnny.

— É o filho de Herb, não é?

— Sim, senhor.

Um exame mais prolongado. Depois Hector MacKenzie disse:

— Rapaz, você não está com boa cara.

— Ando dormindo muito tarde, parece.

— Você parece estar precisando de um tônico. Uma coisa que o fortifique.

— O senhor esteve na Primeira Guerra Mundial, não foi? — perguntou Johnny. Havia uma porção de medalhas, inclusive uma Croix de Guerre, presas no casaco do terno de sarja azul do velho.

— Estive, sim — disse MacKenzie, animando-se. — Servi com Black Jack Pershing. Na Força Expedicionária Americana, de 1917 a 1918. Atravessamos a lama e o esterco. O vento soprava e a merda voava. Bosque de Belleau, meu filho. Bosque de Belleau. Hoje não passa de um nome nos livros de história. Mas eu estive lá. Ví homens morrerem lá. O vento soprava, a merda voava, e das trincheiras saía todo o raio da turma.

— E Charlene disse que o seu filho..., irmão de....

— Buddy. É. Teria sido seu tio por afinidade, rapaz. Se amávamos aquele garoto? Acho que sim. Chamava-se Joe, mas todo mundo o chamava de Buddy, quase desde o dia em que nasceu. A mãe de Charlene começou a morrer no dia em que chegou o telegrama.

— Morreu na guerra, não foi?

— Foi, sim — disse o velho, devagar. — Saint-Lo, 1944. Não muito longe do Bosque de Belleau, pelo menos do jeito que se medem as coisas por aqui. Acabaram com a vida de Buddy com uma bala. Os nazistas.

— Estou trabalhando num ensaio — disse Johnny, sentindo certa esperteza de bêbado por ter levado afinal a conversa ao seu verdadeiro objetivo. — Espero vendê-lo para o *Atlantic* ou talvez para a *Harper's*...

— É escritor, é? — Os óculos escuros brilharam na direção de Johnny, denotando mais interesse.

— Bem, estou tentando — disse Johnny. Já estava começando a arrepender-se de sua loquacidade. “Sou escritor, sim. Escrevo em meus cadernos, depois que escurece.” — Em todo caso, o ensaio vai ser a respeito de Hitler.

— Hitler? Que aspecto de Hitler?

— Bem... suponhamos... suponhamos que o senhor pudesse tomar uma máquina do tempo e voltar ao ano de 1932. Na Alemanha. E suponhamos que encontrasse Hítler. O senhor o mataria ou o deixaria vivo?

Os óculos escuros e vazios do velho voltaram-se lentamente para o rosto de Johnny. E então Johnny não se sentiu completamente nem bêbado, nem loquaz, nem esperto. Tudo parecia depender do que aquele velho tivesse a dizer.

— Isso é brincadeira, rapaz?

— Não é brincadeira, não.

Uma das mãos de Hector MacKenzie largou a ponta da bengala. Ele procurou o bolso da calça e mexeu ali, parecendo levar uma eternidade. Por fim, tirou a mão do bolso. Estava segurando um canivete de cabo de osso, liso e gasto com o passar dos anos, parecendo marfim velho. A outra mão entrou em jogo, abrindo a lâmina do canivete com toda a incrível delicadeza da artrite. A lâmina reluziu com uma perversidade nua sob a luz do salão da igreja: um canivete que viajara para a França em 1917 com um rapaz, um rapaz que fizera parte de um exército de jovens prontos e dispostos a impedir que os boches imundos espetassem os bebês nas baionetas e estupassem as freiras, e preparados para mostrar alguma coisa aos franceses, além disso; e os rapazes tinham sido metralhados, tinham apanhado disenteria e a gripe assassina, tinham respirado gás de mostarda e fosgênio, os jovens tinham saído do Bosque de Belleu parecendo espantalhos atormentados que tivessem visto o rosto do próprio Satanás. E, no fim, tudo fora em vão; quando acabou, foi preciso fazer tudo de novo.

Em algum lugar, estavam tocando música. As pessoas estavam rindo. Dançando. Alguém disparou um *flash*. Bem longe dali. Johnny estava olhando fixamente para a lâmina nua, hipnotizado pelo brilho da luz sobre o fio amolado.

— Está vendo isto aqui? — perguntou MacKenzie, baixinho.

— Estou — respirou Johnny.

— Pois eu o enterraria naquele coração mentiroso, negro, de assassino — disse MacKenzie. — Enfiaria isto até o fim..., e depois o torceria. — Virou o canivete na mão, devagar, primeiro para a direita, depois para a esquerda. Sorriu, mostrando gengivas lisas como as de um bebê e um dente torto, amarelado.

— Mas primeiro — disse ele — passaria veneno de rato na lâmina.

— Matar Hitler? — disse Roger Chatsworth, o hálito fazendo tufinhos. Os dois estavam passeando na neve, com sapatos apropriados, nos bosques atrás da casa de Durham. Os bosques estavam muito quietos. Era o princípio de março, mas aquele dia estava silencioso, suave e frio, como se fosse pleno janeiro.

— Isso mesmo.

— Pergunta interessante — disse Roger. — Sem propósito, mas interessante. Não. Não mataria. Acho que, em vez disso, entraria para o partido. Procuraria modificar as coisas de lá de dentro. Poderia ser possível expurgá-lo ou comprometê-lo, sempre dada a precognição do que iria acontecer.

Johnny pensou nos tacos de bilhar cortados. Pensou nos olhos verdes, brilhantes, de Sonny Elliman.

— Também seria possível ser morto — disse ele. — Aqueles caras estavam fazendo mais que cantar canções de cervejaria em

1933.

— É verdade. — Ele levantou a sobrancelha para Johnny. — O que é que você faria?

— Não sei bem — disse Johnny.

Roger mudou de assunto.

— Para onde foram seu pai e a mulher em lua-de-mel?

Johnny riu. Tinham ido para Miami Beach, com greve de empregados de hotel e tudo.

— Charlene disse que se sentiu bem, em casa, tendo de fazer a cama. Meu pai disse que se sentia como uma aberração, bronzeado do sol no inverno. Mas acho que os dois gostaram bastante.

— E venderam as casas?

— Sim; ambas no mesmo dia. E conseguiram quase o que pretendiam, também. Agora, se não fossem aquelas malditas contas de médicos ainda penduradas sobre a minha cabeça, seria um mar de rosas.

— Johnny?

— Hummm?

— Nada. Vamos voltar. Tenho um Chivas Regal, se você estiver com vontade.

—Acho que estou — disse Johnny.

Estavam lendo *Judas, o obscuro* agora, e Johnny ficara espantado ao ver como Chuck gostara do livro (depois de gemer e reclamar um pouco nas primeiras quarenta páginas, mais ou menos). Ele confessou que estava lendo de noite, sozinho, e que pretendia experimentar outra coisa de Hardy, quando terminasse. Pela primeira vez na vida, estava lendo por prazer. E, como um rapaz iniciado nos prazeres do sexo por uma mulher mais velha, estava se deliciando.

O livro agora estava aberto, mas virado para baixo no colo dele. Estavam de novo junto da piscina, mas ela ainda estava vazia, e ele e Johnny usavam paletós leves. Ao alto, suaves nuvens brancas corriam pelo céu, procurando unir-se o suficiente para fazer chover. O ar dava uma sensação misteriosa e doce; a primavera estava rondando por perto. Era o dia 16 de abril.

— Essa é uma daquelas perguntas traiçoeiras? — perguntou Chuck.

— Não.

— Bem, eu seria apanhado?

— Perdão? — Era uma pergunta que nenhum dos outros tinha feito.

— Se eu o matasse. Eles me apanhariam? Eu seria enforcado em um poste de luz? Ficaria esperneando, a quinze centímetros do chão?

— Bem, não sei — disse Johnny, devagar. — Sim, suponho que o apanhariam.

— Não conseguiria escapar em minha máquina do tempo para um mundo maravilhosamente modificado, hem? De volta ao feliz ano de 1977?

— Não, creio que não.

— Bem, não importa. Eu o mataria, de qualquer forma.

— Assim, sem mais nem menos?

— Claro. — Chuck sorriu um pouco. — Eu arranjaría um desses dentes furados, cheios de um veneno de ação rápida, ou uma Lâmina de gilete escondida no colarinho, ou coisa que o valha. Assim, se me apanhassem, não me poderiam fazer nada de muito ruim. Mas eu o faria. Senão, ficaria com medo de que todos aqueles milhões de pessoas que ele acabou matando me atormentassem até o dia de minha morte.

— Até o dia de sua morte — disse Johnny, meio enjoado.

— Você está bem, Johnny?

Johnny forçou-se a retribuir o sorriso de Chuck.

— Estou. Acho que o ritmo do meu coração falhou, ou coisa assim.

Chuck continuou a ler *Judas* sob o céu levemente nublado.

Maio.

O cheiro da grama cortada estava de volta, para mais um compromisso... e também aqueles velhos favoritos, madressilva, poeira e rosas. Na Nova Inglaterra, a primavera só dura mesmo uma semana preciosa, e então os *disc-jockeys* desencavam as belas canções antigas dos Beach Boys, por toda parte se ouve o zunido de uma Honda em disparada, e o verão chega com um baque quente.

Numa das últimas noites daquela preciosa semana de primavera, Johnny estava na casa de hóspedes, olhando para a noite. A escuridão primaveril era suave e profunda. Chuck estava numa festa do colégio com a namorada do momento, um tipo mais intelectual do que as últimas seis. Ela *lê*, confiara Chuck a Johnny, como um homem experiente para outro.

Ngo tinha ido embora. Conseguira se naturalizar em fins de março, tinha se candidatado a um emprego de jardineiro-chefe de um hotel de

veraneio na Carolina do Norte, em abril, tivera uma entrevista três semanas antes e fora contratado na hora. Antes de partir, tinha ido procurar Johnny.

— Acho que você se preocupa demais com tigres que não existem — disse ele. — O tigre tem listras que desaparecem no ambiente, de modo a não ser visto. Isso faz com que o homem preocupado veja tigres por toda parte.

— Há um tigre — respondera Johnny.

— Sim — concordara Ngo. — Em algum lugar. Enquanto isso, você emagrece.

Johnny levantou-se, foi à geladeira e pegou uma Pepsi. Foi para fora com ela, para a varandinha. Sentou-se, bebericou e pensou que era uma sorte para todos que a viagem pelo tempo fosse uma impossibilidade total. A lua nasceu, um olho laranja acima dos pinheiros, e traçou uma trilha sangrenta pela piscina. As primeiras rãs estavam coaxando e martelando. Depois de uns minutos, Johnny foi para dentro e pôs uma boa dose de rum em sua Pepsi. Voltou para fora e tornou a sentar-se, bebendo e olhando a lua subir pelo céu, mudando devagar do laranja para um prateado místico e silencioso.

Capítulo 23

No dia 23 de junho de 1977, Chuck diplomou-se no segundo grau. Johnny, vestido com seu melhor terno, estava sentado no auditório quente, com Roger e Shelley Chatsworth, assistindo, enquanto ele se diplomava como quadragésimo terceiro aluno da turma. Shelley chorou.

Depois houve uma festa no gramado da casa dos Chatsworths. O dia estava quente e úmido. A oeste tinham-se formado nuvens de tempestade com barrigas roxas; elas se arrastavam devagar de um lado para outro no horizonte, mas não pareciam chegar mais perto. Chuck, vermelho depois de ter bebido três coquetéis de laranja e vodca, aproximou-se com a

namorada, Patty Strachan, para mostrar a Johnny seu presente de formatura dos pais: um novo relógio Pulsar.

— Eu disse a eles que queria aquele robô R2D2, mas eles só me conseguiram isto — disse Chuck, e Johnny riu. Eles conversaram mais um pouco, e depois Chuck disse, quase brusco: — Quero agradecer-lhe, Johnny. Se não fosse você, eu não estaria me diplomando hoje.

— Não, isso não é verdade — disse Johnny. Estava meio envergonhado ao ver que Chuck estava quase chorando. — Você tem categoria, rapaz.

— É o que lhe digo sempre — disse a garota de Chuck. Por trás dos óculos dela, uma beleza fria e elegante estava prestes a desabrochar.

— Talvez — disse Chuck. — Talvez, sim. Mas acho que sei a quem devo o meu diploma. Muitíssimo obrigado. — E deu um forte abraço em Johnny.

Aconteceu de repente: uma imagem clara e dura como um raio, que fez Johnny endireitar-se e bater com a mão do lado da cabeça, como se Chuck tivesse batido nele, em vez de tê-lo abraçado. A imagem penetrou em sua mente como um quadro feito por um elétron.

— Não — disse ele. — De *jeito nenhum*. Você dois afastem-se de lá.

Chuck recuou, sem jeito. Tinha sentido *alguma* coisa. Uma coisa fria, escura e incompreensível. De repente, não quis tocar em Johnny; naquele momento, nunca mais queria tocar em Johnny. Era como se tivesse verificado como seria deitar-se em seu caixão e ver pregarem a tampa.

— Johnny — disse ele, e depois parou. — O que.., o que... Roger estava se aproximando, com copos, e então parou, intrigado. Johnny estava olhando por cima do ombro de Chuck, para as nuvens distantes, os olhos vagos e turvos.

Ele disse:

— Você tem de ficar longe daquele lugar. Não tem pára-raios.

— *Johnny...* — Chuck olhou para o pai, assustado. — Parece que ele está tendo uma espécie de... *ataque*, ou coisa assim.

— Raio — declarou Johnny, em voz alta. As pessoas viraram a cabeça para olhar para ele. Ele estendeu as mãos. — Fogo do raio. O material isolante das paredes. As portas... enguiçadas. As pessoas queimadas têm cheiro de carne de porco quente.

— *De que é que ele está falando?* — exclamou a garota de Chuck, e a conversa toda foi parando. Todos então estavam olhando para Johnny, equilibrando seus pratos de comida e copos.

Roger aproximou-se.

— John! Johnny! O que é que há? Acorde! — Ele estalou os dedos diante dos olhos perdidos de Johnny. A trovoadá roncou a oeste, a voz de gigantes num jogo de cartas, talvez. — O que é que há?

A voz de Johnny estava clara e moderadamente forte, alcançando cada uma das cinquenta ç tantas pessoas presentes: homens de negócios com as mulheres, professores com as mulheres, a alta classe média de Durham.

— Prenda o seu filho em casa hoje, do contrário ele vai morrer queimado com todos os outros. Vai haver um incêndio, um incêndio terrível. Não deixe que ele vá à Cathy's. Esse lugar vai ser atingido por um raio e vai arder totalmente antes que o primeiro carro de bombeiros possa chegar. O material isolante vai queimar. Vão encontrar cadáveres carbonizados em camadas de seis e de sete nas saídas, e não vai haver meio de identificá-los, a não ser pela prótese. Vai... vai...

Então Patty Strachan gritou, levando a mão à boca, o copo de plástico caindo na grama, os cubos de gelo espalhando-se e reluzindo ali como diamantes de um tamanho improvável. Ela ficou cambaleando um instante e depois desmaiou, caindo num esvoaçar pastel de vestido de festa, e sua mãe avançou correndo, gritando para Johnny, ao passar:

— *O que há com você? O que há com você, pelo amor de Deus?*

Chuck ficou olhando para Johnny, que estava pálido como a neve.

Os olhos de Johnny começaram a clarear. Ele olhou em volta, para os grupos de pessoas que o fitavam.

— Desculpem — murmurou.

A mãe de Patty estava ajoelhada, segurando a cabeça da filha nos braços e dando tapinhas no rosto dela. A moça começou a mexer-se e a gemer.

— Johnny? — murmurou Chuck, e depois, sem esperar resposta, foi para junto da namorada.

Fez-se um silêncio total no gramado dos Chatsworths. Todos estavam olhando para ele. Olhavam porque tinha acontecido de novo. Olhavam para ele do mesmo modo que as enfermeiras tinham olhado. E os repórteres. Eram corvos enfileirados nos fios telefônicos. Estavam segurando copos e pratos de salada de batata, e olhavam para ele como se ele fosse um inseto, um fenômeno. Olhavam como se ele de repente tivesse desabotoado as calças, expondo-se a eles.

Teve vontade de fugir, de esconder-se. Teve vontade de vomitar.

— Johnny — disse Roger, passando o braço em volta dele. — Venha cá para dentro. Você precisa descansar um pouco... A trovoadá roncou, ao longe.

— O que é a Cathy's? — disse Johnny, resistindo à pressão do braço de Roger em seus ombros. — Não é uma casa particular, pois havia placas de saída. O que é? Onde fica?

— Não podem tirá-lo daqui? — A mãe de Patty estava quase gritando. — Ele a está perturbando de novo!

— Venha, Johnny.

— Mas...

— *Venha.*

Ele permitiu que o levassem para a casa de hóspedes. O barulho dos sapatos deles no caminho de cascalho era muito alto. Parecia não haver qualquer outro som. Chegaram até a piscina, e então começaram os cochichos atrás deles.

— Onde fica a Cathy's? — Johnny tomou a perguntar.

— Como é que você não sabe? — perguntou Roger. — Parecia saber tudo. Tanto assustou a coitada da Patty Strachan que ela desmaiou.

— Não posso ver. Está na zona morta. Onde fica?

— Primeiro, vamos para cima.

— Não estou doente!

— Sob tensão, então — disse Roger.

Ele falava num tom suave e tranquilizador, como as pessoas falam com os dementes incuráveis. O tom da voz dele assustou Johnny. E a dor de cabeça começou. Ele tentou afastá-la, por simples força de vontade. Eles subiram a escada para a casa de hóspedes.

— Está melhor? — perguntou Roger.

— O que é a Cathy's?

— uma churrascaria, com um salão muito elegante, em Somersworth. As festas de formatura na Cathy's são uma tradição, só Deus sabe por quê. Tem certeza de que não quer essas aspirinas?

— Não. Não o deixe ir, Roger. Um raio vai cair naquele lugar. Vai haver um incêndio total.

— Johnny — disse Roger, falando devagar e com muita bondade —, você não pode saber de uma coisa dessas.

Johnny bebeu água gelada, um golezinho de cada vez, e largou o copo com a mão ligeiramente trêmula.

— Você disse que tinha verificado o meu passado. Pensei...

— Verifiquei, sim. Mas está chegando a uma conclusão errônea. Eu sabia que você era tido como médium ou coisa assim, mas não estava à procura de um. Eu queria era um professor. Você fez um belo trabalho, como professor. Em minha opinião, não há diferença alguma entre um bom e um mau médium, pois não acredito em nada disso. É só isso. Não acredito.

— Então quer dizer que sou um mentiroso.

— Em absoluto — disse Roger, no mesmo tom de voz baixo e bondoso. — Tenho um contramestre na fábrica, em Sussex, que não acende três cigarros com um fósforo, mas nem por isso é mau contramestre. Tenho amigos que são profundamente religiosos, e, embora eu não freqüente a igreja, ainda assim são meus amigos. O fato de você achar que pode prever o futuro ou ver coisas à distância nunca influenciou o meu critério quanto a contratá-lo ou não. Não ... isso não é bem verdade. Nunca me influenciou depois que cheguei à conclusão de que isso não ia interferir na sua capacidade de fazer um bom trabalho com Chuck. E não atrapalhou, mesmo. Mas acredito tanto que a Cathy's vá arder hoje quanto acredito que a lua seja um queijo verde.

— Então, não sou mentiroso, sou só maluco — disse Johnny.

De um certo modo apático, era interessante. Roger Dussault e muitas das pessoas que escreviam cartas a Johnny o haviam acusado de trapacear, mas Chatsworth era o primeiro a acusá-lo de ter um complexo de Joana d'Are.

— Também não é isso — disse Roger. — Você é um rapaz que teve um desastre horrível e que lutou para se recuperar, contra dificuldades tremendas, pagando um preço que provavelmente foi terrível. Isso não é

coisa que eu goste de comentar à toa, Johnny, mas, se qualquer daquelas pessoas lá no gramado — inclusive a mãe de Patty — quiser tirar uma porção de conclusões estúpidas, serão convidadas a calar a boca sobre coisas que não compreendem.

— Cathy's — disse Johnny, de repente. — Então, como é que eu sabia esse nome? E como é que eu sabia que não era uma casa particular?

— Através de Chuck. Ele falou muito sobre essa festa, esta semana.

— Não comigo.

Roger deu de ombros.

— Talvez ele tenha falado alguma coisa com Shelley ou comigo, e você estivesse por perto. O seu subconsciente captou aquilo e o arquivou...

— Isso mesmo — disse Johnny, com amargura. — Qualquer coisa que a pessoa não entenda, ou que não se coadune com o nosso esquema de como são as coisas, nós arquivamos na letra S, do subconsciente, certo? O deus do século XX. Quantas vezes você já fez isso quando alguma coisa contrariou a sua pragmática visão de mundo, Roger?

Os olhos de Roger deviam ter tremeluzido um pouco... ou podia ser imaginação.

— Você associou os raios com a tempestade que se aproxima — disse ele. — Não está vendo isso? É bem sim...

— Escute — disse Johnny. — Estou lhe dizendo isso do modo mais simples possível. Aquele lugar vai ser atingido por um raio. Vai incendiar-se. *Prenda Chuck em casa.*

Ah, Deus, a dor de cabeça o estava dominando. Como um tigre. Ele pôs a mão na testa e esfregou-a, sem firmeza.

— Johnny, você vem trabalhando demais.

— Não o deixe sair de casa — repetiu Johnny.

— A decisão é dele, e eu não teria a presunção de resolver por ele. Ele é livre, branco e tem dezoito anos.

Bateram à porta.

— Johnny?

— Entre — disse Johnny, e foi o próprio Chuck quem entrou. Parecia preocupado.

— Como é que você está? — perguntou Chuck.

— Estou bem — disse Johnny. — Estou com dor de cabeça, só isso. Chuck... por favor, não vá àquele lugar, hoje. Estou lhe pedindo como amigo. Quer você pense do mesmo modo que o seu pai ou não. *Por favor.*

Não há problema, rapaz — disse Chuck, animado, instalando-se no sofá. Puxou um banquinho, com o pé. — Eu não conseguiria arrastar Patty nem a um quilômetro de distância dali, mesmo com uma corrente de reboque de seis metros de comprimento. Você a deixou apavorada.

— Sinto muito — disse Johnny. Ele estava se sentindo enjoado e com arrepios, de tanto alívio. — Sinto muito, mas fico contente.

— Você teve uma espécie de intuição, não foi? — Chuck olhou para Johnny, depois para o pai, e depois de novo para Johnny, devagar. — Eu senti isso. Foi mau.

— As pessoas às vezes sentem. Parece que é meio desagradável.

— Bem, eu não gostaria que acontecesse de novo — disse Chuck. — Mas, olhe.., aquele lugar não vai se incendiar mesmo, vai?

— Vai — disse Johnny. — Você trate de não ir para lá.

— Mas... — Ele olhou para o pai, perturbado. — A turma do último ano reservou o lugar todo. O colégio aprova isso, sabe. É mais seguro do que vinte ou trinta festas diferentes, e uma porção de gente bebendo nas estradas escuras. Pode haver... — Chuck calou-se um momento e depois

começou a parecer assustado. — Pode haver duzentos casais, lá — disse ele. — Pai...

— Acho que ele não acredita em nada disso — disse Johnny.

Roger levantou-se e sorriu.

— Bem, vamos de carro até Somersworth, falar com o gerente

— disse ele. — A festa no jardim estava chata, mesmo. E se vocês dois ainda tiverem a mesma opinião, quando voltarmos, podemos convidar todos para virem para cá, hoje à noite.

Ele olhou para Johnny.

— A única condição é que você tem de ficar sóbrio e ajudar a tomar conta do pessoal, rapaz.

— Com muito prazer — disse Johnny. — Mas por quê, se não acredita?

— Pela sua paz de espírito — disse Roger — e pela de Chuck. E para que, quando nada acontecer esta noite, eu possa dizer: “Está vendo?”, e possa morrer de rir.

— Bem, seja como for, obrigado. — Ele estava tremendo mais que nunca, agora que estava aliviado, mas a dor de cabeça tornara-se um latejar surdo.

— Porém, há uma coisa — disse Roger. — Acho que não temos a menor possibilidade de conseguir que o proprietário cancele a festa só com a sua palavra, Johnny. Esta é provavelmente uma das boas noites para o negócio dele, no ano todo.

Chuck disse:

— Bem, podíamos inventar alguma coisa...

— Como o quê?

— Bem, podíamos contar uma história... alguma invenção...

— Mentir, quer dizer? Não, isso eu não faço. Não me peça isso, Chuck.

Chuck fez que sim.

— Está bem.

— Vamos andando — disse Roger, com energia. — São quinze para as cinco. Vamos pegar o Mercedes e ir até Somersworth.

Bruce Carrick, o proprietário e gerente estava tomando conta do bar quando os três chegaram, às cinco e quarenta. Johnny sentiu um frio no coração, quando viu o aviso pregado nas portas do salão de festas: FESTA PARTICULAR SÓ ESTA NOITE, DAS 19:00 ATÉ ENCERRAR. ATÉ AMANHÃ.

Carrick não estava propriamente assoberbado. Estava servindo uns operários que tomavam cerveja, assistindo ao noticiário, e três casais tomando coquetel. Escutou a história de Johnny com uma cara cada vez mais incrédula. Depois que Johnny acabou, Carrick disse:

— Você diz que se chama Smith?

— Sim, isso mesmo.

— Sr. Smith, venha até esta janela aqui comigo.

Levou Johnny para a janela do saguão, junto da porta do vestiário.

— Olhe para lá, Sr. Smith, e diga o que está vendo.

Johnny olhou para fora, sabendo o que ia ver. A Rodovia 9 seguia para oeste, e estava secando depois de uma leve chuva da tarde. Ao alto, o céu estava inteiramente claro. As nuvens de tempestade tinham passado.

— Não muita coisa. Pelo menos, agora, não. Mas...

— Mas coisa nenhuma — disse Bruce Carrick. — Sabe o que é que eu acho? Quer saber francamente? Acho que o senhor é um doido. Por que foi escolher a mim para essa sacanagem, não sei nem quero saber. Mas se tiver um minuto, filhinho, vou lhe contar as coisas da vida. A turma de diplomandos me pagou seiscentos e cinquenta dólares por esta festa. Contratarem um conjunto de *rock'n'roll* bem bonzinho, o Oak, lá do Maine. A comida está toda lá no *freezer*, prontinha para ir para o forno de microondas. As saladas estão na geladeira. As bebidas são por fora, e a maior parte desses garotos têm mais de dezoito anos e pode beber quanto quiser., e hoje vão beber, e ninguém pode culpá-los, a gente só se forma uma vez na vida. Hoje vou ganhar dois mil dólares no salão, tranquilo. Vêm dois ajudantes de bar, seis garçonetes e uma chefe. Se eu cancelasse esse negócio agora, perderia toda a noite, além de ter de devolver os seiscentos e cinquenta que já recebi pela comida. Não terei nem mesmo a minha freguesia normal do jantar, pois esse aviso esteve aí a semana toda. Está entendendo?

— Há pára-raios aqui? — perguntou Johnny.

Carrick levantou as mãos.

— Conto as coisas da vida a esse cara e ele quer falar sobre pára-raios! Tenho pára-raios, sim! Um camarada chegou aqui, antes das reformas, deve fazer uns cinco anos agora. Veio com uma conversa mole sobre melhorar minha taxa de seguro. Então comprei a porra dos pára-raios! Está satisfeito? *Meu Deus!* — Ele olhou para Roger e para Chuck. — O que é que vocês dois estão fazendo? Por que deixam esse cretino andar por aí à solta? Vão dando o fora, está bem? Tenho de tratar da vida.

— Johnny... — começou Chuck.

— Não tem importância — disse Roger. — Vamos embora. Obrigado pelo seu tempo, Sr. Carrick, e por sua atenção educada e compreensiva.

— Não tem o que agradecer — disse Carrick. — Cambada de doidos! — E voltou para o salão.

Os três saíram. Chuck olhou para o céu sem nuvens, duvidoso. Johnny foi indo para o carro, só olhando para os pés, sentindo-se burro e

derrotado. A dor de cabeça latejava nas suas têmporas. Roger estava ali de pé, as mãos nos bolsos traseiros, olhando para o telhado comprido e baixo do prédio.

— O que é que está vendo, pai? — perguntou Chuck.

— Não há pára-raios ali — disse Roger Chatsworth, pensativo. — Nenhum pára-raios.

Os três estavam sentados no *living* da casa principal, Chuck junto do telefone. Ele olhou para a pai, em dúvida.

— A maioria não há de querer mudar de planos a esta altura — disse ele.

— Eles têm planos para sair, só isso — disse Roger. — Tanto faz virem para cá.

Chuck deu de ombros e começou a discar.

Acabaram ficando com mais ou menos a metade dos casais que tinham planejado ir à Cathy's, naquela noite, e Johnny nunca soube bem por que é que esses foram. Alguns provavelmente porque parecia uma festa mais interessante e porque a bebida seria de graça. Mas as notícias voam, e os pais de muitos dos garotos ali tinham estado na festa da tarde., e conseqüentemente Johnny passou grande parte da noite sentindo-se como um espécime numa vitrina. Roger ficou sentado a um canto, num banquinho, bebendo um martíni com vodca. O rosto dele era uma máscara.

Por volta das sete horas e quarenta e cinco minutos, ele foi até o outro lado do grande salão de bar e recreação que ocupava três quartas partes do subsolo, abaixou-se junto de Johnny e gritou, para ser ouvido acima do barulho de Elton John:

— Quer ir lá para cima e jogar cartas?

Johnny aceitou, agradecido.

Shelley estava na cozinha, escrevendo cartas. Levantou os olhos quando eles entraram e sorriu.

— Pensei que vocês dois, masoquistas, fossem ficar lá embaixo a noite toda. Não é necessário mesmo, sabem.

— Sinto muito, tudo isso — disse Johnny. — Sei que deve parecer uma loucura.

— Parece loucura, sim — disse Shelley. — Não há motivo para não se ser franco quanto a isso. Mas tê-los aqui é bom. Não me importo.

Ouviram um trovão lá fora. Johnny olhou em volta. Shelley viu e sorriu um pouco. Roger tinha saído dali para procurar o marcador no aparador da sala de jantar.

— É passageiro, sabe — disse ela. — Uma trovoadazinha e um chuvisco.

— É. — disse Johnny.

Ela assinou a carta num rabisco confortável, dobrou-a, fechou-a, endereçou-a, selou-a.

— Você sentiu mesmo alguma coisa, não foi, Johnny?

— Foi.

— Uma tonteira momentânea — disse ela. — Talvez provocada por alguma deficiência alimentar. Está magro demais, Johnny. Podia ter sido uma alucinação, não podia?

— Não, não creio.

Lá fora, a trovoadá tornou a roncar, mas à distância.

— Fico contente por ele estar em casa. Não acredito em astrologia, quiromancia, clarividência nem em nada disso, mas..., fico contente por ele estar em casa. É o nosso filho único... um filhinho bem grande agora, imagino que você esteja pensando isso, mas é fácil lembrar dele de calças curtas andando no carrossel da pracinha pública. Fácil demais, talvez. E é bom poder partilhar o... o último rito da meninice com ele.

— Que bom que a senhora ache isso — disse Johnny. De repente ele se assustou ao ver que estava quase chorando. Nos últimos seis ou oito meses parecia-lhe que o seu controle emocional tinha regredido bastante.

— Você tem sido bom para Chuck. Não me refiro só ao ensino. Em muitos sentidos.

— Gosto de Chuck.

— Sim — disse ela, tranqüila. — Sei que gosta.

Roger voltou com o marcador e um rádio transistor ligado na estação WMTQ, estação que irradiava música clássica do topo do monte Washington.

— Um ligeiro antídoto para Elton John, Aerosmith. Foghat e outros — disse ele. — Que tal um dólar a partida, Johnny?

— Ótimo.

Roger sentou-se, esfregando as mãos.

— Ah, você vai sair arruinado — disse ele.

Eles jogaram, e a noite foi passando. Entre cada partida, um dos dois descia para ver se ninguém tinha resolvido dançar na mesa da piscina ou ir para os fundos, fazer uma festinha particular.

— Ninguém vai engravidar ninguém nesta festa, se eu puder evitar — disse Roger.

Sheiley tinha ido ler na sala. De hora em hora, a música do rádio parava e vinha o noticiário, e a atenção de Johnny falseava um pouco. Mas não houve nada sobre a Cathy's, em Somersworth — nem às oito, nem às nove, nem às dez.

Depois do noticiário das dez horas, Roger disse:

— Está com vontade de modificar um pouca a sua previsão, Johnny?

— Não.

A previsão do tempo era de chuvaradas esparsas, passando a bom depois da meia-noite.

O ritmo firme de K. C. and the Sunshine Band fazia-se ouvir através do assoalho.

— A festa está animada — comentou Johnny.

— Para o diabo com isso — disse Roger, rindo. — O pessoal está ficando de fogo. Spider Parmelau está desacordado num canto, e alguém está se servindo dele como descanso de copo. Ah, vão estar de ressaca de manhã, pode crer. Lembro-me de que na minha festa de formatura...

— Um boletim da sala de notícias da WMTQ — disse o rádio.

Johnny, que estava embaralhando, espalhou as cartas pelo chão.

— Sossegue, provavelmente é só alguma coisa sobre aquele seqüestro lá na Flórida.

— Não creio — disse Johnny.

O locutor disse:

— Neste momento parece que o pior incêndio na história de New Hampshire sacrificou a vida de mais de setenta e cinco jovens, na cidade fronteira de Somersworth, New Hampshire. O incêndio ocorreu numa churrascaria chamada Cathy's. Estava se realizando uma festa de formatura quando o fogo começou. Milton Hovey, chefe do Corpo de Bombeiros de Somersworth, disse aos repórteres que não há nenhuma suspeita de que o incêndio tenha sido proposital; acreditam ser quase certo que tenha sido provocado por um raio.

O rosto de Roger Chatsworth estava perdendo a cor, completamente. Ele se sentou ereto em sua cadeira de cozinha, os olhos fixos num ponto em algum lugar acima da cabeça de Johnny. Suas mãos estavam frouxas sobre a mesa. Do andar de baixo vinha o barulho de conversa e risadas, misturadas agora com o som de Bruce Springsteen.

Shelley entrou na cozinha. Olhou do marido para Johnny, e depois de novo para o marido.

— O que é? O que aconteceu?

— Cale-se — disse Roger.

— ... continua a arder, e Hovey disse que um cômputo final dos mortos provavelmente só poderá ser feito de manhã cedo. Sabe-se que mais de trinta pessoas, a maior parte membros da turma de diplomandos do ginásio de Durham, foram levadas para hospitais em regiões vizinhas, para tratamento de queimaduras. Quarenta pessoas, também em sua maioria alunos diplomandos, fugiram pelas pequenas janelas dos banheiros dos fundos do salão, mas outras parecem ter sido presas em aglomerações fatais nas...

— *Foi a Cathy's?* — gritou Shelley Chatsworth. — *Foi aquele lugar?*

— Foi — disse Roger. Ele parecia fantasticamente calmo. — Foi, sim.

No andar de baixo, houve um silêncio momentâneo, seguido de passos correndo pela escada acima. A porta da cozinha abriu-se de repente, e

Chuck entrou, procurando a mãe.

— Mãe? O que é? O que aconteceu?

— Parece que podemos estar lhe devendo a vida de nosso filho — disse Roger, naquela mesma voz, fantasticamente calma. Johnny nunca vira um rosto tão branco. Roger parecia um boneco de cera horripilantemente vivo.

— *Incendiou-se?* — A voz de Chuck era incrédula. Atrás dele, agora, havia outros apinhando a escada, cochichando em vozes baixas e assustadas. — Está dizendo que se incendiou *toda*?

Ninguém respondeu. E então, de repente, de algum lugar atrás dele, Patty Strachan começou a falar numa voz aguda e histérica:

— A culpa é dele, daquele cara ali! Foi ele quem fez isso acontecer! Ele incendiou a casa com a mente dele, como naquele livro *Carrie*. Seu assassino! Matador! Você...

Roger virou-se para ela.

— *CALE-SE!* — trovejou ele.

Patty caiu num pranto convulso.

— Incendiou? — repetiu Chuck. Ele parecia estar se perguntando, agora, se aquela podia ser a palavra certa.

— Roger? — murmurou Shelley. — Rog? Benzinho?

Houve um burburinho crescente na escada, e na sala de recreação embaixo, como um farfalhar de folhas. O estéreo foi desligado. As vozes murmuravam.

“Mike estava lá? Shannon foi, não foi? Tem certeza? Sim, eu estava pronto para ir quando Chuck me ligou. Minha mãe estava aqui quando esse cara teve o ataque, ela disse que parecia que havia alguém pisando na cova dela, e pediu que eu viesse aqui, e não fosse lá. Casey estava lá? E Ray? Maureen Ontello estava lá? Ah, meu Deus, estava? Estava...

Roger levantou-se devagar e virou-se.

— Sugiro — disse ele — que arranijemos os mais sóbrios dos presentes para nos levarem para o hospital. Vão precisar de doadores de sangue.

Johnny ficou ali sentado, como uma pedra. Estava pensando se algum dia tornaria a se mover. Lá fora, o trovão roncava. E acompanhando-o, como um bater interior, ele ouviu a voz da mãe, ao morrer:

“Cumpra o seu dever, John”.

Capítulo 24

“12 de agosto de 1977

Caro Johnny,

Não foi tão difícil assim encontrá-lo.., eu às vezes penso que, se a gente tem bastante dinheiro, consegue encontrar qualquer pessoa neste mundo, e dinheiro eu tenho. Talvez me arrisque a deixá-lo sentido, dizendo as coisas assim tão claramente, mas Chuck, Shelley e eu lhe devemos demais para lhe dizer menos do que a verdade. O dinheiro compra muita coisa, mas não pode comprar os raios. Encontraram doze rapazes ainda no banheiro dos homens que dava para o restaurante, um em que tinham pregado a janela. O fogo não chegou até lá, mas a fumaça chegou, e os doze ficaram sufocados. Não consegui tirar isso da cabeça, pois Chuck poderia ter sido um desses garotos. De modo que mandei que ‘seguissem a sua pista’, conforme você diz em sua carta. E, pelos mesmos motivos, não posso deixá-lo em paz, conforme você pediu. Pelo menos, até que o cheque anexo volte cancelado com o seu endosso no verso.

Você há de notar que é um cheque bem menor do que o que você devolveu há cerca de um mês. Entrei em contato com o Departamento de Contabilidade do EMMC e paguei as suas contas do hospital com a

diferença. Assim, você está livre e desembaraçado, quanto a isso, Johnny. Isso eu pude fazer e fiz..., e com grande prazer, posso acrescentar.

Você protesta, dizendo que não pode aceitar o dinheiro. Eu digo que pode e deve. Aceitará, Johnny. Eu segui sua pista até Fort Lauderdale, e se você sair daí vou segui-lo até o lugar para onde for, mesmo que resolva ir para o Nepal. Pode me chamar de piolho, que não o solto, se quiser; eu me considero mais um ‘Cão do Céu’. Não quero persegui-lo, Johnny. Lembro-me de que naquele dia você me disse para não sacrificar o meu filho. Eu quase o fiz. E os outros? Oitenta e um mortos, mais trinta terrivelmente mutilados e queimados. Penso em Chuck dizendo que talvez pudéssemos inventar alguma coisa, uma história ou qualquer coisa, e eu dizendo com toda a virtude dos totalmente burros: ‘Não faço isso, Chuck. Não me peça’. Bem, eu podia ter feito alguma coisa. É isso o que me atormenta. Podia ter dado àquele açougueiro do Carrick três mil dólares para pagar as despesas e obrigá-lo a fechar a casa, naquela noite. Teria custado cerca de trinta e sete dólares por vida. Portanto, acredite quando digo que não quero persegui-lo: na verdade, estou ocupado demais perseguindo a mim mesmo, para poder querer perder esse tempo. Acho que passarei ainda alguns anos fazendo isso. Estou pagando por me recusar a acreditar em qualquer coisa que eu não possa tocar com os meus cinco sentidos. E por favor não pense que o fato de eu pagar suas contas e lhe mandar esse cheque seja um bálsamo para a minha consciência. O dinheiro não pode comprar os raios, e também não pode comprar o fim dos pesadelos. O dinheiro é por Chuck, embora ele nada saiba quanto a isso.

Aceite o cheque, e eu o deixarei em paz. É esse o trato. Remeta-o para a UNICEF, se quiser, dê-o para um lar de cães abandonados, ou gaste tudo nas corridas de cavalo. Não me importa. Mas aceite-o.

Sinto muito que você tenha achado necessário partir com tanta pressa, mas acho que entendo. Nós todos esperamos vê-lo em breve. Chuck vai para a Stovington Prep no dia 4 de setembro.

Johnny, aceite o cheque. Por favor.

Lembranças,

Roger Chatsworth.”

“10 de setembro de 1977

Caro Johnny,

Você acredita que eu vá desistir disso? Por favor. Aceite o cheque.

Lembranças,

Roger.”

“10 de setembro de 1977

Caro Johnny,

Charlene e eu ficamos muito contentes ao saber onde você está,

e foi um alívio receber uma carta sua tão natural e parecendo sua mesmo. Mas houve uma coisa que me preocupou muito, filho. Liguei para Sam Weizak e li para ele a parte de sua carta que fala da maior frequência das dores de cabeça. Ele aconselha que você procure um médico, Johnny, *sem demora*. Receia que tenha se formado um coágulo em volta do velho tecido cicatrizado. Portanto, isso me preocupa, e Sam também está preocupado. Você nunca me pareceu realmente saudável, desde que saiu da coma, Johnny, e da última vez que o vi, em princípios de junho, parecia muito cansado. Sam não chegou a dizer isso, mas sei que o que ele realmente gostaria que você fizesse seria pegar um avião em Phoenix e vir para cá, para que ele possa examiná-lo em pessoa. Você não pode propriamente alegar pobreza. agora!

Roger Chatsworth ligou para cá duas vezes, e eu lhe disse o que pude. Acho que ele está dizendo a verdade, quando diz que não é dinheiro para acalmar a consciência dele, ou uma recompensa por você ter salvo a vida do filho. Acho que sua mãe teria dito que o homem está fazendo penitência do único jeito que sabe. Em todo caso, você aceitou, e espero que não esteja falando sério quando diz que só aceitou ‘para se livrar dele’. Acho que você tem fibra demais para fazer qualquer coisa por um motivo desses.

É muito difícil para mim dizer o que vou *dizer*, mas vou tentar. Por favor, volte para casa, Johnny. A onda de publicidade tornou a acalmar... parece que estou ouvindo você dizer: ‘Ah, merda, nunca vai acalmar, depois de tudo isso’, e talvez você tenha razão, de certo modo, mas também está errado. O Sr. Chatsworth disse, ao telefone: ‘Se falar com ele, procure fazer que entenda que nenhum médium, a não ser Nostradamus, jamais foi muito mais do que uma maravilha passageira’. Eu me preocupo muito com você, filho. Preocupa-me que você se culpe pelos mortos, em vez de se bendizer pelos vivos, os que você salvou, os que estavam em casa dos Chatsworths, naquela noite. Fico preocupado e com saudades, também. ‘Sinto uma falta danada de você’, como dizia a sua avó. Assim, por favor, volte para casa logo que puder.

Papai

P. 5. Estou enviando os recortes sobre o incêndio e o seu papel nisso tudo. Foi Charlene quem os juntou. Como pode ver, você tinha razão ao supor que ‘todo mundo que estava naquela festa no jardim vai contar tudo aos jornais’. Talvez esses recortes possam perturbá-lo mais ainda, e, se isso acontecer, jogue-os fora. Mas Charlie pensou que você podia lê-los e dizer: ‘Isso não foi assim tão mau, isso eu posso enfrentar’. Espero que seja assim.

Papai.”

“29 de setembro de 1977

Caro Johnny,

Peguei o seu endereço com papai. Como vai o grande deserto americano? Viu algum pele-vermelha (ah, ah)? Bem, aqui estou, na Stovington Prep. Isto aqui não é assim tão duro. Estou tendo dezesseis horas de créditos. Química avançada é a minha matéria favorita, embora seja uma barbada, depois do curso no ginásio de Durham. Eu sempre achei que o nosso professor lá, o velho Destemido Farnham, ficaria mais feliz fabricando armas nucleares e fazendo explodir o mundo. No curso de inglês, estamos lendo três obras de J. D. Salinger, nestas primeiras quatro semanas. *Apanhador no campo de centeio, Franny e Zooey e Pro alto, com a viga, rapaziada*. Gosto muito dele. O nosso professor disse que ele ainda mora lá em N. H., mas deixou de escrever. Isso eu não entendo. Por que é que alguém pára de escrever quando está dando no couro? Ah, bem. O time de rúgbi daqui é uma droga mesmo, mas estou começando a gostar de futebol. O treinador diz que futebol é para gente esperta e rúgbi é para os patetas. Ainda não descobri se ele tem razão ou se é só inveja.

Não sei se posso dar o seu endereço para algumas pessoas que estavam presentes na nossa festa de formatura, naquela noite. Querem escrever para lhe agradecer. Uma delas é a mãe de Patty Strachan, você deve se lembrar dela, aquela que fez um papelão quando a ‘filhinha preciosa’ desmaiou na festa do jardim, naquela tarde. Ela agora acha que você é uma pessoa legal. Por falar nisso, não estou mais namorando Patty. Não sou lá grande coisa em matéria de namoros à distância, em minha ‘tenra idade’ (ah, ah), e Patty vai estudar em Vassar, como seria de esperar. Conheci uma gatinha incrível aqui.

Bem, escreva quando puder, cara. Pelo que meu pai escreveu, parece que você ficou arrasado mesmo, por que motivo não sei, pois me pareceu que você fez tudo o que pôde para tudo dar certo. Ele está enganado, não está, Johnny? Você não está tão arrasado assim, está? Por favor, escreva e diga que está bem, eu me preocupo com você. Isso é uma piada, não é, o próprio Alfred A. Neuman preocupado com você, mas estou, sim.

Quando escrever, diga por que é que Holden Caulfield tem de estar sempre tão por baixo, quando nem é negro nem nada.

Chuck

P. 5. O nome da gatinha incrível é Stephanie Wyman, e já a fiz travar conhecimento com *Something wicked this way comes*. Ela também gosta de um grupo de *rock punk* chamado The Ramones, você devia ouvi-los, são gozadíssimos.”

341

“17 de outubro de 1977

Caro Johnny,

OK, está melhor, você parece estar bem. Morri de rir do seu trabalho com o Departamento de Obras Públicas de Phoenix. Não tenho a menor pena de sua queimadura de sol, depois de três saídas como um Tigre de Stovington. O treinador tem razão, acho, rúgbi é para cretinos, pelo menos aqui. O nosso recorde é 1 a 3, e no jogo que vencemos eu marquei três *touchdowns*, fiquei hiperventilado e desmaiei. Steph ficou apavorada (ah, ah).

Esperei para escrever para poder responder à sua pergunta sobre o que o pessoal lá de casa acha de Greg Stillson, agora que ele está ‘no

emprego’. Estive em casa no último fim de semana, e vou lhe contar o que posso. Primeiro perguntei ao meu pai, e ele disse:

‘Johnny continua interessado naquele camarada?’ Eu disse: ‘Ele está demonstrando o seu mau gosto nato, querendo a sua opinião’. Então ele vai para a minha mãe: ‘Está vendo, a escola preparatória está fazendo dele um sabidão. Era o que eu pensava’.

Bem, para encurtar a coisa, a maior parte das pessoas estão espantadas ao ver como Stillson está se saindo bem. Meu pai disse o seguinte: ‘Se as pessoas do distrito de um deputado tivessem de apresentar um relatório dizendo o que achavam da atuação do cara depois de dez meses, Stillson teria uma cotação B (bom), mais um A (ótimo) pelo trabalho com a lei de energia de Carter e pela sua própria lei, referente ao teto para o óleo para aquecimento doméstico. Outro A pelo esforço’. Papai me pediu para lhe dizer que talvez ele estivesse enganado quanto a Stillson ser o bobo da aldeia.

Outros comentários de pessoas com quem conversei quando estive em casa: por aqui o pessoal gosta de ver que ele não se fantasia de terno e gravata. A sra. Jarvis, dona do Quik-Pik (desculpe a ortografia, cara, mas é assim que se chama), acha que Stillson não tem medo dos ‘grandes interesses’. Henry Burke, que dirige The Bucket — aquele bar *el scuzzo* no centro —, acha que Stillson fez ‘um trabalho danado de bom’. A maioria dos outros comentários são semelhantes. Comparam o que Stillson fez com o que Carter deixou de fazer, e a maioria está mesmo decepcionada e se maldizendo por ter votado nele. Perguntei a alguns se não se preocupavam com o fato de que aqueles motoqueiros ainda estavam por perto e de que aquele cara, Sonny Elliman, era um dos assessores de Stillson. Nenhum pareceu se importar muito. O cara que dirige o Record Rock me disse o seguinte: ‘Se Tom Hayden pode se reformar e Eldridge Cleaver pode se converter (ambos tão contra o sistema), por que é que uns motoqueiros não podem entrar para o sistema? Perdoar e esquecer’.

È isso aí. Eu queria escrever mais, mas tenho de ir treinar futebol. Para este fim de semana, o programa é sermos surrados pelos Barre Wildcats. Espero sobreviver à temporada. Cuide-se, cara.

Chuck.”

Do *Times* de Nova York, 4 de março de 1978:

AGENTE DO FBI ASSASSINADO EM OKLAHOMA

Especial para o *Times* — Edgar Lancte, 37 anos, veterano de dez anos no FEI, parece ter sido assassinado ontem à noite num estacionamento de Oklahoma City. Diz a policia que uma bomba de dinamite, ligada ao motor de partida do carro, explodiu quando o sr. Lancte virou a chave. A execução, em estilo de quadrilha, foi semelhante ao assassinato de Don Bolles, repórter policial do Arizona, há dois anos, mas o chefe do FEI, William Webster, não quis fazer conjeturas sobre uma possível ligação. O Sr. Webster também não quis confirmar nem negar que o Sr. Lancte estivesse investigando negociatas imobiliárias escusas e possíveis ligações com políticos locais.

Parece haver algum mistério sobre qual fosse precisamente a missão atual do Sr. Lancte, e uma fonte do Ministério da Justiça alega que o Sr. Lancte não estava investigando possíveis trapaças de terras, e sim um caso de segurança nacional.

O Sr. Lancte entrou para o Departamento Federal de Investigações em 1968 e...

Capítulo 25

Os cadernos da gaveta da cômoda de Johnny passaram de quatro a cinco, e, no outono de 1978, a sete. Nessa ocasião, no intervalo entre as mortes de dois papas em rápida sucessão, Greg Stillson se tornara notícia nacional.

Fora reeleito para a Câmara dos Deputados por uma maioria esmagadora, e, com o país tendendo para o conservadorismo da Proposição 13, constituíra o partido América Agora. O mais surpreendente é que vários membros da Câmara tinham se tornado dissidentes em seus partidos originais e se juntado a ele. A maioria tinha idéias muito semelhantes, definidas por Johnny como sendo superficialmente liberais nas questões internas e de moderadas a muito conservadoras em matéria de política internacional. Não havia um que tivesse votado com Carter na questão dos tratados do Canal do Panamá. E quando se arranhava o verniz de liberalismo nos pontos de vista internos, eles se revelavam bastante conservadores, também. O partido América Agora queria acabar com os traficantes de entorpecentes em grande escala, queria que as cidades se mantivessem por si, sobrevivendo ou se afundando (“Não há necessidade de um fazendeiro de laticínios, que luta para viver, subsidiar os programas de drogas de Nova York com seus impostos”, declarava Greg), queria acabar com os benefícios de assistência social para prostitutas, cafetões, vagabundos e pessoas com ficha na polícia, queria grandes reformas fiscais, a serem pagas por meio de grandes reduções nos serviços sociais. Tudo isso era velharia, mas o partido América Agora de Greg tinha lançado a coisa com uma roupagem nova e agradável.

Sete deputados haviam mudado de partido antes das eleições bienais, e dois senadores. Seis dos deputados foram reeleitos, e os dois senadores. Desses nove, oito tinham sido republicanos, cuja base fora muito reduzida. Sua mudança de partido e subseqüentes reeleições, segundo um humorista, tinha sido um truque melhor do que o que se seguira às palavras “Lázaro, levanta-te!”

Já havia quem dissesse que Greg Stillson poderia ser uma força a se considerar, e não dali a muito tempo. Ele não conseguira mandar toda a poluição do mundo para Júpiter e para os anéis

- de Saturno, mas tinha conseguido expulsar pelo menos dois dos bandidos: um deputado que andara lucrando como sócio oculto de uma operação de exploração de estacionamento, e um assessor presidencial com tendência para freqüentar bares de homossexuais. Seu projeto de lei para o teto do petróleo demonstrara visão e audácia, e a orientação cuidadosa que ele lhe dera, da comissão à votação final, demonstrara uma sagacidade de gente do interior. O ano de 1980 seria muito cedo para Greg, e 1984 poderia ser tentador demais para resistir, mas, se ele conseguisse ficar firme até 1988, se continuasse a construir suas bases e os ventos das mudanças não se modificassem tão radicalmente a ponto de derrubar o seu incipiente partido, então tudo seria possível. Os republicanos estavam brigando entre si, e, supondo-se que Mondale, Jerry Brown ou até mesmo Howard Baker pudessem suceder a Carter, quem surgiria depois? Mesmo 1992 poderia não ser tarde demais para ele. Era um homem relativamente jovem. Sim, 1992 parecia mais ou menos certo...

Havia várias caricaturas políticas nos cadernos de Johnny. Todas mostravam o contagiante sorriso torto de Stillson, e em todas ele estava com seu capacete de construção. Uma, de Olíphant, mostrava Greg rodando um barril de petróleo em que se lia TETOS DE PREÇO pelo corredor central da Câmara, o capacete puxado para trás da cabeça. Na frente estava Jimmy Carter, coçando a cabeça e com um ar intrigado; não estava olhando para o lado de Greg, em absoluto, e a insinuação parecia ser que ele seria abalroado. A legenda dizia: SAIA DA FRENTE, JIMMY.

O capacete. Por algum motivo, o capacete preocupava Johnny mais do que tudo. Os republicanos tinham o seu elefante, os democratas, seu burro, e Greg Stillson tinha o seu capacete. Nos sonhos de Johnny, às vezes aparecia Stillson usando um capacete de motociclista. E, outras vezes, era um capacete de balde de carvão.

Num caderno separado, ele guardava os recortes que o pai lhe mandara, sobre o incêndio na Cathy's. Ele os lera e relera, embora por motivos que nem Sam, nem Roger e nem mesmo seu pai poderiam supor. PARANORMAL PREDIZ INCENDIO. "MINHA FILHA TAMBÉM TERIA MORRIDO", DECLARA MÃE CHOROSA E AGRADECIDA (a mãe chorosa e agradecida, no caso, era a mãe de Patty Strachan). "Paranormal que resolveu assassinatos de Castle Rock prevê incêndio por raio." MORTOS DO RESTAURANTE SÃO 90. PAI DIZ QUE JOHNNY SMITH DEIXOU A NOVA INGLATERRA E SE RECUSA A REVELAR SEU PARADEIRO. Fotos dele. do pai. Fotos daquele antigo desastre na Rodovia 6, em Cleaves Mills, nos tempos em que Sarah Brackneil era sua namorada. Sarah agora era mulher feita, mãe de dois filhos, e em sua última carta Herb tinha dito que Sarah já estava com alguns cabelos brancos. Parecia impossível acreditar que ele mesmo já tivesse trinta e dois anos. Impossível, mas verdade.

Em volta desses recortes havia as suas anotações, seus esforços dolorosos para endireitar as coisas em sua cabeça, de uma vez por todas. Ninguém entendia a verdadeira importância do incêndio, suas implicações sobre o assunto muito mais vasto que era o que fazer com Greg Stillson.

Ele tinha escrito: "Tenho de fazer alguma coisa quanto a Greg Stillson. *Preciso*. Eu tinha razão no caso da Cathy's, e terei razão nisso também. Não há dúvida alguma em minha cabeça. Ele vai ser presidente e vai começar uma guerra.., ou provocar uma, por simples imperícia no governo, o que vem a dar no mesmo.

O problema é: *Até que ponto devem ser drásticas as providências a tomar?*

Consideremos a Cathy's um caso de experiência. Quase podia ter-me sido mandado como um sinal; Deus, estou começando a parecer a minha mãe, mas é isso aí. Está certo, eu *sabia* que ia haver um incêndio e que ia morrer gente. Isso bastou para salvá-los? Resposta: não bastou para salvá-los *todos*, porque *as pessoas só acreditam mesmo depois de acontecer*.

Aqueles que foram à casa dos Chatsworths em vez de irem à Cathy's se salvaram, mas é importante lembrar que R. C. não deu a festa por acreditar em minha previsão. Ele foi bem claro nesse ponto. Deu a festa porque achou que ia me ajudar a ter paz de espírito. Ele estava... fazendo a minha vontade. Acreditou *depois*. A mãe de Patty Strachan acreditou *depois*. Depois-depois-depois. A essa altura já era tarde para os mortos e queimados.

Então, pergunta número 2: Eu poderia ter alterado o resultado?

Sim. Poderia ter jogado um carro bem contra a frente da casa. Ou eu mesmo poderia tê-la incendiado, naquela tarde.

Pergunta número 3: Quais teriam sido as conseqüências de qualquer desses atos, para mim?

Prisão, provavelmente. Se eu optasse pela alternativa do carro, e depois um raio atingisse o prédio, de noite, imagino que eu pudesse ter argumentado... não, não adianta. A experiência normal pode reconhecer algum tipo de capacidade extra-sensorial na mente humana, mas a lei certamente não reconhece. Hoje penso que, se tivesse de fazer tudo de novo, faria uma dessas coisas e não me importaria com as conseqüências. Será possível que eu não acreditasse piamente na minha própria previsão?

A questão de Stillson é terrivelmente semelhante em todos os aspectos, a não ser, graças a Deus, é que tenho muito mais tempo pela frente.

Então, voltamos à estaca zero. Não quero que Greg Stillson seja presidente. Como posso modificar esse resultado?

1. Voltar a New Hampshire e 'juntar-me a ele', como diz ele. Procurar atrapalhar um pouco o Partido América Agora. Procurar sabotá-lo. Há bastante podridão por aí. Talvez eu pudesse desencavar parte dela.

2. Contratar outra pessoa para incriminá-lo. Há bastante dinheiro de Roger para eu poder contratar uma pessoa capaz. Por outro lado, tenho a impressão de que Lancte era bem capaz. Mas Lancte está morto.

3. Feri-lo ou incapacitá-lo. Assim como Arthur Bremmer incapacitou Wallace e quem quer que seja incapacitou Larry Flint.

4. Matá-lo. Assassiná-lo.

Agora, alguns dos obstáculos. A primeira opção não é bastante segura. Eu podia acabar conseguindo apenas ficar arrasado, como aconteceu com Hunter Thompson quando estava fazendo pesquisa para o seu primeiro livro, aquele sobre os Hell's Angels. Pior ainda, esse tal de Elliman pode saber como é a minha cara, por causa do que aconteceu no comício de Trimbull. Não é mais ou menos praxe ter um arquivo das pessoas que podem ser perigosas para os seus chefes? Eu não me espantaria se soubesse que Stillson tem em sua folha de pagamento um camarada encarregado unicamente de manter um arquivo atualizado de gente esquisita e biruta. O que positivamente me inclui.

Depois, segunda opção. Suponhamos que toda a sujeira já tenha sido revelada. Se Stillson já formulou suas aspirações políticas mais elevadas — e tudo indica que sim —, já pode ter limpado sua reputação. E outra coisa: as trapaças são prejudiciais só na medida em que a imprensa assim o deseje, e a imprensa gosta de Stillson. Ele a cultiva. Num romance, imagino que eu mesmo me tornasse detetive particular para incriminá-lo, mas a triste verdade é que eu não saberia nem por onde começar. É possível argumentar que a minha faculdade de 'ler' as pessoas, de encontrar coisas perdidas (para citar Sam), seja uma vantagem para mim. Se eu conseguisse descobrir alguma coisa sobre Lancte, seria tiro e queda. Mas não é provável que Stillson delegue tudo isso a Sonny Elliman? E nem posso ter certeza, apesar de minhas suspeitas, de que Edgar Lancte ainda estivesse na pista de Stillson quando foi assassinado. É possível que eu pudesse fazer enforcar Sonny Elliman e ainda assim não liquidasse Stillson.

Sobretudo, a segunda alternativa *não é bastante segura*. O que está em jogo é uma coisa *enorme*, tanto que muitas vezes nem me permito pensar no quadro geral. Provoca uma grande dor de cabeça, todas as vezes.

Cheguei até a pensar, em meus momentos mais loucos, em tentar viciá-lo em entorpecentes, como aconteceu com a personagem

representada por Gene Hackman em *Operação França II*, ou deixá-lo alucinado colocando LSD em seu refrigerante. Mas tudo isso é faz-de-conta de filme policial. Merda de Gordon Liddy! Os problemas são tantos que essa opção nem merece muitos comentários. Talvez eu pudesse seqüestrá-lo. Afinal de contas, o camarada é apenas deputado dos Estados Unidos. Eu não saberia onde arranjar morfina ou heroína, mas podia conseguir um bocado de LSD com Larry McNaughton, bem aqui no Departamento de Obras Públicas de Phoenix. Ele tem comprimidos para todos os fins. Mas suponha. mos (se quisermos supor o exposto acima) que ele gostasse da(s) viagem(ns)?

Atirar nele para incapacitá-lo? Talvez eu pudesse, talvez não. Acho que, dadas as circunstâncias propícias, poderia fazê-lo..., como no comício de Trimbull. Suponhamos que o fizesse. Depois do que ocorreu em Laurel, George Wallace nunca mais voltou a ser uma potência política. Por outro lado, F. D. Roosevelt fez campanha numa cadeira de rodas e até transformou isso em vantagem.

Resta o assassinato, coisa da Máfia. É a única alternativa contra a qual não há argumentos. Ninguém pode candidatar-se a presidente se for um cadáver.

Se eu conseguisse puxar o gatilho.

E, se conseguisse, quais seriam as conseqüências para mim?

Conforme diz Bob Dylan: ‘Benzinho, é preciso perguntar isso?’”

Havia muitas outras anotações e rabiscos, mas a única realmente importante estava destacada: “Suponhamos que o assassinato puro e simples seja a única alternativa. E suponhamos que eu conseguisse puxar o gatilho. O assassinato ainda assim é errado. O assassinato é errado. O assassinato é errado. Ainda pode haver uma solução. Graças a Deus, ainda faltam vários anos.”

Mas, para Johnny, não faltavam.

Em princípios de dezembro de 1978, pouco depois que outro deputado, Leo Ryan, da Califórnia, foi morto a tiros numa pista de aviação nas florestas da Guiana, América do Sul, Johnny Smith descobriu que estava quase sem tempo.

Capítulo 26

Às catorze horas e trinta minutos do dia 26 de dezembro de 1978, Bud Prescott atendeu um rapaz alto e meio abatido, de cabelos grisalhos e olhos muito injetados. Bud era um dos três empregados que estavam trabalhando na Loja de Artigos Esportivos da 4th Street, de Phoenix, um dia depois do Natal, e a maior parte do movimento era de trocas., mas aquele camarada era um freguês que ia pagar.

Ele disse que queria comprar uma boa carabina, leve, de ferrolho. Bud mostrou-lhe várias. O dia seguinte ao Natal era de pouco movimento no balcão das armas; quando os homens ganhavam armas de presente de Natal, muito poucos queriam trocá-las por outra coisa.

Aquele camarada examinou todas com cuidado e por fim resolveu-se por uma Remington 700, calibre .243, arma muito boa, com um coice leve e trajetória plana. Assinou o registro das armas com o nome de John Smith, e Bud pensou: “Se nunca vi um nome falso na vida, estou vendo agora”. “John Smith” pagou em dinheiro, tirando as notas de vinte de uma carteira cheia delas. Pegou a arma na hora. Bud, querendo mexer com ele, disse que podiam mandar gravar suas iniciais na coronha, sem acréscimo. “John Smith” limitou-se a sacudir a cabeça.

Quando “Smith” saiu da loja, Bud notou que ele estava capengando bastante. Nunca haveria problema em identificar aquele cara, pensou ele, com aquele andar capenga e as cicatrizes no pescoço.

Às dez e meia da manhã do dia 27 de dezembro, um homem magro, capengando, entrou na loja Artigos de Escritório Phoenix, e aproximou-se de Dean Clay, vendedor da loja. Mais tarde Clay diria que tinha notado o que sua mãe chamava de “ponto de fogo” em um dos olhos do homem. O freguês disse que queria comprar uma pasta grande, e acabou escolhendo um belo artigo de couro de boi, o melhor da linha, que custou 149,95 dólares. E o homem obteve o desconto de pagamento à vista, fazendo-o com notas novas de vinte. Toda a transação, desde olhar até pagar, não levou mais de dez minutos. O sujeito saiu da loja e dobrou à direita, em direção ao centro, e Dean Clay nunca mais o viu, até ver sua foto no *Sun* de Phoenix.

Naquele mesmo dia, mais tarde, um homem alto, de cabelos grisalhos, aproximou-se do guichê de Bonita Álvarez, no terminal da Amtrak de Phoenix, e indagou sobre a viagem de Phoenix a Nova York, de trem. Bonita mostrou as conexões. Ele acompanhou com o dedo e depois anotou tudo com cuidado. Pediu a Bonita Álvarez para lhe dar uma passagem para o dia 3 de janeiro. Bonnie passou os dedos sobre o consolo do computador e disse que sim.

— Então por que não... — começou a dizer o homem alto, e depois parou. Levou uma das mãos à cabeça.

— O senhor está bem?

— Fogos de artifício — disse o homem alto. Mais tarde ela contou à polícia que tinha certeza de que fora isso o que ele dissera. *Fogos de artifício.*

— O senhor está bem?

— Dor de cabeça — disse ele. — Desculpe. — Procurou sorrir, mas o esforço não melhorou em nada seu rosto, cansado, de moço-velho.

— Quer uma aspirina? Tenho aqui.

— Não, obrigado. Isso passa.

Ela emitiu as passagens e disse que ele chegaria à Grand Central Station, em Nova York, no dia 6 de janeiro, no meio da tarde.

— Quanto é?

Ela disse o total e perguntou:

— Vai pagar à vista ou a crédito, sr. Smith?

— Em dinheiro — disse ele, e tirou o dinheiro da carteira: um punhado de notas de vinte e de dez.

Ela contou-o, deu o troco, o recibo e as passagens.

— O seu trem sai às dez e meia, Sr. Smith — disse ela. — Por favor, chegue aqui e esteja pronto para embarcar as dez e dez.

— Está bem — disse ele. — Obrigado.

Bonnie deu-lhe um sorriso profissional, mas o Sr. Smith já ia saindo. O rosto dele estava muito pálido, e pareceu a Bonnie que ele estava com muita dor.

Ela tinha certeza absoluta de que ele dissera “fogos de artifício”.

Elton Curry era condutor da linha Phoenix - Salt Lake, da Amtrak. O homem alto compareceu pontualmente as dez da manhã do dia 3 de janeiro, e Elton ajudou-o a subir os degraus para o vagão porque estava mancando muito. Numa das mãos, levava uma mala de tecido escocês meio velha, surrada e esfiapada. Na outra, uma pasta de couro de boi nova em folha. Carregava essa pasta como se fosse bem pesada.

— Posso ajuda-lo, senhor? — perguntou Elton, referindo-se à pasta, mas foi a mala que o passageiro lhe deu, junto com a passagem.

— Não, a passagem só depois que partirmos, senhor.

— Está bem. Obrigado.

Um sujeito muito educado, disse Elton Curry aos agentes do FBI que mais tarde o interrogaram. E deu boas gorjetas.

O dia 6 de janeiro de 1979 foi um dia cinzento e nublado em Nova York: a neve ameaçou mas não caiu. O táxi de George Clemens estava parado na frente do Biltmore Hotel, do outro lado da Grand Central.

A porta abriu-se, e entrou um sujeito de cabelos grisalhos, movendo-se com cuidado e dolorosamente. Ele colocou uma mala e uma pasta no banco a seu lado, fechou a porta e depois encostou a cabeça no assento, fechando os olhos um instante, como se estivesse muito, muito cansado.

— Para onde vamos, amigo? — perguntou George.

O passageiro olhou para um papel.

— Para o terminal de Port Authority — disse ele.

George deu a partida.

— Está parecendo meio pálido, meu chapa. O meu cunhado ficava com essa cara quando tinha as crises de pedras na vesícula. Tem pedras?

— Não.

— O meu cunhado diz que essas pedras na vesícula doem mais do que qualquer outra coisa. A não ser talvez pedras nos rins. Sabe o que eu disse a ele? Disse que estava falando besteira. Andy, eu disse, você é boa-praça, eu gosto de você, mas está cheio de bosta. Você já teve câncer, Andy?, disse eu. Perguntei isso, sabe, se ele teve câncer. Quero dizer, todo mundo sabe que o câncer é que é o pior. — George deu uma olhada demorada pelo espelho retrovisor. — Estou lhe perguntando sinceramente, meu chapa.., está bem? Porque vou lhe dizer a verdade, está com cara de morte requentada.

O passageiro respondeu:

— Estou bem. Estava.., pensando em outra viagem de táxi. Há vários anos.

— Ah, certo — disse George, com ar sabido, como se soubesse do que o homem estava falando. Bem, Nova York estava cheia de birutas, não se podia negar isso. E, depois de sua breve pausa para meditação, continuou a falar sobre o cunhado.

— Mamãe, aquele homem está doente?

— Psiu.

— Sei, mas está?

— Danny, cale-se.

Ela sorriu para o homem do outro lado do corredor do ônibus, um sorriso de desculpas, de garotos-dizem-qualquer-coisa-não-é?, mas o homem não parecia ter ouvido. O coitado parecia estar doente mesmo. Danny só tinha quatro anos, mas tinha razão nesse ponto. O homem estava olhando para fora, desanimado, para a neve que tinha começado a cair pouco depois que eles atravessaram a fronteira do Estado de Connecticut. Ele era pálido demais, magro demais, e tinha uma pavorosa cicatriz, como a de Frankenstein, que ia do colarinho do casaco até debaixo do maxilar. Era como se alguém tivesse tentado arrancar sua cabeça, num dia não muito distante... tentado e quase conseguido.

O ônibus estava a caminho de Portsmouth, New Hampshire, e eles chegariam lá às nove e meia da noite, se a neve não atrasasse tudo demais. Julie Brown e o filho iam visitar a sogra de Julie, e como sempre a velha vaca ia estragar Danny ao máximo., e Danny não precisava de muita coisa para isso.

— Quero ver o homem.

— Não, Danny.

— Quero ver se ele está doente.

— Não!

— É, mas e se ele estiver *morreno*, mãe? — Os olhos de Danny chegaram a brilhar, diante dessa possibilidade encantadora.

Ele pode estar morreno agora mesmo!

— Danny, cale a boca!

— Ei, moço! — disse Danny. — Está morreno, ou alguma coisa?

— Danny, *cale essa boca!* — cochichou Julie, as faces ardendo de encabulamento.

Danny então começou a chorar, não um choro de verdade, mas aquele choramingar ranheta, não-me-fazem-as-vontades, que sempre dava vontade de agarrá-lo e beliscar os braços dele até ele ter *mesmo* alguma coisa por que chorar. Em momentos como aquele, viajando de ônibus, de noitinha no meio de outra tempestade de neve nojenta, com o filho choramingando ao lado, ela tinha vontade que a mãe a tivesse esterilizado vários anos antes de ela ter alcançado a idade do consentimento.

Foi então que o homem do outro lado do corredor virou a cabeça e sorriu para ela..., um sorriso cansado e doloroso, mas meio doce, apesar de tudo. Ela viu que os olhos dele estavam terrivelmente injetados, como se ele tivesse chorado. Ela tentou sorrir em resposta, mas o sorriso pareceu falso e aflito, em seus lábios. Aquele olho esquerdo vermelho — e a cicatriz subindo pelo pescoço — dava um ar sinistro e desagradável a todo aquele lado do rosto.

Ela torceu para que o homem do outro lado do corredor não fosse até Portsmouth, mas acontece que foi. Ela o avistou no terminal, quando a avó de Danny, risonha e feliz, pegou o menino no colo. Viu-o capengando para as portas do terminal, uma mala surrada em uma das mãos, uma pasta nova na outra. E, por um momento, sentiu um arrepio. Era mais do que um capengar... era quase uma guinada cambaleante. Mas havia naquilo algo de implacável, disse ela mais tarde à polícia estadual de New Hampshire. Era como se ele soubesse exatamente para onde ia e que nada iria impedi-lo de chegar lá.

Depois, ele passou para as trevas, e ela o perdeu de vista.

Timmesdale, New Hampshire, é uma cidadezinha a oeste de Durham, dentro do terceiro distrito eleitoral. Vive da menor das fábricas Chatsworth, que se ergue como um ogre manchado de fuligem, à margem do riacho de Timmesdale. Sua única e modesta pretensão à fama (segundo

a Câmara de Comércio local) é que foi a primeira cidade de New Hampshire a ter luzes elétricas nas ruas.

Uma tarde, em princípios de janeiro, um rapaz de cabelos prematuramente grisalhos e mancando entrou no Tímmesdale Pub, a única cervejaria da cidade. Dick O'Donnell, o proprietário, estava tomando conta do bar. O lugar estava quase vazio, porque era o meio da semana e outra tempestade de neve se anunciava. Já havia uns cinco centímetros amontoados lá fora, e ainda viria mais.

O manco bateu com os pés para tirar a neve, foi ao bar e pediu uma cerveja Pabst, O'Donnell atendeu-o. O sujeito tomou mais duas, demorando, assistindo à TV acima do balcão. A cor estava ruim já havia dois meses, e The Fonz parecia um idoso fantasma romeno. O'Donnell não se lembrava de já ter visto aquele cara por ali.

— Mais uma? — perguntou O'Donnell, voltando ao balcão depois de ter servido as duas velhas no canto.

— Mais uma não vai fazer mal — disse o sujeito. Ele apontou para um ponto acima da TV. — Já o conhece, com certeza.

Era uma ampliação enquadrada de uma caricatura política. Mostrava Greg Stillson, o capacete de obras puxado para trás da cabeça, jogando um sujeito de terno e gravata pela escada do Capitólio abaixo. O sujeito de terno era Louis Quinn, o deputado apanhado recebendo comissões no escândalo do estacionamento, uns catorze meses antes. A caricatura dizia ACABANDO COM OS VAGABUNDOS, e no canto tinha sido assinada, numa letra esparramada: “Para Dick O'Donneil, que tem o melhor bar do terceiro distrito! Continue, Dick — Greg Stillson”.

— Se conheço — disse O'Donnell. — Ele fez um discurso aqui da última vez que fez campanha para a Câmara. Tinha espalhado cartazes por toda a cidade, para o pessoal vir ao *pub* às duas da tarde de sábado e beber por conta de Greg. Foi a melhor fêria que já tirei num dia, raios. As pessoas iam tomar só uma bebida por conta dele, mas ele acabou pagando a conta toda. Não se pode fazer muito mais do que isso, não é?

— Parece que você o acha um camarada e tanto.

— Acho, sim — disse O'Donnell. — Eu ficaria tentado a dar na cara de quem dissesse que não.

— Bem, não duvido. — O sujeito colocou três moedas no balcão. — Tome uma por minha conta.

— Bom, está bem. Pode ser. Obrigado,

— Meu nome é Johnny Smith.

— Muito prazer, Johnny. Eu sou Dicky O'Donnell. — Ele se serviu de um chope. — ~, Greg fez muita coisa por esta região de New Hampshire. E há muita gente que tem medo de dizer isso às claras, mas eu, não. Digo alto e bom som. Um dia Greg Stillson é bem capaz de ser presidente.

— Acha isso?

— Acho — disse O'Donnell, voltando para o bar. — New Hampshire é muito pequeno para Greg. Ele é um político danado, e, vindo de minha boca, isso é dizer muito. Eu achava que o bando todo não passava de um monte de bandidos e vagabundos. Ainda acho, mas Greg é uma exceção. Se me dissesse há cinco anos que eu ainda iria dizer uma coisa dessas, eu riria na sua cara. Diria que era mais provável me encontrarem lendo poesia do que vendo alguma coisa boa num político. Mas, que diabo, ele é um homem.

Johnny disse:

— A maior parte desses caras querem ser chapas da gente quando estão querendo ser eleitos, mas depois é foda-se, meu chapa, estou na minha até a próxima eleição. Eu sou do Maine, e a única vez em que escrevi a Ed Muskie, sabe o que recebi? Uma carta padrão!

— Ah, esses polacos são assim — disse O'Donnell. — O que se pode esperar de um polaco? Escute, Greg vem ao distrito todos os fins de semana! Isso lhe parece um foda-se, meu chapa, estou na minha?

— Todos os fins de semana, é? — Johnny bebericou a cerveja. — Onde? Trimbull? Ridgeway? As cidades grandes?

— Ele tem um sistema — disse O'Donnell, no tom reverente de um homem que nunca conseguiu formular um para si. — Quinze cidades desde as grandes, como Capital City, até as pequeninas, como Timmesdale e Coorter's Notch. Vai a uma por semana, até completar a lista toda, e depois recomeça do princípio. Sabe o tamanho de Coorter's Notch? São oitocentos moradores, lá. Então, o que você acha de um camarada que sai de Washington no fim de semana e vai a Coorter's Notch, gelando os ovos num auditório frio? Isso lhe parece foda-se, meu chapa, estou na minha?

— Não parece, não — disse Johnny, com sinceridade. — O que é que de faz? Apertos de mãos?

— Não, ele tem um auditório em cada cidade Reserva para o dia todo, no sábado. Chega por volta das dez da manhã, e as pessoas tem ir lá conversar com ele. Contar suas idéias, sabe. Se tiverem perguntas, ele responde. Se não puder responder, volta para Washington e *descobre* a resposta! — Ele olhou para Johnny com um ar triunfante.

— Quando foi a última vez que ele esteve aqui em Timmesdale?

— Há uns dois meses — disse O'Donnell. Foi à caixa registradora e remexeu numa pilha de papéis ao lado. Pagou um recorte bem manuseado e colocou-o no balcão ao lado de Johnny. — Aqui está a lista. Veja só isso e diga o que acha.

O recorte era do jornal de Ridgeway. Já estava bem velho. O artigo era intitulado STILLSON ANUNCIA “CENTROS DE REGENERAÇÃO”. O primeiro parágrafo parecia tirado diretamente do material de Stillson destinado à imprensa. Abaixo havia a lista de cidades onde Greg passaria os fins de semana e as datas programadas. Só voltaria a Timmesdale em meados de março.

— Acho que parece muito bom — disse Johnny.

— É, eu também. Uma porção de gente acha isso.

— Por esse recorte, ele deve ter estado em Coorter's Notch ainda no último fim de semana.

— Isso mesmo — disse O'Donnell, e riu. — A velha Coorter's Notch. Mais uma cerveja, Johnny?

— Só se você me acompanhar — disse Johnny, e pôs dois dólares no balcão.

— Bem, vá lá.

Uma das duas mulheres tinha posto dinheiro na vitrola automática, e Tammy Wynette, parecendo velha e cansada e não muito feliz por estar ali, começou a cantar: *Stand by your man*.

— Ei, Dick! — gritou a outra. — Já ouviu falar em serviço, nesse boteco?

— Cale a boca! — berrou ele.

— Foda-se! — gritou ela, e riu.

— Que diabo, Clarice, já lhe disse para não falar isso em meu bar! Já lhe disse...

— Ora, pare com isso e traga cerveja.

— Detesto essas duas putas velhas — resmungou O'Donnell para Johnny. — Duas paraíbas velhas e bêbadas, é o que elas são. Já estão aqui há um milhão de anos, e não me espantaria se as duas ainda me vissem na cova. Esse mundo às vezes é o diabo.

— É mesmo.

— Com licença, já volto. Tenho uma ajudante, mas no inverno ela só vem as sextas e sábados.

O'Donnell tirou duas canecas de cerveja e levou-as para a mesa. Disse alguma coisa às mulheres e Clarice respondeu: “Foda-se”, e tomou a dar risada. O bar estava cheio dos espectros de hambúrgueres mortos. Tammy Wynette cantava através do pipocar de um disco velho. Os aquecedores bombeavam um calor surdo na sala, e lá fora a neve batia, seca, nas vidraças. Johnny esfregou as têmporas. Já tinha estado naquele bar, em

cem outras cidadezinhas. Estava com dor de cabeça. Quando apertou a mão de O'Donnell, soube que o homem possuía um vira-lata velho que ele tinha treinado a atacar a uma ordem sua. Seu sonho é que uma noite um ladrão entrasse na casa e ele pudesse legalmente fazer aquele cachorro velho atacá-lo, e nesse mundo haveria um raio de um *hippie*, viciado e pervertido, a menos.

Ah, que dor de cabeça!

O'Donnell voltou, enxugando as mãos no avental. Tammy Wynette acabou e foi substituída por Red Sovine, que tinha um chamado da faixa do cidadão para Teddy Bear.

— Mais uma vez, obrigado pela bebida — disse O'Donnell, tirando dois chopes.

— O prazer foi meu — disse Johnny, ainda examinando o recorte. — Coorter's Notch na semana passada, Jackson esta semana. Nunca ouvi falar nesta. Deve ser bem pequena, hem?

— Uma aldeia — concordou O'Donnell. — Antes tinham uma estação de esqui, mas faliu. Um bocado de desemprego por lá. Fazem um bocado de polpa de madeira e lavoura em pequena escala. Mas ele vai lá, Deus do céu. Fala com o pessoal. Escuta as lamentações deles. De que parte do Maine você é, Johnny?

— Lewiston — mentiu Johnny.

O recorte dizia que Greg Stillson se encontraria com os interessados no prédio da prefeitura.

— Veio esquiar, hem?

— Não, machuquei a minha perna há tempo. Não faço mais esqui. Só ia passando por aí. Obrigado por ter me mostrado isso. — Johnny devolveu o recorte. — Bem interessante.

O'Donnell guardou-o com cuidado, com os outros papéis. Tinha um bar vazio, um cão em casa que atacava sob ordem, e Greg Stillson. Greg tinha

estado em seu bar.

De repente Johnny teve vontade de estar morto. Se esse dom fosse um dom de Deus, então Deus era um louco perigoso, que devia ser detido. Se Deus queria que Greg Stillson fosse morto, porque não o fizera descer pelo canal uterino com o cordão umbilical enrolado ao pescoço? Ou por que não o engasgara com um pedaço de carne? Ou não o eletrocutara quando ele estava mudando a estação do rádio? Ou o afogara num poço? Por que Deus havia de querer que Johnny Smith fizesse o seu trabalho sujo? Não cabia a ele a responsabilidade de salvar o mundo, isso era para os psicopatas, e só estes se atreveriam a tentá-lo. De repente ele resolveu que ia deixar Greg Stilson viver e ia cuspir no olho de Deus.

— Está bem, Johnny? — perguntou O'Donnell.

— Hem? Ah, claro.

— Você pareceu meio esquisito, um instante.

Chuck Chatsworth dizendo: “Se eu não o fizesse, teria medo de que todas as pessoas que ele matou me atormentassem até o dia de minha morte”.

— Estava pensando na morte da bezerra, acho — disse Johnny. — Quero que saiba que foi um prazer beber com você.

— Bom, da mesma forma — disse O'Donnell, parecendo satisfeito. — Gostaria que mais pessoas que passam por aqui achassem a mesma coisa. Passam por aqui a caminho das estações de esqui, sabe. Os lugares grandes. É para lá que levam o dinheiro. Se eu soubesse que parariam por aqui, arrumaria isto do jeito que gostam. *Pôsteres*, sabe, da Suíça, do Colorado. Uma lareira. Encheria a vitrola de discos de *rock'n'roll*, em vez dessa música de merda. Eu... sabe, gostaria disso. — Deu de ombros. — Não sou mau sujeito, que diabo.

— Claro que não — disse Johnny, descendo do banquinho e pensando no cachorro treinado para atacar, e no esperado ladrão *hippie*, viciado.

— Bom, diga aos seus amigos que estou aqui — disse O'Donnell.

— Claro! — disse Johnny.

— Ei, Dick! — berrou uma das mulheres. — Já ouviu falar de serviço-com-um-sorriso por aqui?

— Por que não vão se danar? — berrou O'Donnell para ela, todo vermelho.

— Foda-se! — berrou Clarice em resposta, dando risada.

Johnny saiu depressa para a tempestade que se armava.

Ele estava hospedado no Holiday Inn, em Portsmouth. Quando voltou, naquela noite, disse na portaria para prepararem a conta para a manhã seguinte.

No quarto, sentou-se à escrivaninha impessoal Holiday Inn, pegou todo o papel de carta e a caneta Holiday Inn. Sua cabeça estava latejando, mas ele tinha de escrever umas cartas. Sua revolta momentânea — pois não passara disso — já se fora. Permanecia o seu negócio inacabado com Greg Stillson.

“Fiquei doido”, pensou ele. “É a verdade. Fiquei doido de pedra.” Já imaginava as manchetes. PSICOPATA MATA DEP. DE N.H. LOUCO ASSASSINA STILLSON. CHUVA DE BALAS DERRUBA DEPUTADO DOS EUA EM NEW HAMPSHIRE. E a *Inside View*, claro, daria um baile: AUTOPROCLAMADO “VIDENTE” MATA STILLSON; DOZE NOTAVEIS PSIQUIATRAS DIZEM POR QUE SMITH FEZ ISSO. Com um artigo daquele tal de Dees, talvez, contando que Johnny tinha ameaçado pegar a espingarda e “matar um intruso”.

Louco.

A dívida do hospital estava paga, mas aquilo deixaria uma nova conta, e o pai teria de pagá-la. Ele e sua nova esposa passariam muitos dias à luz da ribalta de sua fama refletida. Receberiam a correspondência do ódio. Todos os que ele tinha conhecido seriam entrevistados: os Chatsworths, Sam, o xerife George Bannerman. Sarah? Bem, talvez não chegassem até Sarah. Afinal, não era como se ele estivesse planejando matar o presidente. Pelo menos, ainda não. “Há muita gente que tem medo de dizer, mas eu não. Digo alto e bom som. Um dia Greg Stillson pode vir a ser presidente”.

Johnny esfregou as têmporas. A dor de cabeça vinha em ondas lentas e baixas, e nada disso estava fazendo com que as cartas fossem escritas. Ele puxou a primeira folha de papel de carta, pegou a caneta, e escreveu: “Querido pai”. Lá fora, a neve batia na vidraça com o barulho seco e arenoso que significa uma boa nevada. Por fim a caneta começou a mover-se pelo papel, a principio devagar, depois ganhando velocidade.

Capítulo 27

Johnny subiu uma escada que tinha sido varrida de neve e levara sal. Passou por portas duplas e entrou num saguão cheio de cédulas e avisos de uma assembléia municipal extraordinária a ser realizada em Jackson, no dia 3 de fevereiro. Também havia um aviso da visita de Greg Stillson e uma foto do próprio Homem, o capacete puxado para trás, com aquele sorriso duro e torto, como quem diz: “Nós estamos por dentro, hem, meu chapa?” Um pouco à direita da porta verde que dava para o auditório, havia um aviso que Johnny não esperava, e ele pensou naquilo, calado, vários segundos, exalando o vapor branco. EXAME DE MOTORISTA HOJE, dizia o aviso. Estava num cavalete de madeira. PREPAREM DOCUMENTOS.

Abriu a porta, entrou na onda do calor abafado de um grande fogareiro de lenha e viu um policial sentado a uma mesa. O guarda estava com uma jaqueta de esquí, o fecho aberto. Havia papéis espalhados pela mesa dele, e também um aparelho para medir a acuidade visual.

O guarda olhou para Johnny, e este sentiu uma sensação de desânimo.

— Posso ajudá-lo, senhor?

Johnny pegou na câmara pendurada ao pescoço.

— Bom, eu estava pensando se poderia olhar por aí um pouco

— disse ele. — Tenho um trabalho para fazer para a revista *Yankee*. Estamos fazendo um apanhado sobre a arquitetura de prefeituras do Maine, New Hampshire e Vermont. Tirando uma porção de fotos, sabe.

— Pode ir em frente — disse o guarda. — Minha mulher sempre lê a *Yankee*. A mim, *dá* sono.

Johnny sorriu.

— A arquitetura da Nova Inglaterra tem uma tendência para... bem, para a rigidez.

— Rigidez — repetiu o guarda, na dúvida, e depois desistiu. — O próximo, por favor.

Um rapaz aproximou-se da mesa à qual o guarda estava sentado. Entregou um papel de exame ao guarda, que o pegou e disse:

— Olhe no visor, por favor, e identifique os sinais e placas de trânsito. que vou lhe mostrar.

O rapaz espiou dentro do aparelho. O guarda colocou uma chave sobre o papel de exame do rapaz. Johnny foi andando pelo corredor central da prefeitura de Jackson e bateu uma chapa da tribuna, na frente.

— É uma placa de “Pare” — disse o rapaz, atrás dele. — A outra é de preferência, e a outra é uma placa de informações de tráfego... proibido virar à direita, proibido virar à esquerda, assim...

Ele não esperava encontrar guarda algum na prefeitura; nem se dera ao trabalho de comprar um filme para a câmara que estava usando. Mas agora era tarde para recuar, de qualquer forma. Era sexta-feira, e Stillson estaria

ali no dia seguinte, se as coisas saíssem como deveriam. Ele estaria respondendo às perguntas e ouvindo as sugestões da boa gente de Jackson. Com ele estaria uma comitiva de bom tamanho. Alguns assessores, uns conselheiros... e vários outros, rapazes de terno e paletó esporte, que havia pouco tempo usavam *jeans* e andavam de motocicleta. Greg Stillson continuava a acreditar firmemente em guarda-costas. No comício de Trimbull, carregavam tacos de bilhar cortados. Hoje portariam armas? Seria assim tão difícil um deputado dos EUA conseguir uma

licença de porte de armas? Johnny achava que não. Ele só podia contar com uma boa oportunidade; teria de aproveitá-la ao máximo. Portanto, era importante estudar o local, procurar resolver se poderia pegar Stillson ali ou se seria melhor esperar no estacionamento, com o vidro do carro abaixado e a carabina no colo.

Então ele viera e lá estava, examinando o local, enquanto um tira estadual fazia exames para motoristas a menos de cinquenta metros de distância.

À sua esquerda havia um quadro de avisos, e Johnny disparou a câmara sem filme... por que, em nome de Deus, ele não perdera mais dois minutos para comprar um filme? O quadro estava cheio de informações de cidade pequena, a respeito de ceias, uma peça de teatro do ginásio a estreitar, informações sobre vacinas de cães e, claro, mais informações sobre Greg. Um cartão de arquivo dizia que o primeiro conselheiro de Jackson estava procurando alguém que soubesse taquigrafia, e Johnny estudou aquilo como se fosse de grande interesse para ele, enquanto seus pensamentos engrenavam uma marcha de alta velocidade.

Naturalmente, se Jackson se revelasse impossível — ou mesmo arriscada —, ele poderia esperar até a semana seguinte, quando Stillson estaria repetindo tudo outra vez na cidade de Upson. Ou na outra semana, em Trimbull. Ou uma semana depois. Ou nunca.

Devia ser aquela semana. Devia ser no dia seguinte.

Ele “fotografou” o grande aquecedor a lenha no canto e depois olhou para cima. Lá havia uma sacada. Não.., não exatamente uma sacada, mas um balcão com uma grade da altura da cintura, de tábuas largas, pintadas

de branco, com losangos e espirais pequenos, decorativos, recortados na madeira. Seria perfeitamente possível um homem esconder-se atrás da grade e espiar por um daqueles enfeites. No momento exato, podia levantar-se e...

— Que tipo de câmara é essa?

Johnny olhou para trás, certo de que seria o guarda. O guarda pediria para ver a câmara sem filme.., e depois ia querer ver algum documento de identidade.., e tudo estaria perdido.

Mas não era o guarda. Era o rapaz que tinha feito o exame de motorista. Devia ter seus vinte e dois anos, cabelos compridos e olhos simpáticos e francos. Estava de paletó de camurça e *jeans* desbotados.

— Nikon — disse Johnny.

— Boa câmara, rapaz. Sou doido por câmaras. Há quanto tempo está trabalhando para a *Yankee*?

— Bem, sou *free lance* — disse Johnny. — Trabalho para eles, às vezes para a *Country Journal*, às vezes para a *Downeast*, sabe.

— Nada de nacional, como a *People* ou a *Li/e*?

— Não. Pelo menos, por enquanto.

— Que abertura você usa aqui dentro?

“Que diabo será abertura?”

Johnny deu de ombros.

— Faço as coisas mais de ouvido.

— De olho, quer dizer — disse o rapaz, sorrindo.

— Isso mesmo, de olho. — “Dê o fora, garoto, por favor, dê o fora.”

— Eu também estou interessado em trabalho autônomo — disse o rapaz, rindo. — O meu sonho é um dia tirar uma foto como o içar da

bandeira em Iwo Jima.

— Ouvi dizer que aquilo foi ensaiado — disse Johnny.

— Bem, talvez. Mas é clássica. Ou então a primeira foto de um OVNI aterrizando. Seria ótimo. Em todo caso, tenho uma pasta de coisas que tirei por aqui. Quem é o seu contato na *Yankee*?

Johnny já estava suando.

— Para dizer a verdade, para esse trabalho eles me procuraram — disse ele. — Foi um...

— Sr. Clawson, pode vir aqui agora — disse o guarda, parecendo impaciente. — Quero olhar essas respostas com o senhor

— Puxa, a voz do mandachuva — disse Clawson. — Até logo, cara.

Ele se foi depressa, e Johnny respirou, com um suspiro mudo. Estava na hora de dar o fora, e depressa.

Bateu mais duas ou três “fotos”, para não parecer uma derrota total, mas mal sabia o que estava vendo no visor. Depois saiu.

O rapaz do casaco de camurça — Clawson — já se esquecera dele. Parece que tinha sido reprovado no exame escrito. Estava discutindo animadamente com o guarda, que só sacudia a cabeça.

Johnny parou um instante na entrada da prefeitura. À sua esquerda havia um vestiário. À direita, uma porta fechada. Ele a experimentou e viu que estava destrancada. Uma escada estreita levava para o andar de cima, às escuras. Os escritórios deviam ser lá, claro. E o balcão.

Ele estava hospedado no Jackson House, hotelzinho agradável na rua principal. Tinha sido reformado com cuidado e as reformas tinham custado muito dinheiro, mas compensariam, era o que os proprietários deviam ter calculado, graças à nova estação de esqui do monte Jackson. Só que a estação tinha falido, e agora o agradável hotelzinho mal conseguia se manter. O porteiro da noite estava cochilando sobre um café, quando Johnny saiu às quatro da manhã de sábado, a pasta na mão esquerda.

Tinha dormido pouco, de noite, adormecendo num sono leve e breve depois da meia-noite. Tinha sonhado. Era 1970 de novo. Era a época da feira. Ele e Sarah estavam na frente da roda da fortuna, e novamente ele teve aquela sensação de poder louco, imenso. Em suas narinas, sentia o cheiro de borracha queimada.

“Vamos”, dizia uma voz atrás dele, baixinho. “Adoro ver esse cara levar uma surra.” Ele virou-se, e era Frank Dodd, vestido com sua capa de chuva de vinil preta, a garganta cortada de orelha a orelha, num sorriso largo e vermelho, olhos brilhando com uma vivacidade morta. Virou-se para a barraquinha, com medo., mas então o crupiê era Greg Stillson, sorrindo para ele com um ar sabido, o capacete puxado para trás. — Ei, ei, ei — entoava Stillson, a voz profunda, ressonante e sinistra. — Ponha onde quiser, cara. O que me diz? Quer a lua?

Sim, ele queria a lua. Mas, quando Stillson punha a roda em movimento, ele via que todo o círculo externo passara a verde. Todos os números eram duplo zero. Cada número era um número da banca.

Acordou de repente e passou o resto da noite olhando para o escuro, pelas janelas emolduradas de gelo. A dor de cabeça, que o acometera desde que chegara a Jackson, na véspera, desaparecera, deixando-o fraco, mas controlado. Ficou sentado ali, as mãos no colo. Não pensou em Greg Stillson; pensou no passado. Pensou na mãe pondo um Band-Aid num joelho arranhado; pensou no dia em que o cachorro tinha rasgado as costas do absurdo vestido de verão da vovó Nellie, e que ele rira e Vera lhe dera um tapa, cortando a testa dele com a pedra do anel de noivado; pensou no

pai ensinando-lhe a pôr a isca no anzol e dizendo: “Isso não machuca as minhocas, Joey... pelo menos, acho que não”. Pensou no pai dando-lhe um canivete de presente de Natal, quando ele tinha sete anos e, dizendo, muito sério: “Confio em você, Johnny”. Todas essas recordações tinham voltado, num dilúvio.

Então ele saiu para o frio tremendo da madrugada, os sapatos rangendo no caminho aberto na neve. Seu hálito saía num vapor branco à sua frente. A lua desaparecera, mas as estrelas estavam espalhadas pelo céu, numa profusão louca. A caixa de jóias de Deus, era como Vera chamava isso. Você está olhando para a caixa de jóias de Deus, Johnny.

Ele seguiu pela rua principal, e parou em frente da pequena agência de correios de Jackson, tirando a custo as cartas do bolso. Cartas para o pai, Sarah, Sam Weizak, Bannerman. Colocou a pasta no chão, entre os pés, abriu a caixa do correio que ficava em frente do prediozinho de tijolos e, depois de um momento de hesitação, colocou-as na caixa. Ouviu-as caírem lá dentro, certamente as primeiras cartas postas no correio de Jackson naquele novo dia, e o barulho lhe deu uma estranha sensação de fatalidade. As cartas estavam despachadas, agora não havia mais como parar.

Tornou a pegar a pasta e continuou seu caminho. O único barulho era o ranger de seus sapatos na neve. O grande termômetro sobre a porta do Granite State Savings Bank marcava dezesseis graus negativos, e o ar tinha aquela sensação de inércia total, típica das manhãs frias de New Hampshire. Nada se movia. A rua estava vazia. Os pára-brisas dos carros estacionados estavam cegos de cataratas de gelo. Janelas escuras, cortinas cerradas. Para Johnny, tudo parecia meio terrível e ao mesmo tempo sagrado. Ele lutou contra essa sensação. O que estava fazendo não era nada de sagrado.

Atravessou a Jasper Street e lá estava a prefeitura, branca e austera atrás de montes de neve brilhante.

“O que você vai fazer se a porta da frente estiver trancada, sabidão?”

Bom, ele arranjaría um jeito de atravessar essa ponte, se fosse preciso. Johnny olhou em volta, mas não havia ninguém que o viesse. Se fosse o presidente, chegando para uma de suas famosas reuniões em cidades, tudo

teria sido diferente, claro. O local teria sido isolado desde a noite da véspera, e já haveria homens postados lá dentro. Mas tratava-se apenas de um deputado, um entre mais de quatrocentos, nada de mais. Nada de mais, por enquanto.

Johnny subiu a escada e experimentou a porta. A maçaneta girou com facilidade, e ele penetrou na entrada fria e puxou a porta, fechando-a. A dor de cabeça voltava, latejando, acompanhando a batida forte e firme de seu coração. Ele tomou a largar a pasta no chão e esfregou as têmporas com os dedos enluvados.

Houve um guincho súbito, baixinho. A porta do armário dos agasalhos estava se abrindo, muito devagar, e aí alguma coisa branca caiu das sombras, em direção a ele.

Johnny a custo reprimiu um grito. Por um momento, pensou que fosse um cadáver, caindo do armário como num filme de terror. Mas era apenas um cartaz de papelão pesado dizendo FAVOR

TER DOCUMENTOS EM ORDEM ANTES DE SE APRESENTAR AO EXAME.

Recolocou-o no lugar e depois virou-se para a porta que dava para a escada.

Essa porta agora estava trancada.

Ele abaixou-se para vê-la melhor à luz difusa e branca da rua, que se filtrava pela janela. Era uma fechadura de mola, e ele achou que conseguiria abri-la com um cabide. Encontrou um no armário e enfiou o gancho na fresta entre a porta e o umbral. Baixou-o até a fechadura e começou a mexer. Sua cabeça agora estava latejando barbaramente. Por fim, ouviu o ferrolho ceder, quando o arame o pegou. Abriu a porta. Pegou a pasta e entrou, ainda segurando o cabide. Puxou a porta atrás de si e ouviu que ela se trancava de novo. Subiu a escada estreita, que rangeu sob seu peso.

No topo da escada havia um corredor pequeno, com várias portas de cada lado. Ele seguiu pelo corredor, passando pelo ADMINISTRADOR DA CIDADE, por CONSELHEIROS MUNICIPAIS, pelo DELEGADO FISCAL, por CAVALHEIROS, pelo SUPERVISOR DOS POBRES e por SENHORAS.

No fim havia uma porta sem placa. Estava destrancada, e ele saiu na galeria sobre a parte dos fundos do auditório, que se estendia abaixo dele numa louca colcha de sombras. Fechou a porta e estremeceu diante dos leves ecos no salão vazio. Seus passos também ressoaram, quando caminhou para a direita, pela galeria dos fundos, e depois virou à esquerda. Agora estava caminhando pelo lado direito do salão, cerca de sete metros acima do piso. Parou num ponto acima do aquecedor a lenha, e bem defronte do pódio onde Stillson estaria de pé, dali a cerca de cinco horas e meia.

Sentou-se e ficou de pernas cruzadas, por um instante. Procurou controlar a dor de cabeça com uma respiração profunda. O aquecedor a lenha não estava aceso, e ele sentiu o frio instalando-se. Prévias da mortalha.

Quando começou a se sentir um pouco melhor, mexeu nas fechaduras da pasta. O estalo duplo ressoou como seus passos, e dessa vez foi o ruído de engatilhar pistolas.

“Justiça do oeste”, pensou ele, sem nenhum motivo. Foi o que disse o promotor público, quando o júri julgou Claudine Longet, culpada de ter morto o amante. “Ela descobriu o que significa a justiça do oeste.”

Johnny olhou para a pasta e esfregou os olhos. Por um instante, teve visão dupla, e depois as coisas tornaram a se juntar. Ele estava tendo uma visão surgida da própria madeira em que estava sentado. Uma imagem muito antiga; se tivesse sido uma foto, teria sido em tons de sépia. Homens ali de pé, fumando charutos, conversando, rindo e esperando que começasse a assembléia municipal. Teria sido em 1920? 1902? Havia naquilo alguma coisa fantasmagórica que o deixava inquieto. Um deles estava falando sobre o preço do uísque e limpando o nariz com um palito de prata e

(e dois anos antes tinha envenenado a mulher)

Johnny estremeceu. Fosse qual fosse a visão, não importava. Era uma visão de um homem que já tinha morrido havia muito tempo.

A carabina reluziu diante dele.

“Quando os homens fazem isso em tempo de guerra, ganham medalhas”, pensou.

Começou a montar a carabina. Cada estalido ressoava uma vez, solene, o som de uma pistola sendo engatilhada.

Carregou a Remington com cinco balas.

Colocou-a nos joelhos.

E esperou.

O dia amanheceu devagar. Johnny cochilou um pouco, mas já estava com muito frio para poder fazer mais do que cochilar. Sonhos leves e esparsos povoaram o pouco sono que conseguiu.

Despertou completamente um pouco depois das sete horas. A porta embaixo abriu-se com um estrondo e ele teve de morder a língua para não gritar: “Quem é?”.

Era o zelador. Johnny aplicou a vista a um dos losangos cortados na balaustrada, e viu um homem corpulento, embrulhado num casaco grosso da marinha. Vinha andando pelo corredor central com os braços carregados de lenha. Estava cantarolando *Red river valley*. Largou a lenha num caixote fazendo um barulhão, e depois desapareceu abaixo de Johnny. Um segundo depois ele ouviu o barulho agudo da porta do aquecedor se abrindo. De repente, Johnny pensou na pluma de vapor que ele estava

fazendo, cada vez que expirava. E se o zelador olhasse para cima? Conseguiria ver isso?

Tentou controlar o ritmo da respiração, mas isso fazia a dor de cabeça piorar e sua visão ficar dupla, de um modo alarmante.

Então ouviu o barulho de papel sendo amassado, depois o riscar de um fósforo. Um leve sopro de enxofre no ar frio. O zelador continuava a cantarolar *Red river valley*, e depois rompeu em um canto alto e desentoadado:

“Deste vale dizem que você vai partir... saudades de seus belos olhos e doce sorriso...”

Depois, outro barulho, estalidos. Fogo.

— Tome, palhaço — disse o zelador, bem debaixo de Johnny, e seguiu-se o barulho da porta do aquecedor fechando-se de novo. Johnny apertou as duas mãos sobre a boca como uma atadura, pois de repente fora acometido de uma vontade de rir suicida. Ele se imaginou levantando-se do chão da galeria, magro e branco como qualquer fantasma respeitável. Viu-se abrindo os braços como asas e os dedos como garras, falando para baixo, em um tom surdo:

“Tome *você*, seu palhaço”.

Ouviu o riso por trás de suas mãos. Sua cabeça latejava como um tomate cheio de sangue quente, expandindo-se. Sua visão estava saltando e turvando-se como louca. De repente, teve grande vontade de se afastar da visão do homem que tinha limpado o nariz com o palito de prata, mas não ousou fazer barulho. Deus, e se tivesse de espirrar?

De repente, sem qualquer aviso, um grito terrível encheu o salão, furando os ouvidos de Johnny como finos pregos de prata, aumentando, fazendo sua cabeça vibrar. Ele abriu a boca para gritar...

Parou.

— Ah, filho da puta! — disse o zelador, em tom de conversa.

Johnny espiou pelo losango e viu o zelador de pé atrás do pódio, mexendo num microfone. O fio do microfone enroscava-se para baixo, até um pequeno amplificador portátil: O zelador desceu os degraus do pódio até o chão e puxou o amplificador mais para longe do microfone, e depois remexeu nos painéis em cima dele. Voltou ao microfone e tornou a ligá-lo. Outro gemido de microfonia, dessa vez mais baixo e depois desaparecendo inteiramente. Johnny apertou as mãos na testa, esfregando-a de um lado para o outro.

O zelador bateu com o dedo no microfone, e o som encheu a sala grande e vazia. Parecia um punho batendo na tampa de um caixão. Depois a voz dele, ainda desafinada, mas monstruosamente amplificada, uma voz de gigante marretando a cabeça de Johnny:

“DESTE VALE DIZEM QUE VOCE VAI PARTIR...”

“Pare com isso!”, Johnny teve vontade de gritar. “Ah, por favor, pare, estou ficando doido, não pode parar?”

O canto acabou com um estalo forte e amplificado, e o zelador disse, em sua voz normal:

— Pronto, filho da puta.

E tornou a desaparecer das vistas de Johnny. Ouviu-se o som de papel rasgado e os estalos de um cordão sendo arreventado. Depois o zelador reapareceu, assobiando e carregando uma pilha de folhetos. Começou a colocá-los a pequenos intervalos, ao longo dos bancos.

Quando acabou essa tarefa, o zelador abotoou o casaco e saiu do auditório. A porta bateu com um som surdo atrás dele. Johnny olhou para o relógio. Eram sete e quarenta e cinco. A prefeitura estava um pouco mais quente. Ele ficou ali sentado, esperando. A dor de cabeça ainda estava muito forte, mas, coisa estranha, era mais fácil de suportar do que jamais fora. Bastava ele se dizer que não a suportaria por muito tempo.

As portas abriram-se de novo pontualmente às nove horas, acordando-o de um cochilo com um sobressalto. Suas mãos agarraram a carabina com força e depois se afrouxaram. Ele espiou pelo buraquinho em forma de losango. Dessa vez eram quatro homens. Um era o zelador, a gola do casaco da marinha virada para cima. Os outros três estavam de sobretudo, com ternos por baixo. Johnny sentiu seu coração bater mais depressa. Um deles era Sonny Elliman. Os cabelos agora estavam curtos e bem-penteados, mas os olhos verdes e brilhantes não tinham mudado.

— Tudo pronto? — perguntou.

— Veja por si — disse o zelador.

— Não se ofenda, vovô — respondeu um dos outros.

Estavam indo para a frente do auditório. Um deles ligou o amplificador e depois desligou-o, satisfeito.

— Para o pessoal daqui até parece que ele é o raio do imperador — resmungou o zelador.

— E é, e é — disse o terceiro homem. Johnny pensou também reconhecer aquele, do comício de Trimbull. — Ainda não sabe disso, titio?

— Já foi lá em cima? — perguntou Elliman ao zelador, e Johnny gelou.

— A porta que dá para a escada está trancada — disse o zelador. — Como sempre. Eu a sacudi para ver.

Johnny deu graças, em silêncio, pela fechadura de mola na porta.

— É preciso verificar — disse Elliman.

O zelador deu uma risada irritada.

— Não sei o que é que há com vocês, caras — disse ele. — Quem é que estão esperando? O Fantasma da Ópera?

— Vamos, Sonny — disse o cara que Johnny pensou reconhecer. — Não há ninguém lá em cima. Temos tempo para tomar um cafezinho se dermos um pulo até aquele boteco da esquina.

— Aquilo não é café — disse Sonny. — Uma porra de lama, é o que é. Primeiro dê um pulo lá em cima e veja se não há ninguém lá, Moochie. Nós fazemos tudo em ordem.

Johnny lambeu os lábios e agarrou a arma. Olhou para cima e para baixo, pela galeria estreita. À sua direita, ela acabava numa parede vazia. À esquerda, voltava à série de escritórios, e, de qualquer maneira, não fazia diferença alguma. Se ele se mexesse, seria ouvido. Aquele salão vazio servia como um amplificador natural. Estava frito.

Ouviu passos, lá embaixo. Depois o barulho de abrirem e fecharem a porta entre o salão e a entrada. Johnny esperou, gelado e indefeso. Bem debaixo dele, o zelador e os dois outros estavam falando, mas ele não ouviu nada do que disseram. Sua cabeça girava no pescoço, como um motor lento, e ele ficou olhando pela galeria, esperando que o camarada que Sonny Elliman chamara de Moochie aparecesse na galeria. Sua expressão aborrecida de repente se transformaria em choque e incredulidade, e sua boca se abriria: “Ei, Sonny, há um sujeito aqui!”

Então ouviu o ruído abafado de Moochie subindo a escada. Procurou pensar em alguma coisa, qualquer coisa. Não conseguiu. Iam descobri-lo, faltava menos de um minuto agora, e ele não tinha idéia de como impedi-lo. Fizesse o que fizesse, sua única oportunidade estava prestes a ser arrasada.

Ouviu o barulho de portas se abrindo e se fechando, cada vez mais próximo e menos abafado. Uma gota de suor caiu da testa de Johnny, escurecendo suas calças *jeans*. Ele se lembrava de cada porta por que tinha passado, para chegar onde estava. Moochie tinha verificado ADMINISTRADOR DA CIDADE, CONSELHEIROS MUNICIPAIS e DELEGADO FISCAL. Agora estava abrindo a porta de CAVALHEIROS, depois, olhando o escritório do SUPERVISOR DOS POBRES e o banheiro de SENHORAS. A porta seguinte seria a que dava para as galerias.

A porta abriu-se.

O ruído de dois passos, quando Moochie se aproximou do corrimão da galeria curta que corria pelos fundos do auditório.

— OK, Sonny? Está satisfeito?

— Tudo parece em ordem?

— Parece uma porra de uma pocilga — respondeu Moochie, provocando gargalhadas embaixo.

— Bom, então desça e vamos tomar um café — disse o terceiro homem. E, incrivelmente, foi só isso. A porta bateu. Os passos recuaram pelo corredor e depois pela escada, para o térreo.

Johnny sentiu-se fraco, e por um instante tudo sumiu de sua vista, em sombras cinzentas. Quando a porta da entrada bateu, ao saírem para tomar café, ele se refez em parte.

Lá embaixo, o zelador expressiu sua opinião:

— Bando de putas.

Depois também ele se foi, e durante os vinte minutos seguintes. Johnny ficou ali sozinho.

Por volta de nove e meia, o povo de Jackson começou a entrar na prefeitura. As primeiras a aparecerem foram três senhoras vestidas de preto, tagarelando como gralhas. Johnny as viu escolherem lugares junto do aquecedor — quase totalmente fora de seu campo visual — e pegarem os folhetos deixados nos bancos. Os panfletos pareciam estar cheios de fotos brilhantes de Greg Stillson.

— Adoro esse homem — disse uma das três. — Já peguei o autógrafo dele três vezes, e hoje vou pegar mais um, com certeza.

Foi só isso o que falaram de Greg Stillson. As senhoras passaram a falar do próximo Domingo do Lar da Velhice na Igreja Metodista.

Johnny, que estava quase diretamente acima do aquecedor, passou de gelado a muito quente. Aproveitara o intervalo entre a partida do pessoal de segurança de Stillson e a chegada dos primeiros cidadãos para tirar o paletó e a camisa de cima. Estava enxugando o suor do rosto com o lenço, e o linho estava manchado de sangue, além de suor. O olho doente doía de novo, e sua visão estava constantemente turva e avermelhada.

A porta embaixo abriu-se repentinamente, ouviu-se o pisotear vivo de homens batendo os pés para livrá-los da neve, e depois quatro homens de casaco de lã xadrez passaram pelo corredor e sentaram-se na primeira fila. Um deles foi logo contando uma anedota picante.

Uma moça de seus vinte e três anos chegou com o filho, que parecia ter uns quatro anos. O garoto estava com uma roupa própria para neve, azul com enfeites de um amarelo vivo, e quis saber se podia falar ao microfone.

— Não, meu bem — disse a mulher, e eles sentaram-se atrás dos homens. O menino começou logo a chutar o banco à sua frente, e um dos homens olhou para trás.

— Sean, pare com isso — disse ela.

Já eram nove e quarenta e cinco. A porta se abria e se fechava com certa regularidade. Homens e mulheres de todo tipo, ocupação e idade estavam enchendo o salão. Houve um zunzum de conversas, marcado por uma sensação indefinível de expectativa. Eles não estavam lá para interrogar seu representante devidamente eleito; estavam ali esperando o aparecimento de um autêntico astro na sua pequena comunidade. Johnny sabia que a maior parte das reuniões para “apresentar o seu candidato~~ e “apresentar o seu deputado” eram freqüentadas apenas por meia dúzia de conservadores nos auditórios quase vazios. Durante a eleição de 1976, um debate entre Bill Cohen e seu adversário Leighton Cooney, no Maine, tinha atraído apenas vinte e seis pessoas, fora a imprensa. Essas palestras eram só aparência, um testemunho pessoal para apresentar quando chegasse novamente a época das eleições. A maior parte delas poderia ter sido realizada num quarto pequeno. Mas às dez horas, todos os assentos do

salão da prefeitura estavam ocupados, e, nos fundos, havia cerca de vinte a trinta pessoas de pé. Cada vez que a porta se abria, as mãos de Johnny se retesavam na carabina. E ele ainda não tinha certeza se poderia fazê-lo, fosse o que fosse que estivesse em jogo.

Eram dez e cinco, dez e dez. Johnny começou a achar que Stillson tinha se atrasado ou que talvez não aparecesse. E a sensação que o invadiu foi de alívio.

Depois a porta tornou a abrir-se e uma voz animada chamou:

— Ei! Como vai indo, Jackson, N.H.?

Um murmúrio sobressaltado, satisfeito. Alguém gritou, extasiado:

— Greg! Como vai você?

— Bom, eu estou me sentindo esfuziante — retrucou logo Stillson. — E como é que vão vocês?

Palmas esparsas logo passaram a um estrondo de aprovação.

— Ei, tudo bem! — gritou Greg, por sobre o barulho. Foi caminhando depressa pelo corredor, apertando as mãos, em direção ao pódio.

Johnny estava espiando pelo buraquinho. Stillson vestia um casaco pesado de couro, com uma gola de pêlo de carneiro, e naquele dia o capacete fora substituído por um gorro de esqui de lã, com uma borla de um vermelho vivo. Parou na ponta do corredor e acenou para os três ou quatro jornalistas presentes. Os *flashes* espocaram, e o aplauso recomeçou, abalando as traves.

E Johnny Smith de repente viu que era agora ou nunca.

Tudo o que ele sentira em relação a Greg Stillson no comício de Trimbull de repente o invadiu de novo, com uma clareza certa e terrível. Dentro de sua cabeça dolorida, pareceu ouvir um barulho surdo e duro, duas coisas se juntando com uma força terrível, ao mesmo tempo. Talvez fosse o som do destino. Seria fácil demais demorar, deixar que Stillson falasse e falasse. Fácil demais deixá-lo escapar, ficar ali sentado com a

cabeça entre as mãos, esperando enquanto o povo se dispersasse, esperando até que o zelador desmontasse o sistema de som e varresse o lixo, iludindo-se de que poderia agir na semana seguinte, em outra cidade.

O momento era agora, indiscutivelmente agora, e todo ser humano no mundo de repente tinha um interesse no que acontecesse naquela casa de reuniões do interior.

Aquele barulho latejante em sua cabeça, como os pólos do destino se juntando.

Stillson estava subindo os degraus para o pódio. O lugar atrás dele achava-se vazio. Os três homens, com os sobretudos abertos, estavam encostados na outra parede.

Johnny levantou-se.

Tudo pareceu acontecer em câmara lenta.

Ele estava com câibras nas pernas por ter ficado sentado tanto tempo. Seus joelhos estalavam como fogos de artifício falhados. O tempo pareceu congelar-se; o aplauso continuou, apesar de haver cabeças se virando, pescoços esticados; alguém gritou no meio do aplauso, mas este continuou assim mesmo; alguém gritou porque havia um homem na galeria e o homem tinha uma carabina na mão, isso era uma coisa que todos tinham visto na TV, uma situação com elementos clássicos, que todos reconheciam. A seu modo, era tão americano quanto o *Maravilhoso Mundo de Disney*. O político e o homem num lugar alto, com a arma.

Greg Stillson virou-se para ele, o pescoço grosso esticando-se, enrugando-se. A borla vermelha no topo de seu gorro pulou.

Johnny levou a carabina ao ombro. Pareceu flutuar ali, e sentiu o baque quando ela se encaixou na articulação. Pensou nas caçadas a perdizes com

o pai, quando menino. Tinham ido caçar veados, mas, a única vez em que Johnny tinha visto um, não conseguira puxar o gatilho: fora acometido pelo nervosismo do caçador novato. Era um segredo, tão vergonhoso quanto a masturbação, e ele nunca o contara a ninguém.

Outro grito. Uma das velhas estava tapando a boca, e Johnny viu que havia frutas artificiais espalhadas pela aba larga do seu chapéu preto. Rostos se voltaram para ele, zeros grandes e brancos. Bocas abertas, zeros pequenos. O menino de roupa de neve estava apontando. A mãe estava tentando protegê-lo. De repente Stillson estava na mira e Johnny lembrou-se de destravar a carabina. Do outro lado, os homens de sobretudo estavam mantendo as mãos dentro dos paletós, e Sonny Elliman, os olhos verdes em fogo, estava berrando:

— *Abaixe-se, Greg, ABAIXE-SE!*

Mas Stillson olhou para a galeria, e pela segunda vez seus olhos se encontraram num tipo de entendimento perfeito, e Stillson só se desviou no instante exato em que Johnny atirou. O estrondo da carabina foi alto, enchendo a sala, e a bala destruiu quase um canto inteiro do pódio, descascando-o até a madeira viva. As lascas voaram. Uma delas bateu no microfone, e ouviu-se outro gemido monstruoso, que de repente acabou num zunido gutural, grave.

Johnny pôs outra bala na carabina e atirou de novo. Dessa vez a bala fez um buraco no tapete empoeirado do estrado.

O povo começara a mover-se, em pânico, como gado. Todos foram para o corredor central. As pessoas que estavam de pé, nos fundos, escaparam com facilidade, mas depois formou-se nas portas duplas um engarrafamento de homens e mulheres gritando e praguejando.

Do outro lado do salão houve um pipocar, e de repente parte da balaustrada da galeria despedaçou-se diante dos olhos de Johnny. Um segundo depois, alguma coisa zuniu junto de sua orelha. Depois um dedo invisível deu um piparote no colarinho de sua camisa. Os três homens do outro lado estavam com armas de mão, e como Johnny estava em cima, na galeria, seu campo de fogo estava limpo., mas Johnny não achava que eles se importariam com os espectadores inocentes, em todo caso.

Uma das três velhas agarrou o braço de Moochie. Ela estava soluçando, querendo perguntar alguma coisa. Ele a atirou para o lado, firmando a arma com ambas as mãos. Agora o salão estava cheirando a pólvora. Havia cerca de vinte segundos que Johnny se levantara.

— *Abaixe-se, Greg! Abaixese!*

Stillson continuava de pé na beira do estrado, levemente agachado, olhando para Johnny, que abaixara a arma, e por um instante Stillson ficou bem na sua mira. Então uma bala de pistola atingiu o pescoço de Johnny, derrubando-o para trás, e seu tiro perdeu-se no ar. A janela da frente dissolveu-se numa chuva de vidros estilhaçados. Gritos agudos subiam lá de baixo. O sangue jorrou, descendo por seu ombro e por seu peito.

“Ah, você está trabalhando bem para matá-lo”, pensou ele, histérico, e voltou para o corrimão. Pôs outra bala na culatra e tornou a levar a carabina ao ombro. Stillson agora estava se movendo. Desceu os degraus e depois tornou a olhar para Johnny.

Outra bala zuniu pela têmpora dele. “Estou sangrando como um porco espetado”, pensou ele. “Vamos. Vamos acabar com isso.”

O engarrafamento junto da porta dissolveu-se, e as pessoas começaram a sair. Um tufo de fumaça saiu de uma das pistolas na frente, houve um estrondo, e o dedo invisível que mexera em seu colarinho segundos antes traçou uma linha de fogo ao lado da cabeça de Johnny. Não importava. Nada importava, a não ser pegar Stillson. Ele tornou a abaixar a carabina.

“Veja se acerta desta vez...”

Stillson se movia com bastante rapidez, para um homem tão grande. A moça de cabelos escuros que Johnny notara antes estava no meio do corredor central, tendo no colo o filho, que chorava, ainda procurando protegê-lo com o corpo. E o que Stillson fez então deixou Johnny tão estupefato que ele quase deixou cair a carabina. Agarrou o menino do colo

da mãe e virou-se para a galeria, segurando o corpo do garoto em frente de si. Não era mais Greg Stillson na alça de mira, e sim uma figurinha se debatendo em

(O filtro, filtro azul listras amarelas listras de tigre)

uma roupa de neve azul-escura com debruns de um amarelo vivo.

Johnny abriu a boca. Era Stillson, sim. O tigre. *Mas agora estava por trás de um filtro.*

Aí a mãe deu um grito agudo; mas Johnny já ouvira tudo isso, em algum lugar.

— Tommy! *Passe-o para cá! “TOMMY! DÊ-ME O MENINO, SEU FILHO DA MÃE!*

A cabeça de Johnny estava inchando, preta, expandindo-se como uma bexiga. Tudo estava começando a desaparecer. O único ponto de luz centralizava-se em torno da mira chanfrada, a mira agora apontada diretamente para o peito daquela roupa de neve azul.

Atire, ah, pelo amor de Deus atire, senão ele escapa...

E agora — talvez fosse apenas a sua vista mais turva que o via assim — a roupa de neve azul começou a se espalhar, a cor desbotando para o azul-claro de sua visão, o amarelo-escuro esticandose, listrando-se, tudo começando a perder-se nisso.

(atrás do filtro, sim, ele está atrás do filtro, mas o que isso significa? significa que é seguro, ou só que ele está além do meu alcance? o que é que)

O fogo quente num clarão em algum lugar lá embaixo, desaparecendo. Uma parte vaga da mente de Johnny registrou que era um *flash* fotográfico.

Stillson afastou a mulher e recuou para a porta, os olhos apertados em fendas calculistas, como um pirata. Segurava o menino esperneando com firmeza, pelo pescoço e pela virilha.

“Não posso! Ah, Deus, perdão, não posso!”

Mais duas balas o atingiram então, uma no alto do peito, atirando-o contra a parede e fazendo-o saltar, a segunda do lado esquerdo, no meio do corpo, fazendo-o girar contra a balaustrada da galeria. Ele percebeu vagamente que tinha perdido a carabina. Ela bateu no chão da galeria e disparou na parede. Depois ele esbarrou com as coxas na balaustrada e começou a cair. O salão girou duas vezes diante de seus olhos, e houve um estrondo e um estilhaçar quando ele bateu contra dois bancos, fraturando as costelas e as duas pernas.

Abriu a boca para gritar, mas o que saiu foi uma grande golfada de sangue. Ficou ali deitado, nos restos arreventados dos bancos que quebrara, e pensou: “Acabou-se. Fracassei

Mãos pegando-o, nada delicadas. Estavam virando-o. Elliman, Moochie e o outro cara estavam ali. Elliman foi quem o virou.

Stillson aproximou-se, afastando Moochie.

— Deixe-o, cara — disse ele, com aspereza. — Encontre o filho da puta que tirou aquela foto. Arrebente a câmara dele.

Moochie e o outro sujeito saíram. Em algum lugar ali perto, a mulher de cabelos pretos estava exclamando:

— ... *atrás de um garoto, escondido atrás de um garoto, e vou contar a todo mundo...*

— Faça-a calar-se, Sonny — disse Stillson.

— Certo — disse Sonny, e saiu do lado de Stillson.

Stillson ajoelhou-se ao lado de Johnny.

— Não nos conhecemos, cara? Não adianta mentir. Você está liquidado.

Johnny murmurou:

— Nós nos conhecemos.

— Foi naquele comício de Trimbull, não foi?

Johnny fez que sim.

Stillson levantou-se de repente, e, com o seu último laivo de força, Johnny estendeu a mão e agarrou o tornozelo dele. Foi só por um segundo; Stillson livrou-se com facilidade. Mas foi o suficiente.

Tudo tinha mudado.

As pessoas agora estavam se aproximando deles, mas ele só viu pés e pernas, não os rostos. Não importava. *Tudo tinha mudado.*

Começou a chorar um pouco. Tocando em Stillson, naquele momento, parecia que estava tocando em nada. Bateria sem corrente. Árvore caída. Casa vazia. Estantes vazias. Garrafas de vinho prontas para as velas.

Desaparecendo. Indo embora. Os pés e pernas em volta dele estavam ficando turvos e indistintos. Ele ouvia as vozes deles, o burburinho empolgado das conjecturas, mas não as palavras. Só os sons das palavras, e mesmo isso estava se apagando, fundindo-se num som agudo e doce, num zunido.

Olhou para trás, e lá estava o corredor de onde tinha saído, havia tanto tempo. Saíra daquele corredor para aquele lugar claro e placentário. Só que então a mãe estava viva e o pai ali, chamando-o pelo nome, até ele conseguir chegar a eles. Agora, estava apenas na hora de voltar. Agora era certo voltar.

“Eu consegui. Não sei como, consegui. Não compreendo como, mas consegui.”

Deixou-se levar para aquele corredor de paredes cromadas e escuras, sem saber se poderia ou não haver alguma coisa no fim do corredor, contente por deixar que o tempo lhe mostrasse isso. O zumbido doce das vozes desapareceu. A claridade nebulosa apagou-se. Mas ele ainda era ele — Johnny Smith —, intacto.

“Entrar no corredor”, pensou ele. “Está bem.”

Achou que, se conseguisse entrar naquele corredor, conseguiria andar.

Parte III

Notas da zona morta

I

“Portsmouth, N.H.

23 de janeiro de 1979

Querido pai,

Esta é uma carta horrível de escrever, e vou procurar resumir. Quando você a receber, acho que provavelmente já estarei morto. Aconteceu-me uma coisa horrível, e hoje acho que pode ter começado muito antes do

acidente de carro e da coma. Claro que você sabe do meu lado paranormal, e pode lembrar-se de que a mãe jurou, ao morrer, que Deus pretendia que fosse assim, que Deus tinha uma missão para mim. Pedi que eu não fugisse disso, e prometi que não fugiria, sem levar isso a sério, mas querendo que ela ficasse sossegada. Agora parece que ela tinha razão, de certo modo estranho. Continuo a não acreditar realmente em Deus, como um Ser real que planeja nossas vidas e nos dá a todos pequenas tarefas, como escoteiros ganhando medalhas por merecimento no Grande Caminho da Vida. Mas tampouco acredito que todas as coisas que me aconteceram se devam ao puro acaso.

No verão de 1976, pai, fui ao comício de Greg Stillson, em Trimbull, que fica no terceiro distrito de New Hampshire. Você há de se lembrar de que ele então estava se candidatando pela primeira vez. Quando estava andando para a tribuna do orador, apertou a mão de muita gente, entre as quais a minha. Essa é a parte que você pode ter dificuldade em acreditar, mesmo tendo visto essa faculdade em ação. Tive uma de minhas ‘intuições’, só que essa não foi uma intuição, pai. Foi uma *visão*, ou no sentido bíblico ou coisa muito parecida. Estranho é que não foi tão nítida quanto algumas de minhas outras ‘intuições’ — havia por sobre tudo um brilho azul que nunca houve antes e que me intrigou —, mas foi incrivelmente poderosa. Vi Greg Stillson como presidente da República dos Estados Unidos. Em que data futura, não posso dizer, só que de tinha perdido a maior parte dos cabelos. Eu diria daqui a uns catorze anos, dezoito no máximo, Ora, a minha capacidade é de ver e não de interpretar, e nesse caso a minha capacidade de ver estava impedida por aquele estranho filtro azul, mas vi o suficiente. Se Stillson for eleito presidente, vai tornar pior uma situação internacional que já de saída será bem difícil. Se Stillson se tornar presidente, vai acabar precipitando uma guerra nuclear em grande escala. Acredito que o ponto inicial dessa guerra será a África do Sul. E acredito também que, no decurso breve e sangrento dessa guerra, não serão apenas duas ou três nações lançando mísseis, e sim talvez até vinte..., mais os grupos terroristas.

Pai sei que isso deve parecer loucura. Parece loucura, a mim. Mas não tenho dúvidas, nem necessidade de olhar para trás e tentar modificar a minha opinião sobre isso, tornando-a menos real e urgente do que, é. Você nunca soube — nem ninguém —, mas eu não fugi da casa dos Chatsworths

por causa daquele incêndio no restaurante. Acho que estava fugindo era de Greg Stillson e daquilo que devo fazer. Como Elias escondido na caverna, ou Jonas, que acabou no ventre da baleia. Achei que devia esperar para ver, sabe. Esperar para ver se os pré-requisitos de um futuro tão horrendo começavam a se apresentar. Provavelmente ainda estaria esperando, mas no outono do ano passado as dores de cabeça começaram a piorar, e houve um incidente com a turma de estrada com que eu estava trabalhando. Acho que Keith Strang, o mestre-de-obras, deve lembrar-se disso...”

Extrato de um depoimento prestado diante da chamada Comissão Stillson, presidida pelo senador William Cohen, do Maine. O interrogador é o Dr. Norman D. Verizer, principal advogado da comissão. A testemunha é o Sr. Keith Strang, do Desert Boulevard, 1421, Phoenix, Arizona.

Data do depoimento: 17 de agosto de 1979.

Verizer: E, nessa ocasião, John Smith era empregado do Departamento de Obras Públicas de Phoenix, não era?

Strang: Sim, senhor.

V.: Isso foi em princípios de dezembro de 1978.

S.: Sim, senhor.

V.: E aconteceu alguma coisa no dia 7 de dezembro de que o senhor se lembre especialmente? Alguma coisa referente a John Smith?

S.: Sim, senhor. Aconteceu.

V.: Conte à comissão o que foi, por favor.

S.: Bom, eu tive de voltar à garagem central para pegar dois barris de quarenta galões de tinta laranja. Estávamos pintando faixas nas

estradas, sabe. Johnny — Johnny Smith — estava na Rosemont Avenue no dia a que o senhor se refere, pintando novas faixas nas pistas. Bom, cheguei lá mais ou menos às quinze para as cinco — uns quarenta e cinco minutos antes do fim do expediente — e esse tal de Merman Joellyn, com quem o senhor já falou, chega para mim e diz: “É bom ver Johnny, Keith. Há alguma coisa com Johnny. Eu quis lhe falar, mas ele parecia não me ouvir. Quase me atropelou. É bom ver o que há”. Foi isso o que ele me disse. Então eu disse: “O que é que há com ele, Hermie?” E Hermie diz: “Vá ver por si, há alguma coisa doida com aquele cara”. Então eu fui pela estrada, e a princípio estava tudo bem, e depois... puxa!

V.: O que é que viu?

S.: Antes de ver Johnny?

V.: É, isso mesmo.

S.: A faixa que ele estava pintando começou a ficar atrapalhada. A princípio, só um pouquinho — um desvio aqui e ali, uma bolha —, não era bem reta, sabe. E Johnny sempre fora o melhor pintor de faixa de toda a turma. Depois começou a ficar ruim mesmo. Começou a se espalhar pela estrada toda, em grandes anéis e espirais. Em alguns lugares parecia que ele tinha dado uma porção de voltas. Em uns cem metros ele tinha posto a faixa bem junto do acostamento.

V.: O que é que o senhor fez?

S.: Mandeí que ele parasse. Isto é, afinal consegui que ele parasse. Parei bem ao lado da máquina de fazer faixas e comecei a gritar com ele. Devo ter gritado uma meia dúzia de vezes. Era como se ele não me ouvisse. Depois ele virou aquele negócio para cima de mim e fez uma mossa e tanto do lado do carro que eu estava dirigindo. E era propriedade do Departamento de Estradas, ainda por cima. Então eu meti a mão na buzina, tornei a berrar com ele, e afinal ele pareceu ouvir. Pôs o carro em ponto morto e olhou para mim. Perguntei o que é que ele achava que estava fazendo.

V.: E qual foi a resposta dele?

S.: Ele disse “oi”. Só isso. “Oi, Keith”. Como se estivesse tudo muito bem.

V.: E qual foi sua resposta?

S.: Minha resposta foi bem violenta. Eu estava uma fera. E Johnny ficou ali quieto, olhando em volta e agarrado ao lado do carro como se fosse cair, se largasse a mão. Foi aí que eu vi que ele estava com uma cara de doente mesmo. Ele sempre foi magro, sabe, mas estava branco como cera e o lado da sua boca estava..., sabe..., puxado para baixo. A princípio não parecia nem saber o que eu estava dizendo. Depois olhou em volta e viu como é que estava aquela faixa... espalhada pela estrada.

V.: E ele disse...?

S.: Disse que sentia muito. Depois ele..., nem sei... cambaleou, e pôs a mão no rosto. Então eu perguntei o que é que havia e ele disse... ah, uma porção de coisas confusas, que não tinham significado nenhum.

Cohen: Sr. Strang, a comissão está especialmente interessada em *qualquer* coisa que o sr. Smith tenha dito que possa lançar luz sobre o caso. Pode lembrar-se do que ele disse?

S.: Bem, a princípio ele disse que não havia nada, só que sentia o cheiro de borracha queimada. Pneus em fogo. Depois, disse:

“Essa bateria vai explodir, se você tentar ligá-la direto”. E uma coisa como: “Tenho batatas no armário e os dois rádios estão no sol. Assim, todos para fora, para as árvores”. É do que me lembro. Como já disse, foi tudo confuso e louco.

V.: O que aconteceu depois?

S.: Ele começou a cambalear. Então eu o agarrei pelo ombro, e a mão dele — ele a estava encostando ao lado do rosto — caiu. E vi que seu olho direito estava cheio de sangue. Depois ele desmaiou.

V.: Mas ele disse mais uma coisa, antes de desmaiar, não foi?

S.: Disse, sim, senhor.

V.: E o que foi?

S.: Disse: “Depois nos preocupamos com Stillson, papai, ele agora está na zona morta”.

V.: Tem certeza de que foi isso o que ele disse?

S.: Tenho, sim, senhor. Nunca me esquecerei disso.

... e quando acordei estava no galpãozinho do almoxarifado, na base da Rosemont Drive. Keith disse que achava bom eu ir consultar um médico imediatamente, e que eu não devia voltar ao trabalho até ter-me consultado. Eu estava com medo, pai, mas não pelos motivos que Keith imaginava, acho. Em todo caso, marquei hora para consultar um neurologista indicado por Sam Weizak, numa carta que me escreveu em princípios de novembro. Sabe, eu havia escrito a Sam dizendo que tinha medo de dirigir porque estava tendo problemas de visão dupla. Sam respondeu logo e disse-me que fosse consultar esse Dr. Vann.... disse que achava os sintomas muito alarmantes, mas que não queria fazer um diagnóstico à distância.

Não fui logo. Acho que a nossa cabeça pode nos confundir, e fiquei achando — até o dia do incidente com a máquina de pintar faixas — que era só uma fase por que eu estava passando, e que ia melhorar. Acho que não queria pensar na alternativa. Mas aquele incidente com a pintura das faixas foi demais. Fui, porque estava ficando com medo.., não só por mim, mas por causa do que eu sabia.

Então fui consultar esse Dr. Vann, e ele me fez os exames, e depois me explicou tudo. Parece que eu não tinha tanto tempo quanto pensava, porque...

Extrato do depoimento prestado diante da chamada Comissão Stillson, presidida pelo senador William Cohen, do Maine. O interrogador é o Sr. Norman D. Verizer, principal advogado da comissão. A testemunha é o Dr. Questin M. Vann, da Parkland Drive, 17, Phoenix, Arizona.

Data do depoimento: 22 de agosto de 1979.

Verizer: Depois de concluídos os exames e feito o seu diagnóstico, o senhor viu John Smith em seu consultório, não foi?

Vann: Sim. Foi uma entrevista difícil. Essas entrevistas são sempre difíceis.

Ve.: Pode nos contar a essência do que se passou entre os senhores?

Va.: Posso. Nas circunstâncias, acredito que se possa ignorar o relacionamento paciente-médico. Comecei mostrando a Smith que ele tinha tido uma experiência positivamente aterradora. Ele concordou. Seu olho direito ainda estava extremamente congestionado, porém, melhor. Tinha tido um rompimento num pequeno vaso capilar. Se me permite consultar o meu quadro...

(Material omitido e condensado, nesse ponto.)

Ve.: E depois de dar essa explicação a Smith?

Va.: Ele me pediu a última linha. Foi essa a frase dele: “A última linha”. De um modo tranquilo, ele me impressionou com a calma e a coragem.

Ve.: E a última linha era o quê, Dr. Vann?

Va.: Ah? Pensei que já tivesse esclarecido isso. John Smith estava com um tumor cerebral extremamente desenvolvido no lobo parietal.

(Confusão entre o público; breve recesso.)

Ve.: Doutor, desculpe essa interrupção. Eu gostaria de lembrar aos presentes que esta comissão está em sessão, e que é um órgão de investigações, e não um espetáculo exibicionista. Exijo ordem, do contrário o funcionário fará evacuar o recinto.

Va.: Não tem importância, Sr. Verizer.

Ve.: Obrigado, doutor. Pode dizer à comissão como foi que Smith aceitou essa notícia?

Va: Com calma. Uma calma extraordinária. Acho que no íntimo ele já tinha feito o seu diagnóstico, e que o dele e o meu coincidiam. No entanto, disse que estava muito assustado. E perguntou-me quanto tempo de vida teria.

Ve.: O que o senhor lhe disse?

Va: Disse que, àquela altura, uma pergunta dessas não tinha sentido, pois as nossas opções ainda eram vagas. Disse-lhe que ele precisaria submeter-se a uma operação. Devo dizer que nessa ocasião eu ainda não tinha conhecimento da coma dele e de sua recuperação quase milagrosa.

Ve.: E qual foi a reação dele?

Va: Disse que não queria ser operado. Estava tranquilo mas muito, muito firme. Nada de operação. Eu disse que esperava que ele pensasse melhor, pois recusar essa operação seria assinar a sua própria sentença de morte.

Ve.: Smith deu alguma resposta a isso?

Va: Pediu que eu lhe desse a minha opinião mais sincera sobre quanto tempo de vida ele teria sem essa operação.

Ve.: O senhor lhe deu essa opinião?

Va: Dei-lhe uma idéia aproximada, sim. Disse-lhe que os tumores têm um crescimento extremamente irregular, e que conhecia pacientes cujos tumores tinham ficado latentes durante até dois anos, mas que esse fato era bem raro. Disse-lhe que, sem operação, ele poderia esperar razoavelmente viver de oito a vinte meses.

Ve.: Mas ainda assim ele se recusou a ser operado, certo?

Va: Sim, foi isso.

Ve.: Aconteceu alguma coisa fora do comum, quando Smith ia saindo?

Va: Eu diria que foi extremamente fora do comum.

Ve.: Conte à comissão, por favor.

Va: Toquei no ombro dele, querendo detê-lo, imagino. Não queria vê-lo sair naquelas circunstâncias, o senhor compreende, quando fiz isso, senti emanar-se dele alguma coisa.., uma sensação como a de um choque elétrico, mas também uma sensação estranhamente esgotante, debilitante. Como se ele estivesse *puxando* alguma coisa de mim. Concordo em que essa é uma descrição extremamente subjetiva, mas vem de um homem treinado na arte e no ofício da observação profissional. Não foi agradável, posso garantir. Eu me afastei dele.., e ele sugeriu que eu telefonasse para a minha mulher, pois Strawberry tinha se machucado gravemente.

Ve.: Strawberry?

Va.: Sim, foi o que ele disse. O irmão de minha mulher.., o nome dele é Stanbury Richards. Meu filho mais moço sempre o chamava de tio Strawberry, quando era menino. Essa associação, aliás, só me ocorreu mais tarde. Naquela noite, sugeri a minha mulher que ela ligasse para o irmão, que mora na cidade de Coose Lake, Nova York.

Ve.: Ela ligou?

Va.: Ligou, sim. Tiveram uma conversa agradável.

Ve.: E o Sr. Richards — o seu cunhado —, estava bem?

Va.: Sim, estava bem. Mas, na semana seguinte, caiu de uma escada, quando estava pintando a casa, e quebrou as costas.

Ve.: Dr. Vann, o senhor acredita que John Smith tenha visto isso acontecer? Acredita que ele tivesse tido uma visão profética a respeito do irmão de sua mulher?

Va.: Não sei. Mas acredito..., que pode ter tido.

Ve.: Obrigado, doutor...

Va.: Posso dizer mais uma coisa?

Ve.: Claro.

Va.: Se ele de fato tinha essa maldição..., sim, eu chamaria isso de maldição..., espero que Deus tenha piedade da alma atormentada daquele homem.

..... e sei, pai, que as pessoas vão dizer que eu fiz o que pretendo fazer por causa do tumor, mas, papai, não acredite nisso. Não é verdade. O tumor é apenas o acidente que afinal me pegou, o acidente que hoje creio nunca ter parado de acontecer. O tumor está no mesmo lugar que foi lesado no acidente, o mesmo lugar que hoje creio ter sido machucado quando eu era pequeno e cai patinando na lagoa Runaround. Foi *ai* que tive a primeira de minhas ‘intuições’, se bem que nem hoje eu consiga lembrar-me exatamente do que foi. E tive outra pouco antes do acidente, na feira de Easty. Pergunte a Sarah sobre essa; tenho certeza de que ela se lembra. O tumor fica no lugar que sempre chamei de ‘zona morta’. E isso deu certo, não? Amargamente certo. Deus... destino..., providência..., fortuna..., seja como for que quiser chamar a isso, parece estar estendendo sua mão firme e indiscutível para tornar a equilibrar a balança. Talvez eu estivesse

destinado a morrer naquele desastre de automóvel, ou mesmo antes, naquele dia na Runaround. E acredito que, quando terminar o que tenho de terminar, a balança estará completamente equilibrada, de novo.

Papai, eu o amo. O pior de tudo, além da certeza terrível de que a arma é a única saída para esse impasse tremendo em que me encontro, é saber que estarei deixando você para trás, para suportar a tristeza e o ódio daqueles que não têm motivos para supor que Stillson seja alguma outra coisa além de um homem bom e justo..

Extrato de um depoimento prestado diante da chamada Comissão Stillson, presidida pelo senador William Cohen, do Maine. O interrogador é o Sr. Albert Renfrew, advogado substituto da comissão. A testemunha é o Dr. Samuel Weizak, de Harlow Court, 26, Bangor, Maine.

Data do depoimento: 23 de agosto de 1979.

Renfrew: Estamos chegando à hora do recesso, Dr. Weizak, e, em nome da comissão, gostaria de agradecer-lhe pelas últimas quatro longas horas de depoimento. O senhor lançou muita luz sobre a situação.

Weizak: Não há de quê.

R.: Tenho uma última pergunta a lhe fazer, Dr. Weizak, que me parece ser de importância quase capital: refere-se a uma questão de que o próprio John Smith falou na carta ao pai, que faz parte das provas. Essa pergunta e...

W.: Não.

R.: Como?

W.: O senhor está se preparando para perguntar-me se foi o tumor de Johnny que puxou o gatilho naquele dia em New Hampshire, não?

R.: De certo modo, imagino...

W.: A resposta é não. Johnny era um ser humano pensante e racional até o fim da vida. A carta ao pai mostra isso; a carta a Sarah Hazlett também mostra isso. Era um homem com um poder terrível, divino — talvez uma maldição, conforme disse o meu colega Dr. Vann —, mas não era desequilibrado, nem estava agindo por fantasias causadas por pressão craniana... se é que uma coisa dessas é possível.

R.: Mas não é verdade que Charles Witman, o chamado “Atirador da Torre Texas”, tinha...

W.: Sim, sim, ele tinha um tumor. Assim como o piloto do avião da Eastern Airlines que caiu na Flórida há alguns anos. E nunca se sugeriu que o tumor fosse o agente causador, em qualquer desses casos. Eu lhe diria que outras criaturas infames —Richard Speck, o chamado “Filho de Sam”, e Adolf Hitler — não precisaram de tumores no cérebro para agir de maneira homicida. Nem Frank Dodd, o assassino que o próprio Johnny descobriu na cidadezinha de Castle Rock. Por mais desorientado que a comissão julgue ter sido o ato de Johnny, foi o ato de um homem são. Em grande agonia mental, talvez., mas em seu juízo perfeito.

“... e, sobretudo, não pense que fiz isso sem a reflexão mais prolongada e agoniada. Se, matando-o, eu tivesse a certeza de que a raça humana estaria ganhando mais quatro anos, mais dois, até mais

oito meses para poder pensar nas coisas, valeria a pena. É errado, mas pode vir a dar certo. Não sei. Mas não vou mais bancar o Hamlet. Sei como Stillson é perigoso.

Papai, eu o amo muito, acredite.

Seu filho,
Johnny.”

8

Extrato do depoimento prestado diante da chamada Comissão

Stillson, presidida pelo senador William Cohen, do Maine. O interrogador é o Sr. Albert Renfrew, advogado substituto da comissão. A testemunha é o Sr. Stuart Clawson, da Blackstap Road, Jackson, New Hampshire.

Renfrew: E o senhor diz que por acaso pegou sua câmara, Sr. Clawson?

Clawson: Ë! Quando já ia saindo. Quase nem fui, naquele dia, embora goste de Greg Stillson... bem, gostava dele, antes de tudo isso, em todo caso. A prefeitura me parecia uma droga, sabe?

R.: Por causa do seu exame de motorista.

C.: Isso mesmo. Ser reprovado naquele teste de motorista foi uma droga mesmo. Mas no final eu disse: que diabo! E tirei a foto. Puxa! Bati aquela. Acho que aquela foto vai me deixar rico. Tal e qual o içar da bandeira em Iwo Jima.

R.: Espero que não imagine que tudo isso tenha sido preparado para o seu benefício, rapaz.

C.: Ah, não! Em absoluto! Eu só queria dizer... bom... não sei o que queria dizer. Mas aconteceu bem na minha frente, e... não sei. Puxa vida, mas fiquei contente por ter a minha Nikon, só isso.

R.: Você bateu a chapa quando Stillson pegou a criança?

C.: Matt Robeson, sim, senhor.

R.: E esta é uma ampliação dessa foto?

C.: Essa é a minha foto, sim.

R.: E depois que você a tirou, o que aconteceu?

C.: Dois daqueles bandidos correram atrás de mim. Estavam berrando: “Dê-nos a câmara, garoto! Largue isso”. Mer... hum, coisa assim.

R.: E você correu.

Se corri? Deus do céu, se corri! Eles me perseguiram até o estacionamento da cidade. Um deles quase me pegou, mas escorregou no gelo e caiu.

Cohen: Rapazinho, eu gostaria de dizer que você venceu a corrida a pé mais importante de sua vida, ao escapar daqueles dois capangas.

C.: Obrigado, senhor. O que Stillson fez naquele dia... talvez fosse preciso estar ali, mas... segurar um menininho na sua frente, isso é um bocado sujo. Aposto que o povo de New Hampshire não votaria naquele cara nem para laçador de cães da carrocinha. Nem para...

R.: Obrigado, Sr. Clawson. A testemunha pode se retirar.

Outubro, de novo.

Sarah tinha evitado aquela viagem por muito tempo, mas agora chegara o momento, e não podia mais ser adiada. Ela sentiu isso. Tinha deixado os dois filhos com a Sra. Ablanap — eles agora tinham empregada em casa, e dois carros, em vez do Pinto vermelhinho; a renda de Walt estava quase na casa dos trinta mil dólares por ano — e fora sozinha a Pownal, no clarão ardente do fim de outono.

Parou então no acostamento de uma bonita estradinha de interior, saltou e foi até o pequeno cemitério do outro lado. Uma placa gasta pelo

tempo, em um dos postes de pedra, mostrava que aquele era THE BIRCHES. Era encerrado por um muro de pedra irregular e estava bem tratado. Havia ainda algumas bandeiras desbotadas do dia comemorativo dos soldados mortos na guerra, cinco meses antes. Em breve estariam sepultadas na neve.

Ela andava devagar, sem se apressar, a brisa fazendo a barra de sua saia verde-escura esvoaçar. Lá havia gerações de BOWDENS; ali uma família inteira de MARSTENS; aqui, agrupados em volta de um grande monumento de mármore, estavam os PILLSBURYs, remontando a 1750.

E, perto do muro dos fundos, ela encontrou uma pedra relativamente nova, que dizia apenas JOHN SMITH. Sarah ajoelhou-se ao lado dela, hesitou, tocou-a. Deixou seus dedos deslizarem, pensativos, pela superfície polida.

“23 de janeiro de 1979

Querida Sarah,

Acabei de escrever ao meu pai uma carta muito importante, e levei quase uma hora e meia para terminá-la. Não tenho a energia necessária para repetir esse esforço, de modo que vou sugerir que você telefone para ele assim que receber esta. Faça isso agora, Sarah, antes de ler o resto.

Então agora, provavelmente, você sabe. Eu só queria lhe dizer que estive pensando muito em nosso encontro na feira de Easty, há pouco. Se eu tivesse de adivinhar quais são as duas coisas de que você mais se lembra, daquela noite, diria que foi a sorte que tive na roda da fortuna (lembra-se do garoto que dizia ‘Adoro ver esse cara levar uma surra’?) e a máscara que usei para implicar com você. Era só uma brincadeira, mas você ficou furiosa, e o nosso programa quase entrou pelo cano. Talvez, se isso tivesse acontecido, eu não estivesse aqui agora e aquele chofer de

praça ainda estivesse vivo. Por outro lado, talvez nada de importante se modifique em nosso futuro, e eu teria tido o mesmo destino uma semana, um mês ou um ano depois.

Bem, tivemos a nossa chance, e deu um dos números da casa: duplo zero, acho. Mas eu queria que você soubesse que penso em você, Sarah. Para mim, nunca houve outra pessoa, e aquela noite foi a melhor, para nós...”

— Alô, Johnny — murmurou ela, e o vento passeou de leve pelas árvores que ardiam num clarão; uma folha vermelha voou pelo céu bem azul e parou nos cabelos dela, sem ela notar. —Estou aqui. Afinal, eu vim.

Falar alto também parecia ser errado; falar com os mortos num cemitério era coisa de uma pessoa louca, diria ela um dia. Mas agora a emoção a surpreendeu, uma emoção de tal força e intensidade que fez sua garganta doer e suas mãos de repente se juntarem com violência. Era certo falar com ele, talvez; afinal, tinham sido nove anos, e isso era o fim. Depois disso, seriam Walt e os filhos, e muitos sorrisos de uma das cadeiras atrás da tribuna do marido; os eternos sorrisos dos fundos, e de vez em quando um artigo nos suplementos do jornal de domingo, se a carreira política de Walt subisse a jato, como ele tão calmamente esperava. O futuro era um pouco mais de cabelos brancos a cada ano, nunca deixar de usar sutiã para não ficar com o busto caído, mais cuidado com a maquilagem; o futuro eram aulas de ginástica na **ACM** de Bangor, fazer compras, levar Denny para a primeira série e Janis para o jardim de infância; o futuro eram festas de Ano-Novo, chapéus engraçados, enquanto sua vida continuaria pelos anos 80 de ficção científica e seguiria para um estado esquisito e quase não suspeitado: a meia-idade.

Não via feiras de interior, em seu futuro.

Começaram a aparecer as primeiras lágrimas, lentas e escaldantes.

— Ah, Johnny! — disse ela. — Tudo devia ter sido diferente, não é? Não devia ter acabado assim.

Abaixou a cabeça, a garganta doendo..., e não adiantou. O vento, que antes parecia tão morno, como de um veranico, agora parecia frio como o de fevereiro em suas faces molhadas.

— Não é *justo!* — exclamou ela, no silêncio dos BOWDENS, MARSTENS e PILLSBURY, aquela congregação de ouvintes mortos que não testemunhavam nada mais do que o fato de que a vida é breve e a morte é morte. — Ah, Deus, não é *justo!*

E foi aí que a mão lhe tocou no pescoço.

“...e aquela noite foi a melhor, para nós, se bem que ainda haja momentos em que é difícil para mim acreditar que tenha havido um ano como 1970, tumulto nas universidades e Nixon presidente, quando não havia calculadoras de bolso, nem videocassetes domésticos, nem Bruce Springsteen ou conjuntos de *punk-rock*. E outras vezes parece que aquela época está pertinho, que quase posso tocá-la, que, se eu pudesse abraçá-la ou tocar no seu rosto ou na sua nuca, eu a levaria comigo para um futuro diferente, sem dor, trevas ou escolhas amargas.

Bem, nós todos fazemos o que podemos, e tem de ser bastante bom..., e se não for bastante bom, tem de servir. Só espero que você pense em mim do melhor modo que puder, querida Sarah. Tudo de bom,

e todo o meu amor,

Johnny.”

Ela respirou aos borbotões, endireitando as costas, os olhos arregalando-se.

— Johnny...?

Tinha sumido.

Fosse o que fosse, tinha desaparecido. Ela levantou-se, virou-se e, naturalmente, não havia nada lá. Mas podia vê-lo ali de pé, as mãos enfiadas nos bolsos, aquele sorriso fácil e torto no seu rosto mais simpático do que bonito, encostado, magro e à vontade, contra um monumento ou um dos postes de pedra do portão, ou talvez apenas uma árvore vermelha com o fogo agonizante do outono. Nada de mais, Sarah... você continua a tomar essa cocaína?

Nada ali a não ser Johnny; por perto, talvez por toda parte. “Todos fazemos o que podemos, e tem de ser bastante bom... e se não for bastante bom, tem de servir. Nada jamais se perde, Sarah. Nada que não se possa encontrar.”

— Sempre o mesmo Johnny — murmurou ela, e saiu do cemitério atravessando a estrada. Parou um momento, olhando para trás. O vento morno de outubro soprava forte, e grandes manchas de luz e sombras pareciam passar pelo mundo. As árvores farfalhavam em segredo.

Sarah entrou no carro e partiu.

O AUTOR E SUA OBRA

Mestre da narrativa de terror, Stephen King interessava-se por esse gênero de história desde os treze anos. Nessa idade, devorava autores como H. P. Lovecraft e Edgar Allan Poe: este último continua a ser sua leitura favorita e seu grande inspirador. Capaz de mobilizar profundamente o leitor com seus enredos apavorantes, Stephen King leva uma vida extremamente tranqüila e sem mistérios, como um cuidadoso chefe de família, pai de três filhos. Amante da solidão, passa os dias e as noites entregue à tarefa de escrever ou em busca de novos temas.

Norte-americano de Portland, Maine, nascido em 1947, Stephen King conseguiu espetacular consagração com seus romances, adaptados com êxito fulminante para o cinema. Seu livro de estréia, “Carrie” (1974), além de best seller, eletrizou as platéias do mundo inteiro ao ser adaptado para o cinema e dirigido por Brian De Palma. Em 1975, lançou “Salem’s lost”, e, em 1976, foi a vez de “O iluminado”, dirigido magistralmente por Stanley Kubrick.

“Zona morta” (1979) seguiu o mesmo caminho de “Carrie” e “O iluminado”: desde seu lançamento cinematográfico, em outubro de 1983, nos Estados Unidos, já arrecadou mais de vinte milhões de dólares, atraindo o público com a impressionante história de Johnny Smith, jovem professor que, após permanecer em coma por durante quase cinco anos, acorda com o poder de ler o passado, o presente e o futuro na mente de outras pessoas.